

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO**

DAIANE DALA ZEN

**MULHERES, INTELLECTUAIS E PROFESSORAS:
A HISTÓRIA DAS MULHERES PELO OLHAR FEMININO DE HISTORIADORAS
DA REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL**

CAXIAS DO SUL

2023

DAIANE DALA ZEN

**MULHERES, INTELECTUAIS E PROFESSORAS:
A HISTÓRIA DAS MULHERES PELO OLHAR FEMININO DE HISTORIADORAS
DA REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como requisito final para obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.
Orientadora: Prof^ª. Dr.^ª Terciane Ângela Luchese.

CAXIAS DO SUL

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

D136m Dala Zen, Daiane

Mulheres, intelectuais e professoras [recurso eletrônico] : a história das mulheres pelo olhar feminino de historiadoras da região colonial italiana do Rio Grande do Sul / Daiane Dala Zen. – 2023.

Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

Orientação: Terciane Ângela Luchese.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Professoras universitárias - Caxias do Sul (RS) - História. 2. Mulheres - Caxias do Sul (RS) - História. 3. Historiadoras. 4. Ensino Superior - Rio Grande do Sul - História. 5. Educação - Rio Grande do Sul - História. I. Luchese, Terciane Ângela, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 378.011.3-051-057(816.5)(091)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

**“Mulheres, Intelectuais e Professoras: A História das Mulheres pelo Olhar Feminino de
Historiadoras da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul”**

Daiane Dala Zen

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de Pesquisa:
História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 14 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Dra. Terciane Ângela Luchese (presidente – UCS)

Dra. Eliana Rela (UCS)

Participação por videoconferência

Dra. Eliana Gasparini Xerri (UCS)

Participação por videoconferência

Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Participação por videoconferência

Dra. Doris Bittencourt Almeida (UFRGS)

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as mulheres que me relacionei fazendo alguma interlocução, seja na convivência familiar ou profissional. Esses ecos, vivências, modos de viver, de pensar dessas mulheres, de alguma forma, trilharam-me para compor esse trabalho. Optei em representá-las através de seus primeiros nomes, elas são muitas, amigas, parentes, professoras e estudantes que passaram pela minha vida, desconhecidas das paradas de ônibus ou das filas de espera, aquelas conversas mais sérias com as professoras, as advogadas, as políticas e as matriarcas, mas também aquelas conversas, desabafo da vida das mulheres de diferentes gerações e contextos que me proporcionaram momentos para pensar no que é ser mulher hoje. Foram desses momentos que nasceu este texto. Os nomes de mulheres a seguir

representam esses ecos: Maria,

Carmen, Lisandra, Claudia, Ivânia, Marinês, Marlene, Nilva, Janice, Rafaella, Eliana, Carolina, Vera, Lilian, Camila, Valentina, Isabella, Camila, Rosa, Fernanda, Eliana, Ferciane, , Laura, Gabriela, Neura, Nolva, Janaina, Tatiana, Nolve, Mariana, Patricia, Rosicler, Luciana, Natanna, Amanda, Selange, Adriana, Roberta, Mari Tânia, Melissa, Silvana, Carmeline, Juliana, Angela, Marlene, Cecília, Lélide, Leopoldina, Kalizja, Clarice, Andrea, Andreia, Nara, Rosela, Traci, Cátia, Vittória, Alexandra, Elisângela, Talita, Tatiana, Bianca, Ana, Luciane, Eduarda, Bárbara, Karina, Flávia, Eleni, Maristela, Franciele, Cristiane, Simone, Tânia, Niveis, Isolda, Lourdes, Libera, Ana, Leneide, Paula, Muriel, Mircia.

RESUMO

Esta tese tem como tema o estudo dos itinerários de vida, de docência e de produção científica das professoras e historiadoras caxienses Cleci Eulalia de Favaro, Heloisa Delia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado, que, ao longo de suas vidas acadêmicas e profissionais, produziram pesquisas sobre a História das Mulheres da Região Colonial Italiana (RCI). O objetivo principal deste texto foi investigar seus itinerários de vida e percurso de formação profissional que tornaram as professoras pesquisadoras sobre a História das Mulheres, ao mesmo tempo que contribuíram para a formação de professoras e professores da Região Metropolitana de Caxias do Sul. A tese que defendo marca o itinerário de vida e a produção científica de quatro historiadoras e professoras caxienses que protagonizam a construção da História das Mulheres na Região Colonial Italiana e também se destacaram na produção e mediação de conhecimento da história regional, como intelectuais e como professoras ocuparam cargos de direção e chefia do Departamento de História e Geografia, da Universidade de Caxias do Sul, entre os anos de 1961 a 2010. Suas pesquisas culminaram em publicações que trouxeram para o debate, nos anos 1990, principalmente, o trabalho feminino. Essa iniciativa pode ser compreendida como uma forma de feminismo, mesmo que não haja identificação direta com o termo. A abordagem teórica e metodológica deste estudo está inserida na perspectiva da História Cultural em diálogo com a História da Educação de Bastos (2016) e História das Mulheres das autoras Perrot (1997, 2005, 2008), Soihet (2007), Rago (1995, 2019) Colling (2015), Pedro (1997, 2005, 2012), Louro (1997, 2000), Pinto (2003, 2010), Méndez (2017) e Prinsky (2012). Para essas análises, foram mobilizados os conceitos de Gênero de Scott (1989, 1994, 2012); Intelectuais Mediadores/as de Gomes (2018) e Sebrian (2017); Biografia e Autobiografia de Bueno (2021); e Representação de Chartier (2002) e Ego-documento de Cunha (2019). Quanto a metodologia, foi realizada a Análise de Conteúdo de Bardin (1977), para a construção das biografias e itinerários de vida e docência, bem como os pressupostos da História Oral. As historiadoras constituíram representações dessas mulheres imigrantes e de suas descendentes que fogem do padrão estereotipado moldado pelo patriarcado. Este estudo versa sobre uma história de mulheres que produziram pesquisas sobre a história de outras mulheres. A História das Mulheres sobre o crivo das respectivas historiadoras são representações de mulheres determinadas e dinâmicas que na condição de filhas, irmãs, esposas, mães, noras e sogras precisaram dar conta do trabalho, seja na pequena propriedade, na prestação de serviços e, também, como mão-de-obra na incipiente indústria de Caxias do Sul. As pesquisas das quatro historiadoras sobre as mulheres revelaram o protagonismo feminino na produção científica regional sobre a História das Mulheres, numa perspectiva de feminismos plurais.

Palavras-chave: História das Mulheres, Professoras, Historiadoras, Intelectuais, História da Educação, História do Ensino Superior.

ABSTRACT

This thesis focuses on the study of the life trajectories, teaching experiences, and scientific production of Caxias do Sul's female teachers and historians: Cleci Eulalia de Favaro, Heloisa Delia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron, and Maria Abel Machado. Throughout their academic and professional lives, they conducted research on the History of Women in the Italian Colonial Region (RCI). The main objective of this text was to investigate their life paths and professional development that led these teachers to become researchers in the History of Women while contributing to the education of teachers in the Metropolitan Region of Caxias do Sul. The defended thesis marks the life paths and scientific production of four Caxias do Sul historians and professors who played a prominent role in constructing the History of Women in the Italian Colonial Region. They also distinguished themselves in the production and mediation of regional history knowledge. As intellectuals and professors, they held leadership positions in the Department of History and Geography at the University of Caxias do Sul from 1961 to 2010. Their research culminated in publications that brought the discussion of women's work to the forefront, especially in the 1990s. This initiative can be understood as a form of feminism, even if not explicitly identified by that term. The theoretical and methodological approach of this study is rooted in the perspective of Cultural History in dialogue with the History of Education by Bastos (2016) and the History of Women by authors Perrot (1997, 2005, 2008), Soihet (2007), Rago (1995, 2019), Colling (2015), Pedro (1997, 2005, 2012), Louro (1997, 2000), Pinto (2003, 2010), Méndez (2017), and Prinsky (2012). For these analyses, concepts such as Gender by Scott (1989, 1994, 2012); Intellectual Mediators by Gomes (2018) and Sebrían (2017); Biography and Autobiography by Bueno (2021); and Representation by Chartier (2002) and Ego-document by Cunha (2019) were mobilized. Regarding methodology, Content Analysis by Bardin (1977) was employed for constructing biographies and life trajectories, along with the assumptions of Oral History. The historians created representations of immigrant women and their descendants that deviate from the stereotypical pattern shaped by patriarchy. This study delves into the history of women who conducted research on the history of other women. The History of Women, as portrayed by these respective historians, represents determined and dynamic women who, in their roles as daughters, sisters, wives, mothers, daughters-in-law, and sisters-in-law, had to manage work in small properties, service provision, and also as labor in the nascent industry of Caxias do Sul. The research conducted by these four historians on women revealed the protagonism of women in regional scientific production on the History of Women, from a perspective of diverse feminisms.

Keywords: History of Women, Female Teachers, Historians, Intellectuals, History of Education, History of Higher Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - As historiadoras.....	19
Figura 2 - Referencial teórico da tese.....	20
Figura 3 - Mapa metodológico da tese.....	27
Figura 4 - Sede do Curso de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Pedagogia, em 1960, localizado na região central de Caxias do Sul.....	35
Figura 5 - Croqui da Colônia Caxias.....	46
Figura 6 - Caxias do Sul nos anos 1960.....	48
Figura 7 - Professora Loraine Slomp Giron, em 2000.....	52
Figura 8 - Professora Loraine Slomp Giron e Jerônimo Giron.....	58
Figura 9 - Professora Maria Abel Machado jovem.....	63
Figura 10 - Professora Maria Abel Machado.....	64
Figura 11 - Carteira de identidade estudantil de Maria Abel.....	65
Figura 12 - Carteira de frequência estudantil.....	66
Figura 13 - Carta manuscrita por estudantes.....	67
Figura 14 - Caderneta escolar de Maria Abel.....	67
Figura 15 - Cartões e lembranças do nascimento de Maria Abel.....	68
Figura 16 - Cartas manuscritas recebidas por Maria Abel.....	69
Figura 17 - Professora Cleci Eulália Favaro e sua irmã Lija Fávaro de Brum no aniversário de 80 anos de Lija.....	71
Figura 18 - Professora Cleci Eulália Favaro, em 2023.....	76
Figura 19 - Heloísa jovem.....	79
Figura 20 - Menina Heloísa e suas primas.....	81
Figura 21 - Família de Júlio João Eberle.....	82
Figura 22 - Professora Heloísa Eberle Bergamaschi, em 2020.....	83
Figura 23 - Professora Maria Abel Machado sorridente.....	101
Figura 24 - Professora Maria Abel Machado.....	102
Figura 25 - Professoras Vânia Herédia e Maria Abel Machado, em Havana, em 2003.....	103
Figura 26 - Professora Loraine Slomp Giron.....	104
Figura 27 - Professora Loraine Slomp Giron e professores noturnos no Centro Administrativo.....	107

Figura 28 - Professora Loraine Slomp Giron e professores noturnos no Centro Administrativo 2	107
Figura 29 - Professora Loraine Slomp Giron e professores noturnos no Centro Administrativo 3	108
Figura 30 - Professora Loraine Slomp Giron e Ivoni Nör Paz no Centro de Documentação Histórica da UCS.....	111
Figura 31 - Imagem comemorativa aos 45 anos do AHMJSA.....	112
Figura 32 - Professora Loraine Slomp Giron.....	115
Figura 33 - Caixa com fichas de leitura manuscritas pela professora Maria Abel.....	131
Figura 34 - Manuscrito da professora Maria Abel	132
Figura 35 - Capa da obra <i>Mulheres Proprietárias: Histórias de Vida</i>	138
Figura 36 - Capa da obra <i>Mulheres sem rosto</i>	143
Figura 37 - Capa do livro <i>Imagens Femininas: contradições, ambivalências, violências</i>	147
Figura 38 - Capa do livro <i>Dominação e Subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade</i>	154

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Repositório de artigos de periódico, dissertações sobre mulheres imigrantes italianas.....	25
Quadro 2 - Formação acadêmica das historiadoras.....	87
Quadro 3 - Historiadoras caxienses e suas obras.....	135
Quadro 4 - Análise de conteúdo e da materialidade da obra <i>Mulheres Proprietárias: histórias de vida</i>	139
Quadro 5 - Análise de conteúdo da obra <i>Mulheres Proprietárias: histórias de vida</i>	141
Quadro 6 - Análise de conteúdo e da materialidade da obra <i>Mulheres sem rosto</i>	143
Quadro 7 - Análise de conteúdo da obra <i>Mulheres sem rosto</i>	145
Quadro 8 - Análise de conteúdo e da materialidade da obra <i>Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências</i>	148
Quadro 9 - Análise de conteúdo da obra <i>Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências</i>	151
Quadro 10 - Análise de conteúdo e da materialidade da obra <i>Dominação e Subordinação</i> ..	155
Quadro 11 - Especificidade da AC do livro <i>Dominação e Subordinação</i> , de Loraine Slomp Giron.....	157

LISTA DAS SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
AHMJSA	Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
AMMJSA	Arquivo e Museu Municipal João Spadari Adami
ANPUH	Associação Nacional de História
Capex	Comissão e Aperfeiçoamento de Pessoal o Nível Superior
CCHA	Centro de Ciências Humanas e Arte
CEDOC	Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul
CEPE	Conselho de Pesquisa e Extensão
CONSUNI	Conselho Universitário
DHIG	Departamento de História e Geografia
EDUCS	Editora da Universidade de Caxias do Sul
FAPERGS	Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul
GAAAÉ	Grupo de Artilharia Antiaérea
GT	Grupo de Trabalho
IMHC	Instituto Memória Histórica e Cultural
OSPB	Organização Social e Política Brasileira
RCI	Região Colonial Italiana
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNITI	Universidade da Terceira Idade

Sumário

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2 AS HISTORIADORAS CAXIENSES CLECI, HELOÍSA, LORAINÉ E MARIA: EM BUSCA DA HISTÓRIA DAS MULHERES.....	30
2.1 UM FEMINISMO REGIONAL POSSÍVEL.....	36
2.2 CONTEXTO GEOGRÁFICO DA PRODUÇÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES REGIONAL.....	44
3 ITINERÁRIOS DE MULHERES HISTORIADORAS: ENTRE RETALHOS, VÉUS E ALGUMAS MEMÓRIAS.....	50
3.1 LORAINÉ SLOMP GIRON: “TIROLESA” E AVÓ AVENTUREIRA.....	51
3.2 MARIA ABEL MACHADO E SUAS “GENOVEVAS DA VIDA”.....	59
3.3 CLECI EULÁLIA FAVARO: “UM POUQUINHO PERALTA”.....	70
3.4 HELOISA E SUA “TURMINHA DE SEIS PRIMAS”.....	77
4 PROFESSORAS E HISTORIADORAS - MULHERES E DOCÊNCIA.....	86
4.1 EDUCAÇÃO DE MULHERES.....	86
4.2 MEDIAÇÃO CULTURAL DE MULHERES INTELLECTUAIS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA RCI.....	96
4.3 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES.....	100
5 A HISTÓRIA DAS MULHERES NA PERSPECTIVA DAS HISTORIADORAS REGIONAIS DO FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO XXI.....	124
5.1 CAMINHOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DAS HISTORIADORAS.....	124
5.2 PESQUISAS QUE SE TRANSFORMARAM EM LIVROS.....	133
5.3 MATERIALIDADE DOS LIVROS.....	137
5.3.1 Mulheres e patriarcado.....	154

5.3.2 Mulheres e Trabalho.....	167
5.3.3 Mulheres, Maternidade e Velhice.....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
REFERÊNCIAS.....	179
APÊNDICE A - INVENTÁRIO DA PROFESSORA MARIA ABEL MACHADO DO ACERVO DO MUSEU MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI.....	193
APÊNDICE B – TESES E DISSERTAÇÕES.....	222

1 Considerações Iniciais

“...a dificuldade do historiador está mais na fragmentação do que na ausência da documentação, o que requer uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, uma leitura detalhada para esmiuçar o implícito, para descortinar os femininos.”
Maria Izilda S. de Matos, 2000, p. 22.

Existe uma História das Mulheres Regional? Seria ela ressonância de movimentos aqui e ali, em que mulheres se organizaram em outras partes do planeta e que encontraram uma forma de chegar até uma região? Das histórias de mulheres, seus conhecimentos, seus protagonismos de luta em várias frentes possíveis, em pequenas retaguardas, tímidas no início, mas que se fortalecia à medida que se constituía. Ora parecia se esfacelar, mas como uma brasa “esquelta”, ressurgia e nos momentos mais importantes da democracia elas estavam lá, sobrevivendo com estratégias e particularidades dando corpo ao movimento histórico conhecido como Feminismos da diferença. Nesse contexto de contemporaneidade do movimento feminista, localizo este estudo.

A pesquisa é vinculada à linha de História e Filosofia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), pois investiga processos educativos escolares e de docência que são analisados a partir dos referenciais da História, envolvendo as dimensões da História das Mulheres e da Educação, problematizando questões a partir de quatro mulheres intelectuais, enquanto importantes personalidades no contexto regional em conexão com o nacional e o com internacional. Essa pesquisa é sobre formação docente, práticas, espaços e tempos de intelectuais da educação, ou seja, um estudo de cunho histórico-educacional sobre quatro mulheres – docentes, intelectuais, historiadoras.

A escrita da História deixou uma dívida com as mulheres, pois, ao longo dos anos, privilegia o masculino, nossa cultura é moldada pelo patriarcado¹ branco ocidental - o homem, o avô, o pai, o irmão, o filho. Quando nos referimos a um grupo de pessoas, normalmente, utilizamos o pronome ‘eles’, sempre no masculino, porque entende-se que este é universal. Nas escolas, ocorre situação parecida, as mulheres professoras são a maioria do quadro funcional das instituições públicas e privadas de educação, porém, na placa da sala dos docentes está escrito “sala dos professores”. Textos didáticos utilizados nas aulas mencionam o termo “homem” para substituir a palavra “humanidade”. Além disso, há um conjunto de problematizações que podemos fazer a partir das músicas, propagandas, roupas, novelas, filmes que interferem sobre o cotidiano da escola e da vida como um todo, em que o masculino se materializa como ideal, certo, normal e plenamente naturalizado. Essa totalidade poderia ser ampliada com tantos outros exemplos.

A sociedade patriarcal definiu modos de ser e de viver segundo o sexo biológico². O masculino é considerado o perfeito e o completo e espera-se que as mulheres sejam obedientes, submissas aos desmandos dos homens. Essas relações de submissão estão relacionadas com as gerações, os ideais impostos às mulheres eram disseminados e ensinados de geração para geração, sempre propagando a ideia do masculino, ignorando os femininos.

Essas violências contra as mulheres praticadas pela sociedade patriarcal aparecem em forma de música, em que se cria estereótipos de corpos e mentes para as mulheres, conceitos misóginos que implicam como ser “mulher de verdade” - o ideal é ser desleixada com si mesma, pacata e omissa para merecer um homem ou um casamento - mas também temos as críticas, modos de viver que desconstruem esses ideais. O patriarcado produz o mecanismo de disputa entre as mulheres, pois entram em jogo os micro espaços de poder que acabam vitimizando as próprias mulheres e servido como uma contenção ao movimento Feminista.

¹ Sobre o conceito de patriarcado na cultura ocidental e brasileira, as referências fundantes da análise são: o *Dicionário Crítico de Gênero* organizado por Ana Maria Colling e Losandro Antonio Tedeschi (2019) que traz, em forma verbete, o conceito de patriarcado. Os autores problematizam historicamente a construção do conceito que o marxismo aponta como importantes conexões para compreender a desigualdade de gênero no conjunto da estrutura capitalista, sendo a propriedade privada, o casamento monogâmico e a prostituição formas de dominação política e econômica dos homens sobre as mulheres. O termo passou a ser utilizado a partir dos anos 60 para problematizar as relações de domínio e de poder sobre os homens às mulheres Colling e Tedeschi (2019). Nessa lógica, Bourdieu (2012) entende a dominação masculina como uma estrutura histórica e, por isso, “[...] são produtos de um trabalho incessante de reprodução [...]” BOURDIEU (2012, p.46). Essa reprodução se dá por agentes específicos, o autor salienta que além dos homens, as armas, a violência física e a violência simbólica, as instituições como família, Igreja, Escola e Estado.

² As historiadoras utilizam o conceito de sexo biológico e não o de gênero, isto se dá devido suas formações de viés marxista e também ao contexto em que viveram.

Esta pesquisa, por sua vez, localizou a produção da história regional referente a História das Mulheres a partir do ponto de vista de quatro historiadoras caxienses. São elas, por ordem alfabética: a professora doutora Cleci Eulalia Favaro, a professora mestra Heloisa Delia Eberle Bergamaschi, a professora Doutora Loraine Slomp Giron e a professora doutora Maria Abel Missel Machado. Ao longo do texto, vou trazendo os nomes das professoras em outras ordens e aproximações que elas mantiveram ao longo da vida.

Considerando a história de vida das historiadoras, professoras e intelectuais Cleci Eulália de Fávaro, Heloísa Délia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado, a **problemática** desta pesquisa foi: como estas mulheres e intelectuais se constituíram em seus itinerários de vida, em especial, como docentes e historiadoras contribuindo para a narrativa da História das Mulheres na Região Colonial Italiana? Compreende-se a Região Colonial Italiana como a região da encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul, que recebeu considerável número de imigrantes oriundos da Itália no século XIX, além de diversos outros grupos de migrantes de outros países. A região é geograficamente denominada, desde 2019, por Região Metropolitana da Serra Gaúcha, abrangendo os municípios de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Ipê, Monte Belo do Sul, Nova Pádua, Pinto Bandeira, São Marcos, Santa Teresa, Nova Roma do Sul.

O **objetivo geral** deste estudo, portanto, é investigar os itinerários de vida de quatro mulheres professoras, que à medida que se constituíram como intelectuais, tiveram suas experiências atravessadas numa estrutura patriarcal. Ao mesmo tempo que narraram como historiadoras a História das Mulheres da Região Colonial Italiana (RCI), publicaram livros e artigos sobre a temática.

Neste estudo, busquei compreender como as professoras contribuíram para a formação de professores/as de História entre as últimas quatro décadas do século XX até a primeira década do século XXI, na Universidade de Caxias do Sul, no Departamento de História e Geografia, sendo eu também um produto desta formação.

Assim, minha proposta foi construir uma narrativa histórica identificando alguns marcadores do itinerário de vida das quatro professoras, a partir de suas entrevistas, dos ego-documentos, depoimento de colegas e aluna, levando em conta que as intelectuais possuem trajetórias singulares na vida pessoal e profissional, ao mesmo tempo que, apresentam aproximações enquanto formação docente e o interesse pela História das Mulheres, até então não discutida na Universidade de Caxias do Sul. Assim, busquei também refletir sobre a memória das mulheres intelectuais nos espaços institucionalizados ou não de memória.

A tese que defendo marca o itinerário de vida e a produção científica de quatro historiadoras e professoras caxienses que protagonizam a construção da História das Mulheres na Região Colonial Italiana, que também se destacaram na produção e mediação de conhecimento da história regional, como intelectuais e como professoras ocuparam cargos de direção e chefia do Departamento de História e Geografia, da Universidade de Caxias do Sul, entre os anos 1961 a 2010. Suas pesquisas culminaram em publicações que trouxeram para o debate, nos anos 1990, principalmente, o trabalho feminino. Essa iniciativa pode ser compreendida como uma forma de feminismo, mesmo que não haja identificação direta com o termo.

Adentrando no universo de produção científica das autoras, busquei categorizar as condições de vida e de trabalho das mulheres representadas mediante a criação de quadros de análise de conteúdo, assim como analisar conceitos evocados nas obras das referidas professoras, produzindo, desse modo, o reconhecimento da pesquisa acadêmica e o itinerário de vida das professoras sobre a História das Mulheres Regional, revelando, portanto, o protagonismo feminino na produção científica regional, numa perspectiva de feminismo regional originário da elite industrial de Caxias do Sul.

A relevância desta pesquisa se dá pela importância social, cultural e política que as professoras Cleci Eulália de Fávaro, Heloísa Délia Eberle Bergamaschi, Lorraine Slomp Giron e Maria Abel Machado construíram ao longo de suas práxis como intelectuais mediadoras na produção do conhecimento acerca das História das Mulheres na região.

Conheci, em meu itinerário de vida, consideráveis mulheres que desempenham diversos papéis sociais. Desde que me conheço por gente, é por intermédio de minha mãe, minha madrinha, minhas tias, minhas primas e minhas professoras que aprendi como deveria me comportar, me vestir e falar, desde as primeiras palavras, escrever as primeiras letras, foi com elas que me constitui como mulher e por que essas histórias não foram contadas? Somos associadas à propriedade de alguém, referem-se a nós como “mulher de fulano” ou “filha de beltrano”. Antigamente, era ainda pior, só carregávamos o sobrenome paterno, o meu registro tem somente o sobrenome de meu pai. Por que é aceitável apagar o sobrenome da mãe? Essa grande estrutura que cerceia a vida, controla o corpo e a mente das mulheres, é o patriarcado.

Historicamente, o patriarcado marca nossas relações socioculturais de tal modo que algumas práticas misóginas e excludentes são normatizadas e, durante anos, sequer foi questionada. Não há nada de natural, mas muito de social, de cultural, de poder historicamente legitimado, constituído e renovado por meio das práticas sociais. Por outro lado, no jogo das representações, os padrões de organização das mulheres enquanto mães, idosas, proprietárias,

matriarcas oferecem um certo poder dentro do núcleo familiar, ocultado pela escrita tradicional da História, lacuna que os percursos materialistas já haviam sinalizado. Assim, a interferência cultural e social é moldada na perspectiva econômica e de classe e a historiografia francesa, de matriz materialista fortaleceu um arcabouço teórico metodológico que pudesse dar conta de uma história fragmentada, como Matos (2000) bem define na epígrafe deste capítulo.

O contexto da cultura ocidental deixou as mulheres para trás, privilegiou os homens e seus feitos, grandes heróis, homens brancos, heterossexuais, zeladores da moral cristã, da justiça e da santidade. E onde estavam as mulheres? Na década de 70 do século XX, com o Movimento Feminista³, aqui no Brasil, surgem os primeiros estudos sobre a História das Mulheres.

As protagonistas da História das Mulheres são as próprias mulheres, suas vozes e seus rostos passam a ser conhecidos e até temidos, segundo Matos (2000). Os estudos sobre as mulheres encontravam-se marginalizados devido à escassez de documentação oficial, no entanto, com outros referenciais teóricos na contemporaneidade, há muitas formas de documentar a História das Mulheres.

Hoje em dia, muito já foi conquistado, ocupamos a academia e somos a maioria nela, espaço este que não era nosso. Na verdade, a maioria de nós ainda precisa ser malabarista e dar conta dos dois espaços, pois somos a maioria que cuidamos do espaço privado do lar e dos cuidados com filhos e filhas, com pai, com mãe e com sogro(a). Além disso, somos temidas quando ocupamos locais de poder além do lar: da sala de aula, do hospital, da fábrica, do sindicato, da política e em cargos de liderança. Nos chamam de loucas quando questionamos práticas e discursos sexistas, nos chamam de malucas, mal amadas, inclusive, por outras mulheres.

Fazemos parte de uma história negada e um presente de desafios múltiplos, avanços e possíveis retrocessos. Hoje, no Rio Grande do Sul, o número de registro de casos de violência contra as mulheres foram de 50.787⁴. O que a História das Mulheres pode nos auxiliar a pensar

³ Sobre o feminismo no contexto brasileiro, de acordo com a leitura de Pedro (2012), o feminismo é uma construção de narrativas sobre mulheres que identificam os estados de São Paulo e Rio de Janeiro como local em que se organiza sistematicamente através de grupos de consciência ou de reflexão (Pedro, 2012, p 241). Nessa mesma linha, Ferreira (2011) vai dizer que o feminismo brasileiro é diversificado, destaca o feminismo do Nordeste com marcos semelhantes com o do Sul e o do Sudeste. No contexto mundial, Gonçalves (2006) percebe o feminismo não linear, marcado pela diversidade e por rupturas e por permanências e que a História das Mulheres no Brasil teve relação direta com o movimento. Sobre o feminismo brasileiro na contemporaneidade, Moraes e Farias (2018) destacam que todos os estados brasileiros possuem pelo menos um grupo pesquisando sobre o assunto, os grupos estão em sua maioria na região Sudeste, juntamente com o Nordeste.

⁴ REINHOLZ, Fabiana. **80% das 106 vítimas de feminicídios no RS não tinham medida protetiva em 2022, diz defensora**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/20/80-das-106-vitimas-de-feminicidios-no-rs-nao-tinham-medida-protetiva-em-2022>. Acesso em: 03 nov. 2023.

nos papéis de ser mulher na sociedade? A escrita da História das Mulheres precisa ser um exercício de cidadania e de Direitos Humanos pensados na perspectiva do conceito de gênero.

Escrever a História das Mulheres é ater-se a questões de gênero, é procurar perceber que há diferenças entre as atribuições sociais e culturais dos corpos sexuados, é perceber que a história tem excluído as mulheres. A escrita desta tese é uma forma de lutar contra a desigualdade perante às características sexuais entre as pessoas. Os tempos sinalizam mudanças, mas há permanentes sombras, possíveis retrocessos e contínuas histórias de violência que nos instigam a continuar pesquisando e discutindo o tema.

Mulheres, Intelectuais e Professoras: a História das Mulheres pelo olhar feminino de Historiadoras é a tese de uma mulher pesquisadora que se empodera quando olha para outras mulheres. Esta tese também indica um debate sobre a descentralização da questão masculina, buscando dar visibilidade à produção científica de mulheres sobre mulheres, tendo em vista que a ausência e a fragmentação da documentação sobre os femininos exigem uma minuciosa busca de indícios é de leitura detalhada, conforme orienta Matos (2000). Os indícios que juntei e reelaborei são resultado de uma análise possível, tendo em vista os referências teóricos e metodológicos que orientaram meu trabalho.

Utilizando a categoria gênero, que pode ser entendida enquanto um viés para análise que viabiliza a relação entre os sexos biológicos, ou seja, os fatores históricos, sociais e culturais são relações permeadas pelo patriarcado que foi um comportamento normatizado, moldando corpos e mentes, de maneira sutil e que, muitas vezes, nem nos damos conta desse controle e norma e, automaticamente, reproduzimos-o. O patriarcado permeia as esferas sociais e está presente inclusive no campo da construção do conhecimento, as referências que utilizamos são em maioria nomes de homens, mas é inegável a presença feminina na produção do conhecimento desde que a sociedade ocidental passou a registrar sua memória, porém são os homens que levam o mérito de grande parte do arcabouço científico disponível.

A categoria gênero permite que percebamos que as mulheres, segundo a historiadora Louise Tilly (1994), estiveram participando da produção do conhecimento através de ativismo, suas histórias precisam ser contadas e valorizadas, por intermédio de uma “História analítica das Mulheres” (TILLY, 1994, p. 29). Essas histórias são reconstruídas mediante a reconstrução das experiências de vidas e expectativas desse grupo, tendo em vista que essas categorias precisam ser questionadas de modo a problematizar os padrões masculinos universais, conforme orienta Tedeschi (2016), assim como seu protagonismo no seletivo mundo acadêmico

como forma de reconhecimento de identidade e garantia de direitos e igualdade e reconhecimento enquanto produtora de conhecimento e força de trabalho em todas as esferas da sociedade. Esse reconhecimento tenciona a ruptura com qualquer forma de preconceito e violência, a qual a sociedade impõe controle e exploração.

As professoras Cleci Eulália de Fávoro, Heloísa Délia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado, ao longo de suas vidas acadêmica e profissional, produziram consideráveis narrativas sobre a História das Mulheres da Região Colonial Italiana (RCI), constituindo, assim, representações de si mesmas, como docentes. Seus itinerários de vida perpassam níveis de formação médio e superior da grande maioria dos/as estudantes de licenciaturas da Universidade de Caxias do Sul, dos anos 70, 80 e 90 do século XX, na Região, que abrange municípios de Farroupilha, Flores da Cunha, Bento Gonçalves, Nova Prata, Gramado, entre outros. Também, essas professoras destacam-se em momentos importantes da história da região e da universidade, foram chefes do Departamento de História e Geografia, foram Diretoras do Curso de História, publicaram livros, participaram de eventos nacionais e internacionais, levando a produção científica regional e compartilhando conhecimento em diversos meios. Elas são as protagonistas desta pesquisa histórico-educacional, assim como suas produções científicas e mediações culturais acenderam um debate acadêmico sobre a História das Mulheres e essas problematizações são evidências de um Feminismo com especificidades regionais, produzido na academia pela pequena burguesia industrial.

Na imagem a seguir, podemos observar uma montagem com o rosto das quatro historiadoras, sorrisos de poses revelam um pouco sobre elas. A primeira, da esquerda para a direita, é a professora Heloísa, como a conheci, com um farto sorriso no rosto; a segunda, é a professora Maria, que encontrei no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), esta é uma foto oficial para documentos, por isso, ela está séria; a terceira fotografia, é a professora Loraine, encostada em sua biblioteca; e a quarta fotografia, é a professora Cleci, no aniversário de sua irmã.

Figura 1 - As historiadoras

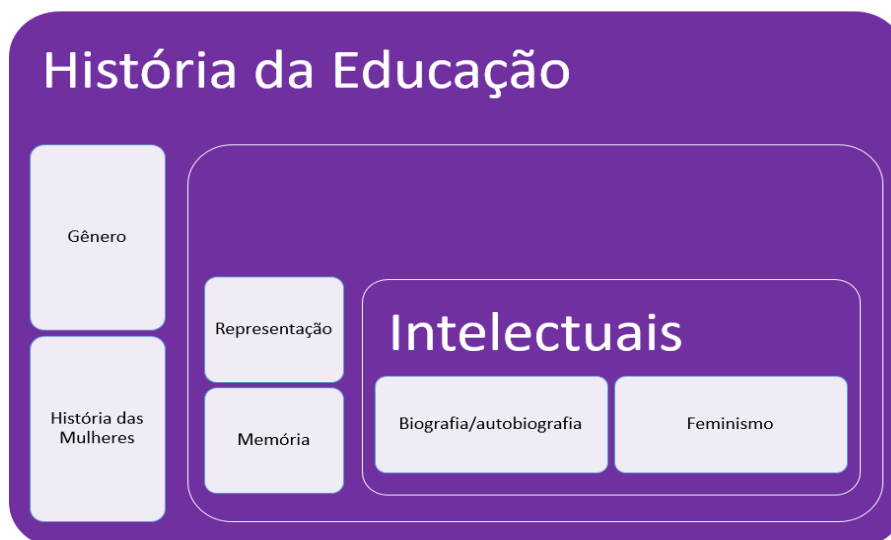


Fonte: Adaptação da autora com apoio técnico de Valentina Bassanesi, 2023.

A abordagem teórica desta pesquisa está inserida na perspectiva da História Cultural de Peter Burke (2004, 2008) e Roger Chartier (2011), centrada nos conceitos de gênero de Joan Scott (1989, 1994) e Linda Nicholson (2000); sobre a História das Mulheres, utiliza-se Michelle Perrot (1997, 2005, 2008, 2017), Ana Maria Colling e Losandro Tedeschi (2015), Maria Izilda S. de Matos (1998, 2000) e Tedeschi (2016); sobre Intelectuais Mediadores/as fez-se uso dos referencias de Angela de Castro Gomes e Patricia Hansen (2016) e Raphael N. Sebrían (2017); sobre Biografia e autobiografia, François Dosse (2015), Alexandre de Sá Avelar (2018) e Benito Bisso Schmidt foram utilizados; há estudos sobre Representação com base nos conceitos de Peter Burke (2004) e Roger Chartier (2002); e sobre Ego-documento foi feito uso das pesquisas de Maria Teresa Santos Cunha (2019).

Desse modo, como referencial teórico, busquei organizar na figura a seguir os principais conceitos acessados que me serviram de lentes para analisar as biografias, autobiografias, ego-documentos e produção científica das professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria.

Figura 2 - Referencial teórico da tese



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Associado aos pressupostos teórico sobre Gênero, História das Mulheres, Intelectuais Mediadores/as, Biografia e Autobiografia, Representação e Ego-Documento, é associado o conceito de Memória, como um conjunto de situações vivenciadas que, para Reis (2010), de certo modo, é uma forma de congelar a vida. Esse processo acontece na união da consciência com o mundo da vida, dando à memória um status de evidência, quando a experiência de consciência acontece no mundo vivido. As memórias não podem ser apagadas, segundo Meneses (2018), porém elas podem ser esquecidas, há, nesse contexto, estruturas neurais que corroboram a sobrevivência do sujeito, desconectando experiências desagradáveis, mas que quando estimuladas, acabam sendo lembradas.

As professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria podem ser consideradas intelectuais mediadoras, pois, ao longo de suas trajetórias de vida, estiveram imersas em redes de sociabilidade que as situou e as inspirou a investigar sobre temas ligados à imigração e à história de Caxias do Sul, bem como à História das Mulheres imigrantes. Assim, é inegável a importância de suas pesquisas, considerando que os meios de comunicação e jornais locais foram modos de divulgação dessas produções acadêmicas, como destaca Gomes (2018) sobre a figura do intelectual:

[...] Entendido como um sujeito histórico que se envolve na produção cultural de bens simbólicos, sendo reconhecido por sua comunidade de pares, o intelectual, em uma acepção mais ampla, também é aquele que se volta para práticas culturais de difusão e transmissão, ou seja, faz 'circular' os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados [...] (GOMES; KODAMA; FONSECA, 2018, p. 594).

As professoras Loraine e Maria utilizaram a imprensa para difundir suas ideias, participando de encartes de jornais. Esses periódicos, segundo Sebrían (2017), são “espaços privilegiados de debate intelectual em diferentes épocas” (SEBRIAN, 2017, p. 05). Por intermédio da análise de conteúdo da produção científica das referidas professoras, destacarei palavras ou expressões que nortearão a categorização que pretendo construir a partir dos textos de suas produções científicas.

Considerando que para Vygotsky (2007) o sujeito aprende a partir de experiências sociais, como, por exemplo, por meio da imitação de um adulto, por isso, temos que considerar as diferentes situações que constituem o espaço social dos/as estudantes. Assim, podemos perceber diferentes vivências e experiências que compõem os espaços em que a criança habita, a partir daí, teremos diferentes crianças, diferentes sujeitos históricos submetidos à condição de classe social, de raça e de gênero. Nossa sociedade é regida por discursos em que os privilégios masculinos aparecem geralmente em nome da cultura. A cultura e a tradição podem explicar assimetrias entre masculino e feminino, essa visão dualista exclui todos os outros grupos de identidade de gênero.

Historicamente, a fala é uma forma de comunicação utilizada pelos humanos e o comportamento humano é determinado pela cultura e independe da biologia, assim, segundo Pozenato e Giron (2007), o meio constitui-se como fator importante, pois é nele que as relações entre os humanos acontecem. Nesse palco relacional, tendo o discurso masculino como o naturalizado e o correto, tem-se a clara divisão dos espaços que são ocupados por homens e por mulheres. A mulher ocupa o espaço privado, do lar e da maternidade naturalmente e, dessa forma, o corpo feminino ganha um destaque como objeto do olhar e do desejo (MATOS; SOIHET, 2004). Esses papéis patriarcais podem legitimar a violência física e simbólica. Nas palavras de Bourdieu (2012):

[...] a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estreita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos. (BOURDIEU, 2012, p. 18).

A linguagem também é uma manifestação da cultura, assim como os discursos produzidos e legitimados a partir dela. Pedro (2005) nos esclarece que na maioria das línguas, os seres animados e inanimados têm gênero, mas somente alguns seres vivos tem sexo, sendo que em Português não temos o gênero neutro. A partir dessa ideia, podemos concluir que

linguagem é poder. Os discursos são construídos por grupos dominantes, há um postulado de uma linguagem universal, branca, masculina e heterossexual.

Para compor a biografia da professora Loraine, tive acesso também a um questionário respondido pelo neto, o policial Jerônimo Giron. A bibliografia a professora Maria Abel Missel Machado foi construída a partir de um manuscrito com sua autobiografia e uma entrevista digitalizada pelo Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), na Unidade de Arquivos Privados e data o ano de 1998, em que a professora foi entrevistada por Carlos Henrique Iotti, o tema da entrevista eram seus estudos e suas pesquisas acadêmicas. O manuscrito autobiográfico faz parte de seu acervo pessoal, escrito, provavelmente, no final da década de 90 e início do século XXI.

Assim, para compor a narrativa, em uma primeira parte, eu utilizei os seguintes documentos: uma entrevista disponível na Seção de Banco de Memória, de 20 de abril de 2006 (GIRON, 2006), cujo tema é “A formação do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami – História de Vida”, a entrevistadora foi Sônia Sotrchi Fries; o segundo *documento é uma autobiografia disponível na primeira edição da tese, intitulada “As Sombras do Littorio – o Fascismo no Rio Grande do Sul”, de 1994 (GIRON, 1994); o terceiro documento é um questionário-entrevista do neto da professora Loraine, Jerônimo Giron; e o quarto documento é um capítulo do livro *Espaços de Memórias: o envelhecer, a finitude e as conquistas*, da autora Helena Maria Rizzon Mariani, publicado em 2010, em que a professora deixa seu testemunho enquanto mulher idosa.

Loraine criou um Blog⁵ e alimentou-o com textos, fotografias e reflexões sobre a história e a política até 2018 e tem hoje 39 seguidores/as. A página na internet chama-se “História daqui” e inicia com um convite: “*Um espaço para a divulgação e discussão sobre fatos desconhecidos da história da imigração italiana no Brasil. Participe, mande sugestões e siga o twitter @loslomp.*” (GIRON, 2023). O *nickname* utilizado pela professora é “Zumbi Serrano” e, nesse ambiente virtual, ela aborda vários temas, sempre analisados pela ótica da historiadora inquieta e crítica.

Ao entrar em contato com os funcionários do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), descobri que, após o falecimento da professora Maria Abel, seu ego-documento foi doado ao AHMJSA, na Unidade de Arquivos Privados. Há um considerável número de documentos sobre a vida e sobre a obra da professora que aguarda classificação.

⁵ O Blog da professora Loraine Slomp Giron pode ser acessado por meio dos endereços eletrônicos <http://historiadaqui.blogspot.com/> e <https://www.blogger.com/profile/11502887802863036924>.

Realizei um inventário desse material (APÊNDICE I). Além disso, foi possível acessar duas entrevistas digitalizadas pelo Banco de Memória do referido, a primeira delas é de 1998, sendo que a professora Maria Abel foi entrevistada por Carlos Henrique Iotti, o tema da entrevista são “Estudos e Pesquisas Acadêmicas da Professora Maria Abel”. A segunda é datada de 1992, Maria Abel foi entrevistada pela Professora Naira Maria Fontana, cujo tema foi a “História da América Latina e a Conquista da América”, tendo em vista o acontecimento de um encontro acadêmico na Universidade sobre o tema, além da autobiografia manuscrita no conjunto de ego-documento.

Para as professoras Cleci e Heloisa realizei entrevistas e conversas via *WhatsApp*. As entrevistas com as professoras Cleci e Heloisa aconteceram de forma presencial, apesar da pandemia, encontramos-nos em duas tardes quentes do verão de 2022. Para a escrita da biografia da professora Cleci, utilizei a entrevista do dia 25 fevereiro de 2022, realizada por mim, em Porto Alegre, na residência dela, o Questionário-Entrevista e o Currículo Lattes.

A entrevista com a professora Heloisa aconteceu em Caxias do Sul, em sua residência, e na oportunidade, forneceu-me fotografias que ela disponibilizou em seu tablet. Agendamos algumas vezes nosso encontro, mas a professora foi acometida pelo falecimento prematuro de um filho, o que contribuiu para a fragilidade de sua saúde. Os momentos dolorosos passados não lhes tiraram o brilho no olhar e a delicadeza com as palavras. A professora nos deixou no dia 31 de janeiro de 2023.

Realizei também uma entrevista com as professoras Eliana Rela e Vânia Herédia que me auxiliaram a pensar nas professoras por outro ponto de vista. Esse exercício foi necessário para que eu produzisse as biografias das quatro historiadoras que apresento no capítulo 3: “Itinerário de mulheres historiadoras: entre retalhos, véus e algumas memórias”.

Assim, a Biografia, como método de pesquisa em Educação, pode ser uma forma de valorizar a contribuição de sujeitos, tendo em vista que a vida de uma pessoa obedece a um conjunto de regras e orientações, significando uma experiência única aparentemente orientada de forma subjetiva e objetiva ao mesmo tempo. Assim, Bourdieu (1986) lançou alguns questionamentos e o risco da ilusão biográfica: seria a biografia, as histórias de vida um objeto de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais? Segundo Avelar e Schmidt (2018), as escritas biográficas de historiadores/as “ligam-se às dinâmicas contemporâneas das relações entre história e memória” (SCHMIDT; AVELAR, 2018, p. 11). Essa aproximação postula a importância da vida dos sujeitos no contexto da memória coletiva.

Para Bourdieu (1996), a problemática tinha como uma história de vida, não poderia ser linear e ordenada, porque, ao narrar, a pessoa entrevistada/biografada escolhia palavras e

expressões intencionalmente para contar determinado fato e experiência e este ainda deveria passar pela imaginação do entrevistador/a. Além disso, na transcrição, o/a próprio/a entrevistador/a produziria um outro produto e esse produto é resultado de uma série de convenções pré-definidas em uma entrevista ou em um roteiro de biografia, por isso, é necessário que entrevistado/e pesquisador/a estabeleçam relações inteligíveis. Bourdieu (1986), mais tarde, retornaria ao conceito e, concordando com Ferrarotti (1991), considera que a biografia e autobiografia são verdades que passam por um isolamento sociológico e, por isso, não precisam de verificação, segundo Bueno (2002)

Parto do pressuposto de que biografias, que entendo como narrativas biográficas e autobiográficas podem ser valiosos objetos de pesquisa da História das Mulheres, pois trazem em seu cerne trajetórias de mulheres que através de seus reconhecimentos enquanto sujeitos de um determinado contexto econômico, social e cultural, atribuem a esses sujeitos protagonismos negados na História oficial.

Outro conceito de suporte que compõe o desenho teórico que busco construir é a noção de representação de Burke (2004) e Chartier (2014). Representações podem ser imagens e textos que refletem ou imitam a realidade social, essas representações são sempre uma visão opaca, elas categorizam sujeitos obedecendo uma ordem vigente, uma regra moralmente constituída através dos processos históricos. Nesse contexto, as representações femininas foram constituídas à margem das representações masculinas, portanto, essa nova escrita da História nada mais é do que perceber as relações de gênero como elemento fundamental da construção da representação das mulheres, seja no contexto do trabalho, da organização familiar, do lazer, entre outros aspectos. Assim,

De maneira semelhante, historiadoras feministas tentaram não apenas tornar as mulheres visíveis na história, mas também escrever acerca do passado sob um ponto de vista feminino. Dessa forma, os historiadores tornaram-se cada vez mais conscientes de que pessoas diferentes podem ver o mesmo evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas. (BURKE, 2004, p. 101).

As obras das quatro historiadoras denunciam o patriarcado, elas partem das relações entre homens e mulheres descendentes de imigrantes italianos, assim, busquei aproximar estudos já realizados no que se refere à região, nas plataformas e repositórios, artigos, periódicos e demais trabalhos que tratassem precisamente sobre as mulheres na região italiana, assim como consta no quadro:

Quadro 1 - Repositório de artigos de periódico e dissertações sobre mulheres imigrantes italianas

Título da obra	Autoras/es	Palavras-chave	Repositório	Disponível online (site)
Mulheres imigrantes: presença e ocultamento (interiores de São Paulo, 1880 a 1930)	Maria Izilda Matos, Oswaldo Truzzi e Carla Fernandes da Conceição	Mulheres, Imigrantes, Gênero, Interior paulista.	Belo Horizonte/MG, 2018	https://www.scielo.br/j/rbepo/p/a/qygMSMQLfjnQF7k5fL6hBBH/abstract/?lang=pt
A mulher imigrante italiana e o uso da comida como experiência de transicionalidade	Maria Silvia Micelli do Carmo e Maria Consuelo Passos	Mulher imigrante, Transicionalidade, Comida italiana, Nova Cultura.	Periódicos de Psicologia, Mental, v. 3, n. 5, Barbacena/MG, nov. 2005.	http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000200010
Mulheres italianas e o trabalho em Porto Alegre (1945 a 1965): história de uma imigrante esquecida	Ediselda Brum Charão	Mulheres, Trabalho, História Oral, Imigração italiana, Rio Grande do Sul (RS), História	Dissertação de mestrado. PUCRS, 2015.	http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6368
Mulheres camponesas, descendentes de imigrantes italianos	Fernanda Simonetti	Mulheres, Imigração italiana, Campesinato	X Encontro Estadual de História, Santa Maria/RS, 2010.	http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279493217_ARQUIVO_Artigo_ANPUH[1].pdf
Entre Histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias das mulheres	Syrléa Marques Pereira	Deslocamentos transnacionais, Imigração italiana, Memória familiar, Objetos	Tese de doutorado, UFF, Niterói, 2008.	http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/teses/8pereira_syrléa_tese.pdf
Crescei e Multiplicai-vos: o papel da mulher no projeto imigratório (Serra Gaúcha 1890 – 1950)	Ismael Antônio Vannini	Não informado	Artigo. Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, UFSC, Florianópolis 2010.	http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277833952_ARQUIVO_TextoCompletocongressoUFSC.IsmaelAntonioVannini.pdf

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2021.

Dos trabalhos agrupados, destaco por ordem cronológica de produção, o artigo publicado em Periódicos de Psicologia Mental, em 2005, intitulado “A mulher imigrante italiana e o uso da comida como experiência de transicionalidade”, de Maria Silvia Micelli do Carmo e Maria Consuelo Passos, que elenca conceitos específicos da psicologia com a história de vida, explorando por meio de depoimentos de mulheres descendentes de italianos. O segundo é uma tese, cujo título é “Entre Histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias das mulheres”, de Syrléa Marques Pereira, de 2008, que constrói uma narrativa histórica sobre

a memória feminina e de famílias descendentes de italianos provenientes de fotografias e objetos pessoais.

Em 2010, destaco duas produções “Mulheres camponesas, descendentes de imigrantes italianos”, de Fernanda Simonetti, apresentado no Encontro Estadual de História, em Santa Maria/RS e “Crescei e Multiplicai-vos: o papel da mulher no projeto imigratório (Serra Gaúcha 1890 – 1950)”, de Ismael Antônio Vannini, artigo publicado no periódico de evento. O primeiro trata de mulheres camponesas de uma comunidade rural do Rio Grande do Sul e suas memórias e o segundo aborda a trajetória de vida de mulheres descendentes de italianos na região de Guaporé, Rio Grande do Sul.

Em 2015, destaca-se a dissertação intitulada “Mulheres italianas e o trabalho em Porto Alegre (1945 a 1965): história de uma imigrante esquecida”, de Ediselda Brum Charão, que, por intermédio da História oral, busca histórias de vida de mulheres descendentes de italianos em Porto Alegre. O último trabalho selecionado é de 2018, publicado em periódico, o artigo intitulado “Mulheres imigrantes: presença e ocultamento (interiores de São Paulo, 1880 a 1930)”, das autoras Maria Izilda Matos, Carla Fernandes da Conceição e do autor Oswaldo Truzzi, também é produzido no viés das Histórias das Mulheres imigrantes do interior de São Paulo.

Os principais pontos de análise e de diálogo possíveis com a tese aqui desenhada são as narrativas sobre a História das Mulheres que podem ser agrupados em publicações referente às experiências pessoais de mulheres mediante as práticas de memória que privilegiam temas envolvendo o trabalho feminino no interior, comidas, fotografias e objetos pessoais, também em relação à maternidade e ao papel civilizador do projeto imigratório e da igreja.

Figura 3 - Mapa metodológico da tese



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A tese está organizada em cinco capítulos, sendo o segundo capítulo intitulado: “As historiadoras caxienses Cleci, Heloísa, Loraine e Maria: em busca da História das Mulheres”. Nele, apresento as quatro historiadoras caxienses de forma breve, em um segundo momento, questiono a possibilidade de um possível feminismo regional a partir da produção científica das professoras pesquisadas e concluo o capítulo analisando o contexto histórico da cidade que as professoras nasceram e construíram seus itinerários de formação inicial.

No terceiro capítulo: “Itinerários de mulheres entre retalhos, véus e algumas memórias”, busco construir, a partir dos documentos disponíveis, os itinerários de vida das quatro professoras, avaliando a dificuldade de buscar os indícios das histórias femininas em virtude da ausência de memória. Início pela professora Loraine, que foi minha professora na graduação e especialização e também orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso. Sobre ela, elaborei dois tópicos, o primeiro deles diz respeito às memórias de infância e o outro sobre a formação da intelectual.

A professora Maria Abel Machado é a segunda professora, para seus dados biográficos, utilizei seu conjunto de ego-documentos do AHMJSa que foram doados pelo esposo após seu falecimento, em 2004. De início, faço uma reflexão sobre a dificuldade de acessar a memória feminina nos espaços institucionalizados e, em seguida, a partir da autobiografia da professora, construo sua biografia.

A professora Cleci Eulália Favaro aparece na sequência do capítulo com a narrativa da sua infância e juventude e com o seu itinerário de docência e pesquisa. Com ela, mantenho

contato desde a entrevista que fiz. Frequentemente, a professora me questiona de como estava o andamento da pesquisa, sempre muito gentil. A biografia da professora Heloisa Delia Eberle Bergamaschi fecha o capítulo, com as memórias de infância e os percursos formativos. A professora Heloísa também foi minha professora da Graduação, ela me recebeu duas vezes em sua casa. Sempre foi muito amável e, em minhas memórias, foi uma ótima professora. Faleceu em janeiro de 2023.

No quarto capítulo, intitulado “Professoras e Historiadoras: mulheres e docência”, eu problematizo a educação das mulheres da elite caxiense e suas formações confessionais. Nesta parte do trabalho, também reflito sobre a mediação cultural exercida por elas em cargos importantes na Universidade de Caxias do Sul, na coordenação de cursos de graduação e pós-graduação, na formação de professores/as da região, bem como outras ações que implicaram na formação dos arquivos internacionais de memória da cidade.

Como docentes, essas mulheres fizeram parte da formação de professores/as no curso de História, da Universidade de Caxias do Sul, ao longo dos anos de 1976 a 2010. A relevância desta pesquisa se dá pela importância social, cultural e política que as professoras Cleci Eulália de Fávoro, Heloísa Délia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado construíram ao longo de suas práticas como intelectuais mediadoras na produção do conhecimento acerca das História das Mulheres na região.

No capítulo 5, “A História das Mulheres na perspectiva das historiadoras regionais do final do século XX início do XXI”, analiso as escolhas teóricas e metodológicas das professoras quando se dedicaram a construir a História das Mulheres na Região Colonial Italiana. Em um segundo momento, apresento e analiso seus livros publicados com foco na temática e na materialidade das obras. Categorizei as condições de vida e de trabalho das mulheres representadas mediante a criação de quadros de análise de conteúdo, para assim, também analisar conceitos evocados nas obras das referidas professoras, produzindo, desse modo, o reconhecimento da pesquisa acadêmica e o itinerário de vida das pesquisadas sobre a História das Mulheres Regional. Isso revela, portanto, o protagonismo feminino na produção científica regional, na perspectiva dos estudos feministas. Neste último capítulo, também é o extrato da pesquisa das historiadoras em que busquei adentrar no universo de produção científica das autoras e sintetizar tópicos de discussão, nesse sentido, elenquei três tópicos centrais: mulheres e patriarcado; mulheres e trabalho; e mulheres, casamento, maternidade e velhice.

Nas páginas seguintes, as leitoras e os leitores encontrarão uma narrativa de cunho histórico de uma mulher, mãe e professora de História de meia idade, que se descobriu como pesquisadora e percebeu-se no meio desse contexto de disputa pela escrita da História das

Mulheres. Na sequência do texto, você conhecerá mais uma página da escrita feminina e do Feminismo de um ponto de vista regional.

2 As historiadoras caxienses Cleci, Heloisa, Lorraine e Maria: em busca da História das Mulheres

“Já nos tornamos sujeitos em muitos campos. Mas talvez o campo do saber, da ciência, da epistemologia, seja aquele em que nós ainda somos vistas exclusivamente como secundárias.”

Prof^a. Dr^a. Carla Rodrigues, citada na obra Explosão Feminista, 2018, p. 226.

Na epígrafe que inicio este capítulo, trago a constatação da filósofa Carla Rodrigues (2018, p. 226)⁶: “apesar das mulheres terem se tornado sujeitos em vários campos de atuação, ainda nos é retirado o mérito da produção científica de nossas histórias e lutas, a nossa produção científica ainda aparece como secundária numa escala de valores de gênero”.

A fim de problematizar esse silenciamento, busquei, neste capítulo, contextualizar as quatro historiadoras caxienses na História das Mulheres do Brasil, partindo da ideia de que elas, por meio de suas pesquisas científicas sobre a História das Mulheres na Região, contribuíram para o movimento Feminista. De acordo com os pressupostos de Pinto (2010, p. 15):

Pode se conhecer o movimento feminista a partir de duas vertentes: da história do feminismo, ou seja, da ação do movimento feminista, e da produção teórica feminista nas áreas da História, Ciências Sociais, Crítica Literária e Psicanálise. Por esta sua dupla característica, tanto o movimento feminista quanto a sua teoria transbordaram seus limites, provocando um interessante embate e reordenamento de diversas naturezas na história dos movimentos sociais e nas próprias teorias das Ciências Humanas em geral.

A produção de conhecimento sobre as Mulheres na Região Colonial Italiana (RCI) pode ser percebido como uma interface do Feminismo, assim como suas produtoras, as quatro historiadoras, seus itinerários de vida, de formação e de docência, por isso, busquei aproximações teóricas e metodológicas com a História das Mulheres, como o Feminismo e os Estudos de Gênero.

⁶ Segundo o currículo lattes da filósofa, ela é professora da disciplina de Ética no Departamento de Filosofia da UFRJ, pesquisadora dos programas de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ (IFCS) e da UFF (IFCH), foi uma das fundadoras do GT Filosofia e Gênero e do GT Desconstrução, linguagem, alteridade, da ANPOF, além de integrar o GT História das Mulheres na Filosofia. Disponível na Plataforma Lattes, acesso em 04 set. 2023.

As décadas de 1970 e 1980 foram muito significativas para a História das Mulheres no Brasil, isso é resultado também do Feminismo e dos estudos de gênero. O primeiro é o conjunto de ações e de conhecimentos interdisciplinares produzidos por mulheres que buscavam a igualdade em relação aos homens, caracterizado, para melhor compreensão, em quatro ondas ou fases: primeira onda, segunda onda, terceira onda e quarta onda⁷, em um contexto França-EUA. O Brasil recebeu diretamente influências na terceira onda, do final dos anos 1970 até a primeira década do novo milênio. A quarta onda pode ser entendida como o momento atual, de 2010 em diante.

O Feminismo Brasileiro tem origem quando as intelectuais brasileiras tiveram contato com as obras significativas do Movimento Feminista do eixo França-EUA que se somou as diversas organizações de mulheres não pautadas em referências internacionais, mas encabeçadas por mulheres de diferentes classes sociais e etnias, ora mobilizada em função de crimes bárbaros cometidos contra mulheres e impunes pela Justiça, ora trazendo as pautas femininas para debate nos meios de comunicação. O termo “feminismo” e “feminista” também precisa ser analisado do ponto de vista histórico, muitos desses movimentos não utilizam o termo por entendê-lo como pejorativo, alguns, no entanto, se autodeclaravam feministas. As pautas de algumas mulheres passaram a ganhar visibilidade durante a Ditadura Civil Militar e se fortaleceram com a Lei de Anistia (1979) e com a volta das intelectuais feministas exiladas. Observando que esse grupo representa mulheres brancas que tiveram acesso à educação, contrariando o que acontecia com a maior parte das mulheres do país.

O Feminismo se propagava rapidamente nos centros urbanos e fora dele. Os estudos de gênero trazem uma outra variável das discussões sobre o trabalho das mulheres, que era a presença marcante da mão de obra no trabalho fabril e também a grupos e redes de ativismo que culminou no Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1975. Conforme constatou Matos (2000, p.10) “[...] mulheres entraram em cena e se tornaram visíveis na sociedade e na academia”, o desinteresse dos militares nessa pauta não foi maior que o movimento, mas, ao mesmo tempo, em função da inexistência de fontes oficiais sobre mulheres e da marginalização e secundarização dos estudos sobre as mulheres, foram necessárias outras formas de percepções, a “[...]reconstrução de experiências, vidas e

⁷ Considerando as referências de Ferreira (2011), Hollanda (2018), Méndez (2005), Pedro (2012), Pinto (2003), o Feminismo é frequentemente dividido em ondas, que dão ideia de movimento. Na primeira onda, as mulheres reivindicavam direitos civis, a segunda onda surgiu em oposição ao determinismo pelo sexo biológico, nessa época, aparece o conceito de gênero, a terceira onda é a mais global e muito significativa, no caso brasileiro, traz diversas expansões com pautas políticas e a quarta onda corresponde aos tempos atuais.

expectativas das mulheres nas sociedades passadas, descobrindo-as como sujeitos da história e objeto de estudo.” É nesse momento que trago as quatro historiadoras da RCI.

As quatro mulheres, professoras e historiadoras e suas pesquisas sobre a História das Mulheres na RCI misturam-se na reverberação de outras trajetórias de mulheres de gerações diversas que culminam na formação de professores/as de História e de outros cursos pois ministraram disciplinas obrigatória para todas as graduações e suas pesquisas acadêmicas sobre mulheres descendentes de imigrantes.

Dessa forma, nos parágrafos a seguir, busquei aproximar as experiências de vida, de formação e de docência das quatro professoras, ao mesmo tempo que as localizo enquanto historiadoras das mulheres da região, ou seja, cientistas que por meio de teoria e métodos atentaram-se ao tema e dele produziram estudos significativos sobre as representações das mulheres.

O exercício da docência das professoras Cleci Eulália de Fávoro, Heloísa Délia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado que fizeram parte do quadro docente do Curso de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS), além de suas histórias de vida, suas experiências como sujeitos, suas formações acadêmicas e seus interesses pela pesquisa sobre mulheres, que não aparece especificado em seus Currículos Lattes, as legitimam como produtoras e, ao mesmo tempo, produtos de uma História das Mulheres. As quatro professoras são descendentes diretas de famílias de imigrantes italianos, três delas descendem de uma pequena burguesia regional, foram educadas na doutrina Judaico Cristã, acessaram escolas particulares, concluíram a Educação Básica e chegaram à Universidade. Três delas casaram e tiveram filhos/as, a exceção foi a professora Maria Abel, que casou depois de ter concluído os estudos.

As professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria não seguiram o que normalmente se esperava de uma mulher nascida entre as décadas de 1930/40. Para Scott (2012), a população brasileira ultrapassava os 40 milhões, um terço dessa população vivia nas cidades e mais da metade era analfabeta e, por isso, não tinha acesso às novidades que a imprensa trazia. As quatro professoras nas décadas subsequentes conviveram com as transformações significativas da área urbana, no caso, a cidade de Caxias do Sul e, com isso, aumentaram as possibilidades de interações, começando pela escola, depois pelos bailes e pelos passeios, além disso, a migração temporária para estudo para a Capital do Estado e para cidades da Região Sudeste contribuíram para essas transformações, que por meio da formação acadêmica, algumas vantagens de escolha sobre suas vidas foram garantidas, ao mesmo tempo que as limitou a seguir o que se esperava das mulheres da época: serem esposas, mães e professoras exigentes.

Ao mesmo tempo que seus olhares foram direcionados para a História das Mulheres, isso lhes garante um protagonismo na escrita feminina local que busquei mostrar, inspirada por Margareth Rago (2019), que também se dedicou a escrever histórias de mulheres diferentes e que, de certa forma, fugiram da norma descritas pela autora como mulheres subversivas que desafiaram os códigos da normalidade na era moderna. As referidas professoras puseram-se a desafiar a escrita oficial da História.

Tal escrita assume o caráter da história social, pois, segundo Rachel Soihet e Joana Pedro (2007), procura elencar a integração da experiência social às mulheres da História. Essa fatia que a história social oferece para os estudos sobre a História das Mulheres na RCI está presente nas obras das professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria, pois procuraram “interpretar os processos de mudança através do reconhecimento dialético” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 285). As autoras partem do trabalho da mulher na pequena propriedade, na remanescente indústria na sede da colônia e na prestação de serviços.

As historiadoras fazem parte de uma geração de mulheres que nasceram num período em que, internacionalmente, o Feminismo começava a se articular. Nos anos 1940, as mulheres se organizaram, segundo a filósofa Carla Rodrigues (2021), em grupos heterogêneos e muitas mulheres passaram a ocupar cargos públicos e se destacavam como intelectuais produzindo ou traduzindo obras feministas de pensadores/as internacionais que influenciaram seus itinerários de vida. Os primeiros anos de vida das professoras estudadas nesta tese, foram marcados por perceber as mulheres em sua volta, ocupando espaços até então não ocupados por mulheres.

As quatro historiadoras vivenciaram a terceira onda feminista no período em que já haviam iniciado sua formação, nessa época, o Brasil, segundo Caetano (2017), vivia um período de radicalizações: os retrocessos da Ditadura Cívico Militar numa esfera local, enquanto, internacionalmente, o Feminismo vivia a efervescência dos movimentos libertários, objetivando mudanças radicais nas relações sociais e de produção. Entre esses dois pólos, as quatro professoras, davam continuação a suas formações e docência, revelando o antagonismo dos processos históricos. Nas palavras da autora:

O ano de 1963 foi de radicalização: de um lado, a esquerda partidária, os estudantes e o próprio governo; de outro, os militares, o governo norte-americano e uma classe média assustada. Em 1964, veio o golpe militar, relativamente moderado no seu início, mas que se tornaria, no mitológico ano de 1968, uma ditadura militar das mais rigorosas, por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5) [...] (CAETANO, 2017, p. 6).

No contexto nacional, o Brasil viveu o que Caetano (2017) chama de Feminismo da resistência, isto é, grupos de mulheres lutando contra a ditadura e apropriando-se de leituras do

Feminismo Internacional e também questionando o papel das mulheres dentro da esquerda brasileira.

O espaço comum das historiadoras foi a Universidade de Caxias do Sul (UCS), instituição de Ensino Superior situada na cidade de mesmo nome. As quatro professoras trabalhavam como docentes: a professora Loraine foi a primeira a iniciar como professora da Faculdade de Filosofia, em 1961, e saiu com a aposentadoria em 2010; a professora Maria iniciou a docência na mesma instituição em 1973 e foi demitida em 1994, essa ação aconteceu juntamente com mais professores do Centro de Humanas e Arte e gerou certa movimentação e protestos de colegas e estudantes da época. Já Heloísa iniciou a docência em 1981 a convite da professora Maria Abel e saiu com a aposentadoria, 25 anos depois. A professora Cleci, segundo seu Currículo Lattes⁸, foi docente de 1978 a 1997. A professora Loraine foi professora na Graduação em História das outras três, que depois disso, tornaram-se suas colegas de trabalho.

A graduação em História surgiu em 1960 e era vinculada à Faculdade de Filosofia e se localizava na região central da cidade de Caxias do Sul. A fotografia a seguir é dos anos 1960 e faz memória a construção do Edifício Santa Teresa, antiga sede do curso e das Faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas, localizado na Rua Os Dezoito do Forte, em frente ao que hoje é o Colégio La Salle Carmo. A professora Heloísa contou que quando começou a lecionar, da janela do prédio em que trabalhava (visto na imagem a seguir), ela podia ver seu apartamento e assim se comunicar com a cuidadora de seus filhos. Nas palavras da professora: *“E lá fui eu fazer, com certeza e eu tinha sorte da sala de aula, ali na frente do Carmo, eu enxergava a janela do meu apartamento, então eu dizia para a babá: se tu precisar de alguma coisa, tu abre as cortinas e ficou um código entre nós e tudo bem, nunca precisou.”* (BERGAMASCHI, 2022, p. 6).

Figura 4 - Sede do Curso de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Pedagogia, em 1960, localizado na região central de Caxias do Sul

⁸ FAVARO, Cleci Eulália. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 08 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9442030800009311>. Acesso em: 08 nov. 2023



MEMÓRIA, Pioneiro. **Os 60 anos do curso de História da UCS.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2020/07/os-60-anos-do-curso-de-historia-da-ucs-12530669.html>. Acesso em: 01 set. 2023.

O curso de História, inicialmente, funcionava no Edifício Santa Teresa, prédio da fotografia acima, que pertencia à Mitra Diocesana, nele estavam os três cursos da Faculdade: Filosofia, Letras e Pedagogia. Em 1982, o curso foi instalado no recém construído Bloco H, junto ao campus sede, ladeado à BR-116.

Sobre o acesso das mulheres ao ensino superior, é importante observar o contexto nacional, segundo Beltrão e Alves (2009), entre o pós-guerra mundial até o Golpe Civil Militar no Brasil houve muita pressão popular pela democratização do ensino, mas as elites que estavam no poder não tinham interesse, por isso, as iniciativas foram insignificantes. Somente em 1961, através da LDB, foi garantida a equivalência de todos os cursos de grau médio, o que possibilitou o ingresso de mulheres nas universidades e, na década seguinte, as mulheres começaram a ser maioria no ensino superior. As quatro professoras referidas nesta tese, fugiram da regra, pois eram pertencentes a uma pequena burguesia industrial que havia adotado alguns traços de comportamento iluminista europeu, sendo que o acesso das mulheres à educação era uma máxima, assim como o acesso também às leituras de revistas estrangeiras e o acesso à livros.

2.1 UM FEMINISMO REGIONAL⁹ POSSÍVEL

A proposta das feministas, segundo Scott (1994), era construir uma História das Mulheres que tinha como eixo estudos com uma visão menos política e mais global, com o compromisso de incluir a fala dos oprimidos, a análise dos sentidos e da natureza dessa opressão. A ideia era construir uma nova história que incluísse e apresentasse as experiências das mulheres, nesse ponto, a ideia de gênero poderia ser desenvolvida como uma categoria fundamental de análise.

As professoras Cleci Eulalia de Favaro, Heloisa Delia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado construíram uma narrativa histórica sobre as mulheres italianas ou descendentes de italianos que migraram para a região Colonial da Serra Gaúcha no século XIX, partindo do tema do trabalho que desempenharam. Ao fazê-lo, incorporam implicitamente a noção de gênero, trazendo uma nova perspectiva de análise da relação entre homens e mulheres que pode ser considerada uma redefinição das noções tradicionais de História. As referidas professoras, dessa maneira, trouxeram à tona experiências e subjetividades de mulheres que questionaram as representações femininas tolhidas pelo patriarcado. Tratar dessa história, é tratar de uma história de exclusão e, por isso, desafiadora, “[...] uma vez que procurar traços da presença feminina em domínios reservados aos homens era uma tarefa difícil.” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 282).

Tendo em vista a História das Mulheres regionais como protagonistas e partindo de luta de resistência, entrelaçada ao contexto mundial, nascida no movimento social e possuidora de “[...] um programa de transformação e de ação” (TILLY, 1994, p. 31). Essas mulheres intelectuais que investiguei são historiadoras que não fizeram parte de organizações feministas pelo que constatei, não participaram de Grupos de Trabalho sobre o tema, mas que através de seus itinerários de formação, de docência e de pesquisa sobre mulheres postularam estudos que podem ser analisados num contexto de Feminismo.

Elas não utilizaram o termo em seus estudos, pois suas leituras de mundo eram alicerçadas numa perspectiva de cunho materialista, mesmo assim “[...] seus trabalhos não foram menos marcados pelo movimento feminista de 1970 e 1980 [...]” (TILLY, 1994, p. 31), pois elas estavam em seus processos de formação intelectual. Isso permitiu, mediante nuances

⁹ Utilizei o termo regional para identificar um feminismo da Região Colonial Italiana, que foi produzido através da pesquisa das quatro historiadoras.

distintas, uma apropriação da História das Mulheres e, desta forma, seus estudos podem ser considerados os precursores do feminino regional. Foi um movimento intelectual originado na academia por mulheres brancas.

Os itinerários de vida, formação acadêmica, produção científica e mediação cultural das historiadoras como professoras e pesquisadoras pode ser sinalizado num expressivo movimento intelectual feminista regional.

Este parece ser o caso da produção intelectual das professoras Cleci Eulalia de Favaro, Heloisa Delia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado, cujas linhas teóricas diferenciam-se, mas apresentam pontos convergentes, ou seja, ambas agrupam seus estudos no contexto das diferentes nuances no que se refere a historiografia dos conceitos de Trabalho e Mulheres. A professora Cleci atenta-se a documentos produzidas pela cultura, os quais ela chama de símbolos que mantêm os papéis sociais, através do viés da História Cultural, enquanto as outras professoras privilegiam as relações econômicas baseadas na luta de classe, sendo o trabalho a força motriz da sociedade, revelando a base materialista.

Ao mesmo tempo, elas foram incorporando novas leituras da História Social e suas metodologias começaram a mesclar, documentos físicos oficiais encontram seu testemunho na História Oral, através de entrevistas com mulheres e seus descendentes, elas transitam no conceito de Memória, apontaram leituras de uma constituição social e econômica, deixando emergir as características culturais nas interpretações de dados estatísticos e nas análises quantitativas. Elas vão além, percebem os silêncios e os vazios da história em relação às mulheres na ausência de documentos.

Sendo o gênero uma constituição social e cultural do sujeito, essas relações econômicas privilegiadas podem fazer emergir questões de gênero e, de fato, fazem, pois trazem as relações advindas das diferenças sexuais no trabalho. Sem fazer referência ao conceito de Gênero e de Feminismo, seus olhares como historiadores vão perceber uma série de relações e de lutas diluídas nos modos de viver e ser mulher, precisamente mulheres imigrantes italianas e suas descendentes.

O conceito de gênero foi cunhado pelas feministas estadunidenses na segunda onda Feminista, é um conceito controverso, pois sofre transformações à medida que abordado. Scott (2012) afirma que discutir gênero e suas relações tornou-se um campo de disputa política da qual a História Social não pode se dar conta sozinha. A autora já havia alertado que escrever a história somente do viés econômico não produz a viabilização do conceito de gênero de forma abrangente. Gênero, para Scott (1994), gramaticalmente, implica regras formais que

diferenciam o masculino do feminino, são construções históricas, econômicas e culturalmente situadas.

Desse modo, gênero é compreendido como meio de classificar fenômenos sociais acordados, sendo mais que uma definição objetiva de traços inerentes. Na mesma linha de Joan Scott (1994), as feministas estadunidenses utilizaram o conceito de gênero para sugerir a organização entre os sexos, tendo como base o caráter social das diferenças entre os sexos, questionando, assim, o determinismo biológico. Para a autora, gênero subentende os aspectos relacionais das definições que normatizam as feminilidades (SCOTT, 1994, p. 3). Os estudos feministas precisam centrar sua atenção mais efetivamente sobre as mulheres, porque, até então, esses estudos tinham abordado a mulher de forma estreita e isolada.

Tendo em vista os significantes que constituem o modelo de sociedade ocidental contemporânea, a cultura é uma construção de significados partilhados, que é o objeto de estudo da História Cultural. Nessa perspectiva, “[...] essa vertente historiográfica incorporou novas fontes e novas formas de investigação” (ZEN, 2019, p. 9), possibilitando novas histórias de forma interdisciplinar com outras áreas das humanidades.

Considerando isso, busquei investigar processos educativos da formação docente das referidas professoras e, assim, postular suas mediações culturais como marcadores de uma História das Mulheres e de professoras a partir do contexto regional, tendo também como foco a trajetória de formação docente das professoras Cleci Eulália de Favaro, Heloísa Délia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado suas mediações culturais enquanto produtoras de conhecimento das História das Mulheres. Nas produções historiográficas das professoras, percebe-se a construção das identidades e das representações regionais, urbanas e camponesas das mulheres na região.

Considerar o gênero como uma categoria de análise histórica é escrever a História das Mulheres, que é possível em função do Feminismo. Esse movimento pode ser concebido como uma organização política de mulheres em inúmeras lutas e frentes. Considerando que a história de um grupo se relaciona com a história de outro, ou seja, a História das Mulheres está relacionada com a história dos homens, as mulheres não existiriam sem os homens e vice-versa. Existem muitas vertentes que carregam bandeiras e ideais distintos, mas o foco central está na igualdade entre homens e mulheres.

A História das Mulheres está intimamente associada com o Movimento Feminista, no caso do Brasil, segundo Ferreira (2011), o feminismo apresenta particularidades que caracterizam sua diversidade. Para a autora que estudou o Feminismo do Nordeste, a história das feministas brasileiras rompeu com o silêncio de muitos séculos, materializando-se em

protestos, lutas e protagonismos. No início, eram poucas, mas “a irreverência nos tornava multidão” (FERREIRA, 2011, p. 2) e esse movimento foi experienciado em vários estados do Norte e Nordeste brasileiro.

Holanda (2018) destaca que o Feminismo Brasileiro apresentou uma fragilidade inicial e um certo recuo em relação ao que era produzido internacionalmente. Para Souto (2019), no século XIX, as ideias feministas estavam sendo divulgadas através da imprensa liderada por mulheres letradas, brancas e da elite burguesa do Sudeste do país. A autora chama esses movimentos de “Projetos Feministas”. Foi nos anos 80 e 90 do século XX, que o movimento ganhou eco no cenário nacional, é nesse momento que localizei as quatro professoras, construindo articulações acerca da divisão desigual entre os sexos no pano de fundo do trabalho.

O feminismo da segunda metade do século XX pode ser conhecido por duas vertentes, segundo Pinto (2010): uma delas é a ação e a outra a produção teórica nas áreas das Humanidades. É no contexto de produção e de contribuições para a História das Mulheres que considero a importância do trabalho das professoras. Lembrando que esta segunda onda feminista foi tecida por mulheres de classe média, educadas nas áreas das Humanidades, como destaca a autora:

[...] o feminismo da segunda metade do século XX: mulheres de classe média, educadas, principalmente, nas áreas das Humanidades, da Crítica Literária e da Psicanálise. Pode-se conhecer o movimento feminista a partir de duas vertentes: a história do feminismo, ou seja, da ação do movimento feminista, e da produção teórica feminista nas áreas da História, Ciências Sociais, Crítica Literária e Psicanálise. (PINTO, 2010, p. 02).

As duas vertentes do Feminismo, em que teoria e práticas transbordam seus limites, vêm gerando embates e reorganizando as próprias teorias. As professoras não se identificam diretamente com os conceitos relativamente novos, como gênero, Feminismo, um viés pós-estruturalista que luta por legitimidade no campo das Ciências Humanas e da Linguística. A atuação como historiadoras e pesquisadoras, mesmo que não estivessem diretamente envolvidas nesse debate, foi relevante. É no debate da Terceira Onda Feminista na Região Sudeste do país que conceitos como Gênero e Feminismo, desdobravam-se em outros que, segundo a autora “[...] confrontavam, diretamente, vários dogmas da Igreja, uma das principais instituições progressistas da época.” (HOLANDA, 2018, p. 14).

A produção acadêmica das professoras e historiadoras sobre as representações das mulheres da região pode ser analisada na perspectiva dos estudos feministas da História das Mulheres porque tratam de um conhecimento da história da imigração de mulheres italianas,

principalmente e também, de suas descendentes. As historiadoras refletiram sobre a questão de gênero, não necessariamente utilizando o conceito, o mesmo acontece com o Feminismo. As historiadoras aqui já mencionadas, a partir de abordagens diferentes, procuraram questionar as relações desiguais de gênero, a que elas chamavam de “sexo”, protagonizando uma narrativa da História das Mulheres até então não contada. Conforme o pensamento de Matos (2000), podemos inferir, a partir do trecho:

Assim, procurou-se rever imagens e enraizamentos impostos pela historiografia, bem como dar visibilidade às mulheres, questionando a dimensão da exclusão a que estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino. Revelaram-se novos perfis femininos, outras histórias foram contadas e outras falas recuperadas. (MATOS, 2000, p. 07).

Sobre a História das Mulheres, segundo Joana Pedro (2020), podemos observar que há pesquisas com o intuito de localizar a produção de historiadoras brasileiras. Esse movimento é resultado do Feminismo, nas palavras da autora: “O crescimento do feminismo, especialmente no século XXI, tem ampliado a presença de publicações sobre historiadoras.” (PEDRO, 2020, p. 23).

O Feminismo que vivencio é tecnicamente descrito como a quarta onda que, segundo Moraes e Farias (2018), no campo social acadêmico, suas características não são uniformes e constitui-se em salas de aula e nos ambientes universitários, evidenciando uma disputa de poder entre homens e mulheres. Nas palavras das autoras:

Pensar sobre a escrita e o tom dessa escrita remete diretamente à questão dos regimes de autoridade e verdade que alimentam a maior parte dos discursos do cânone acadêmico, de construção historicamente masculina.” (MORAES; FARIAS, 2008, p. 225).

A História das Mulheres recente superou as temáticas tradicionais da história e isso não se limita às biografias de mulheres conhecidas. No campo acadêmico, essas produções problematizam a disputa de poder dentro da academia, essa disputa envolve as questões de gênero que, por sua vez, envolve a produção de conhecimentos e as regras das Universidades ainda não prontas para receber todas as mulheres. Pensar sobre as mulheres na academia é uma forma de desnaturalizar o ambiente universitário.

Para falar de Feminismo Brasileiro acadêmico é necessário localizar o surgimento do Grupo de Trabalho de Estudos de Gênero da Associação Nacional de História (ANPUH Nacional), criado em 25 de julho de 2001, no XXI Simpósio Nacional da ANPUH, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Na ocasião, foi estabelecido que a programação

dos eventos regionais e nacionais da ANPUH fosse formulada com base em grupos de trabalho associados a diferentes linhas de pesquisa, partindo do conceito de gênero e assim seriam organizadas conferências, mesas redondas, comunicações conectadas, oficinas e cursos. No Rio Grande do Sul, o Grupo de Trabalho de Estudos de Gênero foi criado em 2004.

A nível nacional, o Grupo de Trabalho Estudos de Gênero Nacional tem realizado um evento Segundas Feministas e Podcast do GT Gênero ANPUH-Brasil para divulgar pesquisas e discussões da área de História sobre gêneros, mulheres e feminismos. O GT de Gênero do Rio Grande do Sul, durante os quase vinte anos de existência, organizou e tem organizado diversos eventos, como a live “Professora Convida”¹⁰. Neste programa, uma professora deve convidar outra para debater algum tema pertinente às questões de gênero.

As representações das mulheres numa perspectiva regional podem ser entendidas na dinâmica das representações na cultura patriarcal, produto ideológico da submissão do feminino pelo masculino. Dentro do jogo, essas construções incorporam maneiras de pensar e de enxergar o mundo que ganham forma de narrativas plurais e que transbordam de diversas temáticas.

Dessa forma, pensar num Feminismo regional é olhar atentamente para as mulheres que se propuseram a produzir uma narrativa histórica sobre outras mulheres, é perceber que elas são a maioria na academia e que é preciso acessar suas produções e incorporar referências bibliográficas femininas. Os conceitos mobilizados incorporam novos modelos enunciados e propõem outras preposições e epistemologias é interligam-se para pensar no problema desta tese, pois através de novos objetos e métodos, o lugar da experiência e do afeto ganham importância, propondo uma ruptura do modelo tradicional de escrita da História. É nesse momento que a História das Mulheres, o conceito de Gênero, de Feminismo, de Biografia e Representações culminam no pensar sobre intelectualidade das mulheres, seu exercício de docência, além, claro, da produção científica sobre as mulheres.

O/a Historiador/a escreve através de seu tempo. As quatro professoras são historiadoras de seu tempo e produziram, nas suas carreiras acadêmicas, representações sobre as mulheres de descendência italiana que, juntamente com seus maridos, pais e filhos, formavam o grande grupo de imigrantes italianos. O trabalho acadêmico das professoras pode ser analisado na perspectiva da História das Mulheres, pois como pesquisadoras e docentes, a Cleci, a Heloisa, a Loraine e a Maria tiveram um papel muito importante na formação profissional de boa parte dos docentes que, hoje, fazem parte do quadro ativo de professores de muitos municípios da

¹⁰ As lives estão disponíveis no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=3O3ldWwECzA>.

região, especialmente aqueles/as licenciados/as em História pela Universidade de Caxias do sul.

Estudo sobre mulheres no exercício da docência não é um tema novo, segundo Maciel (2014), tem sido um fenômeno percebido a partir do século XIX e de todo o século XX, revelando o processo de feminização do magistério, no entanto, analisar esse fenômeno sob a perspectiva de gênero data as décadas de 1980 e 90. As quatro historiadoras foram docentes por longos períodos de tempo, ou seja, formaram todos/as os/as docentes da Região Colonial Italiana, (questão aprofundada nos próximos capítulos).

Nessa esteira de conceitos chaves sobre “História das Mulheres”, “História da Educação” e “Biografia”, fui definindo minhas escolhas metodológicas e buscando um alinhamento plausível, levando em conta a complexidade de tratar da história de vida de quatro mulheres que tanto tem a ver comigo: duas delas participaram diretamente da minha formação, a professora Loraine e a professora Heloísa; a professora Maria, eu não conheci, pois já havia falecido; e a professora Cleci eu conheci por intermédio da professora Eliana. As professoras Loraine e Heloisa faleceram no decorrer da escrita da tese.

A História das Mulheres da Região Colonial Italiana, além de estar presente na produção intelectual das professoras Cleci Eulália de Fávoro, Heloísa Délia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado, nos anos 90 do século XX, traduziu os esforços do movimento feminista ao longo das décadas de 70, após trazer a questão da História das Mulheres para o debate político, como destaca Méndez:

O aparecimento de uma História das Mulheres no Brasil está vinculado à própria organização do movimento feminista que, ao longo da década de 70, ocupou um importante papel no debate político brasileiro. Em todo o país surgiram organizações compostas por mulheres, que tinham como principal objetivo lutar contra os privilégios masculinos e a opressão sobre o sexo feminino. (MÉNDEZ, 2017, p. 194-195).

Dessa forma, considero que essas mulheres podem ser reconhecidas como protagonistas e divulgadoras de uma das várias tendências do Feminismo no Brasil. É possível construir marcadores na História das Mulheres do Brasil, por meio de biografias de mulheres, atribuindo-lhes sentidos às suas trajetórias de vida e à experiência intencional das relações com outras pessoas do seu tempo. Assim, por meio da biografia como ferramenta de pesquisa para a História das Mulheres, é latente tornarmos visível o que é “historicamente constituído e, portanto, historicamente situado [...]” (BOURDIEU, 2006, p. 186), somando o reconhecimento do protagonismo e da mediação cultural de mulheres por muitos anos silenciada pela história oficial e pela desigualdade de gênero.

Ao entrar em contato com os funcionários do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, descobri que, após o falecimento da professora Maria Abel, seu ego-documento foi doado ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, na Unidade de Arquivos Privados. Nele há um considerável número de documentos sobre a vida e a obra da professora que aguarda classificação. Realizei um inventário desse material (APÊNDICE A) e, além disso, foi possível acessar duas entrevistas digitalizadas pelo Banco de Memória do referido arquivo, a primeira delas é de 1998, a professora Maria Abel foi entrevistada por Carlos Henrique Iotti, o tema da entrevista são estudos e pesquisas acadêmicas da docente. A segunda é datada de 1992, Maria Abel foi entrevistada pela Professora Naira Maria Fontana, cujo tema foi a “História da América Latina e a Conquista da América”, tendo em vista o acontecimento de um encontro acadêmico na Universidade sobre o tema.

A documentação do Arquivo Público Municipal João Spadari Adami referente à professora Loraine Slomp Giron está disponível na Seção de Banco de Memória, em que há uma entrevista digitalizada disponível para pesquisa, datada de 20 de abril de 2006. O tema da entrevista é “A formação do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami – História de Vida” e a entrevistadora foi Sônia Storchi.

As quatro professoras têm seus itinerários de formação e de docência ligados diretamente à história da Universidade de Caxias do Sul, precisamente no Centro de Ciências Humanas e Arte (CCHA). Os documentos administrativos do CCHA estão disponíveis no Instituto Memória e História Cultural (IMHC), da Universidade de Caxias do Sul. Há muito material disponível para pesquisa. No conjunto que escolhi analisar, destaco que os nomes das quatro professoras aparecem mencionados juntamente com suas assinaturas e pedidos, reclamações e solicitações que, de forma geral, eram muito cordiais, sendo algumas datilografadas, outras digitadas e faziam uso de estratégias para negociar com a reitoria o que era de interesse. Explicações e justificativas minuciosas eram redigidas pelas professoras que ocuparam espaço na gestão do Centro de Ciências Humanas e Arte da Universidade de Caxias do Sul.

O conteúdo desses documentos escritos revelam o movimento das quatro intelectuais preocupadas com a preservação da História local e dos cursos que capacitam professores/as das áreas das Humanidades, fazendo-as agir de forma ativa ao solicitar verbas para os departamentos, para as pesquisas, para as saídas à campo e para a contratação de professores/as. Elas também organizam, por meio de protocolos com pedidos e questionamentos sobre a utilização dos espaços públicos da cidade, como prédio do antigo Hospital Carbone, hoje sede

do AHMJSA. A professora Loraine possui mais registros, pois esteve a maior parte de sua docência ocupando cargos de chefia de centro e de departamento.

O mais antigo documento localizado é Livro de Atas de 1974 a 1979 com reuniões administrativas. Em uma determinada ata, é esclarecido que no ano de 1976 foi desmembrado o Departamento de Filosofia e de Ciências Humanas. Os demais documentos são ofícios internos de comunicação do Centro com seus Departamentos e com a Reitoria. Também há os ofícios externos, que correspondem a comunicação do Centro com outras instituições.

Esses documentos vão se transformando ao longo dos anos com a inserção das tecnologias digitais e as professoras Heloisa, Loraine e Maria assumiram posições de decisão importantes das décadas de 1970 a 2000 que envolve diretamente a formação e geração de professores/a, mas também difundiram suas pesquisas com palestras e entrevistas, exercendo o papel de intelectual mediador. Para Sebrían (2017, p. 03-04), o intelectual mediador é “[...]um indivíduo caracterizado por uma atitude crítica e através de engajamento com os pares problematizam a partir de certos ‘lugares’, sociais e intelectuais [...]”, replicando a construção de conhecimento histórico importante para a região. Sobre a documentação do IMHC, referente a história do Centro de Ciências Humanas e Artes que compunham a Universidade de Caxias do Sul, era composto pelo Departamento de História e Geografia (DHIG).

Na sequência, vou localizar o pano de fundo geográfico dos itinerários de vida e de docência das quatro professoras historiadoras, um pano de fundo para as relações que as professoras construíram na cidade em que nasceram, cresceram, partiram e depois retornaram, marcando o exercício da docência na Universidade de Caxias do Sul e suas pesquisas sobre as mulheres da RCI. Esse cenário geográfico foi solo fértil para as pesquisadoras que esmiuçaram a História das Mulheres.

2.2 CONTEXTO GEOGRÁFICO DA PRODUÇÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES REGIONAL

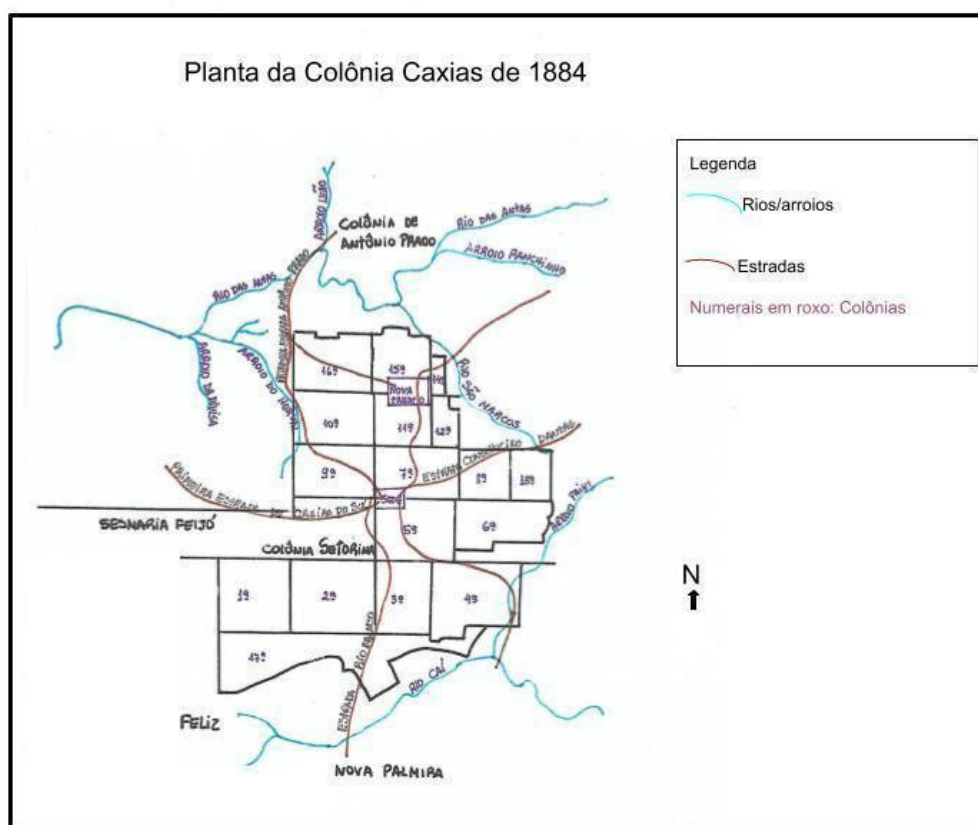
A antiga Colônia Caxias era localizada na região Colonial Italiana no Rio Grande do Sul, espaço em que os itinerários de vida e a pesquisa acadêmica das professoras Cleci Eulário Favaro, Heloisa Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado se constituíram como sujeitos, inicialmente como meninas, depois como moças, testemunhando os percursos do desenvolvimento urbano da cidade enquanto historiadoras e colaborando para formação de mão de obra da região. É onde traçaram suas redes de sociabilidade, constroem seus grupos de pesquisa, produzem e divulgam material sobre a História de Caxias do Sul.

As produções científicas das quatro historiadoras foram produzidas no contexto em que viveram, com suas visões de mundo, relação que classifica como “vidobra” (DOSSE, 2015, p. 80), ou seja, o/a historiador/a produz no seu tempo, a partir de si. Suas pesquisas e itinerários de vida confundem-se no contexto histórico, cultural e social da região estudada pelas professoras.

A História da Região Colonial Italiana no Rio Grande do Sul constituiu o objeto principal de estudo das professoras Cleci, Heloísa, Loraine e Maria, tendo como principal foco a região da Colônia Caxias. As autoras trazem em seus trabalhos muitas referências sobre a região e suas representações. Vivendo e trabalhando na região, as docentes acessaram outros locais para buscar suas formações, o local de origem delas determinou o tema de suas pesquisas inaugurando a História das Mulheres regional.

O croqui a seguir foi elaborado a partir de outros mapas disponíveis, o mapa original encontra-se no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, acervo da Comissão de Terras. Atentando ao croqui, podemos perceber que a colônia Caxias apresenta como limites norte o rio das Antas e, ao sul, o rio Caí. O espaço representado por numerais indica as colônias.

Figura 5 - Croqui da Colônia Caxias



Fonte: Croqui elaborado pela autora (2021), tendo como referência Giron (2008), Machado (1998) e Molon (1984).

Segundo De Boni (1987), a zona em que se estabeleceram os/as imigrantes italianos/as abrangia aproximadamente 370 mil hectares e engloba os atuais municípios De Caxias do Sul, Farroupilha, Bento Gonçalves, Garibaldi, Flores da Cunha, Antônio Prado, Veranópolis (Alfredo Chaves), Nova Prata, Encantado e Guaporé.

O município de Caxias do Sul, assim como os demais da Região Metropolitana da Serra Gaúcha, tem valores tradicionais enraizados e espaços bem definidos dentro da hierarquia do poder patriarcal. Associado a esse poder, está o vínculo com o conservadorismo religioso, alicerçado pelas práticas advindas dos/as imigrantes. Segundo a historiadora Eliana Rela (1995), havia um clima de cristandade, um empreendimento religioso católico, com “[...] capelas, paróquias, escolas religiosas, jornal católico, missões populares, aulas de catecismo e uma severa vigilância” (RELA, 1995, p. 33).

Pedro (1997) constatou em suas pesquisas que as mulheres do sul do Brasil tinham um importante papel na manutenção do poder de determinadas famílias na política local e regional. Havia o interesse em manter as mulheres da elite e da classe média ocupando o espaço privado do lar. A autora salienta que o diferencial eram as mulheres que se dedicavam ao magistério, nesse aspecto, podemos incluir uma reflexão sobre o contexto da Universidade de Caxias do Sul (UCS), pois as quatro professoras desta pesquisa exerceram o magistério na Universidade. Podemos, dessa forma, relacionar o vínculo empregatício das professoras na instituição e a transformação do perfil urbano e rural da cidade de Caxias do Sul, nas décadas que antecederam a criação da UCS. A industrialização emergente passou a exigir maior participação feminina no mercado de trabalho, ou seja, fora do espaço privado. Assim, de acordo com Xerri (2018):

Com a presença da indústria, Caxias do Sul transformou o perfil urbano e rural, pois, desde a década de 1940, a população urbana suplantara a rural, ocasionando transformações na sociedade, que passou a contar cada vez mais com a presença da mulher em vários setores, inclusive o educacional. (XERRI, 2018, p. 02).

As relações que podemos estabelecer com os itinerários de vida e com o espaço geográfico que essas mulheres ocuparam, eu chamo de pano de fundo dessa narrativa histórica, pois cada uma delas trilhou, ao longo da vida, diferentes caminhos, mas, de alguma forma, em algum momento específico, seus olhares e atenções foram as relações de gênero e, conseqüentemente, a História das Mulheres, bem como a própria História da Educação.

Essa vivência interior é compartilhada em diversos tempos sociais dessas mulheres. São dados da consciência e, por isso, são tecidos pelas memórias que coabitam no mundo subjetivo,

ao mesmo tempo em que o olhar exterior se refere à dimensão do coletivo social, pois, mesmo sem se dar conta, nós somos resultado do coletivo que nos cerca em forma de cultura, a que o autor chama da “placenta da memória” (CATROGA, 2015, p. 12). A nossa placenta de memória é resultado de uma cultura patriarcal, que molda nossas estratégias de vida, nosso sentimento de pertença e nossa adesão ao coletivo. As professoras, ao pesquisarem sobre a História das Mulheres na região, mobilizando memórias de mulheres trabalhadoras mediante entrevistas, descortinam uma memória de sombras, tênue e quase apagada, que, segundo Perrot (2005), é a História das Mulheres.

A fotografia a seguir é um postal da região central de Caxias do Sul, dos anos 1960. Estão representadas a Praça Dante Alighieri, a Casa Canônica, a Catedral Diocesana, Colégio Nossa Senhora do Carmo, Colégio São José e parte do Parque Getúlio Vargas. A rua Garibaldi não aparece, mas se localiza na quadra seguinte, abaixo da praça Dante Alighieri. Foi nesse cenário de cidade que as quatro intelectuais estavam, a professora Maria com 25 anos de idade, Loraine com 24, Cleci com 19 e Heloísa com 15 anos.

Figura 6 - Caxias do Sul nos anos 1960



Fonte: Caxias do Sul (1976-2021). Arquivo Histórico, 2023.

Evocando a fotografia de uma Caxias do Sul da década de 1960, remetemos a memória de um tempo que pode ser relacionada com a historiografia. Para Reis (2010), a memória para

a historiografia relaciona-se pela fixação da escrita e pela busca de reconhecimento de si e dos outros sujeitos, assim, a memória constitui-se como a representação escrita. A produção escrita da memória coletiva fica guardada nos Arquivos Históricos, que, para Reis (2010), são depósitos que reconhecem, conservam e classificam grande massa de documentos para consulta. O autor acrescenta também que esse espaço é físico, salvaguarda documentos de instituições que é orientada por uma ideologia, assim, tendo, na sociedade, a predominância de supremacia masculina e branca. Esse respingo masculino e de branquitude acaba chegando aos centros de memórias e arquivos históricos e, conseqüentemente, temos um silenciamento das histórias e memórias femininas.

No Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, não localizei nenhuma entrevista das professoras Heloisa Delia Eberle Bergamaschi e Cleci Eulália Favaro. Segundo Perrot (2005), as práticas das memórias femininas estão ausentes na narrativa tradicional, pois esta privilegia cenas públicas, aparece representada na iconografia comemorativa, coroando grandes homens ou em um lugar submisso a eles. A historiadora salienta que a ausência de narrativas das memórias femininas se dá pelo déficit de registros primários.

A história oficial tem uma dívida com as mulheres, isso as feministas desde a primeira onda já vinham denunciando, a busca dessas fontes nos espaços de memórias institucionais é um trabalho de minúcias, pois nem sempre se preocupou em guardar as memórias femininas, o mesmo acontece com a região, isso mostra o silenciamento da memória feminina. Ao mesmo tempo, a possibilidade de através de biografia de mulheres intelectuais contextualizar um feminismo regional com características histórico culturais que reforçam as estruturas patriarcais e que estas intelectuais se destacaram na produção da História das Mulheres e no protagonismo enquanto professoras e intelectuais.

No capítulo seguinte, busquei a partir da documentação que acessei, construir a biografia e os itinerários de vida das professoras historiadoras das quais este estudo busca enaltecer, com reconhecimento da escrita da História das Mulheres.

3 Itinerários de mulheres historiadoras: entre retalhos, véus e algumas memórias

“No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”.
Michelle Perrot, 2005, p.33.

Quatro itinerários de vida, quatro biografias de mulheres intelectuais que se constituem à medida que narradas. Neste capítulo, trago a biografia das professoras Loraine, Maria, Cleci e Heloísa em uma narrativa de cunho histórico a partir das entrevistas digitalizadas, autobiografias diluídas nas entrevistas, fotografias e das entrevistas com ex-aluna e colega. Alguns desses materiais estão disponíveis em espaços institucionalizados de memória e outros fazem parte do conjunto que montei para o estudo.

Como mencionado nas Considerações Iniciais, nesta seção, escrevo percorrendo caminhos diferentes para obter dados de cada uma das entrevistadas, suas biografias e itinerários formativos, a fim de construir uma História das Mulheres intelectuais, buscando os indícios que eu chamo de retalhos e tirando-os do esquecimento, que eu denomino, metaforicamente, de véu. O olhar que estabeleço com os retalhos que monto para fazer algum sentido é um olhar, uma possibilidade de outras tantas possíveis.

Olhando para os documentos que selecionei, entrevistas cedidas por elas no passado, entrevistas recentes, ego-documentos gerados pelas professoras no decorrer da vida e analisados sob os pressupostos teóricos metodológicos da História Oral para operar a memória, é criada uma “[...] teia de subjetividade” (ALMEIDA, 2007, p. 37). Busquei narrar o estabelecimento de uma História das Mulheres Regional e os itinerários de vida de quatro historiadoras que também pesquisaram sobre o tema “Mulheres”, para isso, acessei os conceitos de biografia, autobiografia, memória, ego-documento para refletir sobre o apagamento da memória feminina e o protagonismo que desempenharam como produtoras de conhecimento sobre a História Regional como um todo, além, evidentemente, sobre a História das Mulheres.

Como forma de evidenciar histórias de vida de mulheres, a biografia é a “[...]A ‘fase mais heróica’, o movimento feminista (1970-80) na produção acadêmica no campo da história da mulher foi sem dúvida o da reconstituição e biografias [...]” (GONÇALVES, 2006, p. 90). Corroboramos com a autora quando problematiza a escrita biográfica e autobiográfica como uma potencialidade para a escrita da História das Mulheres.

Entendo que experiências vividas, visões de mundo, rede de sociabilidades e traços subjetivos da uma vida em determinado tempo e espaço permite que percebamos rupturas e permanências dos diferentes tempos e espaços em forma de relatos. Segundo Rago (2018), muitos destes têm aparecido em forma de gravações, filmagens e entrevistas realizadas nas últimas décadas. As biografias e as autobiografias produzidas no presente trazem as lembranças de um passado.

Explorar a dimensão da narrativa do/a entrevistado/a é perceber sua construção como sujeito na interação com a experiência vivida no seu grupo social. Trabalhar como esses documentos é movimentar o fazer historiográfico, ampliando as possibilidades de interpretação de documentos gerados no ambiente privado, que também é político, lembrando que: “[...] o exercício do poder político não se limitada ao espaço público [...] tais fontes foram essenciais para evidenciar os contrapoderes exercidos pelas mulheres [...]” (GONÇALVES, 2006, p. 86) no espaço privado.

Parafraçando Rago (2018), que se dedica a escrever histórias de vida de mulheres lutadoras e subversivas, considero que escrever a História das Mulheres é uma forma de subversividade. Fazer relatos sobre si não é uma prática comum e isso é atribuído, segundo a autora, por desvalorizarem suas próprias experiências e por serem “[...] tacitamente convidadas a esquecerem-se de si mesmas [...]” (RAGO, 2018, p. 206).

Por intermédio de um cruzamento desses documentos, destaco momentos que julguei significativos das biografias das professoras Loraine, Maria, Cleci e Heloísa, ao mesmo tempo em que entrelaço com referências das questões de gênero, autobiografia, memória e História das Mulheres. O texto está organizado em subcapítulos, intitulados: “Loraine Slomp Giron: uma tirolesa e avó aventureira”; “Maria Abel Machado e suas Genovevas da vida”, “Cleci Eulália Favaro: um pouquinho peralta” e “Heloisa Délia Eberle Bergamaschi e sua turminha de seis primas”.

3.1 LORAINÉ SLOMP GIRON: “TIROLESA” E AVÓ AVENTUREIRA

Iniciei a produção da biografia da professora Loraine nos dias que antecederam seu falecimento, que aconteceu na manhã fria de 17 de junho de 2021. Um dia triste para a história da cidade e da região que me motivou ainda mais, como historiadora feminista, a buscar biografias dessas mulheres intelectuais e reconhecê-las como historiadoras da História das Mulheres da RCI. A professora Loraine nasceu em 09 de agosto de 1936.

Figura 7 - Professora Loraine Slomp Giron, em 2000.



Fonte: Professora Loraine Slomp Giron, 06/09/2000. Foto: Berenice da Silva. Acervo CEDOC/IMHC/UCS.

Na sua autobiografia disponível em seu livro *Sombras do Littorio: O Fascismo no Rio Grande do Sul* (GIRON, 1994), Loraine define-se como uma menina questionadora, brava e que falava “bestemes”, podemos entender esse termo como palavrões no dialeto italiano e, por esse motivo, era chamada de “tirolesa”. Escolhi esse adjetivo para me referir às primeiras

memórias da professora revividas na entrevista (GIRON, 2006). Ela diz que tinha uma coleção de *bestemes* ou palavras ditas ofensivas.

Segundo a professora Loraine, suas primeiras memórias são de guerra. Ela se refere à Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que relata uma vida tranquila na localidade de Forqueta, uma região rural distante aproximadamente 15km da sede administrativa, ao sul. Após, Loraine relata que foi morar na área central de Caxias para estudar e trabalhar como professora, retornando para o bairro Forqueta depois da aposentadoria e lá permanecendo até seu falecimento.

Nos anos 30 do século XX, Caxias do Sul, segundo Silva (2018), impulsionava seus processos de urbanização em virtude da crescente industrialização do ramo alimentício, vestuário e posteriormente metalúrgico. O autor acrescenta também que em meio a esse processo há a proletarização do/a agricultor/a e do/a artesão/ã. As mulheres que trabalhavam fora de casa eram muito discriminadas, segundo Machado (1998).

No interior de Caxias do Sul, no bairro Forqueta, Loraine nasceu, cresceu e veio a falecer. Em uma de suas entrevistas, comenta que havia muitos parentes da família paterna Slomp, por isso, teve maior contato e era uma criança muito livre, que transitava nas diversas casas de parentes. Para Catroga (2015), a memória é uma recordação formada de presente-passado, pois ela é evocada a partir do presente, a memória é a "tessitura da História" (LE GOFF, 1990, n.p). Ao contar a trajetória de vida de seus familiares, Loraine contextualiza também a história regional. Seus avós possuíam uma casa comercial, a família era originária de Trento, na Itália, e fizeram parte da leva de imigrantes que ocuparam propriedades da região no final do século XIX.

Loraine informa, algumas vezes, que sua família era de posses e que era proprietária de uma casa de comércio de produtos agrícolas e de ferramentas. Ela salienta que seu pai nunca trabalhou na terra e que foi estudar, nas palavras da professora: "*...meu avô tinha dinheiro, né, o meu pai, muito cedo, ele começou a trabalhar com meu avô, o meu pai era uma competência de negócios, né, mas deixa isso pra lá.*" (GIRON, 2006, p. 2). Loraine também conta que tinha as tardes livres e muitos livros disponíveis, bem como sua família tinha energia elétrica e rádio, coisa rara para a época. Com a vinda da estrada de ferro, em 1910, estabelecimentos comerciais começaram a ser abertos para escoar a produção agrícola e prestar serviços aos viajantes.

A professora Loraine construiu juntamente com outras mulheres da sua vida: mãe, irmãs e avós, suas primeiras memórias. Lembra que em função da diferença de idade dela e de suas irmãs, sua vida infantil aconteceu em companhia da mãe e de um primo. Aprendeu a ler nas férias com a irmã com quatro anos de idade e nunca parou de estudar.

A professora conta que sua mãe, chamada Dejanira, era infeliz vivendo no bairro Forqueta e preferia a cidade. Ela a descreve como “urbana”, pois trabalhou numa casa comercial quando ficou órfã de mãe, passando a ser cuidada por um tio, irmão de seu pai, ou seja, tio-avô da professora.

Outro ponto que diz respeito às mulheres que Loraine conheceu e conviveu, ela as descreve como mulheres fortes, que trabalhavam feito “condenadas” (GIRON, 2006) além das atribuições esperadas. Entendo, aqui, como atribuições esperadas a lida da casa e dos filhos, além de cuidar dos negócios da família. A professora destaca ainda que sua avó era quem cuidava do caixa da casa comercial e prestava atenção se o marido, avô de Loraine, entregava produtos sem pagamento: “[...] porque minha avó era uma pessoa de cabeça muito boa e ela cuidava, quando meu avô dava produtos de graça [...]” (GIRON, 2006, p. 2).

Loraine descreve sua avó, Virgínia Laim, como imigrante italiana, que veio alfabetizada e que conduzia os negócios da família e tinha ambições, a isso ela justifica a origem suíça. Nas palavras de Loraine: “Então, eu convivi com essas mulheres muito fortes, que não constituíram, em absoluto, um matriarcado, mas que dominavam o lar, né, dominavam a vida interna.” (GIRON, 2006, p. 4). A professora Loraine deixa visível a descrição da força feminina na pequena propriedade e nos negócios da sua família de origem imigrante, esse espaço da “vida interna” nos remete ao espaço privado, espaço social legitimado para as mulheres pelo patriarcado. A historiadora destaca que o trabalho das mulheres imigrantes na pequena propriedade extrapolava o espaço privado, porém, não era reconhecido e valorizado.

A professora Loraine foi, dentre as professoras do estudo, a que foi mais reconhecida publicamente. Recentemente, em função de seu falecimento, o Pioneiro¹¹ trouxe uma reportagem sobre a história de vida, bem como, uma entrevista que a docente reflete sobre a história do município de Caxias do Sul e a identidade do caxiense. A professora recebeu o Voto de Congratulações, a Medalha Monumento Nacional ao Imigrante e foi reconhecida como Cidadã Emérita. Na segunda reportagem, disponibilizada também pelo Pioneiro¹², em sua homenagem, há depoimentos de familiares, ex alunos/as e colegas. A professora publicou em vários jornais da época textos sobre suas pesquisas, há também diversas entrevistas e suas

¹¹ MEMÓRIA, Pioneiro. **Como Loraine Slomp Giron via os costumes e personagens de Caxias do Sul.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2021/06/como-loraine-s-lomp-giron-via-os-costumes-e-personagens-de-caxias-do-sul-ckq19o8w9007n0180gkmtct0o.html>. Acesso em: 08 nov. 2023.

¹² MEMÓRIA, Pioneiro. **Loraine Slomp Giron, a historiadora que virou Cidadã Emérita de Caxias do Sul.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2021/06/loraine-slomp-giron-a-historiadora-que-virou-cidada-emerita-de-caxias-do-sul-ckq1jmuf600bi018my9gpyo9g.html>. Acesso em: 08 nov. 2023.

reflexões se fazem presentes em datas comemorativas ou que marcam a história nacional, regional e local.

No que se refere à formação intelectual, encontramos a citação: “*Bom, quando me deram a chave da biblioteca...[...]*” (GIRON, 2006, P. 05) A professora Loraine, que ao ser questionada sobre a origem do interesse em estudar, principalmente, História, deixa claro que o conhecimento ou a chave da biblioteca foi um divisor de águas em sua vida. Loraine inicia a docência por convite, primeiramente, do Colégio São José, pois naquela época, havia escassez de professoras formadas. Sobre as representações de ser professora num contexto regional com forte influência religiosa e patriarcal, segundo Louro (1997), podemos esperar que mulheres mais instruídas poderiam ser uma ameaça, por isso, escapavam das representações esperadas de si mesmas: “Isso poderia levá-las a uma outra representação: à de mulher-homem.” (LOURO, 1997, p. 469). Uma postura séria para demarcar os espaços de autoridade era necessária para exercício da docência.

Em 1961, Loraine foi convidada para dar aula na Faculdade de Filosofia, que segundo a historiadora Eliana Gasparini Xerri (2012), foi criada pela Mitra Diocesana, em 1960, e funcionava nas dependências da Escola Normal São José. Em 1962, foi convidada para assumir um contrato com o Estado (RS), na escola Cristóvão de Mendoza, onde permaneceu por 11 anos lecionando História e Geografia. Em 1967, segundo Rodrigues (2015), no curso de História, da Universidade de Caxias do Sul, que permaneceu até sua aposentadoria, em 2010.

Segundo a professora Loraine, ela sofreu perseguições e congelamentos, principalmente, depois da Revolução de 1964. A professora se refere à perseguição enfrentada pelos/as professores/as durante a Ditadura Civil Militar que iniciou em 1964 através de um golpe. Relata, inclusive, que foram anos difíceis, pois sofreu entregas, relatórios semestrais para o Quartel. Nas palavras dela: “*Foi um verdadeiro desastre intelectual trabalhar com a Revolução*¹³” (GIRON, 2006. p. 08). Sobre as mulheres e os regimes totalitários no Cone Sul, Wolff, Pedro e Silva (2017) ressaltam que nos anos 1960 e 70 do século XX, as mulheres participaram de movimentos políticos, culturais e sociais e que as configurações de gênero foram constantemente marcadas. Loraine, assim como outras mulheres, são: “[...] narradores legitimados por determinados assuntos, os lugares de locução e os acontecimentos pelos quais se marca o tempo na narrativa.” (WOLFF; PEDRO; SILVA, 2017 p. 58). Podemos fazer uma

¹³ A autora utiliza o conceito de “revolução” para definir o golpe militar de 1964 que implicou no início da Ditadura Cívico Militar no Brasil. Historiadores/as contemporâneos defendem que o evento de 31 de março de 1964 se trata um golpe de Estado, pois foi retirado um presidente eleito pelos membros das Forças Armadas com o apoio massivo da classe média brasileira.

aproximação com a situação vivida pela professora como intelectual e historiadora, pois os Anos de Chumbo foram sentidos pela intelectualidade. Segundo Louro (2018), os setores conservadores da cidade entraram em conflitos com o movimento sindical, esses conflitos geravam discussões ideológicas acaloradas e a então Operação Limpeza perseguiu, prendeu e interrogou professores/as da Universidade, conforme apresenta Rodrigues (2015).

A professora Loraine relata sobre a formação do Arquivo Municipal João Spadari Adami e seus primeiros movimentos juntamente com outras pessoas foi para salvar a documentação que estaria com risco de ir para o lixo. Os esforços do grupo são descritos pela professora, assim como as solicitações às autoridades locais para a preocupação em salvaguardar a documentação da Prefeitura da cidade de Caxias do Sul e papéis esquecidos de empresas e cooperativas da região. Destaco o protagonismo da professora Loraine na preocupação com a memória local, corroborando sua importante mediação cultural exercida como docente e historiadora.

Loraine Slomp Giron, ao longo de seu itinerário, construiu suas experiências de vida, de docência e de ativismo, por meio das categorias de análise que escolhi para inserir sua experiência num contexto regional. Ferreira (2012) destaca que para historiadores falarem sobre si parece desafiar os referenciais clássicos afastados da subjetividade. Sua identidade como historiadora, neta de imigrantes italianos, e seus relatos autobiográficos acabam transformando-se em um valor único de experiência. Ao narrar por intermédio da autobiografia e entrevista, revela-se uma professora apaixonada pelo ensino, amargurada com a experiência da repressão, crítica da formação confessional e preocupada com a memória da cidade e da região.

A professora Loraine também traz um elemento desafiador da memória das mulheres, seu esquecimento por parte dos filhos. Nas palavras dela, em parceria com a professora Heloisa: “Negativa por parte de alguns filhos de fornecer dados sobre suas mães, pedindo inclusive que não fossem elaboradas as suas histórias de vida.” (GIRON, BERGAMASCHI, 1997, p.16). A mesma dificuldade pode ser percebida nas muitas tentativas de contato com parentes da professora Loraine, busquei contato com seus filhos, o mais novo foi meu colega de Graduação em História, no final da década de 1990, e hoje também é professor de História e foi vereador na cidade, mas, atualmente, não está em cargo representativo; o segundo é jornalista e mora no Sudeste. Os dois filhos se propuseram a responder o questionário, em um primeiro momento, perguntaram a finalidade e concordaram, depois, o mais novo, sugeriu que o mais velho o fizesse, mas não recebi retorno de nenhum deles. Posteriormente, fiz contato com a professora Jordana, esposa do neto de Loraine, por intermédio de uma colega, que aceitou participar de minha pesquisa.

O questionário respondido pelo neto da professora foi uma surpresa, pois eu estava convencida de que não receberia devolutiva por parte de seus familiares e, de certa forma, concordando com a avaliação dela mesma quando afirmou que na ocasião em que buscava os descendentes das mulheres proprietárias, encontrou um silenciamento dessas histórias de vida, documentos eram queimados, objetos partilhados e o apagamento da memória ou uma memória construída somente de méritos.

Jerônimo, o neto, ao ser questionado sobre como é ser neto da professora Loraine, destaca que além da avó amorosa, foi sua mentora intelectual, ela o incentivou a adentrar no mundo da Literatura Brasileira desde muito cedo. Destacou também que há dezenas de escritas distribuídas em mídias digitais, pois a avó era adepta à tecnologia, ele se refere ao Blog, que já mencionei, além disso, Jerônimo destacou que a professora deixou um trabalho pronto sobre os sindicatos dos tecelões de Galópolis.

Nos últimos tempos de vida, Jerônimo ressaltou que a avó estava lendo biografias, romances estrangeiros e Filosofia, pois segundo ela mesma, precisava se atualizar. Sobre a pesquisa com o tema História das Mulheres, Jerônimo salienta que acompanhou o processo de elaboração da obra *Mulheres Proprietárias* de Giron e Bergamaschi (1997), pois a avó dividia com ele seus resultados de pesquisa, além disso, as reflexões colocadas pela professora na sua obra, surgem de dentro da família.

Jerônimo diz que a avó era avessa à fotografias e que esta, a seguir, foi conseguida com a ajuda de um drone:



Fonte: Arquivo Pessoal de Jerônimo Giron (Caxias do Sul, 2022).

No livro *Espaços de Memórias: O envelhecer, a finitude e as conquistas*, da autora Helena Maria Rizzon Mariani, a professora deixa seu testemunho enquanto mulher idosa. Com essa entrevista, pude destacar o teor de sua vida e obra como forma de pensar a vida, a velhice e a morte. Mariani inicia o capítulo, cujo título é o nome da professora, juntamente com uma fotografia de uma mulher idosa e séria e uma frase. Sua escrita começa dizendo que “[...] os encontros com a Professora Loraine são sempre uma surpresa [...]” (MARIANI, 2010). A autora lembra que esse era o segundo encontro, pois os primeiros dados coletados haviam sido perdidos por falha do gravador. A entrevista foi transcrita na íntegra, segundo a autora, e está dividida em temas: “Envelhecer”, “Ter ou ser”, “Tecnologias Contemporâneas versus finitude humana” e “Velhice é uma conquista: razão e emoção”.

Para Cabral (2005), o controle cronológico foi consolidado na modernidade e é imposto a toda a sociedade e define a identidade dos sujeitos. A professora Loraine entende que a velhice e a morte são inerentes à vida e que é um exercício de conformar-se com a situação, percebe-se como uma velha privilegiada por não ter que pedir autorização e nem cuidar de mais ninguém, pois a velhice desobriga certos cuidados como a maternidade. Com base nas colocações da professora, parafraseando Lima (2005):

Cumprida uma etapa da vida marcada pela reprodução (colheita finda) e obrigações familiares (os filhos/frutos no cesto tão mais maduros), a chegada da velhice é a porta para liberdade quase sempre até então desconhecida pelas mulheres, cujo prazo é curto, haja vista a proximidade da morte. (LIMA, 2005, p. 47).

A professora encarou a velhice de uma forma consciente, foi o tempo que ela pôde fazer o que sempre gostou de fazer: observar o mundo, estudar as relações entre as pessoas historicamente e escrever. Ela reforça que está conectada no mundo digital, avaliou a humanidade como resultado de processo histórico, criticou o neoliberalismo e os padrões de vida e de comportamento impostos na sociedade para negar a velhice.

Em seu Blog, a professora Loraine avaliou as tecnologias digitais como facilitadoras ao acesso a livros, possibilitando a elaboração de gráficos e tabelas de dados com precisão, além da comunicação imediata com pessoas distantes. Para ela, o mundo virtual é um ectoplasma do mundo real, que dentro do contexto de capitalismo, ela chamou de “Novo paraíso do consumo” (GIRON, 2023).

Apresento na sequência a biografia da professora Maria Abel Machado, buscando delinear também sua história de vida.

3.2 MARIA ABEL MACHADO E SUAS “GENOVEVAS DA VIDA”

A professora Maria Abel Missel Machado foi uma historiadora que nasceu em 08 de dezembro de 1935, em Caxias do Sul, e faleceu em 13 de agosto de 2004. Após seu falecimento, seu acervo pessoal foi doado a AHMJSA e oferece muitas possibilidades para a pesquisa sobre a História das Mulheres e sobre a História da Educação da RCI. Para Gonçalves (2006, p. 85), “A emergência do campo da história das mulheres contribuiu por revelar potencialidades das fontes documentais ditas oficiais para o estudo do feminino e das relações de gênero na História, revalorizando-as.”

O entrevistador era Carlos Iotti, um cartunista e criador de personagens satíricos que representam os/as imigrantes italianos/as, Iotti utilizou o dialeto Vêneto para fazer a abertura do quadro. O referido programa tem cunho humorístico. Além da entrevista, acessei o acervo pessoal da historiadora e utilizei a expressão “Genovevas da vida”, pois foi assim que o entrevistador nomeia as mulheres. As mulheres também são objeto de pesquisa da professora Maria: “*Tu estudou as Genovevas*” (MACHADO, 1998, p. 3), que apresentarei na sequência desta seção. O termo “Genovevas” representa, naquele contexto, uma referência às mulheres imigrantes italianas e suas descendentes e são, aqui, as mulheres que a professora Maria pesquisou na produção intelectual sobre as trabalhadoras de Caxias do Sul.

Seu acervo pessoal forma um conjunto de ego-documentos que revelam as várias facetas da intelectual, uma Maria jovem estudante, muito religiosa, zeladora da documentação da família, colecionadora de cartas, cartões e convites, infinitos manuscritos, alguns indecifráveis,

outros muito curiosos. Fotografias de diferentes idades, poses e olhares revelam o itinerário da intelectual historiadora na escrita da História das Mulheres da Região, nos anos 90 do século XX.

A biografia da professora Maria Abel era desconhecida por mim, por isso, encontrar seu acervo pessoal foi muito significativo. A professora trabalhou na coordenação do Curso de História e da Especialização em História da América Latina, da Universidade de Caxias do Sul. Fez importantes pesquisas sobre a História das Mulheres caxienses, sendo reconhecida como Cidadã Caxiense, assim a professora Maria Abel foi mediadora intelectual. Para Gomes e Hansen (2016, p. 24): “[...] os intelectuais estão sempre imersos nas sociabilidades que os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espaço.” A professora parecia saber que alguém procuraria seu acervo, pois deixou tudo muito organizado para que eu a encontrasse. Para Artières (1997, p.4): “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” Assim, a professora Maria, ao arquivar a própria vida, construía-se a si mesma enquanto mulher, filha, dinda, tia e professora.

Durante a graduação em História, não ouvi falar no nome da professora, apesar do vasto material que produziu, das aulas e palestras que ministrou, da formação de professores/as que conduziu. No que se refere à tipologia documental apresentada por Cunha (2019), o acervo da professora Maria divide-se em documentação pessoal: cartas, cartões, bilhetes, anotações sobre si, poemas, santos católicos, orações e novenas, destas destacam-se convites de formatura, de casamento e para eventos culturais, cartas de estudantes, de amigos/as, de namorados, cartões de felicitação pela defesa da dissertação e da tese, pelos aniversários. Também há correspondências: ofícios de instituições como Delegacia de Educação, Prefeituras Municipais, Universidades entre outras instituições e produções intelectuais, como artigos publicados, tese, dissertação, anotações, planejamento de aulas, fichas de leitura, atas oficiais e cópias, *folders* de eventos, mapas, textos científicos sobre o tema da história da imigração italiana, entrevistas de mulheres trabalhadoras da região, entrevistas com empresários locais e cadernos de anotações da mãe e do pai.

Ainda, encontramos a Série Jurídico-Administrativo com: documentos pessoais, requerimentos, certidão de nascimento, de casamento e óbito do pai e da mãe, número de Registro Civil, passaporte, Carteira de Trabalho, documentos de veículos, entre outros. Recortes de Jornal: reportagens de jornais locais com aparições da professora em eventos, reportagens sobre acontecimentos envolvendo a Universidade de Caxias do Sul e a história

regional. Fotografias e Postais também foram encontradas: fotografias da cidade de Caxias do Sul, fotografias 3x4 da autora e de sua mãe, postais enviados de outros países.

Para Gonçalves (2006), a produção da historiografia, quando se atentou que o espaço privado era o espaço das mulheres, buscou-se, primeiramente, nos registros demográficos, dados estatísticos que propuseram uma leitura social desses documentos, produzidos pelo poder público estatal ou não. Esses documentos guardados pela professora podem convergir com conceitos de gênero, de classe e de raça, ao mesmo tempo que entrelaçam com a História das Mulheres.

A diversidade do acervo da professora evidencia uma prática da elite letrada, com ego-documentos minuciosamente catalogado e organizado que guardam uma história de vida individual e que se liga com outras: de seus familiares, de seus/as estudantes, de seus/as amigas e de seus amores, cabendo aqui a tarefa de interpretar essas fontes. Vale ressaltar que “[...] grande maioria desses documentos apresenta-se enriquecida com anotações pessoais que permitem variadas leituras, notadamente no âmbito dos estudos e pesquisas para a História da Educação” (CUNHA, 2019, p. 21).

Os documentos da professora constituem-se como um acervo, pois, para Cunha (2019, p. 19): “O acervo reunido por uma pessoa ou por uma instituição, por conta das suas atividades realizadas no decorrer de sua existência, é chamado de acervo reunido em função das diversas atividades realizadas por quem os reúne.” O acervo da professora Maria é composto por documentos escritos e imagens, é manuscrito, datilografado, digitalizado e impresso. Atualmente, descansam sossegados em caixas de papelão, pastas de todos os tipos e cores, sacos plásticos, envelopes de papel pardo, ofício e Flor Post.

No que se refere à biografia da professora, a história de família e a formação acadêmica, destaco a autobiografia manuscrita, apresentada de forma breve e em itens, que encontrei na Unidade de Memória (MACHADO, 1990-2000), nela há a descrição de sua mãe e de seu pai, bem como a cronologia de sua trajetória intelectual.

A professora descreve sua mãe, Conceição Brustolin Abel, como descendente de imigrantes italianos, foi criada pelo pai, de forma rígida, dentro da moral católica. Tornou-se professora municipal de “Primeiras Letras”. No acervo de Maria, há cadernos de registros de aulas da mãe, de quando era professora, há também cadernos manuscritos com contos sobre a imigração e muito material religioso (santinhos, novenas, lembrancinhas de falecimento).

Sobre o pai, Francisco Abel, a professora Maria o descreve como sendo descendente de imigrantes alemães por parte de pai (avô de Maria) e lusa, indígena e alemã, por parte de mãe (avó de Maria). Maria observa que o pai nasceu no interior do estado de Santa Catarina, era

filho de agricultores pobres e migrou para Caxias do Sul para trabalhar na Fundação da Metalúrgica Eberle. Nesse ponto, nossas histórias convergem, pois meus pais também migraram para Caxias do Sul para trabalhar na tal metalúrgica.

Em cinco folhas de ofício manuscritas, a professora Maria descreve de forma linear e objetiva acontecimentos de sua vida. Fala da infância: “*muito simples e sem brinquedos e roupas bonitas*” (MACHADO, 1990/2001); destaca sua formação primária no Colégio São Carlos como “*particular e religiosa*” (MACHADO, 1990/2001), entrando no segundo ano do primário em 1944. Salta para o início do ano de 1950, então, com 14 anos de idade, quando, em um acidente, com uma máquina, perdeu a ponta do dedo da mão direita na Metalúrgica Eberle, motivo de um “grande complexo”.

A professora escreve também que no ano do acidente, voltou a estudar e que o trabalho era “*difícil e com injustiças*” (MACHADO, 1990/2001). No mesmo ano em que inicia o Técnico em Contabilidade no Colégio São Carlos, passa a trabalhar como telefonista na empresa Mosele. A professora Maria fez parte de uma geração de meninas que apesar de ter que começar a trabalhar cedo, pode também estudar, como observa:

Um bom exemplo ressaltado pela historiografia é o da história da educação. À constatação de que o professorado era composto, em sua maioria, por mulheres e de que sobretudo essas, às quais se facultou o acesso à educação formal - cujo grau máximo, pelo menos no Brasil até as primeiras décadas do século passado, era da Escola Normal - exerciam um tipo escrita típica do espaço privado, como diários, cartas, memórias, biografias [...] (GONÇALVES, 2006, p. 87).

Na foto a seguir, nota-se uma jovem mulher de cabelos e olhos castanhos escuros, o cabelo de corte médio, que usou até seu falecimento.

Figura 9 - Professora Maria Abel Machado jovem



Fonte: Professora Maria Conceição Abel, sem data. Autoria não identificada. Acervo Arquivo Pessoal AHMJS/Caxias do Sul (1976-2021). Digitalizado por mim (2021).

A busca pela qualificação da professora foi um divisor de águas em seu itinerário, pois este movimento a levou a procurar melhores oportunidades de trabalho e de renda. Minha história de vida tem muita relação com a da professora Maria trabalhou na indústria caxiense, assim como minha mãe, Carmen, que também teve a ponta do dedo decepada numa prensa da empresa Eberle, anos mais tarde.

Em 1956, segundo a autobiografia (MACHADO, 1990/2001), Maria Abel foi trabalhar na Alfred, empresa da família Kalil Sehbe e, no ano seguinte, concluiu o curso Técnico em Contabilidade. No final do ano de 1959, prestou vestibular para o curso de História, colou grau em 1964, mesmo ano que teve um contrato com a Escola Cristóvão de Mendoza.

Aconchegada em um sofá macio com olhar perdido, descansa a historiadora Maria Abel na década de 1980.

Figura 10 - Professora Maria Abel Machado



Fonte: Professora Maria Conceição Abel, década de 1980. Autoria não identificada. Acervo CEDOC/IMHC/UCS (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2021).

A professora Maria observa que foi docente somente no primeiro ano e, até 1973, foi assistente administrativo, trabalhando em direção escolar. Nesse mesmo ano, passou a ser docente da Universidade de Caxias do Sul com a disciplina de História Moderna. Em 1974, passou a dedicar-se à docência e assumiu o cargo de Chefe de Departamento e Coordenação de Cursos de Graduação e de Pós-graduação. Em 1978, foi cedida para a Universidade de Caxias do Sul. Em 1992, começou a trabalhar com pesquisa e no ano seguinte, defendeu o mestrado.

Maria era filha de migrantes pobres e trabalhadores, inicialmente, inclinou-se a entrar no mercado de trabalho. Nesse espaço, percebeu as injustiças cometidas contra as mulheres. De 1956 a 1973, ela trabalhou na indústria têxtil, prestando serviços de contadora. No seu arquivo pessoal, podem ser localizados materiais sobre a empresa Alfred, portanto, ela conhecia, na

prática, o trabalho das mulheres na indústria têxtil caxiense. Maria foi uma mulher operária antes de se tornar professora.

Na autobiografia da professora Maria Abel (MACHADO, 1990/2001) há também outras informações referente ao seu casamento e a personalidade do pai e da mãe, ela também avalia suas escolhas no sentido de que dedicar-se aos estudos teria dificultado o matrimônio. Segundo seu relato, optou por morar sozinha no início da década de 1980 e seguiu estudando. Sobre seu itinerário de formação vou aprofundar no capítulo 5.

Nas imagens a seguir, podemos observar uma Maria Abel estudante. A formação das meninas da elite e da classe média era voltada para serem boas donas de casa, esposas e mães, por isso, suas atividades tinham que ser de turno para poder conciliar seu papel de mulher no seio da família. A máquina de escrever, a máquina de costura eram objetos que poderiam render sustento da família, ao mesmo tempo que não retiram a mulher do espaço privado.

Figura 11 - Carteira de identidade estudantil de Maria Abel



Fonte: Carteira de identidade da professora Maria Abel, datada em 1935. Foto digitalizada por mim, 2021. Disponível no acervo do AHMJS (CAXIAS DO SUL).

Figura 12 - Carteiras de frequência estudantil



Fonte: Carteiras de frequência estudantil, datada em 1935. Foto digitalizada por mim, 2021. Disponível no acervo do AHMJSA (CAXIAS DO SUL).

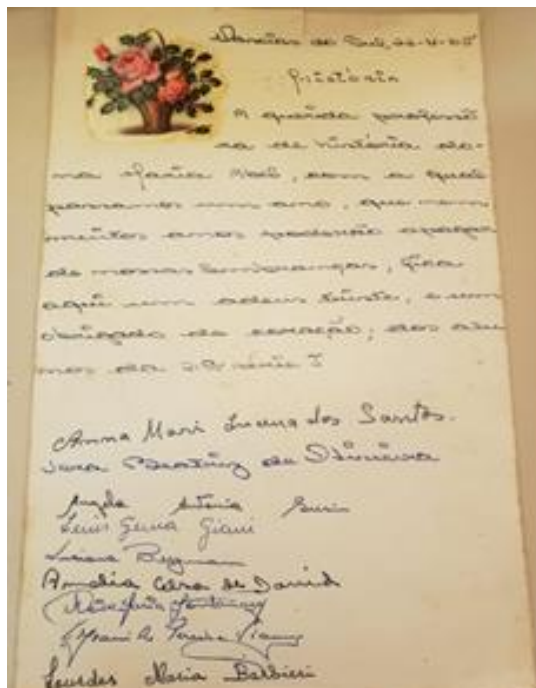
Louro (1997) aponta que, nas últimas décadas do século XIX, a modernização da sociedade exigiu o acesso das mulheres à educação. Nas primeiras décadas do século XX, entre os anos de 1920 a 1960, conforme Luchese (2016), em Caxias do Sul, havia escolas particulares confessionais, étnicas italianas rurais e urbanas, municipais e estaduais. Na fotografia, podemos nos reportar para aquela época dos primeiros anos de escola da professora, a figura 12 é uma carteira de frequência de um dos diversos cursos realizados ao longo de sua vida, como o de datilografia, os cursos de culinária, de corte e de costura e o de agente sanitário.

A juventude de Maria Abel aconteceu nos anos 1950, em que o ideal de mulher era definido tendo como determinante papéis femininos tradicionais. Segundo a historiadora Carla Bassanezi (1997), assim podemos perceber que a busca por cursos vinculados aos cuidados com o lar ou com o outro tem como objetivos conduzir as mulheres a serem excelentes donas de casas, esposas e mães. Essas eram as atividades que a sociedade da época esperava das jovens como a professora.

Nas figuras a seguir, temos uma carta de um grupo de estudantes que a professora Maria Abel recebeu em 1965, a mensagem revela que era tratada de forma carinhosa pelos/as seus estudantes, como por exemplo: “*A querida professora de história dona Maria Abel...*”

(MACHADO, 1990/2001). A fotografia da esquerda é a caderneta escolar do curso de contabilidade do Colégio São Carlos.

Figura 13 - Carta manuscrita por estudantes



Fonte: carta de estudantes enviada à professora em 1965, digitalizada por mim, 2021. Acervo do AHMJS (CAXIAS DO SUL).

Figura 14 - Caderneta Escolar de Maria Abel



Fonte: Caderneta Escolar do Colégio São Carlos, denominada "Escola Técnica do Comércio", digitalizada por mim, 2021. Acervo do AHMJS (CAXIAS DO SUL).

Na figura 15, que consta a seguir, encontramos algumas das inúmeras lembrancinhas e cartões de felicitações que a professora recebeu ao longo dos anos. Na figura 16, são cartas recebidas. Para (GONÇALVES, 2006, p. 99): “Juntamente com as autobiografias, as cartas e os diários compõem um subgênero conhecido como ‘literatura o íntimo”. Há muitas cartas de amor, com uma caligrafia bem confusa em português e em espanhol, além de cartas infantis de uma sobrinha e de cartas de amigos e amigas de diferentes países.

Figura 15 - Cartões, lembranças de nascimentos de Maria Abel



Fonte: lembrancinhas e cartões recebidos pela professora, ambas digitalizadas pela pesquisadora, em 2021. Disponível no acervo do AHMJSa (CAXIAS DO SUL).

Figura 16 - Cartas manuscritas recebidas por Maria Abel



Fonte: cartas recebidas pela professora, ambas digitalizadas por mim, em 2021. Disponível no acervo do AHMJS (CAXIAS DO SUL).

As “Genovevas” da vida de Maria eram as mulheres operárias de Caxias do Sul. Além de inúmeras entrevistas de mulheres, no ego-documento da historiadora, há também fichas de leitura, que estão distribuídas ao longo das caixas.

A professora Maria é lembrada pela sua ex-aluna, hoje professora da Universidade de Caxias do Sul, com uma professora muito séria e elegantíssima, na forma de se portar e se vestir, sempre maquiada e bem vestida. Segundo Eliana Rela (RELA, 2023), a professora Maria utilizava como roteiro para as aulas fichas brancas de papel com o conteúdo, ela passava a manhã toda seguindo as fichinhas e caminhando na sala de aula entre os/as estudantes. Seguidamente, a professora conferia as fichas para ver se havia esquecido algo referente ao conteúdo, a fala dela não era tão espontânea e muito séria e, às vezes, precisava repreender a turma, mas sempre de forma muito educada e elegante.

Eliana também lembra que a professora Maria tinha um conhecimento muito grande, bem com vivências específicas sobre os países da América Latina, disciplina que ministrou na Graduação e na Especialização. Ela descrevia os locais, a geografia e a cultura com riqueza de detalhes, buscando referências críticas, utilizando bibliografias de cunho materialista para embasar suas críticas em relação à dependência econômica da América Latina em relação às potências europeias e dos Estados Unidos. A professora Eliana achava muito interessante e procurou seguir alguns passos, jeitos e formas de conduzir as aulas que lhe serviram de inspiração para se tornar docente.

Nas seções seguintes deste capítulo, escrevi a biografia das professoras Cleci e Heloisa, observando que com elas foi possível fazer entrevistas e conviver um tempo, o que foi importante para a pesquisa.

3.3 CLECI EULARIA FAVARO: “UM POUQUINHO PERALTA”

Conhecer a professora Cleci foi muito gratificante, ela é uma mulher linda, alta, cheia de vida e bem humorada. Hoje, ela dedica-se ao artesanato, às leituras, às filhas e aos netos, não nessa ordem. Passamos algum tempo juntas por ocasião da entrevista, almoçamos e caminhamos tranquilamente pelo bairro calmo e tradicional que mora, com casas com belos jardins e condomínios afastados da rua estreita e arborizada. Estava muito calor em Porto Alegre, fui de ônibus e em função da pandemia estávamos de máscara. Durante a conversa, eu segui o roteiro que tinha planejado, foi um dia muito agradável. Apesar das preocupações da pandemia, a postura da intelectual de muitas facetas não pode ser resumida em um texto, por isso, construí essa narrativa histórica com as memórias de uma ex-aluna, a professora Eliana Rela.

A partir dos documentos disponibilizados, eu organizei a seguinte estrutura: infância e juventude e os processos de educação da professora; docência e pesquisa da professora Cleci; processo de educação que transitaram na infância, juventude, docência, reflexões sobre a família; o acesso à escolarização e escolha pela profissão; a crítica a história positivista; pessoas que influenciaram sua formação, bem como sua atuação enquanto intelectual orgânico; seu percurso na temática da História das Mulheres; e memórias afetivas que possam permitir conhecer melhor experiências e escolhas da professora. Neste momento, trago algumas reflexões da entrevista da professora Eliana Rela, que foi sua aluna. Foi por intermédio da professora Eliana que eu conheci a professora Cleci, por isso, considero-a uma inspiração na composição desta biografia.

A fotografia a seguir foi enviada por *WhatsApp* pela professora, na ocasião, Cleci estava comemorando o aniversário de 88 anos da irmã, Lija Favaro de Brum. Para iniciar, vou apresentar a fotografia dos dias atuais, para que possamos pensar nas representações da figura.

Fotografia 17 - Professora Cleci Eulália Fávoro e sua irmã Lija Favaro de Brum no aniversário de 88 anos de Lija



Fonte: Fotografia enviada por WhatsApp pela professora Cleci Eulália de Favaro, segundo ela, a fotografia é do dia 25 de setembro de 2021 (PROFESSORA CLECI, 2021).

A fotografia foi tirada em uma cozinha, com uma geladeira, uma mesa e cadeiras, uma caixa de jogo de panelas e com uma janela de vista arborizada e cortinas que permitem o contraste com o verde e as mulheres. Cleci veste uma blusa tigrada, sua mão sugere que ela estava falando ou segurando algo, não sabemos. O que sabemos é que a foto foi em ocasião do aniversário da irmã, percebemos duas mulheres abraçadas com sorriso nos lábios. Duas mulheres com mais de 80 anos de idade, no século XXI.

As memórias da professora Cleci, segundo ela, são misturadas. Nasceu em 20 de dezembro de 1941, em Caxias do Sul, passou a infância vivendo no centro da cidade. Descreve-se como uma menina inquieta e leitora voraz. Observa que apesar de ser peralta, não subia em árvores e queria ser bailarina. Aos oitos anos, começou a estudar piano, sempre que podia, andava de bicicleta pelos arredores da cidade. Observa que a criação do irmão foi diferente da sua, por ser menina, a dela era mais rígida. A professora Cleci teve oito irmãos e irmãs, três morreram ainda pequenos.

A professora Cleci Eulália é uma historiadora gaúcha, natural de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Segundo seu currículo lattes¹⁴:

¹⁴FAVARO, Cleci Eulália. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 08 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9442030800009311>. Acesso em: 08 nov. 2023

Possui Graduação em História pela Universidade de Caxias do Sul - UCS (1964), Graduação em Música (Piano) pela Universidade de Caxias do Sul - UCS (1963), Mestrado em História da Cultura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (1984) e Doutorado em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (1994). Tem experiência em docência, especialmente em História Contemporânea, e dirige sua investigação para questões voltadas para as migrações, para a imigração e cultura italiana no Brasil, para a problemática do trabalho, para a história das mulheres e para os estudos de gênero.

Sobre a formação escolar, a professora Cleci destaca que entrou no Jardim de Infância com 04 anos, no Colégio São José, em Caxias do Sul, pois morava próximo, assim que se mudou com a família, foi estudar no Grupo Escolar Emilio Meyer, onde permaneceu até a 5ª série. A historiadora avalia sua experiência na educação básica: “*Posso dizer que foi uma experiência normal. Nunca fui aluna brilhante, mas não podia (nem queria, claro) ser reprovada*” (FAVARO, 2022). O hábito da leitura era praticado pela professora desde muito jovem, foi na juventude que conheceu os clássicos da literatura.

A professora Cleci seguiu seus estudos optando pelo curso de Magistério e, para isso, prestou o Exame de Admissão na Escola Normal Duque de Caxias, concluiu o Ginásio e o Magistério e o curso de História não era seu objetivo, sua predileção era pela Geografia.

A fase juvenil da professora Cleci foi marcada por leituras, aulas da escola e de piano, assim como o posicionamento crítico em relação ao ensino da História Positivista faziam com que a jovem não gostasse da disciplina. Nas palavras dela: “*O estudo da História naqueles moldes, a História chamada Positivista, para mim era uma tortura; então lembro que concluí a quarta série do Ginásio com média 5,05, nem era 5,1*” (FAVARO, 2022, p. 3).

Ao mesmo tempo em que foi me contando sobre as primeiras lembranças escolares, destacou que além do pai, o irmão que induziu a outros temas. Nas palavras da professora:

Mas quando ingressei no Curso de Magistério, meu irmão mais velho, meu “mentor intelectual”, começou a chamar minha atenção para outros livros, outros gêneros, outros temas. Ia com ele conhecer museus, assistir a bons espetáculos musicais e teatrais, conferências na Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco (FAVARO, 2022, p.4).

A professora contou-me também que seu método de aprender era estudar em voz alta para se preparar para as provas escritas e orais e quem a acompanhava era a sua mãe, isso aconteceu até o fim da graduação. Em fins de 1959, estava sendo criada a Faculdade de Filosofia, em Caxias, e segundo a professora, eram oferecidos os cursos de Pedagogia, Filosofia e História e pela afinidade com a Geografia, decidiu cursar História. A primeira experiência com docência iniciou na primeira metade da década de 1960, na Escola da Cooperativa São Pedro, em Flores da Cunha, depois, tornou-se professora no Colégio Estadual Cristóvão de Mendoza.

Em virtude do casamento, mudou-se para Novo Hamburgo, na região metropolitana, e assim, passou a fazer contatos com colegas formados na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), fato que a incentivou a buscar o curso de Especialização em História Contemporânea na UNISINOS. A pesquisa da professora foi sobre o movimento operário na indústria de Caxias do Sul, que, segundo ela: “[...] permitiu trazer à luz um tema pouco conhecido numa história de Caxias que enaltece o papel do imigrante italiano, ‘corajoso, destemido e empreendedor’” (FAVARO, 2022, p.4).

A professora Cleci atribui às exigências de formação escolar como um ponto marcante da educação dada pela família, principalmente, pela mãe, que mesmo com pouca instrução, exigia que as filhas fossem para a escola, pois acreditava que as mulheres também precisavam acessar a educação. A mãe da professora não é nomeada durante a entrevista, ela salienta que as lembranças maternas são de sofrimento, pois sua mãe ficou órfã muito cedo e precisou cuidar dos irmãos menores, teve responsabilidade de mulher adulta, apesar de ainda ser uma menina.

A mãe da professora fez parte da primeira geração dos descendentes de imigrantes italianos. Para Pinsky (2012), essa geração do início do século XX acreditava na crença da natureza feminina, sendo natural as mulheres serem destinadas para o casamento e a maternidade. Na segunda metade do século, alguns ensinamentos fora da normativa moral religiosa eram ensinados pelas mães, assim como aconteceu com a mãe da professora Cleci, que reconhecia e cobrava das filhas uma postura diferente, pois o papel feminino deveria ser muito além do que foi imposto à ela. Nos anos 1940, segundo Scott (2012, p. 20). “[...] a população brasileira ultrapassava os 40 milhões de habitantes, mas menos de um terço vivia em áreas urbanas. Mais da metade da população era analfabeta.”

Sobre o pai, a professora Cleci destaca que foi com ele que aprendeu a gostar de ópera e que mesmo sem formação possuía muitas habilidades lógico-matemáticas. Os irmãos tornaram-se engenheiro e contabilista. A irmã casou-se e foi morar no interior, mas quando regressou à capital, matriculou-se na universidade para estudar Letras.

Analisando os dados apresentados por Rosemberg, Pinto e Negrão (1982) sobre a dicotomização técnico-humanística e masculina-feminina, entre os anos 1956 a 1971, podemos observar que os números de matrículas no Ensino Superior em áreas consideradas técnicas, como Engenharias, são, em sua maioria, frequentados por homens; as mulheres ocupam, segundo o estudo, as salas de aula das graduações na área intitulada “Letras, Ciências Humanas e Filosofia”. É evidente a tendência que as mulheres em “escolher” profissões que tem a ação do “cuidar” do outro como principal foco do sujeito que a executa, mas esse cuidar, não é um

cuidar médico, porque a frequência feminina na graduação em Medicina também era tímida. O cuidar que me refiro aqui, é o básico, é o cuidado maternal. Mulheres são moldadas para fazer “coisas de mulheres”, essas ações são atividades que definem como cuidar, orientar e higienizar outros sujeitos. No capítulo 4, pretendo problematizar a formação da mão de obra feminina na região: professoras e enfermeiras.

Ao longo da entrevista, ela reforça a crítica ao positivismo que foi sua base e também marcou o início da formação, bem como o interesse que a levou a aprofundar-se na História das Mulheres, temas que discutirei no capítulo 4. Na entrevista da professora, permanece a crítica à história positivista, seus estudos sobre a Escola de Annales e sua visão de mundo e da História das Mulheres na região.

No ano de 1960, foi quando a professora iniciou a docência, primeiramente, na educação básica, no Segundo Grau, hoje, denominado Ensino Médio e no Ensino Superior, ministrando as disciplinas de “História Geral”, “História Antiga”, “História Medieval”, “História Moderna” e “História Contemporânea”, bem como “História do Brasil”. No ano seguinte, a professora ministrou também as disciplinas de “Educação Moral e Cívica”, no Ensino Médio. De 1978 a 1986, a professora Cleci ministrou aulas no Curso de Estudos Sociais no Centro Educacional La Salle de Ensino Superior, em Canoas, como já foi mencionado, a migração se deu em função do casamento.

A docência foi se constituindo em paralelo com a formação da professora, assim, em Novo Hamburgo, lecionou no Colégio Estadual 25 de Julho, que, segundo a professora, era uma das cinco melhores escolas públicas do Rio Grande do Sul. Trabalhou também no Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini, em Novo Hamburgo, e na Escola Estadual 8 de Setembro, em Estância Velha. Em Porto Alegre, lecionou na Escola Estadual Aparício Borges e, posteriormente, na Escola Estadual Prof. Sarmento Leite, até se aposentar. A professora Cleci destaca que foram quase 28 anos atuando no magistério público estadual.

A pesquisa da Especialização em “História Contemporânea”, realizada pela UNISINOS, gerou um estudo sobre o movimento operário em Caxias do Sul, a dissertação de Mestrado caminhou na mesma linha. Nos estudos, ela percebeu o significativo contingente de portugueses e suas famílias obrigados a emigrar de Portugal para a região vitivinícola do Rio Grande do Sul, ou seja, para Caxias do Sul e região. Nesse momento, identificou a carência de documentação sobre os tanoeiros, trabalhadores especializados em construção de pipas de vinho, buscou os pressupostos da História Oral para dar conta dos elementos necessários para cobrir as lacunas, seu orientador foi o Prof^o. Dr^o René Gertz. Nas palavras da professora: “[...] *No momento em que a vitivinicultura se estabelecia como fator importante na economia de*

Caxias e arredores, a exportação da produção de vinho demandou a presença de operários especializados na produção de barris de madeira.” (FAVARO, 2022, p. 4).

A professora salienta que, aos poucos, foi conhecendo a nova historiografia francesa, a Escola dos Annales de orientação marxista, voltada para a pesquisa de cunho social que causou um entusiasmo imediato, pois como já destaquei, aquela historiografia factual sempre foi motivo de sua crítica. O intelectual é fundamental para a transformação social, assim, a professora como intelectual formadora de outros/as professores/as deixa evidente o anseio em buscar meios para novas práticas educativas, desvinculadas “ao nocivo tradicionalismo tecnocrático, a ideologias androcêntricas e práticas sexistas” (REIS; PASSOS, 2014, p. 150).

Essa narrativa sobre as escolhas metodológicas é confirmada por sua aluna da Universidade de Caxias do Sul, a professora Eliana Relá, que foi sua discente na Graduação em História, em duas disciplinas que ela trazia a Nova História, desconhecida pelos/as então alunos do Curso de viés materialista. A professora Eliana ressalta que a historiadora professora Cleci teve um papel muito importante para esse olhar especial, que a fez ser professora e historiadora, compondo mais uma voz das pesquisadoras que transitam pelos conceitos de gênero e História das Mulheres.

A professora Cleci retornou à Caxias do Sul em 1986 e fez concurso para lecionar na Universidade de Caxias do Sul. Nesse retorno às suas origens, inicia o questionamento sobre o papel das mulheres na RCI, aqui destaco, nas palavras da professora:

[...] afinal de contas, quem são estas mulheres, das quais eu sou um produto? Não só como neta de imigrante italiana, mas como professora numa comunidade de origem italiana, como mãe de meninas ítalo-brasileira/alemãs, essa mescla cultural existindo dentro de casa. Quem são essas mulheres? E no fundo, quem sou eu? Eu sou o produto disso, mas quem eu sou? Até que ponto eu sou Cleci e a que ponto eu sou o produto dessa cultura que existe de onde eu venho? (FAVARO, 2022, p. 4, 5).

Esses questionamentos deixam evidente a formação da intelectual orgânica, partindo de si, como mulher, mãe e professora, numa leitura de contexto social e cultural. O doutoramento foi uma consequência da inquietação, então, a professora procurou entender as mulheres da RCI, seus modos de pensar e agir, suas atitudes e o seu papel no desenvolvimento da região. A tese, que se transformou em livro, foi orientada pelo Prof^o. Dr^o. Brás Aquino Brancato. Sobre o livro, darei ênfase no capítulo 4.

A figura a seguir foi enviada pela professora Cleci nos dias em que eu encaminhei as conclusões da pesquisa, podemos observar seu olhar mesclado com a interferência da luz na lente dos óculos, o mesmo olhar que buscou nas minúcias os indícios da História das Mulheres. E o sorriso, o mesmo que me recebeu.

Fotografia 18 - Professora Cleci Eulália Favaro, em 2023.



Fonte: Professora Cleci Eulalia Favaro. Acervo pessoal digital da professora, 2023.

Cleci acrescenta que também dava aulas no Colégio La Salle à noite. Trabalhou na Universidade de Caxias do Sul de 1986 a 1990, quando passou a ser docente na UNISINOS, no Curso de História, até 2007. Ela destaca que sua experiência na educação foi rica e gratificante, pois lecionou para alunos desde a alfabetização até a orientação de teses de doutoramento. Avalia que tudo que fez, foi feito com muito cuidado e dedicação.

A professora Eliane Rela, em entrevista (RELA, 2023) destaca o estilo arrojado de trazer novos temas da História e ter um rosto iluminado por um sorriso, estava sempre impecavelmente vestida. A professora Cleci instigou seus alunos para que fossem além da graduação, pois haviam mais caminhos possíveis para quem se interessasse por História. Rela (2023) comentou que fez disciplinas eletivas com a professora Cleci e que ela vinha de Porto Alegre e iam juntas para a rodoviária de Caxias do Sul. A professora Eliana Rela (2023) descreveu que não lembra ao certo, se quando Cleci vinha à Caxias já estava divorciada de um político chamado pelo sobrenome Klein, pai de suas filhas, que foi ministro dos Transportes.

No tópico a seguir, conheceremos a biografia da professora Heloísa, professora que marcou seus alunos e alunas pela organização didática e por ter sido uma professora muito querida pelos que a conheceram.

3.4 HELOISA E SUA “TURMINHA DE SEIS PRIMAS”

A professora Heloísa me recebeu em sua residência no dia 07 de março de 2022, uma terça-feira de muito calor em Caxias do Sul. Ela esperava-me na porta com abraços e beijos, ofereceu-me uma água com gás, perguntou-me onde eu queria sentar, como ficava melhor, pediu para gravar o áudio, não quis fazer vídeo. Estava linda, sorridente, mostrou-me os livros e os belos móveis que eram do escritório do pai, o industrial Júlio João Eberle. Seu esposo Chico também estava em casa. A impressão que tive observando suas delicadas mãos com unhas esmaltadas com uma cor nude, que o tempo não havia passado, pois ela estava muito parecida como a conheci, no ano de 1997. Ela foi minha professora na graduação, na disciplina de “História Moderna” e parceira de pesquisa da professora Loraine, elas sempre iam juntos tomar café e dividiam a mesma sala de pesquisa. A professora Heloisa faleceu em Caxias do Sul no dia 31 de janeiro de 2023, um dia antes do meu aniversário.

O texto a seguir, eu organizei em duas categorias do itinerário de vida: memórias de infância e os Anos dourados que culminam com uma experiência cultural em São Paulo.

Na entrevista, a professora Heloísa me contou que nasceu em 20 de agosto de 1945, era a terceira filha, teve um irmão e uma irmã mais velhos, havia outro que faleceu ainda bebê “*Fui a raspa do tacho*” (BERGAMASCHI, 2022, p. 1). Sua infância foi maravilhosa porque, segundo ela, vivia numa chácara com muitos animais e árvores. Passou a infância brincando em meio a natureza com seus primos e primas, que segundo ela, eram crianças maravilhosas, obedientes e educadas. Apesar da liberdade que tinham para brincar e fazer coisas de crianças, cumpriam seus deveres de filhos e filhas, respeitavam seus pais. Para (LOURO, 2001, p. 18) o que se ensinava para as meninas era a serem: “[...] dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas”.

A mãe da professora Heloísa tinha uma saúde debilitada e em função disso, uma cuidadora indicada por amigos ficou responsável pelos cuidados da professora por trinta dias quando criança, ficando, posteriormente, por quarenta anos com a família. Ela a acompanhou na sua empreitada de estudar em São Paulo, sendo evidenciada várias vezes na entrevista como a segunda mãe. O nome da mãe não aparece. A professora Heloísa destaca também, em sua

entrevista, momentos difíceis, mas que apesar disso, as lembranças são positivas. Avalia que foi uma criança privilegiada e comportada e que passou a ser “rebelde” na adolescência. Na sua história de infância, destaca a presença das seis primas com idade muito próximas com quem teve suas primeiras experiências na escola e ao longo da vida. As festas natalinas eram realizadas no Palacete da família e organizadas pela avó paterna, essas festas eram esperadas com ansiedade pelas meninas. Sobre a história de Caxias do Sul¹⁵ podemos destacar diversas pesquisas e pesquisadores/as.

Heloisa estudou o Primeiro Ano do Primário em casa com uma professora contratada pela família chamada Eunice Zanone, os cadernos e anotações ainda permanecem guardados pela professora e a partir do Segundo Ano, assim como as primas, estudou no Colégio São José.

No ano seguinte, frequentou o Colégio Sagrado Coração de Maria e com entusiasmo relata suas idas e vindas da escola com transporte escolar e a companhia de colegas que percorriam as estradas em meios aos parreirais da região que hoje correspondem ao Bairro Panazzolo e arredores, à Prefeitura Municipal, à Câmara de Vereadores, ao Parque Getúlio Vargas e ao Fórum.

Nos anos seguintes, já no Quarto e Quinto Ano, permaneceu no mesmo colégio e destaca que, em uma ocasião, foi xingada por uma freira por ter faltado com o respeito e por ser péssima em Matemática e excelente em História. Ela narra que o pai tinha uma biblioteca em casa, por isso, acabava lendo tudo que tinha.

Quanto a escolha do caminho profissional, a princípio, a professora escolheu o Técnico em Contabilidade, pois tinha a intenção de fazer o Curso de Secretariado, que tinha em Porto Alegre, no Colégio Americano e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas acabou indo estudar em São Paulo. Nesse momento, ela narra as tensões políticas que agitaram o país na estruturação do Golpe Civil Militar e falou também que o governador do Rio Grande do Sul mandou instalar a Rádio Guaíba no porão do Palácio Piratini, rompendo a comunicação

¹⁵ Sobre a história de Caxias do Sul e da região, podemos destacar as pesquisas consideradas clássicas como a de Lazzarotto (1981), intitulada “Pobres construtores de riqueza: absorção da mão de obra e expansão industrial na Metalúrgica Eberle: 1905-1970”. Sobre a família Eberle, destaco os trabalhos da historiadora Heloisa Delia Eberle Bergamaschi, cujo título é “Abramo e seus filhos: cartas familiares 1920/1945” e “Júlio João Eberle: perfil de um empresário”. Sobre essa temática, temos o trabalho da Prof.^a Dr.^a Eliana Relá, cujo título é “Os italianos católicos e o processo de aquisição do poder político na Intendência de Caxias (1890-1924)”, de 1995. Destaco também os estudos sobre o trabalho em Caxias do Sul do Prof. Dr.^a Ramon Tissot: “Pequenos Trabalhadores: infância e a industrialização em Caxias do Sul”. Em uma perspectiva de região, destaco a pesquisa da profa. ^a Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia: “Considerazioni sull’industrializzazione nell’area di colonizzazione italiana di Rio Grande do Sul”.

de muitas pessoas, incluindo a da professora, suas primas e sua acompanhante/cuidadora com os pais em Caxias do Sul, fato que as fizeram regressar para Porto Alegre.

Na reprodução da figura a seguir, podemos observar a jovem Heloisa com um olhar curioso e brilhante e um discreto sorriso nos lábios:

Fotografia 19 - Heloisa jovem



Fonte: fotografia da Professora Heloísa Eberle Bergamaschi digitalizada, sem data. Autoria não identificada. Acervo pessoal digital da professora, 2022.

Heloisa lembrou com brilho nos olhos os dois anos mais felizes de sua vida, que foi o tempo em que morou em São Paulo. Nesses dois anos, ela, suas primas e sua babá passeavam, iam ao cinema, ao teatro, assistiram também a uma ópera, que segundo seu pai, era realmente música. Ela morava num apartamento com sua prima Bea e a irmã dela, e nas palavras da professora: “*Três mocinhas bonitas*” (BERGAMASCHI, 2022, p. 4).

A professora me contou que tinha seis primas, todas com idades muito próximas, ela chamava esse grupo de “turminha” e por esse motivo escolhi o nome desta seção. A fotografia a seguir ilustra a turminha de meninas. Heloísa identifica as suas primas como nome e sobrenome e como estão atualmente de forma breve. Neste momento da entrevista, ela é instigada a falar os nomes das primas, penso que quando estamos nos atendo a uma escrita da Histórias das Mulheres múltipla, precisamos atentar aos nomes das mulheres, como característica de um sujeito autônomo e portador de um nome, que o identifica e localiza no espaço tempo da história.

Na imagem, podemos observar um local decorado com cortinas transparentes, móveis e enfeites, no centro da fotografia, estão as meninas, todas usando vestidos e sapatos, bem como blusas de manga longa. As meninas estão sérias, com exceção de Heloísa, que exibe um sorriso de felicidade. Seus cabelos estão arrumados com fitas. Há bonecas no colo de duas meninas e dois berços de bonecas. Há um tapete e uma coluna, pelo que tudo indica, esta fotografia foi feita dentro do Palacete dos Eberle¹⁶, uma construção que faz parte do patrimônio arquitetônico da cidade.

Figura 20 - Menina Heloisa e suas primas

¹⁶ De acordo com Tisott (2017), a construção teve início em 1938 e pertenceu à família de Abramo Eberle, avô de Heloísa.



Fonte: Professora Heloísa Eberle Bergamaschi digitalizada, década de 1950. Autoria não identificada. Acervo pessoal digital da professora, 2022.

Heloisa concluiu o Técnico em Contabilidade no Colégio Americano e prestou vestibular para Licenciatura Plena em História, no então recém aberto curso de História da Universidade de Caxias do Sul, localizado em frente ao Colégio do Carmo, lembrando que a professora Cleci também mencionou esse fato. A professora Heloísa contou também que foi nesse período que conheceu o seu futuro marido e depois de casada, cita o nascimento dos/as filhos e filhas, mas destaca, com muita tristeza, o recente falecimento de seu primogênito. Heloisa relembra que ficou cuidando da mãe, quando esta ficou muito doente e que precisou desistir do mestrado para cuidar do pai anos antes, que também ficou doente.

A fotografia a seguir, foi contracapa do jornal Pioneiro, na seção Memória, do dia 06 de maio de 2022, ela retrata a família nuclear da professora Heloisa. Nela podemos observar à direita a Heloisa menina com seu pai, Júlio João Eberle e seus olhares, ao mesmo tempo que aparecem de mãos dadas. A moça do fundo, irmã de Heloísa, é Maria Elisa Eberle, que foi rainha da Festa da Uva, em 1954. Na poltrona da direita, a mãe da professora, Alda Muratore, o rapaz atrás da mãe é Claudio Eberle. A fotografia registra rostos femininos sorridentes em um momento de intimidade familiar e de gesto carinhoso entre pai e filha. Heloisa e família representam possuir boas condições econômicas, pois, na sala, podemos observar os inúmeros

livros, a lareira, as poltronas, os móveis e as porcelanas. A fotografia representa a elite industrial da cidade, na década de 1950.

Fotografia 21 - Família de Júlio João Eberle



Anos 1950: o jovem Cláudio Eberle com os pais, Julio João Eberle e Alda Muratore Eberle, e as irmãs Maria Elisa Eberle, rainha da Festa da Uva de 1954, e Heloisa Eberle Bergamaschi

Fonte: Professora Heloísa Eberle Bergamaschi digitalizada do Jornal Pioneiro na Seção Memória, a fotografia é da década de 1950. Autoria não identificada. Acervo Jornal Pioneiro, 2022.

A figura a seguir foi feita por mim na casa da professora Heloisa, estávamos na sala de estar, ao fundo podemos perceber muitos livros e fotografias, ao seu lado, há um globo que faz parte da decoração do espaço. A fotografia representa uma mulher intelectual, com um sorriso franco de quem se orgulha da profissão de professora. Um ambiente requintado pode nos localizar no espaço social que a professora ocupa como sujeito da história, historiadora e pesquisadora.

Figura 22 - Professora Heloísa Eberle Bergamaschi, em 2020



Fonte: Fotografia feita por mim no segundo semestre de 2020. Residência da professora Heloisa em Caxias do Sul, RS (PROFESSORA HELOISA, 2020).

Conversando com a professora Eliana Relá, pude confirmar que a professora Heloisa tinha uma fala espontânea, didaticamente organizada, fazendo roteiros no quadro para que os/as estudantes pudessem acompanhar os desdobramentos do tema. A professora Heloisa era uma professora elegante, estava sempre bem vestida e maquiada, dificilmente perdia a paciência com seus/as alunos/as, era notável que, às vezes, ela ficava chateada, mas sempre manteve a calma e a paciência.

Apresentei, neste capítulo, quatro biografias de mulheres intelectuais que, à medida que narradas, apresentam aproximações e diferenciações. As aproximações são o fato de serem caxienses e suas formações iniciais foram em escolas confessionais. Outro ponto em comum é o interesse pela História, que é comprovado nas escolhas acadêmicas, se é que podemos chamar de escolhas. A docência também é o caminho trilhado por todas elas, que se aposentaram como professoras.

As diferenciações são as formações do equivalente ao ensino médio, Heloisa e Maria optaram pelo curso Técnico em Contabilidade, Maria e Cleci optaram pelo curso Normal e depois acabaram buscando a formação superior na Faculdade de Filosofia. Loraine foi professora das outras três, tempos depois, elas foram colegas no Curso de História da UCS. As biografias revelam quatro mulheres com suas histórias de vida, suas inquietações e questionamentos sobre a História das Mulheres e a História da RCI no que atravessa a formação de professoras/as na Universidade de Caxias do Sul.

No capítulo a seguir, apresento a formação acadêmica e os percursos das professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria enquanto professoras e historiadoras.

4 Professoras e historiadoras - Mulheres e docência

“Talvez não seja exageradamente utópico prever que nossas jovens acadêmicas, que surfam nessa quarta e surpreendente onda do feminismo, tomem para si a tarefa de assumir um merecido protagonismo acadêmico e contrapor novas e necessárias epistemologias e formas de expressão e produção do conhecimento.”
Andrea Moraes e Patrícia Silveira de Farias, 2018, p.205

As quatro historiadoras desta tese apresentam, em seus percursos de formação, características muito próximas no que se refere ao contexto social, econômico, cultural e geracional. Certamente, elas são as pioneiras ao pensar na formação de professoras/as em Caxias do Sul, por terem nascido nos anos 1935 e 1945 do século XX e por terem passado pela formação de muitos/as professores/as da RCI e fora dela, ao longo de 1968 a 2010.

Enquanto historiadoras, professoras e pesquisadoras, suas contribuições para a história, para a formação de professores/as e as frentes que assumiram no ativismo enquanto intelectuais legitimando seus papéis de mediadoras culturais, trouxe influências das suas pesquisas pois questionavam a história oficial, ao mesmo tempo que escreviam a própria história de mulheres intelectuais. Cabe lembrar que Caxias do Sul e região carrega consigo tradições muito conservadoras e patriarcais, lutando por espaços de poder dentro de uma instituição rígida e machista, que preserva rituais, como é a academia.

Neste capítulo, investigo o percurso de formação acadêmica das professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria, desde os primeiros anos escolares até a pós-graduação. Na sequência, apresento como se deu a mediação cultural dessas quatro intelectuais e, finalmente, descrevo e analiso as atividades desenvolvidas pelas quatro historiadoras no Centro de Ciências Humanas e Arte da Universidade de Caxias do Sul.

Escrever a biografia de mulheres que foram professoras e historiadoras é escrever a História das Mulheres, assim como sugere a epígrafe deste capítulo. Escrever sobre biografia de mulheres intelectuais, destacando seu protagonismo na produção do conhecimento regional sobre mulheres, é Feminismo. Refletir sobre a massiva presença feminina na educação é analisar a temática em uma perspectiva de gênero.

Quando nos remetemos às memórias de infância escolar, a presença da professora, quase sempre uma mulher, aparece em nossas mentes, essa característica é mais marcante, principalmente, na Educação Básica, fenômeno conhecido e já estudo sobre feminização do trabalho docente. As mulheres ainda são a maioria a exercer a docência nas escolas da região e isso tem origens patriarcais. A seguir, refletirei sobre a educação feminina.

4.1 EDUCAÇÃO DE MULHERES

Analisando a História da Educação em uma perspectiva de gênero, é possível perceber que houve um conjunto de escolhas, intenções e políticas que foram definindo tardiamente um projeto de educação no país. Através desse projeto, que é resultado de um contexto histórico colonial, eurocentrista e machista, foi sendo moldado um padrão de comportamento, atitudes e valores que deveriam ser ensinados para homens e para mulheres, ou seja, entendia-se o sexo biológico como determinante de papéis sociais específicos. O sexo feminino, ou seja, as mulheres possuíam características e peculiaridades que as tornavam mais aptas naturalmente a dedicar-se às atividades que priorizem o cuidado do outro.

A educação voltada ao sexo feminino tinha como objetivo moldar o comportamento, estabelecendo um código de conduta desejável às mulheres e o que a sociedade esperava delas era que fossem passivas e obedientes. A escola, como uma instituição social da educação formal, está dentro dessa mesma lógica patriarcal.

A escola, por sua vez, elabora currículos que contemplem habilidades necessárias para que as mulheres desenvolvam seu capital intelectual e força de trabalho para a qual eram biologicamente constituídas, assim, havia conteúdos especificamente para meninos e outros especificamente para meninas. Nessa perspectiva, era essencial que mulheres fossem femininas através da passividade a que são submetidas desde os primeiros anos de vida, como afirma Beauvoir (2016): as mulheres aprendiam e ainda aprendem a passividade, a obediência, o controle do corpo, dos desejos e do pensamento.

No entanto, parece que apesar dos esforços do Estado e da Igreja de formar mulheres passivas, não deu certo com as quatro historiadoras, no que se refere a resistência a esse tipo de educação, pois fica evidente o engajamento delas na comunidade e as brechas que encontraram para dar outras respostas a sociedade patriarcal. Neste capítulo, investigo o percurso de formação acadêmica das professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria, desde os primeiros anos escolares até a pós-graduação, ao mesmo tempo que entrelaço com a história da educação,

contando assim uma História das Mulheres. Início, apresentando, no quadro a seguir, a síntese da formação escolar das quatro intelectuais, no que diz respeito à escolarização até a pós-graduação.

Quadro 02 - Formação Acadêmica das historiadoras

	Cleci	Heloisa	Loraine	Maria
Educação Básica	Colégio São José (Jardim da Infância); Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer (até a quinta série); Ginásio; Escola Normal Duque de Caxias;	Primeiro ano - domiciliar - Professora Eunice Zanone; Colégio São José; Colégio Sagrado Coração de Maria; 1 ano em um Colégio em São Paulo; Secretariado - 2º e 3º ano - Colégio Americano (POA);	Colégio São José; Colégio Bom Conselho (POA);	Colégio São Carlos; Escola Normal Duque de Caxias; Técnico em Contabilidade no Colégio São Carlos;
Educação Superior	Licenciatura Plena em História (UCS); Bacharelado em Música (UCS); Especialização em História Contemporânea (UNISINOS); Mestrado em Cultura Brasileira (PUCRS); Doutorado em História do Brasil (PUCRS);	Licenciatura Plena em História (UCS); Especialização em História da América Latina (UCS); Mestrado não concluído na UFRGS;	Graduação em História e Geografia (PUCRS); Mestrado em Filosofia (UFRGS); Doutorado em Ciências Sociais (PUCRS);	Licenciatura Plena em História na Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul (1963); Especialização em Métodos e Técnicas de Pesquisa (UCS); Mestrado em História do Brasil (PUCRS) Doutorado em História Social (USP);
Trabalho e Docência	Professora na Cooperativa São Pedro; Escola (Flores da Cunha); Cristóvão de Mendoza (1963)- Caxias do Sul; Professora de História Contemporânea no Centro Educacional La Salle de Ensino Superior (Universidade La Salle Canoas); Professora da	Professora de História do Brasil I (disciplina de Férias); Permaneceu 25 anos como docente na UCS;	Professora estadual; Professora na Graduação e Pós-graduação (UCS); Chefe de departamento de História; Coordenadora do Colegiado do Curso de História; Presidente da Associação dos Docentes ADUCS; Idealizadora do CEDOC/UCS; Idealizadora do Museu e Arquivo	Telefonista (1953); Professora estadual - contrato na escola Cristóvão de Mendoza; Assistente Especial da Delegada da 4ª Delegacia de Educação (4ª DEE); Professora na Graduação e Pós-graduação (UCS); Chefe de departamento de História; Coordenadora de Curso de História,

	Universidade de Caxias do Sul(1986-1990); Professora no Curso de História da UNISINOS (1990-2007);		Histórico de Caxias do Sul; Recebeu homenagens de reconhecimento pelo trabalho (Cidadã Emérita e Medalha Monumento Nacional ao Imigrante;	coordenadora de Curso de Pós-Graduação; Recebeu homenagens de reconhecimento Mulher Cidadã (2004); Oficinas e palestras na FSG, Fórum Social Mundial; Demissão da UCS em 1994.
--	--	--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As quatro professoras desta pesquisa, como pode ser apreciado no quadro anterior, fizeram a formação na Educação Básica em escolas confessionais e de acordo com Aranha (1996), o acesso à educação era privilégio de poucas pessoas na época. A professora Cleci iniciou seus estudos no Colégio São José, migrou para o Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer e concluiu com o Curso Normal, na Escola Duque de Caxias¹⁷. A professora Heloisa fez o primeiro ano domiciliar, depois frequentou o Colégio São José e o Colégio Sagrado Coração de Maria e concluiu a educação básica Colégio Americano¹⁸. Loraine iniciou a formação também no Colégio São José em Caxias do Sul, depois migrou para capital do Estado e ingressou no Colégio Bom Conselho¹⁹. A professora Maria, por sua vez, frequentou o Colégio São Carlos e em seguida ingressou na Escola Normal Duque de Caxias, e retornou para o Colégio São Carlos para fazer o curso técnico em Contabilidade.

As quatro historiadoras nasceram entre 1935 a 1945 em que Brasil vivia uma República Populista, a cultura norte-americana era disseminada no país em função de alianças políticas e econômicas, com o intuito de instrumentalizar a classe operária, nesse viés liberal, voltado para formação de mão de obra operária. Importante salientar que, desde 1946, o Brasil vivia a Redemocratização e, segundo Hilsdorf (2003), foi um continuísmo do debate sobre educação

¹⁷ A dissertação de Roseli Maria Bergozza é um estudo de referência sobre o início da formação docente em Caxias do Sul. A Escola Normal Duque de Caxias foi fundada em 1930 e funcionou até o início dos anos 1960, no prédio que hoje abriga a Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Vargas, na esquina das ruas Visconde de Pelotas e Bento Gonçalves, em Caxias do Sul.

¹⁸ Segundo dados do site do Colégio Metodista Americano, em 1952, foi criado o primeiro curso de Secretariado do Brasil que formava professores primários e de dietética. Posteriormente, foi criado o curso de Dietista Escolar. Em 1967, foram extintos os cursos de dietista e de Economia do Lar, que foram substituídos pelo Curso Técnico Industrial de Alimentação

¹⁹ Segundo o site do Colégio Bom Conselho, a instituição era internato e funcionou desde sua criação, em 1905 até 1960 e acolheu como internas meninas/alunas vindas das mais diversas regiões do Rio Grande do Sul e mesmo de outros estados.

travado ainda nos anos 1920 e 1930, em que os católicos conservadores se posicionavam contra a responsabilidade do Estado em fornecer educação gratuita e obrigatória para a população.

O Brasil buscava superar o modelo agroexportador com a industrialização e enfrentava muitos desafios políticos e econômicos. Os centros urbanos começaram a inflar e a desigualdade social era cada vez mais significativa. Regionalmente, as características coronelistas se mantinham e a educação ainda era privilégio de poucos/as. Vale lembrar que o Ministério da Educação foi criado somente em 1930 e, nesses quinze anos, apesar da utopia nacionalista, muito pouco foi feito. As reformas do ministro Gustavo Capanema durante o Estado Novo²⁰, por sua vez, visou os interesses da pequena burguesia industrial regional emergente que necessitava de mão-de-obra para suas indústrias, ao mesmo tempo que entendia que suas filhas tinham que ser professoras, pois o acesso à educação era uma forma de ascensão social. Havia especificações na lei para que houvesse estabelecimentos de ensino exclusivos para as mulheres, revelando o aspecto misógino e antidemocrático das políticas educacionais, como salienta Aranha (1996).

No que se refere à Educação Superior, podemos observar no quadro, que as quatro professoras escolheram pela formação em História: Cleci, Heloísa e Maria fizeram a graduação da UCS, já Loraine, optou pela Graduação em História e Geografia na PUC-RS.²¹

Sobre o contexto da educação superior no Brasil, segundo Xerri (2012) e Bastos (2016), foram instituídas muitas universidades a partir de 1961, devido a exigências da Lei de Diretrizes e Bases, que garantia subsídios públicos para a iniciativa privada. Caxias do Sul recebeu, então, anos mais tarde, a Universidade de Caxias do Sul (UCS). Este empreendimento envolveu muitas forças, pois tinha como finalidade suprir a oferta de mão de obra qualificada para as incipientes indústrias estrangeiras instaladas na cidade, assim: “A instalação dos mesmos justificava-se pela constatação de que havia a necessidade de qualificar professores e proporcionar cultura geral, bem como a inserção no contexto previsto pela legislação educacional da época [...]” (XERRI, 2012, p. 142).

²⁰ Segundo Aranha (1996, p. 202), durante a Ditadura Getulista, o ministro Capanema foi responsável por empreender reformas do ensino regulamentadas por diversos decretos-leis assinados de 1941 a 1946 que foram chamados de Leis Orgânicas do Ensino.

²¹ Segundo Bastos (2016), em 1939, o diretor do Colégio Rosário e da Província Marista do Rio Grande do Sul, que deu origem a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, solicita autorização ao Ministério da Educação e Saúde/MES, para o funcionamento da Faculdade Livre de Educação, Ciências e Letras com os cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo Germânicas já instalados.

A professora Cleci Eulalia, de acordo com o texto gerado por si própria em seu Currículo Lattes²², possui:

Graduação em História pela Universidade de Caxias do Sul - UCS (1964), Graduação em Música (Piano) pela Universidade de Caxias do Sul - UCS (1963), Mestrado em História da Cultura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (1984) e Doutorado em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (1994). Tem experiência em docência, especialmente em História Contemporânea, e dirigiu sua investigação para questões voltadas para as migrações, para a imigração e cultura italiana no Brasil, para a problemática do trabalho, para a história das mulheres e para os estudos de gênero.

A professora Heloisa, por sua vez, segundo seu Currículo Lattes²³, cujo texto foi gerado pela aplicação CVLattes:

Possui Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul (1967), Especialização em História da América Latina pela Universidade de Caxias do Sul (1977) e Mestrado em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul (2004). Atualmente é professor titular da Universidade de Caxias do Sul e do Conselho Municipal Patrimônio Histórico e Cultural Caxias do Sul. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Moderna e Contemporânea. Atuando principalmente nos seguintes temas: imigração - indústria - cartas familiares.

É importante observar que ambas professoras não atualizaram seus currículos após a aposentadoria. Foi no ano de 1964 que ambas ingressaram na Licenciatura Plena em História, vindo a concluir três anos mais tarde, após terem sido alunas da professora Loraine. Heloisa, em 1976, segundo seu Currículo Lattes, foi aluna da especialização de História da América Latina, na UCS. Sobre seu ingresso na especialização, ela relatou que encontrou a professora Loraine na rua, na Avenida Júlio de Castilhos, região central de Caxias do Sul, e na ocasião ocorreu o convite para participar do curso. Nas palavras da professora:

[...] Aí um dia eu estava descendo, sabe a Livraria Saldanha²⁴? [...] eu ia subindo, ela descendo, bem ali na frente da Livraria Saldanha, ela me olhou e disse: - vai fazer! O que era? Era a especialização em História da América Latina! Ela não me deu bom dia, nem olá, nem nada, ela só disse: - vai fazer! (risos). (BERGAMASCHI, 2022, p. 06).

Em 1981, a professora Heloisa era do Departamento de História e Geografia, da UCS, passou na seleção para o Programa de Pós-graduação em História, da UFRGS. Fez um ano da

²² FAVARO, Cleci Eulália. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 08 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9442030800009311>. Acesso em: 08 nov. 2023

²³ BERGAMASCHI, Heloisa Delia Eberle. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 10 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9276723756953218>. Acesso em 23 out. 2023.

²⁴ De acordo com reportagem do Pioneiro (2017), a referência utilizada pela professora é um dos prédios históricos de Caxias, localizado na esquina da Avenida Júlio de Castilhos com a Rua Visconde de Pelotas. Antigamente, o local abrigava a Livraria Saldanha, o casarão é inspirado no Art Déco que foi construído pela família de mesmo sobrenome, em 1910.

especialização, mas não pode concluí-lo, pois no ano seguinte, sua irmã, que foi rainha da Festa da Uva, Maria Elisa Eberle, faleceu. Além disso, precisava conciliar o casamento e o cuidado com os filhos. Viajar duas vezes por semana para Porto Alegre para cursar as disciplinas do mestrado tornou-se inviável. Anos mais tarde, segundo seu Currículo Lattes, a professora concluiu o Mestrado em Letras e Cultura Regional, pela mesma instituição em que trabalhava, em Caxias do Sul. Sua dissertação envolveu as cartas familiares da sua família, pois ela pesquisou sobre seu avô, Abramo Eberle, e sua orientadora foi a professora Loraine.

O curso de especialização em História da América Latina, da UCS, era muito requisitado, idealizado e coordenado pela professora Maria (MACHADO, 1992, s/n): ela “coordenou esse curso por muito tempo, o curso se estendeu por quase dez anos”. Segundo o site dos 50²⁵ anos da UCS, em 1977, iniciou a execução do programa de cursos em nível de Pós-graduação Lato Sensu. No conjunto de ego-documentos da professora Maria, é possível identificar material sobre o curso, dos quais destaco ofícios, planos de aula, grades curriculares, solicitação de professores/as para ministrar as disciplinas, entre outros. A professora Eliana Rela também destacou a importância dessa especialização, mostrou-se algumas bibliografias, pois ela também foi aluna do curso.

A professora Loraine, segundo seu Currículo Lattes²⁶:

Possui Graduação em História e Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1959), Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985) e Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989). Atualmente é Titular da Universidade de Caxias do Sul. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil. Atuando principalmente nos seguintes temas: Fascismo, Fascismo no Brasil, Imigração Italiana, Colonos imigrantes, Burguesia regional.

Observando os marcos temporais do Currículo Lattes da professora Loraine, é possível perceber um tempo de pausa na formação, após a formatura na graduação. Ela regressa aos estudos 22 anos depois e faz o Mestrado em Filosofia, pela UFRGS, seguindo pelo Doutorado em Ciências Sociais.

A professora Maria Abel Machado não tinha Currículo Lattes, somente o “Currículo Vitae”, sua formação acadêmica em História começa em 1959 com o vestibular, ela então se forma em 1964, mas permanece trabalhando no setor empresarial. Em 1979, fez a Especialização em Métodos e Técnicas de Pesquisa, pela UCS. O Mestrado em História do

²⁵ A especialização em História da América Latina fazia parte da Coordenação de Pós-Graduação e Pesquisa, assim como outros cursos oferecidos. Algumas informações estão disponíveis em <https://www.ucs.br/site/ucs-50-anos/linha-do-tempo/>.

²⁶ GIRON, Loraine Slomp. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 14 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9995878309769889>. Acesso em: 14 nov. 2023.

Brasil foi realizado na PUC/RS e concluído em 1993, o Doutorado em História Social foi realizado na USP e concluído em 1999.

Para compreender o porquê de as mulheres escolherem a docência, precisei investigar como a sociedade brasileira organizou-se nos séculos XIX e XX quanto às questões de gênero e trabalho. Fato que me fez refletir sobre a palavra “escolha”. Será que a docência teria sido uma escolha das quatro historiadoras? Ou elas teriam seguido, de alguma forma, o que já estava reservado a elas, pela condição de serem mulheres?

As quatro professoras e historiadores desta tese fazem parte de uma pequena burguesia regional que, de certa forma, acessaram a educação básica desfrutando de alguns privilégios restritos à essa classe social. A professora Maria Abel destoa das outras três, pois foi a única que trabalhou na indústria caxiense, evadiu da escola, regressou mais tarde e assim garantiu sua inserção no mercado do trabalho como professora. Nas palavras dela: *“Início em 1950 - 14 anos [...] 1950 - voltei a estudar - Irmãs fizeram uma concessão - e eu voltei - 2º ano, 3º ano - 1951 - aprovada [...]”* (MACHADO, 1990-2001), conseguindo assim, traçar outro caminho, sonhado e batalhado: graduação e pós-graduação; talvez por inspiração materna, que também era professora, no conjunto de ego-documentos há muitos registros de Conceição Brustolin Abel²⁷, mãe da professora Maria.

Sobre a educação de mulheres, Silvia Arent (2012), no artigo “Trabalho, escola e lazer”, nos convida a compreender que a experiência de ser mulher e menina tem significados diferentes que vem mudado através dos séculos no Brasil, por conta das desigualdades econômicas, sociais e culturais pelas quais a sociedade brasileira foi se constituindo.

As professoras relataram em suas entrevistas que o interesse pelo magistério era uma segunda opção: Loraine queria ser geóloga, Heloísa queria ser secretária executiva da empresa da família e Cleci queria ser bailarina. O curso de Geologia era para homens, assim como exercer atividades administrativas ou de poder na empresa da família e ser bailarina não era opção moralmente permitida. Assim, dos desejos e das conjunturas reais, elas foram encontrando caminhos possíveis. A educação confessional é uma das características que as iguala, pois as professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria fizeram seus primeiros anos escolares em colégios católicos, no Colégio São José e no Colégio São Carlos.

²⁷ A documentação da também professora Conceição Brustolin Abel é composta por diários de classes, planos de aula, narrativas escritas sobre as “aventuras dos imigrantes italianos e alemães no Rio Grande do Sul”, bem como fotografias, documentos oficiais, entre outros. Maria da Conceição foi uma das primeiras professoras contratadas pelo município de Caxias do Sul.

É possível perceber que as mulheres da pequena burguesia caxiense acabam ocupando cargos que remetem ao cuidar, o magistério era vantajoso economicamente para as famílias na região, pois elas poderiam trabalhar meio turno e no outro cuidar da família. A pesquisadora regional Valéria Alves Paz (2013)²⁸ destaca sobre esse período: “A educação religiosa, nesse momento histórico, torna-se fundamental para a educação de jovens, oriundos, principalmente, da elite da sociedade [...]” (PAZ, 2013). Loraine destaca que os anos da escola São José foram difíceis, pois ela era questionadora e isso incomodava as freiras. Relata que se aproximou das meninas excluídas e, como sabia bem o português e o dialeto, conseguia ajudar suas colegas.

Ela deixa claro que havia diferenças entre as estudantes meninas, as mais pobres e as da elite. Loraine narra que tinha uma visão darwinista e as freiras da escola tinham uma visão criacionista. Segundo o relato, essa foi a causa de sua expulsão, além de seu mau comportamento e rebeldia. Sobre a educação confessional, cabe ressaltar que as “[...] escolas confessionais, além da formação religiosa, tiveram a disciplina como uma prática mais acentuada.” (POLETTI, 2020, p. 154). Podemos concluir com o relato da professora Loraine que ela fez uso de ações com o intuito de transgredir às regras impostas pelas irmãs, ações que resultaram na sua expulsão da escola. Sobre os colégios, segundo Luchese (2016), eram mantidos por diferentes setores da sociedade, a Igreja Católica e o Estado. No colégio São José, assim como as demais escolas confessionais, o “Catecismo e as práticas religiosas compunham parte da educação das crianças, sendo relevante para as famílias.” (LUCHESE, 2016, p. 929).

O “Segundo Grau²⁹” foi feito no Colégio Bom Conselho em Porto Alegre que, de acordo com Loraine, conheceu a elite porto-alegrense. Segundo Pedro (1997), o ideário positivista influenciou por décadas o Rio Grande do Sul, seus governantes e a intelectualidade local; a educação das meninas nesse ideário era uma preparação para a maternidade. Nesse mesmo ano, Loraine começou a namorar Raul Giron, seu futuro esposo e pai de seus dois filhos. Loraine diz ter sido uma aluna inteligente, mas suas notas não eram boas porque ela não tinha estímulo para decorar matérias, que conforme pensava, era a única exigência. Precisou fazer as provas e tirar notas máximas para agradar as pessoas.

A professora Heloisa lembra com muito carinho do início da vida escolar, ela fez o primeiro ano do Primário com uma professora particular a domicílio, o nome da professora era

²⁸ A Dissertação de Mestrado da pesquisadora Valéria Alves Paz, trata da cronologia da instalação das escolas confessionais em Caxias do Sul, no final do século XIX e início do século XX. Segundo a autora, o método era o controle minucioso do corpo feminino para a docilidade/utilidade.

²⁹ Com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, LDB Lei no 9.394/1996, foi extinto o termo Segundo Grau, a fase posterior ao Ensino Fundamental passou a se chamar Ensino Médio.

Eunice Zanone que, todas as manhãs, auxiliava no processo de alfabetização. Ela fez referência aos primeiros cadernos, que estão guardados em seu acervo.

Para a professora Loraine, ter começado a frequentar a escola foi o início de seus aprisionamentos, pois ela precisou morar na cidade e perdeu a liberdade que desfrutava no interior, no bairro Forqueta. Ela foi matriculada depois de muito insistir, um ano antes da idade escolar recomendada.

Na escola de Heloisa, o Sacré Couer (Sagrado Coração de Maria), ela e suas inseparáveis primas Iara, Flávia, Maria Beatriz e Liliana formavam uma pequena turma de meninas, eram oito meninas no total da turma e ela define momentos divertidos, apesar da supervisão das freiras. Ela relata que foi advertida a comportar-se como “*menina educada*” (BERGAMASCHI, 2022, p. 3).

No contexto da História da Educação, Aranha (1996) destaca que na década de 1920, o país vivia a chegada do escolanovismo e a nova pequena burguesia urbana exigia acesso à educação. Nessa perspectiva, havia um conflito entre esse grupo e os católicos, pois esses últimos, por sua vez, consideravam a necessidade da formação moral e cristã e eram contra a laicidade da educação. Com o acesso que tinham a livros e revistas, ela possivelmente fazia leituras que a colocavam em uma visão crítica sobre a forma como era educada.

Em fase de conclusão do Segundo Grau (Ensino Médio), Loraine precisou escolher o curso superior, nessa decisão, ela traz as questões de gênero explicitamente, mesmo que em nenhum momento menciona o conceito em seu trabalho. A categoria de gênero, para Scott (1989) é utilizada pelas feministas, inicialmente, como uma forma de ater-se à organização da sociedade tendo em vista a diferenciação sexual.

Mais recentemente, a categoria gênero utilizada pelas feministas estadunidenses rejeitam o determinismo biológico. Loraine, em entrevista, relata:

Eu gosto, por ordem, de história, de literatura e gosto também de geologia e geografia, são as três coisas que eu gosto'. E daí eu fui me informar que para geologia, que daí eu não podia fazer vestibular porque era proibido para mulher.” (GIRON, 2006, p. 7).

A autora, ainda jovem, tinha interesse em formar-se em Geologia, mas o curso era restritamente para homens. Loraine optou por cursar História e Geografia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Segundo ela, a UFRGS tinha os dois cursos separados e ela queria ambos em um só. Em Porto Alegre, permaneceu de 1952 a 1960, morou em dois pensionatos: Pensionato em Mostardeiros e o Pensionato na Independência. Na graduação, tornou-se mãe de Luís Antônio, o “Luli”.

Na etapa que corresponde ao Ensino Médio, denominado, na época, de Segundo Grau, as professoras Cleci e Maria optaram pelo Curso Normal, que era a formação de professoras das Séries Iniciais. Heloisa e Loraine buscaram colégios particulares de Porto Alegre, o Colégio Americano e o Bom Conselho, respectivamente. A professora Cleci busca o Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer, em Caxias do Sul.

Em função do emprego do esposo e da formatura da graduação, Loraine regressa para Caxias do Sul, em 1960, como professora, talvez seguindo uma realidade apontada por Louro (1997), em meados do século XIX, denominada como a “feminização do magistério” (LOURO, 1997, p. 449). Loraine residia na rua Garibaldi, na região central de Caxias do Sul, e começou a trabalhar como professora. Sobre esse regresso à cidade natal, é relatado com ar de “estranhamento”. Segundo ela, sua visão de mundo era distinta das pessoas que a rodeavam, pois criticava a história oficial, que foi a causa de muitas decepções de conhecidos e de pessoas que a haviam indicado para trabalhar como professora.

Nas categorias descritas, as questões de gênero vão emergindo do relato da professora quando menciona a sistemática da herança familiar na partilha dos herdeiros, afinal somente os filhos tinham direito à herança. A maternidade ou a ausência dela teve um peso muito importante na personalidade feminina, segundo a professora, que era adepta da cidade e não gostava de morar na localidade considerada interioriorana. Talvez estivesse questionando se a criação da sua mãe, sem a presença da avó materna de Loraine, que faleceu prematuramente, teria interferido na sua escolha de morar na cidade e na infelicidade de viver no interior. Ela acrescenta ainda que nos meses de férias ficavam mãe e filha no litoral e que a mãe gostava de variar as praias e os hotéis. Os nomes das irmãs, tias e mãe não foram mencionados pela professora, mas ela deixa claro que o seu interesse pela história da imigração e dos colonos partiu, principalmente, do contato que teve com as mulheres da família.

Aqui, destaco que entre as professoras havia uma lógica para a formação: elas até viajavam, mas depois de mais velhas ou casadas. A formação que foram fazer era para o Técnico de Contabilidade e o Normal, na universidade, mas fizeram Licenciatura Plena em História, salvo a professora Loraine que fez Graduação em História e Geografia. Na época, a Universidade de Caxias do Sul veio atender aos interesses da pequena burguesia industrial da região, com formação de professoras para a ampliação do acesso escolar. A professora Loraine já havia concluído a Graduação fora de Caxias do Sul e, assim que voltou, foi convidada para dar aula no Curso de História. Foi nessa época que deu aula para as outras três intelectuais.

Na seção seguinte, escrevo sobre a mediação cultural das professoras e suas frentes de ativismo na construção da memória local, na Formação de Professoras/es nos espaços sociais

que circulavam: Universidade de Caxias do Sul (UCS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), entre outros.

4.2 MEDIAÇÃO CULTURAL DE MULHERES INTELLECTUAIS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA RCI

As historiadoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria destacaram-se na mediação intelectual como produtoras de conhecimento sobre a história da Região e da Imigração Italiana, na formação de novos/as professores/as, além de lançarem livros que renderam palestras e formações de Professoras/as em municípios vizinhos.

Essas relações que as professoras construíram com seu conhecimento de pesquisa e docência extrapolaram o ambiente acadêmico. Nesta seção, vou apresentar as mediações culturais que as professoras realizaram em seus espaços e redes de sociabilidade. Início com a professora Loraine, pois como já foi dito, ela foi a que mais teve destaque, devido aos anos em que esteve ligada à UCS, aos muitos estudantes, ao protagonismo da cidade e da região, mas também, porque recentemente fiquei sabendo de um Blog de sua autoria, um material que me causou muita surpresa, afinal a professora manteve-se inquieta, mesmo após a aposentadoria da Universidade, desenvolvendo pesquisas, escritas e estudos.

A professora Loraine iniciou na UCS em 1967, ano de sua criação e permaneceu até 2010, quando se aposentou. Optei em iniciar pelo final, depois da aposentadoria, pois como já mencionei, ter sabido do Blog foi muito significativo nesta fase da escrita. Nos anos em que esteve aposentada, produziu materiais escritos e quando faleceu deixou-os prontos para serem publicados, conforme relato do neto Jerônimo. O Blog deixa evidente uma nova forma de divulgação de ideias, ela inseriu-se no contexto da informação digital, ao longo dos anos de 2012 até 2018. A professora fez diversas postagens com histórias pessoais, memórias e reflexões críticas sobre a história e a política. Neste blog, a professora nomeia pela primeira vez sua mãe, Dejanira, e a descreve como uma pessoa que gostava de ajudar as outras e que “recolhia seres estranhos em diversos locais e situações” (GIRON, 2017).

O Blog tem várias páginas e temáticas, nas quais a professora analisa as relações entre colonos e escravizados em Caxias do Sul, as trocas e as aprendizagens entre os colonos, negros e indígenas, ao mesmo tempo que sinaliza a existência de conflitos envolvendo as questões de classe social e não racial. Escreve também sobre o sincretismo religioso dos escravizados que era, muitas vezes, a única forma de tratar alguma doenças, visto que, praticamente não haviam médicos, por isso, as benzeduras eram uma alternativa viável para os/as colonos/as.

A professora faz uma escrita autoral, com suas impressões, buscando fotografias que trazem informações sobre as diversas etnias da cidade. Sinaliza a chegada da estrada de ferro e a invisibilidade da mão-de-obra dos negros na memória dos brancos. Escreve também sobre a organização das fazendas nos Campos de Cima da Serra, sobre os Sindicatos, sobre os campeonatos citadinos de futebol, sobre a Feira do Livro, evento tradicional da cidade.

Destaquei alguns textos que me chamaram a atenção, a professora postou uma homenagem às mulheres sindicalistas e fez uma reflexão sobre a política e a cultura caxiense, denunciando que só havia uma mulher em cargo político na cidade. Outra discussão interessante, diz respeito aos ratos e pombos da cidade e sua proliferação desordenada, comentou também que no antigo Cine Ópera³⁰, quando as luzes eram desligadas, os ratos corriam nos corredores. Sobre a Feira do Livro, evento anual da cidade, a professora registrou sua insatisfação, dizendo que os livros para venda eram um misto de misticismo e autoajuda e que a literatura infantil foi expurgada. Essas memórias postadas no Blog da professora revelam mais uma faceta da intelectual que busca, nas próprias memórias, uma forma de ler e interferir com questionamentos no espaço que habitava.

Os espaços de memória feminina são multidisciplinares e parecem de um olhar atento nos meandros da sociedade. Para Perrot (2005) a memória feminina está guardada nos sótãos, escondida em diários, a história oral como metodologia pode ser a chave de acesso a esses saberes e experiências. Sobre as memórias, a professora descreve uma colega de nome Patrícia que era filha de uma modista, por isso, a menina se apresentava sempre bem vestida e seguindo a moda, esse fato, deixava a professora indignada, pois não gostava de se vestir com “frufirus”. No relato, ela afirma que não entendia porque a tal modista, mãe de Patrícia, nunca saía de casa, mas ouvindo uma conversa atrás da porta de sua mãe com uma amiga, Loraine entendeu que a modista tinha tido a filha com um homem casado e isto era vergonhoso na época, motivo pelo qual ela nunca era vista e permaneceu enclausurada em casa, só saindo no caixão.

A professora Maria iniciou sua docência na UCS em 1973 e, como já foi dito, trabalhou até 1994, ano em que foi demitida. Nesses vinte e um anos de universidade, a professora contribuiu com a sociedade, prestados trabalhos intelectuais, contribuindo com a história da cidade, do trabalho e com a História das Mulheres, dos quais podemos destacar as palestras sobre a História da América, no Centro de Ciências Humanas e Arte, formações para as

³⁰ O extinto cinema da cidade foi destruído em um incêndio e hoje é um grande estacionamento. Na época, esse incidente gerou comoção na cidade. Mais informação sobre o Cine Ópera disponíveis em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/12/cine-opera-era-uma-joia-no-coracao-de-caxias-cj5vtbs5m0tz1xbj0iqrmseb7.html>.

candidatas da Festa da Uva com tema como “A Mulher Italiana”, que aconteceram na Faculdade de Serra Gaúcha (FSG) e na Escola Estadual Presidente Vargas. Também participou de Encontros Regionais de História em outras cidades e universidades de países como México, Uruguai (1999) e Cuba (2003). Foi requisitada por lideranças políticas municipais e estaduais para que ministrasse palestras sobre temas históricos. Foi mesária nas eleições de 1959 e 1962. Em 2004, ganhou destaque como Mulher Cidadã, pela Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul.

Outro ponto interessante a destacar sobre a mediação da professora Maria foi a mobilização que ela, colegas e estudantes da UCS organizaram em relação a demissão de professoras em 1994. Recebeu notas de apoio de outras instituições e todo o material guardado pela professora, juntamente com reportagens de jornal estão no ego-documento no AHMJS.

Já a professora Heloisa, iniciou a docência na UCS, em 1981, e permaneceu até sua aposentadoria, por 25 anos, saindo em 2006. Nesses vinte e cinco anos, atuou também como pesquisadora, entre 1999 e 2003.

Segundo o Currículo Lattes³¹, a professora Heloisa também participou de eventos envolvendo apresentação de trabalhos, dos quais podemos destacar o “Seminário Internacional: Leituras e Interpretações da Imigração na América Latina”, em que apresentou uma comunicação sobre sua dissertação: “Abramo e seus filhos: Cartas familiares 1920-1945”. Em 2004, ela também participou de Encontros de jovens Pesquisadores da UCS como temas ligados à colonização italiana: “A Propriedade: colônias e colonos italianos” e “Identidade Cultural: a família, colônias e colonos italianos no Rio Grande do Sul”.

A professora Cleci Eulalia Favaro também é uma mediadora cultural, pois, em seu Currículo Lattes³², podemos perceber as interações que a intelectual realizou em atividades de extensão, como na coordenação da III Jornada de Estudos de Gênero: Feminismo e Gênero na academia (2005) e foi membro de Comissões como o Comitê Técnico-científico para avaliação de projetos científicos de pesquisa e área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Além disso, também foi membro de comissões eleitorais, para seleção de candidatos ao Doutorado e examinadora de bancas científicas.

³¹ BERGAMASCHI, Heloisa Delia Eberle. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 10 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9276723756953218>. Acesso em 23 out. 2023.

³² FAVARO, Cleci Eulália. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 08 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9442030800009311>. Acesso em: 08 nov. 2023

No ano de 2000, Cleci foi coordenadora e curadora de uma exposição intitulada “Imagens e Palavras”, segundo seu relato³³, a exposição contou com vários bolsistas de Iniciação Científica.

A professora Cleci recebeu, em 1978, o Prêmio GERDAU, do Grupo GERDAU, em 2009, a Medalha do Mérito Farroupilha, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Em 2000, a historiadora foi reconhecida como Professora Emérita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, em 2010, foi reconhecida com o prêmio Professor Emérito da CNPq. Soma-se às demais intelectuais investigadas, com recebimento de premiações.

Os movimentos que as quatro intelectuais fizeram em diferentes espaços e o envolvimento com questões relacionadas ao uso de diferentes linguagens na comunicação, fez com que suas pesquisas as tornassem mediadoras culturais, pois “[...] quer pela vocação científica, no dizer weberiano, ou pela especialização que lhes confere capital cultural e poder simbólico, nos termos de Bourdieu [...]” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 10).

O capital cultural disponibilizado em diferentes veículos de comunicação atingiram públicos diferentes, foi através dessa mediação entre a pesquisa acadêmica e o público que entra o papel das intelectuais, mulheres pesquisadoras que através de entrevistas em rádios, palestras acadêmicas sobre a história da cidade, exposições em espaços de memória e homenagens em espaços políticos que tornaram as professoras intelectuais mediadoras e cabe ao Feminismo, através de suas biografias, contar seu protagonismo no contexto regional.

Na seção a seguir, entenderemos como o Centro de Ciências Humanas e Arte foi modelado pelas quatro professoras que passaram por ele. Hoje, o Curso de História deixou de acontecer exclusivamente do Bloco H da cidade universitária, causando protestos dos/as estudantes que concordam que o bloco tem um papel importante na memória do curso.

³³ Relato da professora Cleci enviado via mensagem de texto pelo WhatsApp: a proposta de trabalho consistia exatamente em “recuperar” a memória sobre a importância dos “panos de parede” elaborados pelas mulheres de origem étnica italiana (mas não só delas), colocados via de regra nas paredes atrás dos fogões. Tais objetos, bordados com elementos da fauna e da flora, poderiam também incluir figuras do cotidiano rural e mesmo do imaginário religioso das comunidades imigrantes. No desenvolvimento da pesquisa, foi grande a colaboração de pessoas das mais diferentes comunidades da RCI, além do acesso aos acervos de vários museus locais. Vale destacar também o número de depoimentos (na modalidade de História Oral Temática) com que as próprias autoras daqueles objetos (ou seus descendentes) enriqueceram a pesquisa. O resultado gerou um material muito rico, reunido em uma mostra, no então Centro de Ciências Humanas, que contava com 122 daqueles objetos. O texto produzido como Relatório de Pesquisa recebeu formatação bilíngue (português e italiano), posteriormente encaminhado à Presidência do Conselho de Ministros da Itália, visando concorrer a um concurso, sendo objeto de premiação, juntamente com o Uruguai e a Argentina.

4.3 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES

Ao longo da pesquisa documental realizada no Instituto de Memória Histórica e Cultural da Universidade de Caxias do Sul (IMHC), fui encontrando documentos e cruzando com as ações das quatro professoras deste estudo. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na década de 1960, constituiu os cursos superiores de Filosofia, Letras, História e Pedagogia. No entanto, o documento mais antigo encontrado é o Livro de Atas do Centro de Humanidades e Arte - Série Organização e funcionamento - Reuniões, assembleia e Conselho Departamental, dos anos de 1974 a 1979, da Universidade de Caxias do Sul. Neste documento, está o nome da professora Maria Abel como subchefe do Departamento de Arte e chefe do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (ATA DHIG IMHC 1974-1979).

A intelectual Maria Abel foi uma mediadora cultural, historiadora e professora e fez uso de espaços de poder no que se refere a história da educação da região, ocupando importantes funções como professora, coordenadora no curso de Graduação e de Pós-Graduação e assessora especial da Reitoria da Universidade de Caxias do Sul.

Segundo o documento de Orçamento de 1980 - do Departamento de História e Geografia para a Graduação, a professora Maria ministrava as disciplinas “História das Ideias Políticas e Sociais”, “História Moderna I” e “História da América I”, no campus sede, em Caxias do Sul, nas manhãs e tardes, totalizando 60 horas/aula. A professora Loraine Slomp Giron ministrava “História do Brasil I”, “Geografia Econômica I”, “História Geral e Formação Econômica do Brasil”, “OSP”, “Problemas Sócio Culturais e Econômicos Contemporâneos”, “História Medieval”, “História do Rio Grande do Sul”, “História Contemporânea”, “Estudos Interdisciplinares” e “História do Pensamento Econômico”. Não foi encontrado o horário e carga horária de cada disciplina, porém sabe-se que as aulas aconteciam nos turnos da manhã e da noite (ORÇAMENTO, DHIG, IMHC, 1980)

Neste mesmo ano, o CCHA fez a aquisição de material permanente, uma máquina de datilografia que foi utilizada nas atividades dos dois departamentos e a Associação Regional dos Professores Universitários de História convidou o Diretor de Centro para participar da associação, no documento não há outras informações.

No ofício n. 007/81, fica evidente o desejo da professora Maria Abel em participar do “XI Simpósio Nacional de Professores Universitários de História”, em João Pessoa, na Paraíba, para isso, ela solicitou ajuda de custos para a passagem aérea, hospedagem e alimentação. A

data da solicitação é de 15 de maio de 1981 e a professora Regina Dal Bó era a chefe do Departamento de História e Geografia. No ano de 1981, a professora Maria aparece como coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1981).

As duas fotografias a seguir são da professora Maria Abel Missel Machado. Podemos perceber uma historiadora em meio a suas anotações e livros, sorrindo, estaria ela esperando para ser fotografada? Podemos identificar seus manuscritos na mesa e, ao lado, repousam seus óculos. A primeira figura, uma versão com sorriso, a outra, com uma postura séria. Mulheres em espaço de liderança poderiam ser sorridentes.

Figura 23 - Professora Maria Abel Machado sorridente



Fonte: Professora Maria Conceição Abel, 06/10/1989. Foto Maria da Graça Soares de Oliveira. Acervo CEDOC/IMHC/UCS (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2021).

Nas fotografias, podemos observar a professora Maria fazendo pose, em sua mesa de trabalho, envolta a suas anotações, há também um cinzeiro em cima da mesa, revelando que na época, o tabagismo era considerado um hábito comum.

Figura 24 - Professora Maria Abel Machado



Fonte: Professora Maria Conceição Abel, 06/10/1989. Foto Maria da Graça Soares de Oliveira. Acervo CEDOC/IMHC/UCS (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2021).

Durante a finalização deste texto, conversei com algumas colegas professoras da escola em que trabalho e também com as professoras Eliana Relá e Vânia Herédia, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade de Caxias do Sul, por saber da ligação que elas tiveram enquanto colegas e alunas.

A fotografia a seguir foi retirada do Facebook, nela estão as professoras Vânia Herédia e Maria Abel. A socióloga Vânia trabalhou e era amiga pessoal da professora Maria, ela fez parte da Banca de defesa do Doutorado, além da afinidade de temas, sociologia e trabalho, elas pensavam e acreditavam em valores próximos, relação interessante, pois a ideia de uma complementava a ideia de outra. Fizeram algumas viagens para participar de congressos e eventos nacionais e internacionais, a fotografia a seguir corresponde ao “Congresso de Sociologia do Trabalho de Havana”, ocorrido em Cuba, em 2003. A professora Vânia também lembra que essa viagem foi a penúltima de Maria e que a professora estava com a saúde fragilizada.

Figura 25 - Professoras Vânia Herédia e Maria Abel Machado, em Havana, em 2003



Fonte: Professoras Vânia Herédia (sentada em primeiro plano) atrás, de roupa branca, a professora Maria Conceição Abel, postagem do Facebook do professor Juventino Dal Bó de 26 de dezembro de 2021, com a seguinte legenda: “Amigas do coração: Maria Abel e Vânia (em Cuba)”, reproduzida por mim, 2023.

A fotografia a seguir é da professora Loraine Slomp Giron, no momento em que palestrava no Bloco H, da Universidade de Caxias do Sul, no “Seminário sobre a 2ª Guerra Mundial”, em 30 de dezembro de 1985. Nesta fotografia, percebemos a historiadora, mas também a professora e a intelectual com seu tema de pesquisa – também caro – envolvendo o fascismo. Cabe destacar que esse ano foi muito significativo nas lutas pelo fim da ditadura cívico militar e pela resistência das mulheres. Ao fundo da imagem, percebemos um quadro negro e, atrás dele, cartazes referentes ao seminário.

Figura 26 - Professora Loraine Slomp Giron



Fonte: Professora Loraine Slomp Giron durante o Seminário sobre a 2ª Guerra Mundial na UCS, 30/12/1985. Foto: Mário André Coelho de Souza. Acervo CEDOC/IMHC/UCS (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2021).

Ao observar as correspondências trocadas entre o Departamento de História e Geografia, a Reitora da Universidade e outras instituições, como a Prefeitura, podemos confirmar a potência, aqui já mencionada, da Especialização em “História da América Latina”. Sobre o curso, encontrei um conjunto de documentos do ano de 1986 e neles podemos observar que o curso iniciou em agosto de 1976 e formou “sete turmas e um total de 200 alunos”. O documento descreve a Pós-Graduação como uma referência para formação de professores. Nesse período, a professora Loraine ministrou as seguintes disciplinas: “Teoria da História”, “História dos Estados Unidos” e “Seminário de Pesquisa”. Já a professora Maria Abel ministrou a disciplina de “História da América Latina I” e a professora Cleci Favaro Klein, a disciplina de “Metodologia do Ensino de História” (PROJETO DA ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA/DHIG, IMHC, 1986).

No Curriculum Vitae da professora Loraine, foram anexadas as seguintes informações sobre as disciplinas que ministrou, sendo elas “História da América”, “História do Brasil”, “Histórias dos Estados Unidos”, “Metodologias de ensino” e “Teorias da História”, entre 1964 e 1986. Além disso, consta os projetos que coordenou como responsável pelo Arquivo Histórico

Municipal (1974-1976) e como chefe de Chefe do Departamento de História e Geografia, de 1969 a 1971 e 1982 a 1986.

O Currículo da Professora Cleci também faz parte do conjunto de documentos, nele há as disciplinas: “História”, “História Contemporânea”, trabalhadas de 1974 a 1977. Na UCS, ministrou “História Econômica e Social do Brasil”, “História do Rio Grande do Sul”, “Metodologia Ensino da História de 1982 a 1985” e “História Contemporânea”. Estas últimas na Escola Superior La Salle, de 1978 a 1985, onde também exerceu os cargos de Chefe de Departamento e de Coordenadora de Extensão, de 1979 a 1985 e foi assessora técnica de Estudos Sociais na 27ª Delegacia de Educação, em 1981.

O curriculum Vitae da professora Maria Abel, que também fazia parte do documento, traz as informações de sua formação: graduação em História e especialização em História da América Latina - 1974 a 1977. As disciplinas que ministrou entre 1974 a 1986 foram “História Moderna”, “História da América”, “História do Rio Grande do Sul” e “História da América Latina”. A professora também foi Chefe do Departamento de História, de 1974 a 1978; coordenadora dos cursos de Secretariado, de 1982 a 1983; coordenadora dos cursos de Pós-Graduação, de 1979 a 1985; e coordenadora do curso de Especialização em História da América Latina, de 1976 a 1986.

Outro evento do DHIG, é o Encontro Regional de História correspondente aos dias 26 a 28 de setembro de 1987, na cidade de Canela, no Rio Grande do Sul, e formou 50 professores da região. Foi ministrado pelas professoras Loraine S. Giron, Maria C. Abel e Berenice Corsetti. Os Encontros Regionais de História ocorreram desde 1984 e, no ano de 1987, habilitaram professores de História dos municípios de Nova Petrópolis, Bento Gonçalves, Garibaldi, Flores da Cunha, Antônio Prado, Guaporé, Farroupilha e Canela (PROJETO DE EXTENSÃO DHIG IMHC, 1984-1987).

A professora Loraine era responsável pela pesquisa “CIACO - As Companhias de Colonização - A reprodução do Sistema Colonial”, juntamente com a professora Berenice Corsetti, no período de 1985 a 1987. Além dessa pesquisa, a professora Loraine coordenou “O processo Políticos de Caxias do Sul”, no período de 1984 a 1987. (PROJETO DE PESQUISA DHIG IMHC, 1984 -1987).

Loraine ministrou a palestra “O ensino de Estudos Sociais” que aconteceu na Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, em 09 de março de 1985, a partir da promoção feita pelo Departamento de História e Geografia, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município sede (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO DHIG, IMHC, 1985).

Na relação de palestras ministradas, o documento ainda abarca a exposição intitulada: “O Contexto Histórico da Segunda Guerra”, ocorrida no dia 21 de fevereiro de 1985. Foi ministrada pela professora Heloisa E. Bergamaschi, no 3º GAAAé - Grupo de Artilharia Antiaérea. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO DHIG, IMHC, 1985).

A palestra “O Contexto Histórico Brasileiro” aconteceu na Escola Municipal Esther Troian Benvenuti, em 02 de abril, e foi proferida pela professora Loraine S. Giron. Que também realizou a palestra “Contexto Histórico da Revolução Farroupilha”, em 11 de junho, em parceria com o Departamento de História e Geografia, com a Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves e com a 16ª Delegacia de Educação. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO DHIG IMHC, 1985).

As pesquisas em andamento de 1985 são referentes ao “Processo Político de Caxias do Sul”, financiado pelo CNPq, com a participação das professoras Loraine Slomp Giron, Maria da Conceição Abel e Heloísa Eberle Bergamaschi. A professora Loraine também coordenou o Encontro Regional de História na cidade de São Marcos, entre os dias 23 a 25 de agosto de 1985. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO DHIG, IMHC, 1985).

Em 01 de julho de 1986, aconteceu a reunião do 7º Núcleo com professores do noturno, realizada no Centro Administrativo, durante o IV Simpósio Municipal de Educação e o I Simpósio Regional de Educação. Como debatedora, está a professora Loraine Slomp Giron (de blusa clara) e à sua esquerda, está a professora Nelcy Rosa Casara. (EXTENSÃO, DHIG, IMHC, 1993).

As três imagens a seguir são fotografias do referido evento. Na primeira, em preto e branco, podemos perceber uma sala com lâmpadas fluorescentes e uma mesa retangular, ao fundo um quadro verde, em que é possível perceber anotações de giz branco, é uma sala de reuniões, a mulher que gesticula com o braço é a professora Loraine, as outras pessoas são professoras/as de escolas estaduais de Caxias do Sul.

Figura 27 - Professora Loraine Slomp Giron e professores noturnos no Centro Administrativo



Fonte: Professora Loraine Slomp Giron, 01/07/1986. Autoria não identificada. Acervo da Fototeca AHMJA/ Caxias do Sul (1976-2023). 2003.

Na fotografia, podemos perceber outro ângulo da mesma reunião ou da formação de professoras/es (não sabemos exatamente do que se trata o encontro), é notável que aquele primeiro dia de julho fazia muito frio, pois as professoras estão com roupas de inverno. Todas estão olhando para a professora Loraine, qual seria o tema referente à educação que discutiam?

Figura 28 - Professora Loraine Slomp Giron e professores noturno no Centro Administrativo 2



Fonte: Professora Loraine Slomp Giron, 01/07/1986. Autoria não identificada. Acervo da Fototeca AHMJA/ Caxias do Sul (1976-2023). 2003.

Novamente, a mesma cena eternizada, mas agora de um terceiro ângulo, em que é possível ver o longo cabelo da professora, preso em uma trança lateral. O reflexo das lâmpadas fluorescentes na fórmica escura da mesa é nítido, podemos notar que a professora, em primeiro plano, toma nota.

Figura 29 - Professora Loraine Slomp Giron e professores noturno no Centro Administrativo 3



Fonte: Professora Loraine Slomp Giron, 01/07/1986. Autoria não identificada. Acervo da Fototeca AHMJS/ Caxias do Sul (1976-2023). 2003.

Nas três fotografias, podemos observar a professora Loraine sentada à mesa com outras professoras, segundo os dados, são mulheres professoras do noturno de escolas da Rede Estadual de Caxias do Sul. A professora está de roupa clara e seu braço indica um movimento que talvez traduza que ela está falando, já que é debatedora. A trança e o coque no cabelo tornam-se uma marca pessoal da professora que, por muitos anos, apresentou-se desta forma. O ano de 1986 foi significativo para a redemocratização do país, o que estariam conversando as professoras na reunião? O que debateram nesses encontros sobre a educação? Como esses momentos de formação de professoras no Centro Administrativo Municipal chegaram às escolas? Houveram outros momentos promovidos para pensar educação? Regionalmente, era a primeira vez que se debatia educação? A fotografia cristalizada não permite saber se de fato houve um debate, levando em consideração que a professora Loraine foi a debatedora.

No documento “Departamento de História e Geografia - atividades de extensão de 1988”, destaco os projetos de extensão: Projeto n. 15/88 - DHIG-CAEH/CCHA - Ciclo de Estudos “História na UCS”, organizado pelo Centro Acadêmico de Estudantes de História e

dois cursos de extensão previsto para o segundo semestre de 1988: “História do Rio Grande do Sul” e “Métodos e Técnicas de Organização de Arquivos Históricos”. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO DHIG, IMHC, 1988).

No ano de 1989, podemos perceber os esforços da professora Heloisa, como chefe do Departamento de História e Geografia, em questionar as decisões municipais sobre o destino dos prédios históricos, como visto em ofício externo de 24 de julho 1989, em que a professora envia um texto de repúdio à ocupação do prédio, que hoje é o Arquivo Público Municipal de Caxias do Sul, pela SEMTUR (Secretaria Municipal do Turismo). O documento é endereçado para o prefeito municipal e para o secretário de educação, que colocam o Departamento e a Universidade como curadores que aguardam a revisão da decisão para a criação do arquivo público³⁴ (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1989).

As ações da professora Heloisa também são de solicitação para pesquisa de campo, para visitas de professores com seus estudantes e para questionamentos, como visto no ofício enviando ao secretário de educação, questionando-o que não está claro, no texto do documento enviado ao local, sobre a “Reciclagem” dos professores da área de Estudos Sociais na palestra sobre o Manejo do Solo. Neste mesmo ano, a professora Heloisa, atendendo a uma solicitação da professora de “História do Brasil I e IV”, Loraine, notifica a reitoria que os alunos estão fazendo pesquisa sobre o processo eleitoral brasileiro, com uma prévia eleitoral, agradecendo a colaboração e, paralelamente, solicita ao Juiz Eleitoral de Caxias dez urnas para a prática da professora Loraine. O agora professor do PPGHis, que na época era aluno, Roberto Radüz, ficou encarregado de buscar as urnas. A professora Cleci, coordenadora do curso de História, recebe por ofício um agradecimento por sua colaboração na pesquisa sobre as eleições para Presidência da República (CORRESPONDÊNCIA, DHIG, IMHC, 1989).

Sobre o ano de 1989, encontrei um documento datilografado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão que relaciona as verbas aprovadas para o primeiro semestre de 1989. Nesse documento, destaca-se o projeto da professora Heloisa Bergamaschi, intitulado “Levantamento

³⁴ No prédio do antigo Hospital Carbone, em 1979, protagonista de um movimento a favor da preservação do prédio conhecido como “antigo Hospital Carbone”, que perdurou muitos anos, levando em conta que, somente em 1999, o prédio foi definitivamente preparado para receber o arquivo. No site da prefeitura é possível levantar as informações que o processo contou com o apoio de empresas que adquiriram o imóvel e o doaram ao Poder Público, condicionando a sua ocupação com o acervo documental da cidade. Nas décadas seguintes, o prédio passou por reformas e a transferência do acervo se deu em 1996, mas a ocupação definitiva em 1999, ano em que passou por novas reformas a fim de possibilitar sua plena ocupação. A edificação foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Estadual – IPHAE, em 1986, e pelo Município de Caxias do Sul, em 2002. Em 15 de setembro de 1997, pela Lei nº 4704, a instituição denominou-se Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, em homenagem a esse historiador autodidata que doou seu acervo documental em 1970.

de fontes relativas à História da UCS e de sua produção científica", visando à organização de um centro de documentação (CDOC/UCS PROJETO DE PESQUISA, DHIG, IMHC, 1989).

O projeto "Criação do Centro de Documentação História da Universidade de Caxias do Sul" (CDOC/UCS), ao que tudo indica, foi idealizado pela professora Heloísa Eberle Bergamaschi e teve parecer favorável para a continuação de sua pesquisa, cujo título era "Levantamento de Fontes Relativas à História da Universidade de Caxias do Sul" e de sua produção Científica, visando à organização de um Centro de Documentação (CDOC/UCS) aprovada em assembleia de professores do Departamento de História (ata n. 114), de 16 de novembro de 1988. No ano seguinte, surge outro documento referente ao projeto, datado de março de 1989, em que o nome da professora Heloísa E. Bergamaschi aparece como coordenadora da equipe de trabalho, seguidos dos nomes das professoras Loraine e Maria Abel (ATA N.114, DHIG, IMHC, 1988).

Na fotografia a seguir, a professora Loraine está no Centro de Documentação Histórica da Universidade, localizado no bloco H, da Universidade de Caxias do Sul, juntamente com a professora Ivoni Nör Paz, em 18 de setembro de 1992. A imagem a seguir é emblemática e reflete a pesquisa documental recorrente do trabalho das historiadoras, o entorno está repleto de documentos, separados em envelopes e categorizados, percebemos também as máquinas de datilografar, que logo estariam obsoletas, pois as Universidades, aos poucos, criam seus laboratórios de informática, mas que, nesse momento, eternizado pela foto, seu uso ainda era distante da pesquisa histórica.

Sobre a mesa, além dos documentos, percebem-se as "fichas" de anotações para trechos de documentos e achados relevantes. Voltando ao material das estantes, podemos observar diferentes formas, há brochuras encadernadas, há caixas com etiquetas e também pacotes. Seriam os documentos que acessei anos mais tarde para fazer essa escrita? O CEDOC deu origem ao atual IMHC, setor esse que migrou para diferentes prédios da Universidade ao longo desses 31 anos e hoje está localizado no Bloco J.

Figura 30 - Professora Loraine Slomp Giron e Ivoni Nör Paz no Centro de Documentação Histórica da UCS



Fonte: Centro de Documentação Histórica da UCS localizado no bloco H. Professoras Loraine Slomp Giron e Ivoni Nör Paz, 18/09/1992. Foto: Berenice da Silva. Acervo CEDOC/IMHC/UCS (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2021).

No ano de 1989, a professora Heloisa era chefe do Departamento de História e Geografia, em junho daquele ano, foi orientada pela Pró-Reitoria sobre a necessidade de padronizar os procedimentos do dia a dia de trabalho do departamento (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1989). Nesse período, a professora Cleci Eulália Favaro Klein era coordenadora de Curso de História e solicitou que o colegiado organizasse uma forma de utilização do Laboratório de Computação. No dia 05 de abril de 1989, a professora Cleci tornou-se coordenadora do curso de História (CORRESPONDÊNCIA DHIG, IMHC, 1989). No relato da professora Vânia Herédia, é possível perceber que foi nesse momento que elas trabalharam juntas, enquanto isso, a professora Maria, em setembro do mesmo ano, era assessora especial da Reitoria. As funções assumidas na hierarquia institucional denotam que elas foram ocupando espaços de destaque, realizando, em seu fazer, mediações em funções de gestão e administrativas, para além da sala de aula e da pesquisa.

Em 29 de dezembro de 1989, a mesma Pró-Reitoria de Administração comunica por meio de um ofício, o plano de informatização da UCS, em que a efetividade dos docentes passou a ser emitida digitalmente. No mesmo ano, a professora Heloisa encaminha uma avaliação

minuciosa sobre a universidade e sobre o ensino do CCHA. No ano seguinte, o nome da professora Maria Abel aparece como responsável pela reconstrução curricular e assessoramento. (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1989).

No ano de 1991, a documentação aponta mais movimentos internos que levam os trâmites do departamento com a criação do Museu e Arquivo Histórico, assunto que vinha sendo pauta desde 1989. Para sua criação, haviam várias frentes promovidas por mulheres: Tânia Maria Zargo Tonet (Diretora do Museu e Arquivo Histórico Municipal), Regina Angela Dal’Bó (Chefe do Departamento de História e Geografia), Teresinha Magalhaes de Lima (Secretária Municipal de Cultura). Houve, nessa época, uma capacitação promovida pela Prefeitura, um curso de especialização em museus e arquivos históricos que foi ofertado para municípios que integram a segunda Região Museológica. A vereadora Geni Peteffi agradeceu o apoio no seminário regional “Patrimônio Histórico” (PROJETO DE CRIAÇÃO DO MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO DHIG IMHC, 1991).

Figura 31 - comemorativa aos 45 anos do AHMJSA



Fonte: Fachada do arquivo em 2021. Autoria não identificada. Acervo da Fototeca AHMJSA/ Caxias do Sul (1976-2023). 2003.

Os esforços das professoras em preservar a memória da cidade e de seus habitantes é recorrente, a partir dos dois espaços da memória local que existem até hoje e analisando a documentação, podemos apurar que o interesse em salvaguardar esses documentos envolveu inúmeras solicitações. Estaria o arquivo histórico com o nome equivocado? Se sua idealização, seu projeto e sua formação de profissionais para atuar no espaço partiu das professoras, mulheres, por que mais uma vez um nome masculino ganha o mérito?

Os ofícios departamentais recebidos e enviados apontam que a professora Loraine Slomp Giron foi chefe do Departamento de História e Geografia, em 1992. Neste mesmo ano, em agosto, foi orientada pela Pró-reitora de Pesquisa a, juntamente com o Departamento de História e Geografia, avaliar e acompanhar os projetos científicos, que antes precisavam ser apreciados pela Assembleia Departamental para depois serem encaminhados à Pró-Reitoria de Pesquisa. Em agosto do mesmo ano, a professora envia um ofício para notificar que se compromete a divulgar os resultados do evento “Novo Mapa do Mundo” e solicita junto a Pró-Reitoria Administrativa o auxílio financeiro para uma respectiva professora do Departamento. São mulheres que lideram a afirmação da pesquisa científica junto à Universidade que também estava se constituindo (CORRESPONDÊNCIA, DHIG, IMHC, ag. 1992).

A professora Maria Abel, por meio do ofício de 07 de dezembro de 1992, notifica que coordena uma Comissão de Professores para participar do I Encontro Nacional de Pesquisadores e Professores de História da América Latina, em Mariana (MG), promovido pela Universidade Federal de Ouro Preto, entre os dias 13 a 15 de janeiro de 1993, com o objetivo de discutir os currículos de programas de História da América Latina e a Pesquisa em História da América Latina no Brasil. A solicitante esclarece também que é a única professora representante de uma universidade particular e questiona também a possibilidade de ajuda de custos como transporte, alimentação e hospedagem. O documento foi enviado à então chefe do Departamento de História e Geografia, professora Loraine S. Giron. No verso do documento, há escrito a aprovação da participação da professora requerente, no entanto, em relação aos custos, não foi atendida, pois a verba da “Prefeitura esgotou-se totalmente”, essas duas observações são escritas à caneta no verso do documento (CORRESPONDÊNCIA, DHIG, IMHC, 1992).

No ofício de 21 de dezembro de 1992, a então chefe de Departamento de História e Geografia, professora Loraine Slomp Giron solicita, junto a Pró-Reitoria Administrativa, a liberação de verba (quinhentos mil cruzeiros) do Fundo de Extensão do Centro de Ciências Humanas e Arte para auxiliar nos custos para que a professora Maria Abel possa comparecer

no I Encontro Nacional de Pesquisadores e Professores de História da América Latina. No verso do documento, escrito à mão, a Controladoria Econômica-Financeira justifica que não há verbas, visto que não há recursos de Extensão, mas em um último manuscrito, é autorizada “ordinariamente” o valor acima solicitado. O valor das custas totais era de três mil cento e trinta cruzeiros (CORRESPONDÊNCIA, DHIG, IMHC, 1992).

No ofício de 11 de março de 1993, a então chefe do Departamento de História e Geografia comunicou à Coordenação de Pesquisa o interesse de elaborar um curso de Mestrado parecido com o Curso de Mestrado em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 14 de junho, o ofício circular solicita que a professora Loraine reserve o horário de segunda-feira, das 17h às 19h, para dar continuidade a proposta de criação de curso de Mestrado na área de História e Cultura da América Latina (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1992). Mais uma vez, por intermédio da professora Loraine, o curso de Mestrado era um objetivo recorrente do colegiado.

Um memorando da professora Loraine S. Giron informa à Coordenação de Pesquisa que as professoras Maria Abel e Ivoni Nor Paz estão elaborando um curso de especialização em “Arquivos e Museus”, por solicitação das prefeituras Municipais, incluindo a de Caxias do Sul, que ela mesma se refere como “nossa Prefeitura”. O memorando ainda infere que quando o projeto estiver concluído, será encaminhado para o setor. Esse documento é de 03 de setembro de 1993 (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1993).

Figura 32 - Professora Loraine Slomp Giron



Fonte: Professora Loraine Slomp Giron, 01/01/1993. Foto: Berenice da Silva. Acervo CEDOC/IMHC/UCS.

Professora Loraine, enquanto chefe de departamento, em março de 1993, é consultada por ofício circular sobre a possibilidade do Departamento oferecer cursos, seminários e outros tipos de evento a nível de extensão para comunidade regional, a solicitação é do Pró-reitor de Extensão da época, Armando Antonio Sachet, um ano antes, em 1992 (CORRESPONDÊNCIA, DHIG, 1993). Segundo o Caderno de 50 anos³⁵ da Universidade de Caxias do Sul, deu-se, nesta época, o processo de informatização da UCS, com a instalação dos primeiros laboratórios e iniciou as atividades do Núcleo de Pedagogia Universitária (NPU), que era responsável pela formação dos professores da Universidade.

Loraine, como chefe do Departamento de História e Geografia, solicitou à Reitoria, através de um ofício, em 17 de março de 1993, a redução de carga horária para os professores/as que buscavam qualificação profissional, visando oferecer melhores condições de trabalho para os professores que buscam qualificação profissional, a partir da redução de carga horária. A professora lembra que os dois professores desenvolvem excelentes trabalhos e suas pesquisas são relevantes para a região (CORRESPONDÊNCIA, DHIG, IMHC, 1993). Interessante

³⁵ SUL, Universidade de Caxias do. **Linha do Tempo**. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/uc-50-anos/linha-do-tempo/>. Acesso em: 21 out. 2023.

salientar que neste mesmo ano, segundo o Caderno 50 anos³⁶, a UCS contratou 10 cientistas russos especialistas em Mecânica, Eletrônica, Engenharia e Matemática e, no ano seguinte, registra a primeira patente internacional e iniciam as atividades do Centro Tecnológico de Caxias do Sul (CETEC UCS). No texto comemorativo aos 50 anos da Universidade, não há menção sobre as professoras do Centro de Ciências Humanas e Arte e seus movimentos, ao contrário, é dada visibilidade para professores homens e das áreas da Medicina, Direito e às áreas tecnológicas.

No mês seguinte, o DHIG recebeu da Prefeitura de Caxias do Sul uma solicitação de um trabalho sobre o Plebiscito de 21 de abril, a fim de instrumentalizar os professores municipais sobre o assunto. A palestra foi marcada para o dia 14 de abril, na Casa de Cultura. Em ofício do dia 24 de agosto de 1993, a Secretária Municipal de Educação e Cultura de Bento Gonçalves solicita o apoio da professora Loraine Slomp Giron e da professora do curso de Geografia Ivanira Falcade para participarem do Encontro de professores de Estudos Sociais (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1993).

A professora Loraine solicitou em 20 de abril de 1994 que fosse aumentada a oferta da disciplina de “Realidade Brasileira”, ao mesmo tempo, solicita que o número de vagas por turma seja reduzido, a justificativa é que em uma sala com muitos alunos não é possível pôr em prática as políticas de ensino de graduação, que pretende formar “sujeitos capazes de reconhecer o mundo e o homem neste mundo.” (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1994).

A professora Loraine, então chefe do Departamento de História e Geografia, recebe a coordenadora dos cursos de História e Geografia, a professora Luiza Horn Iotti. A presença deu origem a um parecer sobre a elaboração preliminar das ementas do curso de História. Luiza solicita ainda que seja necessário ampliar o debate sobre as ementas, pois nem todos os professores puderam enviar suas sugestões. A professora chefe do Departamento de História e Geografia solicitou material bibliográfico, no caso, vídeos do acervo da Videoteca da FEA-UFRJ, em 25 de maio de 1994 (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1994).

A professora Loraine recebe, por meio de ofício, em julho de 1994, a informação que, em função da redução de custos institucionais, as disciplinas de “Escolas Históricas”, “História de Caxias do Sul” e “Blocos Internacionais de Poder”, todas eletivas, foram canceladas da programação do próximo semestre. Em um outro documento, de 11 de julho a 06 de agosto de 1994, é notificada que acontecia o curso de férias e a complementação das disciplinas da

³⁶ O texto comemorativo aos 50 da Universidade de Caxias do Sul está disponível em https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Caderno_50-Anos-UCS.pdf acesso em 23 out. 20023.

Licenciatura Plena em História foram oferecidas na cidade de Vacaria, em um Campus da Universidade. A professora Loraine foi convidada pelo Prefeito Municipal de Nova Prata a proferir uma palestra tendo como tema “A mulher e o trabalho na pequena propriedade rural”, no dia 04 de agosto de 1994. Em 1994, a professora Loraine recebe orientação de como preencher as disciplinas pedagógicas para que não houvesse conflitos. A professora Luiza Horn Iotti, então Diretora de Curso de História, solicita para a professora Loraine, através de um manuscrito, as disciplinas aprovadas pelo Colegiado (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1994). Em ofício de 01 de novembro de 1994, a chefe do Departamento de História e Geografia, professora Loraine, envia um novo cronograma para o terceiro período da licenciatura curta em Estudos Sociais (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1994).

A professora Loraine comunica a Reitoria que ficou surpresa com a demissão de 45% dos membros do CCHA e enfatiza que a decisão da Reitoria é arbitrária e que esse fato desqualifica a universidade e desmonta o curso de História. Em 09 de agosto de 1994, a professora Loraine encaminha o pedido de readmissão dos cinco colegas professores demitidos, pois faltam professores para as disciplinas do curso. Uma frase que me chamou atenção deste documento é: “Considerando que o conhecimento não se improvisa” (CORRESPONDÊNCIA, DHIG, IMHC, 1994).

Em 24 de agosto de 1994, a professora enviou ofício ao reitor notificando sobre a paralisação dos alunos em função da demissão de cinco professores. Em 12 de dezembro do mesmo ano, a professora reitera por meio de ofício, que os alunos do curso de História estão vivendo um semestre conturbado em função da demissão de cinco professores, a professora notifica que foi feito um abaixo assinado pelos alunos para que a professora Regina Dal Bó voltasse a ministrar as aulas de “História Antiga II”. O abaixo assinado está junto com o ofício encaminhado pela chefe do Departamento (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1994).

A demissão de professores/as, em 1994, como já foi mencionada, gerou manifestações e o Centro mais afetado foi o CCHA é os/as professoras das Humanidades. Aqui, podemos relacionar o fato de que a educação vem sendo negligenciada e com ela seus profissionais e surge-nos o seguinte questionamento: seriam os/as professores/as os/as profissionais que ameaçam a ordem vigente? De fato, a instituição precisou voltar atrás e readmitir alguns deles, mas não foi o caso da professora Maria.

Em 26 de setembro de 1994, a assembleia departamental do Departamento de História e Geografia, presidido pela professora Loraine, comunicou que o projeto de Mestrado em História Social da América Latina foi aprovado. Este projeto não saiu do papel, somente em 2012 a UCS ofereceu o curso de Mestrado Profissional em História.

A professora Loraine, em 08 de dezembro de 1994, questiona, juntamente com a Assembleia do Departamento de História e Geografia, a posição do CONSUNI sobre a suspensão do curso de Geografia. Outro documento interessante é o ofício enviado para Loraine, como Chefe de Departamento de História e Geografia, para que se manifestasse quanto a necessidade de utilização do Laboratório de Informática no bloco G da Universidade, em 1994. Nota-se que o Departamento possui certa importância na História da região e a Escola Estadual Olga Maria Kayser é um exemplo disso, a instituição agradece Loraine pelas estagiárias que realizaram o “resgate histórico da escola” no ano de 1994, ao mesmo tempo que solicita a continuidade do projeto. Esse reconhecimento é por parte das comunidades e das escolas (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1994).

A professora Loraine S. Giron, então chefe do Departamento de História e Geografia, recebeu da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, em 24 de janeiro de 1995, o documento da CAPES que regula o Programa de Apoio a Cursos de Pós-Graduação Lato-Sensu (LS). No dia 29 de maio do mesmo ano, um outro ofício foi enviado à professora sobre a orientação sobre o preenchimento dos diários de classe e dos conteúdos desenvolvidos nas disciplinas. O documento ainda salienta a importância dos Departamentos de garantir a qualidade dos cursos de pós-graduação. No ofício seguinte, há a orientação que os conteúdos programáticos fossem datilografados para evitar “costumeiros problemas de legibilidade” (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1995).

No mesmo ano, a professora Loraine, em ofício do Departamento de História e Geografia, solicita um aparelho de televisão para as salas do Bloco E. Salienta que para a melhoria da qualidade de ensino “faltaria ainda um telão, um outro retroprojektor com telas grandes, em 23 de junho de 1995” (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1995).

Outro ofício de 22 de dezembro de 1995 notifica a então chefe do Departamento, professora Loraine, que a reitoria apoia as atividades de extensão do Departamento, sugerindo ampliação e intensificação das ações extensionistas para o desenvolvimento de professores e alunos através dos Diretórios Acadêmicos (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1995).

A professora Loraine, como chefe de Departamento de História e Geografia, solicitou a Casa do Professor Visitante para hospedar o professor Mário Maestri Filho, que vinha a Caxias do Sul, em 04 de julho de 1996. A frase que me chamou atenção nesse ofício foi “certa de contar com sua nunca desmentida boa vontade”. A professora Loraine, por meio de ofício circular, informa que participou do quadro docente do curso de especialização em História Regional, em 1995 e 1996 e que a especialização que foi ofertada em Bento foi suspensa por falta de interessados (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1996).

No ofício de 30 de agosto de 1996, Loraine, com chefe de Departamento de História e Geografia, comunica que a preparação para o Seminário de Estudos sobre o Rio Grande do Sul foi desestimulada pela Pró-Reitoria de Graduação e Pesquisa, visto que, o curso de Mestrado não foi aprovado. A professora argumenta que o seminário não implicará em gastos extras para a universidade, ao mesmo tempo que insiste que o Programa do Instituto Memória Histórica e Cultural, instituído pela própria Pró-Reitoria, depende de iniciativas como o Seminário (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1996).

A professora Loraine foi chefe do Departamento de História e Geografia de 1969 a 1971 e de 1982 a 1988, esse cargo implica em uma série de responsabilidades que envolviam coordenar o projeto pedagógico dos dois cursos de graduação, além de solicitar materiais, estrutura e infraestrutura, bem como profissionais. Além disso, era necessário elaborar projetos de pesquisa e de extensão, como destaquei anteriormente. A escrita breve e pontual das correspondências da professora Loraine me tocou em outro ponto que levo para meu ativismo no sindicato, que é o fato de deixar tudo registrado, os questionamentos e os argumentos contrários escritos à reitoria.

Segundo ofício de 17 de outubro de 1996, a professora Heloisa, então chefe de Departamento de História e Geografia, comunica que a assembleia departamental aprovou o anteprojeto do curso de mestrado em História Regional, no mês seguinte, em dezembro de 1996, a Especialização em História Regional foi aprovada pela assembleia departamental. Loraine, em 1996, como chefe de departamento, solicita a dispensa da professora Maria Beatriz Pinheiro Machado para participar de curso da SMEC. Novamente, o Mestrado em História Regional é levantado em assembleia departamental, mas mesmo assim, ele não é aberto e a Universidade oferece a Especialização de mesmo nome (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1996).

No mês de abril de 1997, a professora Heloisa Bergamaschi envia para a Supervisão de Departamento de Pessoal a solicitação que a professora Loraine Slomp Giron cumprisse 20h/semanais no Núcleo de Farroupilha, ministrando a disciplina “EDU 260E - PEES 1 Estudos Sociais”, no Ensino de 1º Grau e solicita os pagamentos das horas, bem como ajuda de custo (CORRESPONDÊNCIA DHIG, IMHC, 1997).

O CDOC/IMHC/UCS, segundo a documentação, recebeu o projeto de reativação do centro de documentação, em março de 1997. Neste ano, entrei na Graduação em História. O Projeto de reativação do Centro de Documentação foi coordenado pela professora Loraine a partir de 20 de março de 1998.

Heloisa, em 11 de junho de 1997, recebeu as orientações, por meio de ofício emitido pelo gabinete do reitor da Universidade, Professor Ruy Pauletti, tendo em vista que os recursos

orçamentários eram escassos. Ao mesmo tempo, cita a FAPERGS e ao CNPq que tem apoiado a realização de eventos, no entanto, nesse ano de “orçamentos escassos”, foram instalados, em prédios próprios, o Centro de Difusão Educativa (CETEL), que abrigou a UCS TV, o Núcleo de Teledifusão e o Núcleo de Laboratório de Rádio e Televisão. Também foi inaugurado o Jardim Zoológico no campus sede da Universidade. A UCS TV funcionou por uma década e encerrou suas atividades em 2017.

Na coleção de documentos, há muitos ofícios de outras universidades agradecendo o envio da Coletânea Cultura e Saber, número 1 e 2, volume 1, em dezembro de 1997. Pelo que tudo indica, o CCHA buscou expandir suas pesquisas através do encaminhamento de dois números da revista, esse movimento foi uma tentativa acertada de divulgar a pesquisa histórica regional (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1997). Os contatos feitos através de correspondência foram com as seguintes instituições: Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade do Amazonas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade de Santa Úrsula, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade de Brasília /Campus Universitário Darcy Ribeiro/Asa Norte, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Ceará, Universidade de Sorocaba, Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, Universidade Católica de Petrópolis e Universidade de Montes Claros.

A professora Heloisa, como chefe de Departamento, enviou um ofício, em 05 de maio de 1998, revelando que o Programa do Curso de História não sofre modificações, e o de Geografia, deve-se acrescentar na disciplina de Geografia Geral, que abarca os tipos de economia e o conceito de Globalização. Nos ofícios trocados, há a grade curricular da Graduação em História e Geografia. Esses documentos tiveram como objetivo a organização do exame vestibular daquele ano. Em outro ofício da chefe de departamento, a professora Heloisa encaminha junto com a coordenadora e a Diretora de Centro, o projeto para o Curso de Especialização em Geografia Econômica, no qual a professora Loraine foi responsável pela disciplina de Formação Econômica e Social do Território Brasileiro (CORRESPONDÊNCIA, DHIG IMHC, 1998).

Em 15 de janeiro de 1998, a então chefe do Departamento de História e Geografia, professora Heloisa E. Bergamaschi, recebe do Pró-reitor Adjunto a orientação sobre as possíveis disciplinas do Departamento que possam atender a clientela da Terceira Idade da região. A professora Loraine Slomp Giron era responsável pelas disciplinas “Prática de ensino” e “Estágio Supervisionado”.

A produção das professoras Heloisa e Loraine são compartilhadas no dia 06 de setembro de 1998, elas enviam as duas últimas publicações para professor Astrogildo e pedem desculpas por não ter estado presente e desejam melhoras à saúde do referido professor. Em 16 de outubro de 1998, a então chefe do Departamento de História e Geografia, professora Heloisa E. Bergamaschi solicita a tradução de dois *abstrats* para o curso de Especialização em História Regional para publicação na coletânea do CCHA/DHIG. Heloisa também recomenda e aprova, por parecer, o afastamento da professora Ivoni Nor Paz para cursar o doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Em outro ofício enviado para o diretor do Núcleo Universitário de Farroupilha, pela chefe do Departamento de História e Geografia, comunica a relação das disciplinas oferecidas no núcleo para o ano de 1998, a própria, ministrará a disciplina de “Moderna II” (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1998).

A professora Heloisa aparece novamente como chefe do Departamento de História e Geografia no ano de 1998 e faz solicitações à reitoria para ampliar a carga horária das orientações das monografias do Curso de Especialização em História Regional, lembrando que as horas não foram previstas. Nessa articulação, no mês de maio, ela envia um ofício lembrando que é de conhecimento do reitor que o Departamento de História e Geografia vem realizando diversas pesquisas que analisam o universo do trabalho feminino em Caxias do Sul e que recebeu o convite da Secretaria Municipal da Cultura para a realização de um programa, em forma de vídeo, de, em média, 15 minutos que analisa o assunto, por isso, a professora solicita cinco turnos de trabalho no CETEL e afirma que posteriormente o vídeo ficará disponível para professores, alunos e comunidade em geral. As solicitações da professora também incluem a disponibilidade da biblioteca do Núcleo de Farroupilha ficar aberta para atender as demandas da disciplina “Introdução ao Estudo da Geografia” (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1998).

No ano de 1998, foi emitido o documento intitulado “Livros recebidos por Astrogildo Fernandes”, de 16 de março a 30 de novembro de 1998. Dentre os livros que constam no documento, há o *Mulheres sem Rosto*, da professora Maria Abel. (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1998).

Encontrou-se também o ofício encaminhado pela chefe do Departamento de História e Geografia, professora Heloisa, ao presidente da FAPERGS, indicando, através de assembleia, o nome da professora Loraine para o prêmio “Pesquisadores Destaque 98”, nas áreas de Ciências Humanas e Sociais e o ofício enviado por Heloisa para a professora Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos, da Unisinos, de São Leopoldo, sobre o VIII Curso Inter-regional de Especialização em Conservação e Restauro de Documentos e Sítios Históricos. O nome da

professora Cleci aparece como intermediário entre as pesquisadoras. A professora Heloisa então buscou outras interlocuções com o Ministério da Justiça e o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária enviou o regulamento do II concurso nacional de Monografias do CNPCP - Prêmio Olga Benário Prestes, cujo tema é "Mulher Presa e a Mulher do preso". Heloisa solicita, através de ofício, informação para a coordenação do I seminário Gaúcho sobre Escravidão Negra da PUC (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1998).

Em um documento de 24 de setembro de 1999, a professora Luiza Horn Iotti, chefe do Departamento de História e Geografia, juntamente com a orientadora do Curso de História, solicita, por meio de ofício para a Pró-Reitoria de Graduação, as seguintes bibliografias: dois exemplares da obra *História das Mulheres no Brasil*, organizado pela historiadora Mary Del Priore; dois exemplares da obra *As sombras do Littório*, da história caxiense Loraine Slomp Giron; e um exemplar da coleção *História da Vida Privada no Brasil* (volumes 1, 2, 3, 4 e 5), organizado por Michelle Perrot. Percebe-se a valorização da produção científica regional, ao mesmo tempo em que se buscou adquirir bibliografias até então inexistentes no curso (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1999).

A professora doutora Luiza Horn Iotti trabalhou no Departamento de História e Geografia, foi aluna e depois colega das quatro professoras, ela também estudou as questões de gênero, ela fez parte da segunda geração de professoras historiadoras da UCS e seu trabalho também tem destaque na região. Sobre ela, caberia outro estudo, assim como as outras professoras do Departamento.

A professora Heloisa comunica, individualmente, qual a disciplina e a carga horária dos professores/as do Núcleo de Farroupilha - Curso de Estudos Sociais, complementação em História. Loraine ministrou a disciplina "Métodos e Técnicas de Pesquisa em História", no período da manhã e da tarde, no mês de janeiro de 1999 (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1999).

Em 29 de maio, a professora Heloisa encaminha a relação de disciplinas que serão oferecidas para a Universidade da Terceira Idade (UNTI). Também encaminha a grande curricular do Curso de Especialização em História Regional, iniciado no primeiro semestre de 1999 e coordenado pela professora Loraine Slomp Giron, lembrando que o curso já foi aprovado pela Assembleia Departamental e pelo Conselho de Pesquisa e Extensão (CEPE). Neste curso, a professora Loraine é responsável também pelas disciplinas que envolvem a história do Brasil: "Imigração e Colonização" e "História Regional" (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1999).

Em uma troca de ofícios entre a Coordenação do Curso de Comunicação, a professora Loraine, chefe do Departamento de História e Geografia, é questionada sobre a possível equivalência das disciplinas “Realidade *Sócio-Econômica*” e “Política Brasileira”. Como resposta, obteve a diferenciação entre as duas disciplinas e de seus conteúdos, a principal distinção é que “A disciplina Realidade *Sócio-Econômica* prevê aspectos culturais que não são trabalhados na disciplina de Realidade Brasileira (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1999).

A professora Loraine foi coordenadora do Colegiado do Curso de História, em 1999, e recebeu o convite para encontros da FAPERGS, Jornadas de pesquisa na Universidade Federal de Santa Maria, IX Ciclo de Palestras de Estudos sobre Política e Estratégia (3º GAAAé), V Salão de Iniciação Científica e II Feira de Iniciação Científica. A professora Maria foi convidada para contribuir no campo da geografia urbana, na Universidade Western Michigan /EUA. O Departamento de História e Geografia recebeu o convite para participar do concurso Consolato Generale d’Itália, o tema foi “A mulher de origem italiana na América Latina” ocorrido em novembro de 1998 (CORRESPONDÊNCIA DHIG IMHC, 1999).

No Centro de Ciências Humanas e Artes e no Departamento de História e Geografia, podemos observar o ativismo em prol da educação, da formação, da qualificação e da valorização dos/as professores/as, além da preocupação com os espaços de memória e com a produção da história da região que as quatro historiadoras se propuseram a fazer. Podemos afirmar que algumas mais que as outras e em tempos diferentes, mas elas marcaram a História da Educação da Região e escreveram mais um capítulo da História das Mulheres.

As quatro historiadoras exerceram a docência e também funções administrativas no Centro de Ciências Humanas e Arte e no Departamento de História e Geografia. Nesses espaços de poder, procuraram, através de requerimentos e solicitações, qualificar o referido centro. Essa mediação estendeu-se além da universidade, pois como mediadoras intelectuais se envolveram com a própria escrita da história da cidade, da região e com a formação de Professoras/es. A exemplo disso, encontramos a idealização do Arquivo Público e o Centro de Documentação.

No capítulo seguinte, conheceremos as obras das quatro historiadoras, seus caminhos metodológicos, a materialidade de seus livros e os conceitos emergidos de suas obras.

5 A História das Mulheres na perspectiva das historiadoras regionais do final do século XX e início do XXI

“Santas, virgens, heroínas, feiticeiras, megeras [...] sobrecarregadas durante séculos com os mais diferentes qualificativos, elevadas ao altar dos deuses ou impelidas ao mais profundo dos abismos, ficaram, no entanto, à margem da história”.

Cleci Eulália Favaro, 2002, p. 241.

“O estudo sobre mulheres proprietárias revelou mais alguns dados sobre a exclusão da mulher da história regional. Negada sua participação social durante a vida, é excluída da memória familiar após a morte.”

Helcisa E. Bergamaschi e Loraine S. Giron, 1997, p. 121.

Para este capítulo, acessei as obras das quatro historiadoras caxienses no que se refere às representações das mulheres, construindo, assim, a História das Mulheres Regional. Vou iniciar analisando seus caminhos teóricos e metodológicos, em seguida, apresentarei os livros e a materialidades das obras publicadas através da Análise de Conteúdo de Roque Moraes (1999) e Bardin (1977) e, por último, apresentarei três conceitos chaves possíveis originados do conjunto da obra das quatro historiadoras. Na sequência do texto, vou apresentar uma leitura dos caminhos teóricos-metodológicos das historiadoras a partir do meu lugar de historiadora.

5.1 CAMINHOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DAS HISTORIADORAS

A História das Mulheres, hoje, é um campo de legitimidade da academia que partiu do movimento social e do feminismo. Nos anos 1960 do século XX, o Brasil recebia os respingos do movimento, chamado de segunda onda, que foi significativo nos estados do Nordeste e Sudeste. As ressonâncias locais desse movimento, aqui na região, partem de uma burguesia local e articula-se na Universidade de Caxias do Sul, a mulheres historiadoras interessam-se pelo tema relativamente novo, ao mesmo tempo que foram formadas em escolas religiosas, criadas dentro do sistema patriarcal.

Trazendo o problema da opressão das mulheres pelo patriarcado, as autoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria transitam sobre conceitos históricos, como: capitalismo, trabalho, educação formal e informal e família, que serviram como um grande guarda-chuva desenhado no plano social, econômico e cultural de uma região de características conservadoras e preconceituosas, como já foi dito antes. Elas estudaram fora da região e, nesses outros espaços, interagiram com pessoas, lugares e livros, que, sem dúvida, direcionaram-as para outros olhares. Seus estudos e produção científica sobre a História das Mulheres, que se transforma em tema de palestra, artigo de jornal e livro, postulam a História das Mulheres numa perspectiva regional.

O percurso do itinerário de formação em pesquisa que marcou o início de estudos cujo objeto eram as mulheres, podem ser percebidos através de dissertações, teses e pesquisas que coordenaram. O objeto “mulheres” vai se materializando nas relações sociais: nas famílias, nos grupos sociais e de trabalho, na docência e na pesquisa. Início essa sessão com o percurso da professora Cleci, em seguida, da Heloisa, da Loraine e da Maria, o que justifica minha ordem é o fato da professora Cleci registrar o campo da História das Mulheres no seu currículo, bem como o conceito de gênero a partir da História Social e Cultural, o que não acontece com as outras três.

Os dados da professora Cleci foram retirados do Currículo Lattes e nele percebe-se o entrelaçamento que a pesquisadora vai trilhar ao pesquisar sobre o “Trabalho e a Imigração”, como sendo um tema guarda-chuva em um contexto de Brasil republicado e o direcionamento para a História Social e História Cultural. A professora Cleci, entre os anos de 1975 a 1977, escreveu a monografia da Especialização em História Contemporânea (UNISINOS) intitulada “Considerações sobre o Movimento Associativo em Caxias do Sul”, sua orientadora foi a Prof.^a Dr.^a Helga Landgraf Piccolo. De 1982 a 1984, durante o Mestrado em História da Cultura Brasileira, na PUCRS produziu a dissertação “De bairro lusitano à Zona Tranca: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1911-1931), o orientador foi o Prof.^o Dr. René Ernaini Gertz.

No doutorado em História do Brasil, sob orientação do prof. ^o Dr.^o Braz Aquino A. Brancato, entre 1990 e 1994, pela PUCRS, fez referência ao feminino e às mulheres que aparecem explícitas no título de sua tese: “Imagens Femininas: Contradições, ambivalências e violências (1875-1950)”. Cleci foi bolsista da CAPES e circulou com os seguintes conceitos: Relações de gênero; Educação feminina; Imigração Italiana; História do Rio Grande do Sul; Representações sociais; e História Cultural, sendo a especialidade, História das Mulheres.

A pesquisa que resultou na tese de doutoramento da professora Cleci foi inspirada na História das Mulheres no Ocidente, um conjunto de textos, coordenada por Georges Duby, com

a participação de importantes historiadores/as, especialmente franceses, dentro de uma corrente historiográfica denominada Nova História. A História Social vem inaugurar “[...] *novos temas, novos objetos, novas fontes, nova metodologia de pesquisa. A construção de uma ‘história das mulheres’, finalmente, encontrava seu lugar.*” (FAVARO, 2022, p. 2).

O volumoso Currículo Lattes³⁷ da professora Cleci também informa as linhas de pesquisa que aprofundou, sendo elas: História da Educação, História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, Colonização e Imigração na América Latina e Políticas e Práticas Sociais.

De 1996 a 1998, a professora Cleci estudou sobre a Imigração, urbanização e disciplinamento no Rio Grande do Sul dos anos 1930 e 1940. Nos anos de 1997 a 1998, coordenou a pesquisa “Imagens e palavras: Iconografia e linguagens no processo de transmissão e preservação de valores culturais na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul”. De 1998 a 2003, coordenou a pesquisa “Industrialização, urbanização e disciplinamento (1941-1950)”. Em 2003 e 2004, a pesquisa “Gênero e Saúde Mental: uma análise interdisciplinar”. Entre 2003 a 2006, a pesquisa “Relativizando o conceito de fronteira: a cultura material e imaterial como elemento de construção da identidade e fator de aproximação interétnica”. A última pesquisa registrada, de 2006 a 2007 foi “Cultura material e imaterial nas chamadas Antigas Colônias Alemãs do Rio Grande do Sul: um estudo comparado sobre a questão das fronteiras culturais”. Os financiamentos foram do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul e da UNISINOS.

A professora Cleci descreve que sua pesquisa faz uma aproximação com os Estudos de Gênero e com o Feminismo. Embora o viés de gênero estivesse presente, não era essa a proposta, nem a metodologia de pesquisa, seu foco era História Social. Sobre o conceito de Feminismo, acredita que ele tenha conotação político-ideológicas e não despertou nenhum interesse. Ela também considera que a década de 1990 do século XX foi um momento histórico peculiar, acredito que esta observação esteja ligada com o fato da redemocratização no Brasil.

Já as escolhas teóricas das autoras Heloisa, Loraine e Maria alinham-se com o materialismo histórico, conforme podemos observar pelas pesquisas que ambas desenvolveram na especialização, no mestrado e no doutorado. No caso da professora Loraine, também com o que foi desenvolvido nos Projetos de Pesquisas.

A professora Heloisa, entre 2002 a 2004, como já foi dito, trabalhou na dissertação com cartas familiares trocadas entre Abramo Eberle, seu avô, e seus filhos, no caso, seus tios, entre

³⁷ FAVARO, Cleci Eulália. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 08 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9442030800009311>. Acesso em: 08 nov. 2023.

os anos de 1920 e 1945. Seu objeto, as cartas familiares, fazem parte da chamada renovação da pesquisa científica histórica, segundo Seffner (2017), pois a historiadora elegeu cartas que são documentos históricos de caráter íntimo e que tratam de histórias de uma família. Para o autor, “[...] a pesquisa em História e a produção de conhecimento em Educação [...] tem velocidades, objetos, tempos, lugares, atores sociais, instituições e propósitos que não são exatamente coincidentes.” (SEFFNER, 2017, p. 244). A família da professora Heloisa destacou-se pois era a herdeira da metalúrgica Abramo Eberle, seu objeto de estudo estava intimamente nesse contexto, sua orientadora foi, como já mencionado, a professora Loraine. No Currículo Lattes³⁸ de Heloisa consta as palavras-chave “imigração” e “indústria” em uma perspectiva de História Regional e Educação Superior.

A professora Heloísa foi integrante das pesquisas “Casas de Negócio: 125 Anos de Imigração Italiana” e “Comércio Regional e Identidade e Cultura Regional: colônias e colonos italianos”, coordenado pela professora Loraine e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul/Conselho Nacional Pesquisa. Heloisa e Loraine foram parceiras de pesquisa e amigas e, segundo a professora Heloisa, elas tinham temperamentos diferentes e, por isso, se davam bem.

A professora Loriane fez o Mestrado em Filosofia, pela UFRGS, entre os anos de 1981 a 1985. A sua dissertação, cujo título é “O pensamento da produção e a produção do pensamento”, revela um referencial teórico condizente com a história crítica, ou seja, com o materialismo histórico. O trabalho foi desenvolvido sob orientação do Prof.º Dr.º Denis Lerrer Rosenfield³⁹.

As palavras-chaves dessa época da vida da professora são “Hegel; Economistas Clássicos; Dialética da produção e epistemologia”. Loraine então segue com a sua formação e, entre os anos de 1987 a 1989, torna-se doutora em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nesse período, dedica-se a estudar o fascismo e sua tese é intitulada: “As sombras do Littorio. O fascismo no Rio Grande do Sul”, que se torna, posteriormente, livro (sobre a obra, será enfatizado ao longo do texto).

³⁸ BERGAMASCHI, Heloisa Delia Eberle. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 10 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9276723756953218>. Acesso em 23 out. 2023.

³⁹ ROSENFIEL, Denis Lerrer. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 10 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9382801569626465>. Acesso em 28 out. 2023.

A tese foi orientada pelo Prof.º Dr.º Maurício Tragtemberg⁴⁰. A professora foi bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a CNPq, e os conceitos abordados e escritos como palavras-chaves são “Fascismo; Fascismo no Brasil; Imigração Italiana; Colonos imigrantes; Burguesia regional e Educação”.

As pesquisas coordenadas pela professora Loraine, ao longo de seu itinerário, foram, conforme apresentadas em seu Currículo Lattes⁴¹, entre os anos de 1990 a 1991. Uma das pesquisas tem como nomenclatura “A mulher e o trabalho na região colonial italiana do Rio Grande do Sul”, a descrição que consta é que se trata de um “estudo da mulher e suas relações familiares e de trabalho dentro da propriedade na zona colonial italiana”. Podemos destacar que a palavra “mulher” aparece no singular, definindo como geral a representação das mulheres que trabalhavam na zona colonial italiana, no entanto, quando conhecemos os textos, percebemos que a autora, juntamente com a coautora Heloisa, trouxeram diferentes representações dessas mulheres em suas publicações.

Outra pesquisa coordenada por Loraine foi “O Perfil do Empresário Júlio Eberle”, entre os anos 1991 a 1992, caracterizada por “biografia e perfil do empresário Júlio Eberle” (GIRON, lattes). Nota-se que a autora utiliza o conceito de biografia. Entre os anos de 1992 a 1993, a professora Loraine coordenou uma pesquisa que depois tornou-se livro: “Colônia: conceito controverso”, ela e outros pesquisadores/as da UCS fizeram um estudo sobre o conceito de colônia utilizado na região.

Em consonância com a História das Mulheres, a professora Loraine, de 1994 a 1995, coordenou a pesquisa, que também deu origem ao livro e artigos “Mulheres Proprietárias”, juntamente com a professora Heloisa. Na descrição, a autora utiliza a palavra “mulheres”, no plural, quando descreve que o projeto tem como objetivo um estudo das mulheres que se tornam proprietárias de terras na antiga zona colonial italiana. Nos anos de 2005 a 2008, a professora coordenou a pesquisa denominada “Formação econômica regional: 1875-2000” que previa um estudo e levantamento de dados sobre todo desenvolvimento da economia regional desde a chegada dos imigrantes, em 1975, até os dias atuais. Nesse projeto, o nome da professora Kenia Pozanatto aparece como integrante.

A pesquisa “100 anos de Comunicação: os meios de comunicação na Região Colonial Italiana” foi realizada entre os anos de 2001 a 2002 e as autoras fizeram um estudo e

⁴⁰ Sociólogo e professor gaúcho, Maurício nasceu em Getúlio Vargas, no Rio Grande do Sul, no dia 4 de novembro de 1929, e faleceu aos 69 anos, em São Paulo. Formou muitos mestres e doutores. Mais informações no endereço eletrônico: <https://sbsociologia.com.br/project/mauricio-tragtemberg/>, acesso em 28 out. 2023.

⁴¹GIRON, Loraine Slomp. **Loraine Slomp Giron**. Disponível em: <https://www.blogger.com/profile/11502887802863036924>. Acesso em: 27 set. 2023.

levantamento de dados sobre a imprensa e meios de comunicação regionais. No ano seguinte, 2003, até 2005, coordenou a pesquisa “Cinemas na Região 1900-2000”, que consistiu em um levantamento de dados e estudos sobre todos os cinemas da região, sua permanência ou destruição. Nesse ponto, reitero a crítica que a autora fez sobre os cinemas de Caxias do Sul, em seu blog.

Entre os anos de 2003 a 2005, a professora coordenou, juntamente com a Prof.^a Dr.^a Marília Conforto, a pesquisa intitulada “Identidade e Cultura Regional”. Nele, buscavam analisar a identidade e a cultura da região antiga colonial italiana que foi povoada por imigrantes europeus, a partir de obras produzidas na região e publicadas entre 1975 e 2000, sobre histórias de famílias regionais. Os demais integrantes são a Prof.^a Dr.^a Vania Beatriz Merlotti Herédia, a Prof.^a Ms.^a Heloisa Délia Eberle Bergamaschi e as/os acadêmicos/as Araceli Consoli, Aline Karen Matté, Ana Paula dos Santos, Dalila Vanin Boniatti e Ramon Victor Tisott. A pesquisa contou com o apoio dos financiadores: Universidade de Caxias do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

A última pesquisa registrada no Currículo Lattes⁴² foi entre 2005 e 2008, intitulada “Formação econômica regional: 1875-2000” e consistiu em um estudo e levantamento de dados sobre todo desenvolvimento da economia regional, desde a chegada dos imigrantes, em 1975, até os dias atuais. A professora Loraine foi a coordenadora e contou com os/as colegas Prof.^a Dr.^a Vania Beatriz Merlotti Herédia e o Prof.^o Dr.^o Roberto Radünz e com os acadêmicos/as Aline Marques de Freitas, Lucas Caregnato e Mário Alberto Tomazoni. A pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e pela Universidade de Caxias do Sul.

Sobre a professora Maria, como ela não tem Currículo Lattes e para compor esta sessão, acessei as bibliografias utilizadas por ela nos artigos publicados. A partir da referência bibliográfica, podemos nos situar sobre as escolhas teóricas e metodológicas da professora. Sabemos que ela começou a trabalhar com pesquisa em 1992, como já foi dito, e, no ano seguinte, defendeu o Mestrado. Em 1995, iniciou o doutorado e defendeu a tese em 1999. Sua pesquisa deu origem ao livro *Mulheres sem Rosto*, lançado em 1998, que irei apresentar na sequência deste capítulo, e ao livro *Construindo uma cidade*, em 2001.

⁴² GIRON, Loraine Slomp. **Loraine Slomp Giron**. Disponível em: <https://www.blogger.com/profile/11502887802863036924>. Acesso em: 27 set. 2023.

Nos artigos da professora Maria “O avanço do feminismo” e “Gigia Bandera - a pioneira esquecida”, ambos publicados no Jornal Folha de Hoje, nos meses de novembro e de dezembro de 1993, respectivamente, e no artigo “A incorporação do Trabalho Feminino na Indústria de caxias do Sul (1990-1950)”, buscou-se referências como Giovanni Belotti com o título *Educar para Submissão*, de 1979, e *O Trabalho Domesticado: a Mulher da indústria Paulista*, de 1978, da autora Eva Alterman Blay, além dos textos “O Trabalho Feminino” e “Trabalho das Mulheres: Força e jogo nas abordagens dos Especialistas”, que estão na obra *O Sexo no Trabalho* (1986), do autor André Bulport. O livro de Letícia B. Costa, intitulado *Participação da mulher no Mercado de Trabalho*, de 1984, e o livro *A vida fora das Fábricas de Maria Auxiliadora Decca*, de 1987, também fazem parte dos referenciais da professora.

A professora Maria dá sinais de se interessar pelo Feminismo a partir dos estudos de Anette Goldberg, intitulado *Ciências Sociais e feminismo no Brasil - Uma revisão bibliográfica*, de 1988, e das obras de Miriam M. Leite, *Retratos de Casamento* (1991) e *A Condição feminina no Rio de Janeiro* (1993), além de *Ser ou não ser Feminista*, de Ana Montenegro, datada em 1981. Sobre o contexto das mulheres no Brasil, a professora Maria citou Maria Quartim Moraes com a obra "*Mulher Brasileira, biografia anotada*", de 1981, e "*Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil*", de Rose Marie Muraro, lançado em 1983.

Outro dado importante sobre os caminhos teóricos e metodológicos da professora Maria é o fato de ela ter utilizado as entrevistas. No ego-documento, encontrei uma relação de mulheres entrevistadas no acervo denominado pelo nome da autora, o documento foi transcrito a seguir:

“*Relação Entrevistas - Fundo Maria Conceição Abel Machado: 1- Edemir Zatti, 2- Mansueto Serafini Filho, 3- Carmelita Rigotti Sobeldia, 4- Amélia Slongo Schwartz, 5- Gentília Maria Paviani Pretto, 6- Hilda Gazzana, 7- Laura Anna Sauthier Cousseau, 8- Julieta Stédile, 9- Lourdes M. Dalle Molle Maineri, 10- Marina Zanotti Schuantz, 11- Miledi Furlan Paggi, 12- Zélia da Silva Laponier, 13- Ortenila Bragagnolo e 14- Norma Formolo Peline.*” (MACHADO, 1990/2021).

Transitando na História Social, utilizando a História Oral, a professora Maria conservou um arquivo de entrevistas de mulheres. Além desse material, a professora organizou fichas de leitura, na imagem, podemos observar fichas de papel para anotações utilizadas para registro de dados de pesquisa, elas são da cor verde em sua maioria. Estão enfileiradas em duas colunas, podemos ler o que está manuscrito à direita: “*Sindicatos, C. Operário, [não se consegue ler], empresas*” como podemos observar a seguir:

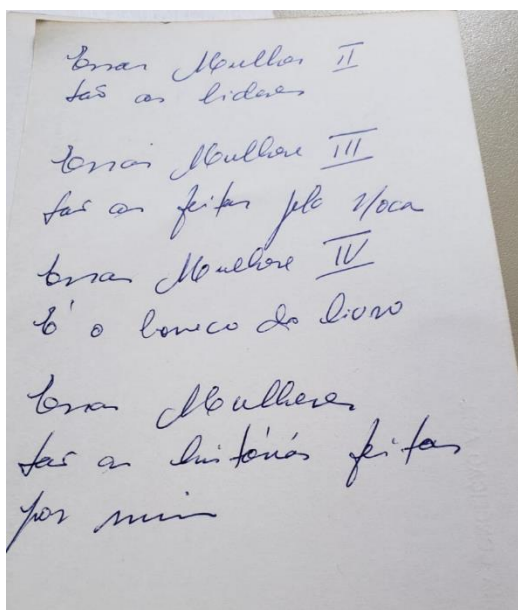
Figura 33 - Caixa com fichas de leitura manuscritas pela professora Maria Abel



Fonte: Fotografia da caixa de fichas de leitura da professora Maria Abel, ambas digitalizadas pela pesquisadora, 2021. Acervo do AHMJSa (CAXIAS DO SUL).

Na fotografia a seguir, podemos observar sua própria letra e a tentativa de se colocar como historiadora das mulheres. O manuscrito não apresenta muita clareza, mas posso destacar “*Essas mulheres II - São as líderes, Essas mulheres III - São feitas pela força, Essas mulheres -IV - É o boneco do livro, Essas mulheres - São as histórias feitas por mim*” (MACHADO, 1990/2001). Essa escrita pode estar relacionada com seu livro *Essas Mulheres... que ajudaram a construir Caxias do Sul*, juntamente com a coautoria de Leonor de Alencastro Guimarães Aguzzoli. A obra foi lançada após seu falecimento, em 2005.

Figura 34 - Manuscrito da professora Maria Abel



Fonte: Fotografia do manuscrito da professora Maria, digitalizada pela pesquisadora, 2021. Acervo do AHMJS (CAXIAS DO SUL).

Na entrevista da professora Maria Abel, encontramos a sua preocupação em retirar o véu da História das Mulheres e incluí-la na História, quando comenta: “...porque hoje o conceito de história é que todos nós, homens e mulheres, por mais simples que sejamos, fizemos história.” (MACHADO, 1998, p. 2). Parece-nos uma crítica velada ao positivismo da história e ela vai além quando acrescenta as diferentes posições sociais desses sujeitos produtores de história. Essa inclusão da palavra “mulheres” na fala da professora deixa claro o interesse que ela tem por se debruçar pelo tema das mulheres na indústria de Caxias do Sul.

A professora Maria Abel define, com clareza, seu objeto de pesquisa e explica do que se trata sua dissertação de mestrado: um estudo sobre as mulheres que trabalham na indústria de Caxias do Sul. Ressalta seu pioneirismo nessa temática, pois a história da região priorizou os homens. Tece críticas quanto à fundação da Metalúrgica Abramo Eberle, atribuindo que é esquecido o fato que a fundadora foi Luígia Carolina Zanrosso Eberle, conhecida como Gígia Bandeira, e acrescenta que houveram muitas mulheres que assumiram a direção dos negócios e superaram os homens.

Maria relata o que procurou com sua pesquisa: “...o meu trabalho procurou exatamente isso, abrir essa veia de estudos da mulher para destacar que a mulher em Caxias também contribuiu pro progresso, pro desenvolvimento econômico.” (MACHADO, 1998, p. 4). As “Genovevas” de Maria Abel confundem-se com o próprio itinerário de vida da sua autora, por meio da sua pesquisa. A professora foi como outras que: “[...] desafiaram os códigos da

normatividade moderna, o poder do Estado, o machismo e a misoginia da cultura patriarcal [...]” (RAGO, 2018, p. 206), reverenciando a História das Mulheres com essa força, que, segundo Tedeschi (2016), falam sobre sua própria história e de suas antepassadas, revisando crenças e valores, identificando formas de opressão.

O foco da análise das historiadoras brasileiras dos anos 70 do século XX, antecessoras das quatro historiadoras, era a opressão, a exploração e a dominação que sofriam e que eram subjugadas. Segundo Del Priore (2005), a autora situa a década seguinte, em que as historiadoras procuravam “fontes documentais sobre mulheres”, como a virada cultural, que marcou o trabalho das quatro historiadoras deste estudo, pois elas utilizaram a memória das mulheres operárias, proprietárias, descendentes de imigrantes europeus, realizaram entrevistas com essas mulheres e suas descendentes e buscaram a História Oral como forma de metodologia, ao mesmo tempo em que analisaram documentos oficiais, intercalaram com depoimentos de mulheres que confirmam suas análises. Outras fontes como panos de parede passam a ser analisados a partir dos seus significados e endereçamentos.

Cleci, Heloisa, Loraine e Maria deram um redimensionamento teórico-metodológico para dar conta dos outros sujeitos no contexto de trabalho e da propriedade da Região Colonial Italiana, partindo das teorias materialistas de críticas ao capitalismo e à industrialização. É no interior das Ciências Humanas e Sociais que o conceito de gênero aparece como a distribuição dos atributos sociais para cada um dos sexos e suas análises deixaram evidente que “uma parte da humanidade estava na invisibilidade - as mulheres [...]” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 288), assim, ao acionar as memórias das famílias sobre as mulheres cujas histórias são narradas nas obras, as autoras procuram buscar os sujeitos excluídos, ou seja, as mulheres, acessando na memória e no esquecimento indícios dessas vidas de muito trabalho e submissão, submergindo, conceitos da História Cultural e descrevendo diversas experiências de mulheres com o trabalho que envolvia, além da educação das mulheres e seus espaços na sociedade.

5.2 PESQUISAS QUE SE TRANSFORMARAM EM LIVROS

Com o advento da internet e da informação em massa, os acessos a publicações, livros, artigos de revistas, banco de dados de teses e dissertações, bem como outros tipos de dados como fotografias e jornais digitalizados é de fácil acesso para as/os historiadoras/es, diferente da época que as quatro professoras fizeram suas pesquisas. Apesar das mudanças tecnológicas, o livro físico teve e ainda tem um lugar de destaque para autoras/es e leitoras/os. Nos tempos

de leituras digitais, manusear brochura de papel, fazer anotações de próprio punho e sair da frente do computador foram muito agradáveis aos meus sentidos.

Parafraçando Chartier (2014), o livro é um produto cultural, rigorosamente produzido, dessa produção há, no caso específico, o trabalho árduo da pesquisa científica e toda a reconstrução do texto para que o produto/livro, de fato, venda e dê lucro. Todas as escolhas das autoras e de seus editores para resultar em um livro envolve muito trabalho. Historicamente, o livro, como conhecemos agora, uma brochura de papel encadernado, originou-se por meio da imprensa, quando foi possível fazer, através de um modelo, várias cópias de um mesmo texto.

As quatro professoras e historiadoras caxienses fizeram pesquisas científicas desenvolvendo projetos que originaram artigos de jornais locais, artigos científicos e livros. Na época anterior ao advento da *internet*, publicar um livro podia ser a garantia de reconhecimento das pesquisas que desenvolveram. Levando em conta que o acesso a livros e demais fontes era muito trabalhoso, o lançamento de uma publicação era um elemento de destaque na sociedade, hoje, o prestígio científico está em artigos, visto que, para publicar em revistas científicas não predatórias, os artigos precisam passar por uma rigorosa avaliação de pares. Na sequência do texto, vou apresentar os quatro livros das quatro historiadoras que narrei os itinerários de vida.

Os livros escolhidos para análise datam a última décadas do século XX e a primeira década do século XXI. As obras apresentam ligação direta com a História das Mulheres e com trabalho na RCI, além da aproximação teórica e metodológica das respectivas autoras. No quadro a seguir, podemos observar as historiadoras autoras Heloisa Eberle bergamaschi e Loraine Slomp Giron, com o livro *A Força das Mulheres Proprietárias - Histórias de vida - 1875-1975*, o segundo livro é o *Mulheres sem rosto*, da historiadora Maria Abel Machado de A historiadora Cleci Eulalia Favaro publicou a obra *Imagens femininas: Contradições, ambivalências, violências*, pela EDIPUCRS, em 2002, e a historiadora Loraine S. Giron, 2008, publicou o livro *Dominação e Subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade*.

Quadro 3 - Historiadoras caxienses e suas obras

Autoras	Obra	Ano	Editora/Local
Heloísa Eberle Bergamaschi e Loraine Slomp Giron	<i>A Força das Mulheres Proprietárias - Histórias de vida - 1875-1975</i>	1997	EDUCS (Editora da Universidade de Caxias do Sul), Caxias do Sul, RS.

Maria Abel Machado	<i>Mulheres sem rosto</i>	1998	Maneco livraria e editora, Caxias do Sul, RS.
Cleci Eulalia Favaro	<i>Imagens femininas: Contradições, ambivalências, violências</i>	2002	EDIPUCRS, editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Lorraine Slomp Giron	<i>Dominação e Subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade</i>	2008	Suliani Letra e Vida e EST edições, Porto Alegre, RS.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2021.

Em uma primeira análise, podemos observar que os livros *A Força das Mulheres Proprietárias - Histórias de vida - 1875-1975*, de 1997, e *Imagens femininas: Contradições, ambivalências, violências*, de 2002, foram publicados pelas ADUCS e EDIPUCRS, editoras da Universidade de Caxias do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, respectivamente.

Já o livro *Mulheres sem rosto*, foi lançado em 1998, pela Maneco Livraria e Editora e a obra *Dominação e Subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade*, publicado pela Suliani Letra e Vida e EST Edições de Porto Alegre. A primeira foi uma importante livraria caxiense, que encerrou suas atividades no ano de 2022, a segunda é a junção de duas editoras da capital do Estado, a extinta Suliani Edições com a EST Editora.

Assim, tendo em vista os pressupostos metodológicos da Análise de Conteúdo de Roque Moraes (1999) e Bardin (1977), construí quadros de análises para apresentar a descrição da materialidade das obras e farei algumas reflexões sobre os conceitos emergidos da análise de seus conteúdos no presente capítulo.

Partindo do pressuposto de Chartier (2014) de que o livro é um objeto cultural importante, pois caracteriza-se como um veículo de mediação cultural e por ser uma das formas de publicação e difusão da palavra escrita, a produção científica, quando publicada, é atravessada por uma série de interesses que independem da vontade do/a autor/a. Como produto cultural de acesso limitado, ele precisa atender às exigências de um mercado consumidor, então o processo de edição, que é por onde perpassa a mão do/a editor/a, no planejamento, envolve todas as etapas: diagramações, escolhas de imagens, de fotografias e dos textos. É nesse momento que são feitas negociações para atender aos interesses de determinados grupos sociais com a produção dos livros.

O livro de um único autor surgiu entre os séculos XIV e XV, chamado de livro unitário, segundo Chartier (2014). A produção livreira herdou as estruturas e as técnicas do manuscrito

e modificou a relação do leitor e do material escrito. A composição do livro impresso apresenta os peritextos que se constituem no material introdutório evidenciado na parte inicial do livro.

Nessa relação sugerida por Chartier (2014), podemos pensar nas editoras que foram responsáveis pelas impressões dos livros das professoras Cleci, Heloísa, Loraine e Maria. Conforme dados do quadro apresentado anteriormente, a Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS) foi responsável pelo primeiro livro. Analisando algumas referências sobre o Conselho Editorial da época da publicação do livro em 1997, podemos destacar o nome de vinte e um homens e de apenas três mulheres. Atualmente, o número de conselheiros/as é quase paritário, evidenciando que aos poucos as mulheres foram conquistando e ocupando esses espaços.

Levando em conta esses dados, podemos pensar na qualidade do papel impresso e no número de impressões reduzidas. Segundo Chartier (2014), tendo em vista que o livro é de natureza dual, material e discurso, podemos entender que, apesar de ter sido o primeiro livro publicado sobre a História das Mulheres na RCI, o Conselho Editor é formado basicamente por homens.

Quanto às editoras EST e Suliani Letra e Vida, a primeira foi fundada em Veranópolis por um frei católico, que esteve à frente por longa data. O livro da professora Maria Abel foi lançado pela Maneco Livraria e Editora, de Caxias do Sul, e é representada, mais uma vez, na figura de um homem. Percebemos, novamente, as questões de gênero permeando a produção científica sobre as mulheres, denunciada em vários momentos, nas obras das historiadoras.

O final do século XX e o início do século XXI foi o período de gestação e nascimento dos quatro livros escolhidos, eles talvez tiveram forte influência do Estado de Direito e surgimento de políticas públicas municipais, que acenderam o debate sobre as condições de trabalho das mulheres. Foi inclusive tema da programação da Festa da Uva⁴³, em 2002: *Mulher Imigrante: força, trabalho e inspiração*. Nesse período, comprova-se, mediante inúmeras anotações, rascunhos e palestras e certificados que a professora Maria Abel participou desse momento como mediadora cultural, seu conjunto de ego-documentos revela uma professora vinculada a várias frentes e muito atuante como intelectual, culminando com o reconhecimento recebido por meio do Troféu Mulher Cidadã Caxiense, em 2004. Já a professora Loraine

⁴³ A Festa da Uva é uma comemoração que acontece na cidade de Caxias do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul, desde a década de 1930, o evento tem como referência a cultura migratória e a produção de uva e vinhos. Sua origem remete às feiras de imigrantes italianos, onde eram trocadas mercadorias e gêneros alimentícios. Para mais informações: CÊSAR, Pedro de A. B. e MARCOLIM, Marcell C. Festa e Espaço Urbano: A Festa da Uva em sua Relação com a Cidade de Caxias do Sul-RS (Brasil). Rosa dos Ventos, vol. 9, núm. 4, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4735/473552032003/473552032003.pdf>. Acesso em 14 nov, 2023.

concluiu o doutorado no ano de 1989, em Ciências Sociais, e a professora Heloísa fez mestrado em Letras e Cultura Regional, em 2004, as duas desenvolveram, ao longo dos anos, projetos de pesquisa vinculados ao tema da História das Mulheres. Loraine teve um papel muito importante na criação do Arquivo e Museu Municipal de Caxias do Sul e no CEDOC⁴⁴.

Na seção a seguir, apresentarei uma descrição da materialidade dos livros publicados pelas professoras. Os aspectos observados foram: tamanho físico dos livros, características das capas e a organização do texto impresso por meio da AC.

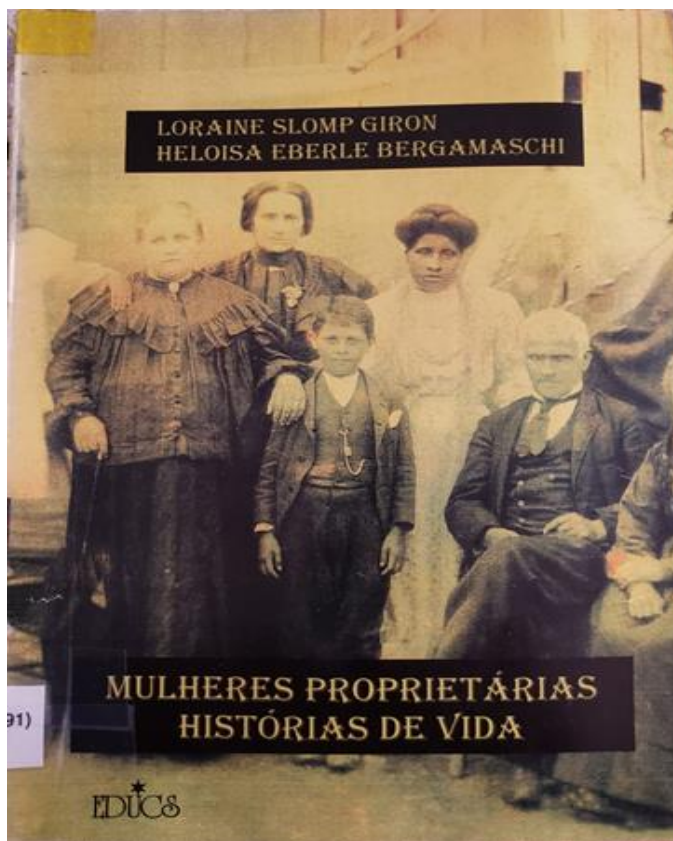
5.3 MATERIALIDADE DOS LIVROS

O primeiro livro escolhido para a análise é *Mulheres Proprietárias - Histórias de vida*, das professoras Loraine e Heloísa Eberle Bergamaschi. É um livro de 164 páginas, mede 21,5cm de altura e 15,5 cm de largura. Na categoria da materialidade, inicialmente, detive-me em analisar a capa, ela apresenta uma foto com nove pessoas, a mesma imagem aparece novamente na página 101, é a fotografia da Luigia Boscatto Grossi e de sua família, datando o ano de 1908. Trata-se de uma família próspera que foi chefiada pela mulher nomeada.

A foto da capa do primeiro livro está com uma coloração amarelada e, ao centro da imagem, aparece uma mulher de meia idade ladeada por filhos, filhas, pai, mãe e empregada. A família era de posses, pois estavam bem vestidos e possuíam cavalos. O título da obra está inscrito num quadro de cor preta que contrasta com o fundo amarelado envelhecido da capa, a cor preta também é visível na indumentária das mulheres adultas da foto. A fotografia evidencia uma mulher proprietária que, na ausência do marido, assumiu o negócio da família e o fez prosperar, como podemos observar a seguir:

Figura 35 - Capa da obra *Mulheres Proprietárias: Histórias de Vida*

⁴⁴ O Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul - CEDOC/UCS integra o IMHC, tendo como finalidade: "Preservar o acervo histórico documental da Instituição e de suas atividades acadêmicas, bem como da Cultura Regional e outros considerados de relevante importância histórica, disponibilizando-o como suporte informacional no fomento à pesquisa do conhecimento". Desta forma, atua como um laboratório de aprendizagem dos alunos, professores e a comunidade em geral, objetivando a familiarização com o cotidiano da pesquisa documental. O CEDOC visando atingir os seus objetivos e estar em consonância com o Instituto de Memória Histórica e Cultural desenvolve alguns projetos que são disponibilizados para a comunidade acadêmica e para pesquisadores e professores de outras instituições educacionais. Essas informações foram retiradas do site do referido centro, disponível em <https://www.ucs.br/site/instituto-memoria-historica-e-cultural/centro-de-documentacao/>. Acesso em 29 fev. 2024.



Fonte: Digitalização feita por mim (2021), a partir das obras Giron e Bergamaschi (1997).

Na folha de rosto do livro, aparece outro título: "A Força das Mulheres Proprietárias - Histórias de Vida - 1875 a 1975", com o nome da professora Heloisa em primeiro lugar, diferente da capa. O sumário está dividido em: Apresentação; Introdução; Partes I; II; III; IV; V; Conclusões; Requerimentos; e Depoimentos e Listagem das Mulheres Proprietárias". A obra apresenta "Agradecimentos e Dedicatória", em que as autoras agradecem aos bolsistas envolvidos na pesquisa e dedicam o livro à mulher excluída das memórias familiares e da História. Importante salientar o trabalho dos/as estudantes na construção dos dados de pesquisa e o financiamento da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul).

Os elementos da AC que utilizei para categorizar o livro foram: a materialidade da obra, o conteúdo textual e o conteúdo das ilustrações. A partir daí, analisei a forma e o conteúdo, conforme pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 4 - Análise de conteúdo e da materialidade do livro *Mulheres Proprietárias: histórias de Vida*

Materialidade de obra		Conteúdo textual		Conteúdo das ilustrações	
Forma	Conteúdo	Forma	Conteúdo	Forma	Conteúdo
Capa	O fundo da capa é uma foto de uma família, são nove pessoas, cinco mulheres e três homens. O título da capa é “Mulheres proprietárias Histórias de vida” na contra capa o título é “A Força das Mulheres Proprietárias - História de vida - 1875/1975.	Dedicatória	“Este livro é dedicado à mulher excluída das memórias familiares e da História, cuja voz é das mulheres que constroem e construíram a América”.	Número de imagens	30 fotos, 5 quadros (não identificados como tal), 1 cartaz (Centenário de nascimento de Matteo Gianella).
Editora	EDUCS	Agradecimentos	FAPERGS (bolsas) e as bolsistas: Rosana Égide Maltauro. Roseli Maria Bergozza e Marcos Antônio Davanzo.	Legenda das imagens	Todas as imagens possuem legenda
Tipo de letra	Impressa	Apresentação	Elaborada por Mário Maestri, intitulada “Uma história no feminino”	Número de fotografias	30
Qualidade de imagens	Dispostas no interior dos textos	Documentos mobilizados	Entrevistas com descendentes das mulheres e requerimentos enviados pelas próprias mulheres à Intendência.	Repositório das imagens	AHMJSA, Arquivos Privados das entrevistas e da autora.
Estrutura (cores)	Tons de amarelo envelhecido	Organização do sumário	Apresentação, Introdução e cinco partes numeradas com numeral romano.	Número de quadros	5
Distribuição dos textos	Dividido em cinco partes com numeração em romano. Parte I, II, III, IV e V	Introdução	Silenciamento da memória feminina precisamente a ausência de fontes	Conceitos abordados Capitalismo Trabalho feminino na agricultura Trabalho feminino na produção manufatureira, de tecnologias e serviços. História de vida de mulheres	
Número de páginas.	163	Epígrafes	Thomás Eloy Martinez.		
Medidas	21,5 x 15,5 cm	Conteúdo dos quadros	A única epígrafe aparece no início da obra e		
Local e data	Caxias do Sul, 1997	Conteúdo dos anexos			

			está em caixa alta. ⁴⁵ Dados estatísticos sobre as mulheres proprietárias. Não aparecem com a dominação de anexos, mas encontram-se no final da obra “Alguns requerimento” e “Listagem das mulheres proprietárias 1875-1975”.	
--	--	--	---	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2021.

O livro é dividido em três partes, a Parte I é intitulada “A mó e o grão”. As autoras explicam como eram organizadas a sistemática das propriedades vendidas aos colonos que, com suas famílias, deveriam cultivar a terra para que pudessem pagar pela propriedade. A apresentação do primeiro livro é um texto de autoria do historiador Mário Maestri, que abre a obra com o título “Uma história do feminino”. Nesse texto de três páginas, o historiador reflete sobre o silenciamento da História das Mulheres, a começar pela escrita, que segundo ele, é determinada pelo gênero masculino “[...] o homem sexuado das elites monopolizou o palco da história” (GIRON e BERGAMASCHI, 1997, p. 09).

O autor ressalta a importância do trabalho feminino e a materialização das vidas de mulheres até então anônimas e assim desconstruir as imagens tradicionais das mulheres como submissas e incapazes. Rago (1995) reforça essa ideia quando estuda sobre as historiadoras, suas formações acadêmicas e profissionais que foram influenciadas pela perspectiva da história social, que “[...] é traduzida em meados dos anos 80, no Brasil, conquistando um grande sucesso nacional.” (RAGO, 1999, p. 76). O apontamento do professor pode ser analisado da perspectiva da “Virada linguística”, trazendo os modos de representação e as construções discursivas das subjetividades, com orientação de Jardim e Piepper (2010). No quadro a seguir, podemos observar a AC da obra:

⁴⁵ Texto da epígrafe: “Todo relato é, por definição, infiel. A realidade, como já disse, não pode ser contada nem repetida. A única coisa que se pode fazer com a realidade é inventá-la de novo”. “As histórias se perdem ou se desfiguram, a memória do mundo passa ao largo e se afasta cada vez mais. O mundo passa ao largo e a memória raras vezes encontra o lugar do extravio” (GIRON; BERGAMASCHI, 1997, p. 13)

Quadro 5 - Análise de conteúdo da obra *Mulheres Proprietárias: histórias de vida*

Especificidade de análise conteúdo das partes				
Número da parte	Título	Temas abordados	Representações das mulheres em relação a seus papéis sociais	Ações desempenhadas pelas mulheres
Parte I - Parte II	A mó e o grão	Organização e sistematização de como as propriedades vendidas aos colonos, estes com suas famílias deveriam cultivar a terra para que pudesse pagar pela propriedade.	Papel de serviçais, cuidadora, mãe e esposa.	Trabalhos envolvendo o cuidado da casa, dos filhos/as, do marido. Atividades envolvendo a horta, as vestimentas e a alimentação da família.
Parte III	Histórias de vida - “Enxadas e videiras”	Histórias de vida de mulheres, trazem dados de suas famílias, origens, ocupações, fragmentos de vidas, além de nomes femininos evidenciados.:	Histórias de Giuditta e Giúlia e dos fragmentos de vida das Pandolfo e Melotto, as autoras evidenciam qual o setor em que essas mulheres se dedicaram, no caso, ao cultivo de uva e ao alambique.	Mulheres agricultoras, mulheres viúvas.
Parte IV	“Tranças e Selas”	Cinco histórias de vidas de mulheres que trabalhavam com fios ou faziam tranças e selas.	Histórias de Lugia, Amália, Adelaide, Cândida, Ermelinda e Magdalena,	Mulheres e o trabalho manual
	“Secos e molhados”	Quatro histórias e vidas de mulheres que se dedicaram ao comércio de secos e molhados. E diversas profissões ocupadas por mulheres entre os anos de 1925 a 1975.	Histórias de quatro mulheres: Mariana, Maria, Quitéria e Lúcia Terez.	Trabalho das mulheres no setor de prestação de serviços.
Parte V		Seis histórias de vida de mulheres que se dedicaram à prestação de serviços, como em restaurantes, hotéis familiares e não, casas de pasto, botequins, carretas, tropas e parteiras.	História de Lugia, Genoveva, Maria e Erina, além dos fragmentos de vidas de Cezira e Catarina.	Trabalho de mulheres proprietárias

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O objetivo da pesquisa que se transformou em livro é identificar o trabalho realizado pelas mulheres na pequena propriedade rural e zona urbana, as autoras também analisam suas condições na estrutura familiar, explorando os requerimentos enviados por mulheres à Intendência Municipal de Caxias do Sul. Foram catalogadas, segundo as autoras, mais de três mil mulheres proprietárias de terras ou responsáveis por elas, além de outras mulheres que se ocupavam com diversas atividades na produção agrícola, nas indústrias, como operárias e na prestação de bens e serviços.

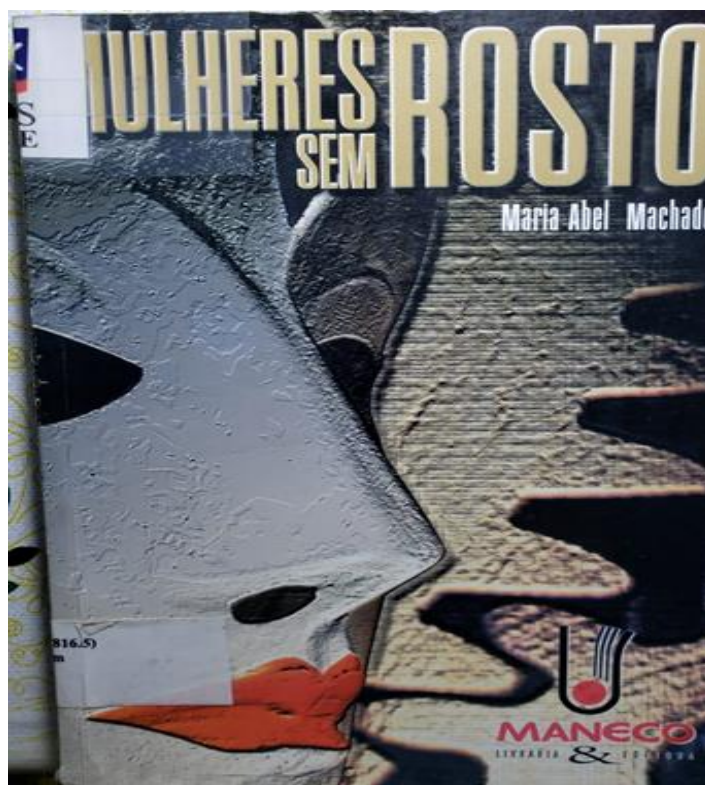
As historiadoras apresentam, na Parte II, as histórias de vida de mulheres, trazem dados de suas famílias, origens, ocupações, fragmentos de vidas, além de nomes femininos serem evidenciados nos subtítulos. Intitulado “Enxadas e videiras”, nas histórias de Giuditta e Giúlia e dos fragmentos de vida das Pandolfo e Melotto, as autoras evidenciam qual o setor em que essas mulheres se dedicaram, no caso, ao cultivo de uva e ao alambique.

Na Parte III, as autoras evidenciam cinco histórias de vidas de mulheres: Lúgia, Amália, Adelaide, Cândida, Ermelinda e Magdalena, que se dedicaram ao trabalho manual de “Tranças e Selas”. Na Parte IV, “Secos e molhados”, as historiadoras trazem quatro histórias e vidas de mulheres: Mariana, Maria, Quitéria e Lúcia Tereza, mulheres que se dedicaram ao comércio de secos e molhados. Destacam nesta seção, as diversas profissões ocupadas por mulheres entre os anos de 1925 a 1975.

Na Parte V, as autoras trazem mais seis histórias de vida de mulheres que se dedicaram à prestação de serviços como restaurantes, hotéis familiares ou não, casas de pasto, botequins, carretas, tropas e parteiras. Destacam, nesta parte, a história de Lúgia, Genoveva, Maria e Erina, além dos fragmentos de vidas de Cezira e Catarina.

Os conceitos abordados pelas autoras na obra são: capitalismo, trabalho feminino na agricultura, trabalho feminino na produção manufatureira, de tecnologias e serviços e História de vida de mulheres. Os documentos e fontes mobilizados foram: Entrevistas com descendentes das mulheres e requerimentos enviados pelas próprias mulheres à Intendência. A documentação apresenta, segundo as autoras, um silenciamento em relação às mulheres e seu papel na construção de riquezas da cidade e da região.

O segundo livro escolhido para essa análise é a obra da professora Maria Abel Machado, *Mulheres sem rosto*, de 1998. A fotografia da capa da obra está a seguir:

Figura 36 - Capa da obra *Mulheres sem Rosto*

Fonte: Digitalização feita por mim (2021), a partir da obra de Machado (1998).

A materialidade da obra apresenta capa, folha de rosto e epígrafes. O sumário está dividido em: apresentação; agradecimentos; agradecimento especial; Introdução; Parte I; II; III; Conclusão; Referências Bibliográficas; Arquivos; Fontes de Pesquisa; Lista de ilustrações; de tabelas, e de gráficos. O livro tem 175 páginas e mede 21cm de altura por 14 cm de largura, o título está escrito em bege e a imagem de fundo é uma pintura de uma máscara com os lábios vermelhos, as cores predominantes são cinza e preto que contrastam com a cor da boca pintada, o símbolo da livraria e editora também aparece em tons quentes. Quanto a materialidade da obra, podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 6 - Análise de conteúdo da materialidade da obra *Mulheres sem Rosto*

Materialidade de obra		Conteúdo textual		Conteúdo das imagens	
Forma	Conteúdo	Forma	Conteúdo	Forma	Conteúdo
Capa	Máscara de um rosto que parece ser uma pintura de tons escuros de um rosto feminino com a boca em evidência da cor vermelha, ao fundo parece o desenho de um fecho eclair.	Dedicatória	não consta	Número de imagens	21

Editora	Maneco Livraria e Editora	Agradecimentos	Dois, um especial para os entrevistados/as.	Conteúdo das imagens	Grupo de operários, mulher chamada Segismunda Pezzi (sindicalista), Fotografias de fachadas de empresas com seus/suas funcionários, fotografias das (em sua maioria) mulheres funcionárias jovens das indústrias caxienses: metalúrgica, têxtil e alimentícia de 1920-1945 desempenhando várias funções em diferentes setores.
Tipo de letra	Letra impressa	Apresentação	-	Número de fotografias	15
Qualidade de imagens	Fotografia e folders	Documentos mobilizados	Entrevistas de mulheres, dados estatísticos sobre a distribuição da população e trabalho	Repositório das imagens	AHMJSA, Arquivos Privados das entrevistas e da autora.
Estrutura (cores)	preto e branco	Organização do sumário	Apresentação, Parte I, II, III, listas e conclusão	Número de quadros/gráficos e tabelas	09 gráficos e 10 tabelas
Distribuição dos textos	Dividido em três partes, mais o peritexto (listas de ilustração, tabelas, gráficos e quadros).	Introdução	Apresenta o problema e as hipóteses.	Conceitos-chaves abordados Capitalismo Industrialização Mulheres e família Imigração italiana Trabalho feminino na indústria caxiense Mulheres e educação Origem das mulheres Mulheres e preconceito Mulheres e movimento sindical	
Número de páginas.	175	Epígrafes	-		
Medidas	21cm x 14 cm	Conteúdo dos quadros	Dados estatísticos sobre indústria, comércio e serviços de Caxias do Sul e região.		
Local e data	Caxias do Sul, 1998	Conteúdo dos anexos	Transcrições de documentos como regulamentos, entre outros.		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A Parte I do livro trata sobre a imigração e a industrialização na RCI em Caxias do Sul, os primeiros tempos da imigração na região, o início da indústria e seu crescimento até o fim da Primeira Guerra Mundial. Na Parte II, a autora analisa a mulher e a família no contexto regional, tendo em vista o papel dos sexos, as configurações familiares a partir da colonização e as mulheres imigrantes italianas das classes subalternas da zona rural e urbana de Caxias do Sul. Na Parte III, a autora afere a indústria Caxiense e o trabalho feminino, atentando sobre a fábrica no contexto local, a disciplina, a procedência das mulheres operárias, o grau de instrução, as questões salariais e a participação das mulheres nos sindicatos. O quadro a seguir, representa os principais elementos da AC:

Quadro 7 - Análise de Conteúdo da obra *Mulheres sem Rosto*

Especificidade de análise conteúdo das partes			
Número da parte	Temas abordados	Representações das mulheres em relação a seus papéis sociais	Ações desempenhadas pelas mulheres
Parte I	Imigração e a industrialização na RCI e em Caxias do Sul.	Papel de serviços, cuidadora, mãe e esposa.	Mulheres operárias da indústria vinícola, têxtil e metalúrgica.
Parte II			
Parte III	Mulheres e famílias na RCI	Mulheres educadas para trabalhar e servir	Mulheres submissas Trabalhos de mulheres são os mais degradantes e repetitivos
	Divisão sexual do trabalho		
	Trabalho feminino na indústria de Caxias do Sul	Mulheres trabalhadoras	Mulheres obedientes Mulheres com pouca instrução Mulheres e baixa remuneração Mulheres sindicalistas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Na obra da professora Maria Abel Machado, *Mulheres sem rosto*, de 1998, as representações das mulheres produzidas revelam mulheres pobres e jovens que migram do interior para a cidade de Caxias do Sul, na primeira metade do século XX, para trabalhar nas indústrias têxtil, metalúrgica e vinícola. Essas mulheres que aceitavam trabalhos simples em função da situação de vulnerabilidade social iniciavam o trabalho com nove anos de idade, muitas das entrevistadas não tinham conhecimento do que ganhavam porque seu salário era entregue ao seu pai ou a sua mãe para manutenção do lar. As atividades que exerciam nas indústrias eram regidas por um rigoroso código de controle e um terço das entrevistas guardava “ressentimento e mágoas”, além de serem mal remuneradas. O outro grupo de entrevistadas mostra-se mais nostálgico, mostrando respeito e consideração pelos empresários.

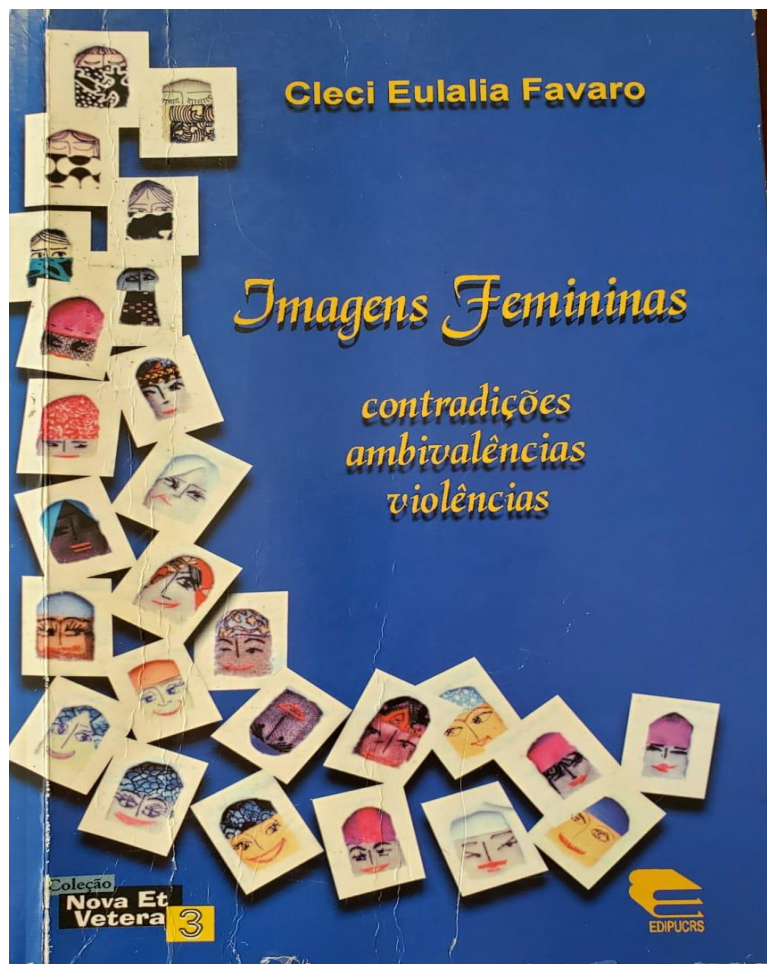
A historiadora Maria Abel avalia que há muita contradição nas entrevistas. Suas entrevistadas foram mulheres trabalhadoras, mas que dados estatísticos advindos de outras fontes revelam que, de fato, específicos ramos industriais exigiam mais das mulheres. Weeks (2001) nos esclarece que os modelos e comportamentos são herdados de seus antecedentes e continuam a estruturar o comportamento da classe operária no século XX, principalmente, sobre o corpo e sobre a sexualidade, defendendo que os “padrões de sexualidade feminina são inescapavelmente, um produto de poder dos homens para definir o que é necessário e desejável - um poder historicamente enraizado” (WEEKS, 2001, p. 56).

As mulheres operárias do estudo acessam as fábricas de Caxias do Sul em busca de trabalho e conquistam um pequeno espaço demarcado pelo sistema patriarcal, muitas reconhecem o sofrimento e as condições desumanas de trabalho feminino, outras não. Perrot (2005) reforça que esse discurso ideológico define os objetivos e as representações que as mulheres tinham de si e das outras, fazendo com que aceitem a condição de precisar ser comandadas por homens.

Essas mulheres são jovens e, de forma geral, estudaram até o que hoje corresponde ao quinto ano do ensino fundamental. As operárias relatam nas entrevistas feitas pela professora Maria Abel que havia um rígido controle dentro da fábrica. Segundo Perrot (2005, p. 226), “As mulheres são um apêndice vivo da máquina”, pois a elas foi negado a ciência e ofertada às atividades que envolvessem suas mãos, dedos e pés em movimentos repetitivos sempre vigiados por homens. Quanto a isso, Beauvoir (2016) nos orienta que para as mulheres a lógica e a técnica foram negadas.

O livro *Mulheres sem rosto*, da professora Maria, traz os seguintes conceitos-chaves abordados: capitalismo, industrialização, mulheres e família, imigração italiana, trabalho feminino na indústria caxiense, mulheres e educação, origem e geração das mulheres, mulheres e patriarcado e mulheres e movimento sindical.

O terceiro livro analisado quanto a materialidade é o intitulado "*Imagens femininas: Contradições, ambivalências, violências* ", da professora Cleci Eulalia Favaro. O material tem uma capa azul, mede 21cm de altura, por 14 cm de largura, tem 258 páginas.

Figura 37 - Capa do livro *Imagens femininas: Contradições, ambivalências, violências*

Fonte: Digitalização feita por mim (2021), a partir da obra de Favaro (2002).

Em um fundo azul celeste há vários retângulos pequenos, do tamanho de fotografias 3x4, neles estão desenhados rostos que sorriem. Os rostos são de cores variadas, alguns rostos possuem chapéu, outros um lenço. Deduzo que são rostos femininos. A escrita do título é amarela e o nome da autora aparece centralizado na parte de cima.

Folheando o livro, pude perceber que na orelha da capa, na parte interna, a palavra “Ousadia” é a primeira que aparece, seguida por uma reflexão da artista plástica Amarilli Boni Licht que cedeu as obras de arte que separam os capítulos. Nas duas páginas seguintes, o nome da autora e da obra aparecem novamente, assim como os dados catalográficos e a dedicatória, em que a autora utiliza a primeira pessoa do singular e dedica o livro às mulheres que estavam

presentes na vida da professora no tempo de construção. Ela nomeia a mãe, as irmãs, a artista e as depoentes, além de associar que o trabalho de produzir conhecimento sobre as mulheres pode ser comparado à ação de tear, construir tecido com fios. Quanto a AC da materialidade do livro, podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 8 - Análise de conteúdo e da materialidade da obra *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*

Materialidade de obra		Conteúdo textual		Conteúdo das imagens	
Forma	Conteúdo	Forma	Conteúdo	Forma	Conteúdo
Capa	Num fundo azul celeste há vários retângulos pequenos, do tamanho de fotografias 3x4, neles estão desenhados rostos que sorriem. Os rostos são de cores variadas, alguns rostos possuem chapéu, outros um lenço.	Dedicatória	Dedica primeiramente a todas as mulheres, depois a mãe e as filhas "Denise e Janine"	Número de imagens	Cada início de capítulo lá uma folha dobrada com reproduções de pinturas de rostos femininos, à medida que os títulos vão desenhando mulheres que lutaram por seus direitos, suas expressões vão mudando de tristes para felizes.
Editora		Agradecimentos	Agradece a todas as mulheres, orientador, financiamentos, equipes dos diversos locais que precisou acessar, nomeia funcionárias e agradece às filhas.	Legenda das imagens	Sem legenda.
Tipo de letra	A escrita do título é amarelo e o nome da autora aparece centralizado na parte de cima.	Apresentação	Não consta	Número de fotografias	Não há.
Qualidade de imagens	-	Documentos mobilizados	Cadernos escolares, cartões postais, Coleções familiares, Correspondências, listagens e	Repositório das imagens	Não há

			prontuários - AHMJA, antigo MAHMCS (Antigo Museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul). Objetos (coleção de panos de parede), jornais locais, fotografias e periódicos.		
Estrutura (cores)	capa azul e branco.	Organização do sumário	Não numerado, capítulos em letra maiúscula e negrito	Número de quadros	01
Distribuição dos textos	Organizados em 10 itens: Preritexto e 5 capítulos não numerados.	Introdução	Questiona os espaços e a escrita da História que privilegia o homem. Transita em conceitos como geração e maternidade.	Conceitos abordados Mulheres e o trabalho na História; Educação de mulheres;	
Número de páginas.	258	Epígrafes	Frase de historiadores como Georges Duby, Ambroise Paré, Theodor W. Adorno, poema de Lia Faria ⁴⁶ e Giselle dal Corno ⁴⁷		
Medidas	21cm X 14 cm	Conteúdo dos quadros	Emigração das províncias		

⁴⁶ A professora Lia Ciomar Macedo de Faria é pós-doutora em Educação pela Universidade de Lisboa (2012) e em Ciência Política pelo IUPERJ (2008), doutora em Educação (UFRJ/1996), mestre em Filosofia da Educação IESAE/FGV (1989), bacharel e licenciada em História (UFRJ/1971) e graduada em jornalismo (UFRJ/1967). É professora titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como professora colaboradora no Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED). Segundo seu Currículo Lattes, publicou o livro *Ideologia e Utopia nos anos 60: um olhar feminino*.

⁴⁷ A professora Giselle Mantovani Dal Corno, segundo seu Currículo Lattes, tem graduação em Licenciatura Plena em Letras Português-Inglês pela Universidade de Caxias do Sul (1983), Bacharelado em Letras Tradutor e Intérprete, pela Universidade de Caxias do Sul (1982), Licenciatura Plena em Letras Português-Espanhol, pela Universidade de Caxias do Sul (2011), mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001) e doutorado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Atualmente, pesquisa e desenvolve atividades de cunho interdisciplinar envolvendo a dança e suas relações com literatura, cultura e bem-estar, que visam um processo emancipador e transcendente do sujeito.

			Vênetas 1879-1900 p. 92.
Local e data	Porto Alegre, 2002.	Conteúdo dos anexos	Listagem de todas as fontes mobilizadas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A página seguinte, não numerada, traz o título “Agradecimentos”, nele a professora orienta que o livro é sua tese de doutorado e que foi escrita por várias outras mulheres e significou uma introspecção da autora enquanto identidade na História das Mulheres. Ela usa o campo em letras minúsculas e fala em uma imersão. Há o agradecimento ao orientador, aos financiamentos da CAPES- PICD e a FAPERGS pela bolsa de doutoramento e Bolsa Sanduíche, agradece também a funcionária que nomeia como Rosália Cantoni Ribeiro pela coleta de dados e organização documental, aos amigos, colegas, diretores e funcionários de Arquivos, Bibliotecas e, finalmente, às filhas.

A professora Cleci traz uma abordagem interessante, os capítulos de seu livro são separados por uma página maior dobrada que apresenta uma série de pequenos rostos pintados à mão, na ocasião da entrevista com a professora, perguntei-lhe o que ela pretendia mostrar para seus leitores/as, então, ela me relatou que quando estava preparando os originais para publicar, conheceu uma artista plástica chamada Amaris Boni Licht, a pesquisa da professora e os cinco painéis da artista se comunicavam pois, cada capítulo representava uma evolução do que diz respeito às conquistas femininas expressadas através das pinturas. Nas palavras da professora:

No primeiro painel as figuras sugerem mulheres caladas, tristes, todas iguais, algumas chorando, todas com a cabeça e a boca coberta, ou com os olhos vendados, nenhum colorido no rosto, formatadas dentro do conceito da mulher tradicional, de submissão e obediência. Já nos outros quatro painéis, algumas (em número crescente), se atrevem a olhar de frente, vão tirando as máscaras, colorindo os lábios e olhos, saindo do lugar [...] (FAVARO, 2022, p. 6).

Um dado que me chamou atenção da dedicatória, foi quando a professora nomeia suas filhas e as descreve como “Às minhas filhas - Denise e Janine - mulheres do século XXI, em vários aspectos muitos passos adiante [...]” (FAVARO, 2022). A professora enxerga na geração de suas filhas alguns avanços, não especifica quais, mas, acredito que seja o fato delas terem mais oportunidades e liberdades que ela não pode ter na condição de mulher. Parte da geração de mulheres do século XXI a qual eu faço parte, acessou níveis de escolarização em função das Políticas Públicas que permitem, mesmo que ainda com muito dificuldade, a entrada de diferentes mulheres ao ensino superior. É importante salientar que as pesquisas desenvolvidas pelas professoras receberam financiamentos das universidades e que, muitas vezes, são garantidos através de Políticas Públicas. As instituições de financiamento que aparecem nos seus livros são a CAPES-PICD e a FAPERGS.

Quanto ao conteúdo do livro, as categorias de AC são: Parte ou capítulo, título, temas abordados as representações, os papéis sociais e as ações que as mulheres desempenham:

Quadro 9 - Análise de conteúdo da obra *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*

Especificidade de análise conteúdo das partes			
Título	Temas abordados	Representações das mulheres em relação a seus papéis sociais	Ações desempenhadas pelas mulheres
Abreviaturas Prefácio Introdução	Apresentação do problema, objetivos, justificativa e referencial teórico-metodológico.	Mulheres bens, escravas, negociadas; submissas; Mulheres camponesas;	Mulheres responsáveis pela economia doméstica; Manutenção da coesão interna familiar; Controle das filhas e noras; Desconhecimento sobre reprodução humana;
“La Donna (in) mobile ⁴⁸ ”	Espaços das mulheres e família na Antiguidade, Medievo, e na Modernidade.	Idealizadas - padrão de beleza - força e saúde para o trabalho;	Bondade, obediência; Responsáveis pelo cuidado; Consideradas ingênuas, crédulas, volúveis e vulneráveis; Vendedoras ambulantes; Sogra - Detentoras do poder doméstico; Controle e disciplina das filhas e noras;
“Andare via: lavoro e libertà ⁴⁹ ”	Mulheres camponesas do Norte da Itália no século XIX, migrações de mulheres e poder feminino	Temidas (bruxas e feiticeiras); Gerar lucro para a família (casamentos arranjados e amas de leite);	Ensinamento das atividades manuais para as filhas e noras; Crueldade, disputa e vinganças.
“Moglie, donna, femmina” ⁵⁰	Imagens das mulheres e as contradições, os duplos sentidos e a violência - discurso religioso e a submissão e rebeldia.	Cristianismo como forma de regeneração feminina; Controle do corpo, da sexualidade das mulheres - medo, doença e dor;	
“Sorelle disuguall ⁵¹ ”	Depoimentos de mulheres - temas: trabalho, corpo, sexualidade.	Panos de parede e enxovais - formas de ensinar as mulheres a serem mulheres;	
“Noi, donne ‘italiane’ ⁵² ”	Diferentes papéis que as mulheres desempenham no interior da casa, com os maridos, filhos, noras e netos/as.	Fogão da casa da família - místico poder da “mãe-sogra”;	
“Concluindo, sem concluir”		Tramas, intrigas, castigos, preconceito e misoginia.	

⁴⁸ Tradução da Língua Italiana: A mulher (in)volúvel. Pelo que tudo indica a professora retirou o título do capítulo de uma ópera de Rigoletto de Giuseppe Verdi (1850), tradução feita pela autora, dados disponíveis no site: <https://es.wikidat.com/info/la-donna-mobile>, acesso em 02 de nov. 2023.

⁴⁹ Tradução da Língua Italiana: Indo embora: trabalho e liberdade.

⁵⁰ Tradução da Língua Italiana: Esposa, mulher, fêmea.

⁵¹ Tradução da Língua Italiana: Irmãs desiguais.

⁵² Tradução da Língua Italiana: Nós, mulheres italianas.

		Mãe/ professora - poder materno - obediência e assexualidade; Função reprodutiva e reprodutora;	
Fontes e referências bibliográficas	Dados das fontes e bibliografias.	Listagem das fontes: I Manuscritas, II Orais, III Materiais, IV Iconográficas e V Impressas, Coleções de jornais, periódicos e livros e artigos.	

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O objeto da professora são as mulheres, ela as localiza através do recorte sociocultural, pois são mulheres emigrantes da região originária, em sua maioria da Itália e de suas descendentes brasileiras da RCI. A autora percebe a História Sociocultural das mulheres como uma forma de preservar os valores do grupo social. Esses grupos de imigrantes carregavam uma forma de mentalidade coletiva de caráter messiânico que era responsável pelo imaginário social e a criação do poder e romantização, nessa perspectiva, as mulheres tinham o destino de dever. Ao mesmo tempo, exerciam o papel de dominadas e, na medida do possível, buscavam sua resistência. Para Cleci, nas práticas sociais, entendidas como estratégias empregadas na estrutura da qual faziam parte, as mulheres constituíram múltiplas experiências vividas historicamente.

A pesquisadora orienta-se por autores como Thompson e Michelle Perrot (1989) e localiza, na História das Mulheres, os papéis que elas precisam desempenhar e, assim, adequar sua personalidade, impedidas de desenvolver suas habilidades e potencialidades. Ela propõe fazer um recorte sociocultural que envolve os emigrantes e seus costumes na região originária e seus descendentes, imigrantes da RCI. A História Sociocultural das mulheres acontece com a preservação dos valores de grupo. Os imigrantes trouxeram consigo, segundo a professora Cleci, uma mentalidade coletiva de caráter messiânico, que, por sua vez, construiu um imaginário social de poder e romantização em que o destino e o dever deveriam ser cumpridos.

No ponto de vista dos conceitos emergidos, logo de início, é possível perceber a História das Mulheres em uma perspectiva geracional, em que a professora Cleci olha as mulheres velhas, nascidas nas primeiras décadas do século XX, na Europa e na RCI, sua vinculação se dá através de vínculos de grupos familiares, através da origem, da doação e do casamento.

Cleci vai tecendo seu texto definindo a geografia da RCI como sendo áreas expulsoras em que as tradições oriundas da Europa Setentrional organizavam o “*Mudus vivendi*” (FAVARO, 2002, p. 27) que ditava os comportamentos sociais e familiares definindo permanências e rupturas no tecido social. As fontes da professora Cleci também chamam a atenção, por delinear um viés cultural para sua leitura, ela analisa canções populares, provérbios, correspondências inter e intrafamiliares e jornais da época de mulheres de todas as idades. A autora mobiliza documentos, como fontes literárias e entrevistas para construir as representações de mulheres.

Para Favaro (2002), as transformações econômicas sincronizam as mentalidades coletivas, assim, no que se refere às mulheres, o processo histórico foi descompassado e ambíguo, pois a figura feminina deveria assegurar a sobrevivência moral e psicológica do grupo, ter pouca instrução e executar tarefas domésticas extenuantes. Os homens, por sua vez, eram seus porta-vozes e quando obtinha algum espaço de expressão, reproduziam o discurso masculino.

A historiadora Cleci analisa os padrões comportamentais, valores, mitos, ritos e elementos da cultura material dos espaços e objetos das casas, cujo centro é a cozinha. Os objetos são os enxovais, principalmente, os panos de parede que nas casas dos imigrantes italianos ficavam fixadas atrás do fogão. Nas palavras da autora:

[...] era em torno do fogão que emergiram discórdias e intrigas, com resultados desastrosos. Unir ou afastar, premiar ou castigar, tecer ou desfazer a trama das relações familiares, parentais ou vicinais, dependia, em grande medida, do que ocorrida em torno das mulheres e do fogão (daí a importância atribuída ao ato de preparar e servir as refeições.” (FAVARO, 2002, p. 125).

Para Fávero (2002) o exercício da dominação e da resistência das e para as mulheres se constrói nas práticas sociais e na diversidade de experiências históricas que as mulheres vivem, esse processo histórico é descompassado e permeado por ambiguidades.

Tratando sobre dominação que vitimiza as mulheres na História, o próximo livro analisado é o da professora Loraine, intitulado *Dominação e Subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade*, a seguir, podemos observar a capa do livro:

Figura 38 - Capa do livro *Dominação e Subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade*



Fonte: Digitalização feita por mim (2021), a partir da obra de Giron (2008).

O quarto livro tem 164 páginas, mede 18,5cm de altura e 12,5 cm de largura. A capa apresenta uma produção gráfica de Ana Maria Menegotto Pozenato e trata-se de um fragmento de uma fotografia em que aparece uma mulher jovem branca sentada com as mãos espalmadas em cima das pernas. Ao fundo, percebe-se que há outras mulheres perfiladas.

A mulher em destaque aparece colorida, em um tom amarelado que imita o envelhecimento da foto, há a predominância de cinza e branco. A fotografia é exclusivamente de mulheres não identificadas de descendência italiana, essa foto aparece completa no interior do livro. O título está escrito em diferentes tamanhos e o nome da autora aparece embaixo, somente com o nome de casada, ou seja, Loraine Giron.

Dominação e Subordinação, de Loraine Slomp Giron, propõem-se a analisar as condições de vida e de trabalho, nos anos de 1875, das mulheres na família da RCI, até a atualidade, tendo em vista que a obra foi lançada em 2008. Este livro apresenta muitas semelhanças metodológicas e teóricas, por ser da mesma autora do livro anterior. Para a análise, a autora utiliza como documentos, os depoimentos de mulheres imigrantes nos anos de 1974 e

1975, em comemoração ao centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Giron (2008) revela que as mulheres nunca tinham descanso e que na ausência do marido precisavam dar conta de pequenas propriedades e do sustento da família. As mulheres proprietárias se envolveram em diversos conflitos de questão de divisas, aberturas de estradas e posse da água. O estudo situa-se na Colônia Caxias. Como podemos observar o quadro a seguir:

Quadro 10 - Análise de Conteúdo da materialidade do livro *Dominação e Subordinação*

Materialidade de obra		Conteúdo textual		Conteúdo das imagens	
Forma	Conteúdo	Forma	Conteúdo	Forma	Conteúdo
Capa	Produzida por Ana Maria Menegotto Pozenato. É um fragmento de uma fotografia em que aparece uma mulher jovem branca sentada com as mãos espalmadas em cima das pernas. Ao fundo, percebe-se que há outras mulheres perfiladas. A mulher em destaque aparece colorida, as demais não. O tom da cor imita o envelhecimento da foto.	Dedicatória	“Às mulheres que construíram o paraíso para os homens e que dele e por eles foram expulsas”	Medidas	12,5 cm x 18, 5cm
Editora	EST Edições e Suliani Letra e Vida Editora (editoração e composição)	Documentos mobilizados	Boletins, correspondências, Guias, Jornais, Livro de Lançamentos, Livro de Registros, Livro de Óbitos, Livro e Lançamento de Impostos, Ofícios, Mapas Estatísticos, Livro de Recenseamento de terras, fotos.	Local e data	Porto Alegre, 2008
Tipo de letra	Time New-Roman, títulos em negrito.	Organização do sumário	Parte I, II e III	Número de fotografias	19, todas com legenda e acervo identificado (Quadro B)
Qualidade de imagens	Distribuídas e contextualizadas no texto, fotografias, mapas e quadros.	Introdução	A autora apresenta a obra, localiza a pesquisa como resultado de um projeto de pesquisa do Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul, aponta duas professoras como colaboradoras da pesquisa (Anelise Cavagnolli e Heloisa	Repositório das imagens	Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJA) e Coleções Particulares.

			Bergamschi. Apresenta o problema de pesquisa e os objetivos e aponta o percurso metodológico e a elaboração do material de pesquisa finaliza justificando sobre a importância do trabalho feminino na pequena propriedade colonial da antiga região colonial Italiana do Rio Grande do Sul, busca também justificar filosoficamente a origem da dominação e submissão sofrida pelas mulheres.		
Estrutura (cores)	É um livro pequeno, possui orelhas, em que há uma descrição da obra e uma breve biografia da autora. Duas folhas de rosto com o título em negrito e dados editoriais na contracapa. O sobrenome da autora aparece na capa é de casada, na folha de rosto, consta o sobrenome de solteira também.	Epígrafes	Todos os capítulos há epígrafes em italiano.	Número de mapas e tabelas	8 quadros e 6 tabelas 1 mapas
Distribuição dos textos	Parte I – Os proprietários; Parte II – As proprietárias, Parte III – A diferença continua Fontes, Anexos e Bibliografia.	Conteúdo dos gráficos e tabelas	Dados estatísticos sobre mulheres/escolarização/trabalho/ocupação/proprietárias.	Conceitos abordados Trabalho das mulheres na pequena propriedade rural e na zona urbana da RCI.	
Número de páginas.	164	Conteúdo dos anexos	Anexo A - Alguns requerimentos; Anexo B - Mulheres Proprietárias: Constante no Livro de Lançamento de Indústria- Intendência de Caxias de 1924		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O livro divide-se em partes. A Parte I, “As proprietárias”, é construído a partir dos depoimentos da autora, uma narrativa histórica sobre a divisão do trabalho na pequena propriedade colonial, ressaltando que as mulheres trabalhavam mais que os homens e não tinham qualquer reconhecimento por isso. Na Parte II, intitulado “As proprietárias”, são analisados os requerimentos enviados pelas mulheres proprietárias para a Intendência na

Diretoria de Terras, assim há uma densa análise nos dados estatísticos disponíveis na documentação.

A Parte III, “A diferença continua”, apresenta as histórias de famílias entre 1975 e 2000. Nessas narrativas históricas, a autora se debruça a identificar as formas como os autores de livros de história de famílias apresentam as mulheres. Giron (2008) também analisa os processos movidos por mulheres e outros movimentos desenvolvidos por elas, como os sindicatos. No quadro a seguir, podemos observar as especificidades da AC das partes do livro:

Quadro 11 - Especificidade da AC do livro *Dominação e Subordinação* de Loraine Slomp Giron

Número da parte	Título	Epígrafe	Temas abordados	Representações das mulheres em relação a seus papéis sociais	Ações desempenhadas pelas mulheres
Parte I Os proprietários	A propriedade	“Fata na lage, fato um rabalton”	A autora discorre sobre a ocupação das terras em decorrência da política de terras para substituir a mão de obra escrava, e como os imigrantes italianos se organizaram para produzir na pequena propriedade.	A autora não especifica.	A mulher do núcleo colonial urbano realiza o pequeno comércio.
	A Divisão (desigual) do trabalho	“le laorava e le fava i soi laorar...- Le fava de magnar, el pan, le robe...le lavava, le sopresava e ancora le tendieia i maládi e tutu e fiô ⁵³ .”	Divisão desigual do trabalho, traz dados quantitativos e depoimentos que reforçam que as mulheres na pequena propriedade trabalhavam muito mais que os homens.	A mulher realizava as atividades domésticas, complementares e principais não lucrativas na pequena propriedade.	Esforço a mulher não era suficiente para mudar sua situação; Trabalho complementar (confecção de tranças para chapéu e cesta, costura pra fora, palha para cigarro) rendiam a manutenção da pequena propriedade (algumas); Na ausência do marido as mulheres realizavam todas as atividades da propriedade.
	Os papéis	“E quanti fiô i ghenzaer! Tanti,	Atribuições dos homens, das	Mulheres vítimas de violência;	Mulheres não tinham lazer,

⁵³ Tradução da Língua Talian: “Também faziam trabalhar os seus.../Cozinhavam, faziam pão, as roupas/que lavavam, passavam e mormente/os filhos e enfermos atendiam”.

		tanti! Chea parêa na vocasson da far molto piú che femêie, si um Please ⁵⁴	mulheres e dos filhos/as numa sociedade tradicional e patriarcal.	Mulheres/esposas: “forte e trabalhadeira, “brava dona”; Mulher serviçal; Função da mulher era a reprodução de bens e filhos;	faziam todo o trabalho.
	Assumindo a submissão	E che pasiênssia com queei só paroni ⁵⁵	Opresão contra as mulheres é geracional e a submissão passada de mãe para filhas,.	Mulheres sem acesso à escolarização e submetidas aos homens,;	Conhecia técnicas de plantio e domésticas; Submetia-se a desigual divisão do trabalho; Mulheres proprietárias;
	A divisão (desigual) dos bens	“Com che amor le enssegnava a tutti in torno i princípii crisitani e del lavoror e dela onestità! Pensieri ciári! ⁵⁶ ”	Mulheres não tinham direito à herança e muito raramente tornam-se proprietárias de terras.	Submissão da mulher ao marido e a propriedade; Retribuição de bens desigual dote e partilha; Não recebiam terras e nem remuneração;	Aceitaram a divisão injusta de bens; Mulheres viúvas podiam ser proprietárias; Herdaram propriedade quando eram filhas únicas e com a morte do pai;
	De chefe de família a dono da terra	“Sta fêrma, rácola! Stropa à boca! E quá son paron mi! Comando mi! ⁵⁷ ”	O valor da propriedade como um bem simbólico que afastou o homem do convívio com os filhos, estabelecendo uma relação que a autora chama de feudal.	Eram servas da terra juntamente com os filhos.	Confecção do vestuário da família; Manutenção e sustento da família;

Parte II As proprietárias	Os números	“Quatro cose cative quando magre: galina, oca, cáora e dona - Magna!” ⁵⁸	Na ausência do marido assumem a administração da propriedade e “retomam sua condição de ser humano livre e pensante” (GIRON, 2008, p. 54); Grau de instrução das mulheres;	Mulheres: abandono e separação eram consideradas desgraças; Discriminação e apelidos depreciativos: Origem italiana, austríaca e alemã; Mulheres italianas não sabiam ler.	Proprietárias de terras; Responsável pela direção dos negócios; Aumento do número de mulheres proprietárias; Possuíam maridos incapazes/
---------------------------	------------	---	--	--	--

⁵⁴ Tradução da Língua Talian: “E quantos filhos tinham! Tantos, tantos/talvez com o desejo de fundar muito mais que a família – uma nação.”

⁵⁵ Tradução da Língua Talian: “E que paciência com seus maridos!”.

⁵⁶ Tradução da Língua Talian: “Com amor que amor ensinavam à sua volta/ os princípios cristãos e do trabalho/diário e probó! Pensamentos claros!”.

⁵⁷ Tradução da Língua Talian: “Te aquieta tagarela! Fecha a boca/ eu sou o patrão aqui! Eu mando! Eu!”.

⁵⁸ Tradução da Língua Talia: Quatro coisas ruins quando magras: Galinha, pata, cabra e mulher! Come!

			Número de filhos e filhas.	Mulheres proprietárias de alemã e austríaca sabiam ler;	Sustenta a família com a força de seu trabalho;
Os nomes	“La libertá no lé na becanina che la se sbassa senpre nel bagnado.” ⁵⁹	Registros dos nomes e sobrenomes das mulheres proprietárias; Identidade das mulheres proprietárias; Registro das proprietárias viúvas;	Mulheres proprietárias assinam o sobrenome de solteiras; Mulheres pobre parecem não ter o direito ao sobrenome do marido; Mantém a condição de viúvas; Viúvas ricas, as capazes e as incapazes de manter a propriedade;	Registram sobrenome dos maridos; Registram sobrenome de solteiras quando viúvas; Mulheres que voltam a casar; Antigas viúvas vão adquirindo a própria identidade;	
Os locais	“Le sô lágrema, in suma, no le mia par quele cose che le gá passá, mas si parchê le drío finir la strada...” ⁶⁰	Mulheres e trabalho na pequena propriedade - Balanço de como o trabalho feminino foi importante para o desenvolvimento econômico da região.	Localização as viúvas nas 17 léguas da antiga Colônia Caxias; Nas Léguas IV e XIV o número de viúva era menor; 45% das proprietárias viviam na direção norte do núcleo urbano; 1920 aparente redução de mulheres proprietárias	159 proprietárias; Distribuídas em 16 léguas; Localizadas nas proximidades de núcleo urbano; Ao longo dos caminhos coloniais; 226 proprietárias pediram algum tipo de isenção fiscal; Mais de 500 mulheres dirigiam seus negócios; 11, 17% da economia regional foi sustentada pelo trabalho da mulher.	
Em busca de identidade	“The gheto ti narcorso che a noaltri el coráio sal de la polenta?” ⁶¹	Mulheres que mesmo sem ter um modelo ou mesmo instrução conseguiram dirigir a propriedade e a família na ausência do marido. As alfabetizadas redigiram seus ofícios para isenção de impostos, já as analfabetas desconheciam e	Mulheres criadas para submissão; Mãe submetida ao poder do pai; Submissão foi reforçada pela Igreja Católica; Sem acesso à educação; “Jovens foram alijadas dos ritos e de qualquer possibilidade de educação”;	Diferentes mulheres; Algumas foram Incapazes de gerenciar a propriedade e a família; Morreram na extrema pobreza; Reagiram e continuaram a criar seus filhos;	

⁵⁹ Tradução da Língua Talian: A liberdade não é uma narceja/ que pousa sempre em meio ao banhada!

⁶⁰ Tradução da Língua Talian: As lágrimas então não são causadas/ pelas coisas que atrás permaneceram, mas tão só porque a estrada está acabando...

⁶¹ Tradução da Língua Talian: Te apercebeste acaso que a coragem, como o sal à polenta, está conosco?

			muitas morreram na miséria.	Congregação religiosa não garantia estudo; Extrema miserabilidade das viúvas; Situações desesperadas; Crimes;	Maioria conseguem levar adiante a produção; Negação da condição de mulher e reprodução dos modelos tradicionais;
	As donas da terra	“Fá puíto como le galine fá ovi! Chissá un di te assaró dirme ste due parole sacrossante: Si, Paron!” ⁶²	Análise do conteúdo dos requerimentos que as mulheres enviaram para a Intendência e livros de registros de profissões e de impostos. Mulheres e trabalho Mulheres e administração	Pequenas empresa foram fechadas; Redução do número de mulheres ocupadas em atividades manufatureiras; Atividade artesanal das viúvas foram sendo substituídas por empresas industriais modernas nos centros urbanos regionais Prostituição de mulheres;	Diversificar as atividades; 188 casos de mulheres que diversificaram as atividades na propriedade; 2,0% do total de negócios eram dirigidos por mulheres; 158 mantinham o negócio além da propriedade rural; Mulheres passaram a atuar em Variados profissões e empreendimentos;;
	De esposa a dona de terra	“Done...Oh maraveglia del Signor!” ⁶³	Crítica ao modelo patriarcal reproduzido pelas proprietárias.	Acostumada à submissão; Educada para obedecer, produzir e reproduzir sem questionamentos; Voltada a criação dos filhos, cuidado do lar e atividades complementares; Excluídas da administração e da gestão econômica da propriedade; Deveria assumir a nova posição e adquirir novos conhecimentos; Era ensinada sobre as ações que deveria empreender a partir do ponto de vista patriarcal;	Transformação da esposa em dona de terra era profunda e traumática; Encontrar sua identidade enquanto pessoa; Mantém a mesma discriminação e segregação contra as filhas; Mulheres solteiras trabalham em casa de família até sua morte;

⁶² Tradução da Língua Talian: Age bem, qual galinha pondo os ovos! E um dia deixar-te-ei dizer-me as duas palavras sacrossantas: Sim, Patrão!

⁶³ Tradução da Língua Talian: Mulheres...maravilhas do Senhor!

Parte III A diferença continua	Mulheres e direitos	“Questa lege no la Zê próprio bruta, ma si na lege ingiusta” ⁶⁴	Mulheres e justiça História das Mulheres: Análise de processos crimes da 1ª Vara Cível da Comarca de Caxias do Sul no período de 1875 a 1925 e de 1900 a 1950.	Sua condição de inferioridade era assegurada pelo grupo social e reforçada ao longo de sua existência; Não possuía direitos sociais e legais; Negação do poder e determinação da mulher; Negação da existência após sua morte; Mulheres proprietárias garantem a estrutura patriarcal;	Processos impetrados por mulheres; Mulheres renunciaram a quota em favor do irmãos; Lesar as filhas na partilha dos bens; Garantem a manutenção da família patriarcal; Segregação entre filhos e filhas; Propicia condições para a manutenção do poder e da autoridade do homem/ pai; Lutam contra as injustiças decorrentes de relacionamentos amorosos e maritais;
	Mulher e movimentos	“Soto el manto de la rasssegnassiôn - tanto lontán le zera dde i sô sogni! Um espírito tenace le portava, tra le lágreme dela nostalgia che le sugava co’i nativi canti, in mezzo al verbo de la sô speranza!” ⁶⁵	História das Mulheres do Brasil Mulheres e o Cristianismo	A libertação da mulher da tradição regional passa pela educação; Reconhecimento da profissão de agricultora - 1984; Movimento de mulheres ganha força com a Criação da Federação dos Trabalhadores Agrícolas Gaúcho - ampliação de eventos destinados às mulheres; Injustiça social e exploração da mão de obra feminina; Políticas Públicas voltadas ao acesso das mulheres à terra;	Participação da mulher nas ações dos sindicatos de agricultores e igreja; Formação das mulheres: resumia-se em assistir a cursos de orientação (higiene, saúde e produção de alimentos; Lutas ligadas à busca de aposentadoria; Organização e mulheres atuaram junto a parlamentares em busca de direitos iguais

⁶⁴ Tradução da Língua Talian: Esta não é uma lei propriamente ruim, mas uma lei injusta.

⁶⁵ Tradução da Língua Talian: Sob o manto de resignação/ tão longe estavam de alcançar seus sonhos! Espírito tenaz elas traziam, vertendo as lágrimas da nostalgia/ que os seus nativos cantos enxugavam/ entre o verde das suas esperanças.

					Conquista das mulheres ainda é tímida;
	Mulher e memória	“Drento dei corpi l’aneme de vérgine benedite da Dio! Che sante done!” ⁶⁶	História Oral - entrevistas com mulheres; História das Mulheres - memória de mulheres: escrita das histórias de famílias; sexualidade das mulheres	Exploração do corpo e do trabalho das mulheres; Muito elogiadas nas histórias das famílias, mas restrita ao espaço doméstico; Pouco espaço para as mulheres no mundo dos homens; Esquecidas e transformadas em objetos de culto; Avós maternas seres mais esquecidos nas lembranças regionais;	Gerar filhos, dar apoio ao homem em todas as atividades; Trabalho da mulher é apontado com sua principal qualidade; Administrar o lar; Mulheres cheias de qualidades; Mulheres santificadas; Padrões impostos de sexualidade e comportamento; Violência sofrida;

Considerações inconclusivas	“Vegnêa da lore quell'amore profundo la passîon a la casa e al terèn...” ⁶⁷	Retoma os resultados obtidos nas análises dos documentos. Indica a saída das mulheres da colônia, registra o fim da pequena propriedade e o fim do trabalho familiar não remunerado.	Mulheres figuras secundárias na história familiar e regional; Negação do poder e determinação da mulher; Negação de sua existência após sua morte; Mulher é tratado como auxiliar do homem; Era submetida à condição subalterna na família; Não tinha os mesmos direitos que os homens na repartição dos bens; Exclusão da filha na partilha dos bens;	Mulheres garantiram sua própria exclusão de direitos; Realizava a totalidade das tarefas domésticas; Jornadas duplas e triplas; Única possibilidade de torna-se proprietárias era na viuvez; Sendo proprietária reproduzem o patriarcalismo; Assumem o trabalho e ou o empreendimento; Expandem empresas que são o prolongamento das atividades domésticas; Atuam em menor número em curtume, selarias, ferrarias e serrarias;
-----------------------------	--	--	--	---

⁶⁶ Tradução da Língua Talian: Dentro dos corpos, almas virginais, abençoadas por Deus! Santas mulheres!.

⁶⁷ Tradução da Língua Talian: Tradução: Vinha delas aquele amor profundo/pela sua casa e pelo seu terreno...”

				Mulheres proprietárias copiam os homens;
--	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O quadro da análise de conteúdo da obra *Dominação e Subordinação* revela um conjunto de representações das mulheres da RCI, dos quais podemos destacar que, ao mesmo tempo, as mulheres deveriam ser fortes e dedicar-se ao trabalho braçal e seus corpos deveriam gerar filhos homens, principalmente. Por outro lado, elas deveriam ser comandadas por homens, pois eram consideradas inferiores em função do sexo e, por isso, a sua submissão era justificável, inclusive no discurso religioso.

Segundo Giron (2008), algumas mulheres, em função da viuvez e do abandono pelo marido, precisaram levar adiante o negócio da família, mesmo sem formação escolar. A maioria das proprietárias conseguiram expandir seus negócios, no entanto, aplicaram com suas descendentes a mesma dominação que sofreram. As mulheres estudadas pela historiadora desempenharam todas as funções possíveis na pequena propriedade e na zona urbana e recebiam os piores salários, além de ficar com as atividades mais degradantes e insalubres.

Analisando os quadros de AC das quatro obras, podemos perceber que foi atribuído diferentes representações do corpo feminino ao longo dos processos históricos, essas representações são colocadas a partir do aspecto relacional, segundo Matos e Soihet (2003). As historiadoras Loraine, Maria, Heloisa e Cleci investigam as representações do feminino nas artes e nos discursos jurídicos, políticos, religiosos, jornalísticos, através das entrevistas de como acontece a divisão entre a dimensão do público e do privado. O recorte dos estudos corresponde ao final do século XIX e início do XX.

As autoras Heloisa, Loraine e Maria exploram, em suas obras, diversas fotografias, entre elas de famílias de imigrantes italianos, compostas por pai, mãe, filhos e filhas. Há fotografias mais recentes, de mulheres sozinhas e na companhia de amigas, há também fotografias das proprietárias. Conforme orienta Burke (2004), as fotografias são produzidas a partir de um propósito, algo que se quer registrar, guardar para a posteridade, mostrar ou reforçar poder, elas são importantes documentos que podem trazer contribuições relevantes. As fotografias escolhidas pelas autoras evidenciam o protagonismo feminino no trabalho na RCI e em Caxias do Sul. Já a professora Cleci, debruça-se em outros objetos culturais, como já foi salientado.

O corpo feminino é do espaço privado, nele, todas as formas de violência contra esse corpo são justificáveis pelas características de sua natureza biológica, que é reconhecido como

objeto de desejo, lhe é exigido marcas de feminilidade, ao mesmo tempo que lhe é proibido o prazer e o reconhecimento, é um corpo que pode ser subjugado, ferido e morto quando escolhe o lado que contrapõem essa lógica de submissão, tornando-se a mulher má, a madrasta, da bruxa velha e mal humorada, da mulher que está para menstruar, daquela que sucumbe ao mal, à loucura e ao profano e a outra opção é o papel da santa, mãe perfeita, esposa zelosa, mulher trabalhadora. Esse dualismo configura representações do feminino muito bem delimitadas em uma historiografia que privilegia os corpos masculinos. A pesquisa das quatro professoras busca extrapolar essas fronteiras, construindo outras representações das mulheres imigrantes, através de algumas relações. Sobre a construção dos papéis e hierarquias de gênero a partir de práticas discursivas e não discursivas que ligam as mulheres que não se sujeitam ao patriarcado à loucura, Freitas (2016) fez um estudo, tendo como fonte principal o discurso médico psiquiátrico do final do século XIX e início do século XX.

Observando o corpo feminino de mulheres da RCI, as historiadoras caxienses buscaram, nas próprias vozes, formas de escrever uma história de dívida com as mulheres. Elas olharam para o corpo de suas avós, mães, tias, alunas, irmãs, filhas e a si mesmas e perceberam que haviam silenciamentos e estranhamentos, assim, nessa perspectiva, destaco o patriarcado como um conceito fundamental que emerge dos estudos das quatro historiadoras. Construí três proximidades com reflexões teóricas e metodológicas, sabendo que há outras tantas reflexões e a partir destas, para assim buscarmos dar continuidade a uma história ainda não contada.

5.3.1 Mulheres e patriarcado

As historiadoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria produziram, ao longo dos anos 1990, estudos históricos sobre as mulheres da RCI, para isso, buscaram, em suas referências e aportes científicos, meios para poder analisar as mulheres que se dedicaram a estudar. Assim, destaco o patriarcado como um conceito fundamental que definiu as representações das mulheres em suas pesquisas.

Perceber que havia desigualdade de funções e de papéis sociais desempenhados por homens e mulheres foi o ponto de partida das historiadoras, assim como conceitos como patriarcalismo, segregação, discurso masculino, subjetividade, já não comportados por uma teoria puramente materialista. É nesse viés que as quatro historiadoras que me debruço a estudar justificam suas escolhas teóricas.

Para Giron (2008) a origem da subordinação histórica das mulheres está alicerçada na Filosofia judaico cristã que cria uma dupla mística feminina: criada para auxiliar e, ao mesmo

tempo, apresenta a fraqueza. A mulher, nessa perspectiva, é vista como um “meio”. De acordo com a Filosofia Aristotélica, por ser fraca, precisava de alguém que pensasse por ela, o que segundo a autora, justifica a desigualdade econômica.

Os estudos de Giron (2008) são alicerçados em Hegel (1975) e Weber (1968), o primeiro define a “mulher” como um ser que deve contribuir com sua passividade e sua subjetividade, enquanto o homem preocupa-se com o patrimônio familiar e a política. O segundo formula as bases históricas do “Patriarcalismo”, definindo como um conjunto de relações de submissão em que a virilidade, a força e o masculino prevalecem baseados em regras hereditárias fixadas e mantidas pelos próprios dominados. Esses últimos estão inseridos em um sistema de dominação que não percebem, denominado como “fidelidade inculcada” (GIRON, 2008) que é praticada nas empresas e nas sociedades religiosas. Nas palavras da autora: “O papel da mulher na família e na propriedade era subalterno, derivava daí sua submissão à vontade do chefe da família e a do dono da propriedade, que poderia ser seu pai, marido ou até mesmo o filho” (GIRON, 2008, p. 39). Nessa perspectiva, de acordo com Beauvoir: “[...] é preciso sublinhar mais uma vez que as mulheres nunca construíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas.” (BEAUVOIR, 2016, p. 407).

As historiadoras Loraine e Maria seguem tecendo sua argumentação tendo como base os estudos de Foucault (1977), destacando a segregação entre o masculino e o feminino, a história das mulheres como resultado de um processo histórico de inversão e exclusão na história do trabalho. Maria aprofunda a História das Mulheres, trazendo algumas referências do trabalho de mulheres da França com Michelle Perrot e do Brasil, como Margareth Rago.

A historiadora Maria problematiza as condições de trabalho das mulheres nas indústrias de Caxias do Sul, pois constata que na primeira metade do século XX as mulheres assumem postos de trabalho neste setor. Sobre as desiguais condições de trabalho entre homens e mulheres, busca como referência teórica os estudos de Friedrich Engels (1985) quando analisa o papel da mulher no interior da família e explica que a medida que crescia a riqueza, o homem passava a ter maior importância e isso assegurava-lhe a submissão feminina. Em contrapartida, o “direito de ser mãe”, entendido como um privilégio, era o que a legitimava como necessitada de cuidados do homem.

Machado (1998, p.67) parafraseando Marx (1982) ao citar a expressão “derrota histórica do sexo feminino” ao referir-se ao modo submisso como as mulheres eram tratadas, então complementa, que a única forma de deixar essa realidade era tornar-se trabalhadora assalariada, tornando-se independente diante do homem em função da suposta igualdade entre os sexos.

Nesse ponto da análise, Machado (1998) e Giron (2008) concordam em perceber a família patriarcal como uma faceta estrutural do Capitalismo, que agencia a socialização dos novos membros ditando “normas e padrões culturais”.

Machado (1998) estende essa lógica e incorpora o processo de trabalho nesses mesmos moldes patriarcais, ou seja, as mulheres, nas indústrias, eram submetidas aos interesses e as exigências da expansão do Capitalismo. Para a professora, o conceito de machismo é imbricado no Capitalismo.

A historiadora Maria Abel Machado tem o cuidado de perceber diferentes mulheres no contexto de urbanização e industrialização, ela utiliza o conceito de classe, para definir diferentes ocupações do espaço público por mulheres, mas ressalta que o fortalecimento do discurso burguês e moralista atingia todas as camadas sociais. O entendimento era que as mulheres estavam sempre sujeitas aos perigos da prostituição e da perdição por um deslize (MACHADO, 1998, p. 25) e a culpa, esta porque para poder ocupar o espaço público na forma de trabalho remunerado, a mulher é obrigada a largar os filhos para longas jornadas fora de casa e a maternidade era um dever, intransferível e natural. A autora não pontua como machismo, mas reforça a maneira como a mulher era preparada para a vida doméstica, seu papel deveria ser inferior, até mesmo no movimento operário. Embora o número de mulheres fosse muito considerável, seu papel e lugar era do “sexo frágil”, um ser humano que carecia da proteção de seus colegas homens trabalhadores. O próprio movimento, segundo a professora, tencionou para o retorno das mulheres ao espaço privado do lar e define como romper com os silêncios de tantos anos da História das Mulheres, assim como ocupar seus espaços e falar de suas experiências e trajetórias.

Soares (2004) publicou uma pesquisa em que considera as percepções sobre o conceito de machismo de mulheres de diferentes idades e formação. O resultado foi que a grande maioria delas identifica o machismo como poder do homem em relação a mulher e outras pessoas, que pode ser verbalizada e incluir violência física.

A professora Cleci (2002, p. 22) busca ausências da História das Mulheres nos padrões comportamentais, nos valores, mitos e ritos da cultura material, como também mencionou na entrevista, é uma crítica ao positivismo de como a História foi escrita e, com sua pesquisa de cotidiano e mentalidade coletiva, tece nuances do machismo na RCI. Na perspectiva da História Sociocultural, ela mira no seu objeto de estudos: mulheres emigrantes e imigrantes e as descreve como responsáveis pela preservação dos valores do grupo. Esses valores são resultado de uma mentalidade coletiva de caráter messiânico que, através do imaginário social, gera uma relação de poder e romantização em que o destino e o dever das mulheres é servir. Segundo a autora,

esse imaginário social é dos colonos italianos que ocuparam a RCI e também da Itália e arredores.

A autora defende que o exercício da dominação sempre será acompanhado pela resistência, embora muito sutil e que ambas as forças se disseminam na estrutura social: “[...] práticas e estratégias da multiplicidade das experiências historicamente vividas” (FAVARO, 2002, p. 24). Nesse viés cultural, a historiadora trabalha com impedimentos e antagonismos de mulheres, submissas muitas vezes a papéis sociais que não comportavam sua personalidade e tornavam-se impedidas de desenvolver suas potencialidades, mas que, ao mesmo tempo, quando se tornavam idosas, adquirem certo poder, em uma forma progressiva que ela exerce em relação aos membros da família. O poder da mãe também gera um imobilismo, isso porque a mulher, tornando-se mãe e velha, foi "exorcizada" de tudo que o medo de ser mulher gera.

Nessa perspectiva, a autora ressalta as “várias estratégias femininas” em que as mulheres se colocam à margem para evitar confrontos e que executam seu poder doméstico através de outros meios e recursos, a autora identifica com outras linguagens.

As historiadoras concordam que as mulheres eram responsáveis por garantir o poder viril e assim subjugar as mais jovens, as filhas e as noras. Quando as mulheres deixam a pequena propriedade e buscam a formação escolar, as regras da dominação masculina persistem e elas vivenciam outros formatos de dominação e subordinação.

5.3.2 Mulheres e Trabalho

O corpo feminino parece tornar-se uma propriedade, assim como a terra e os animais nas obras de Giron e Bergamaschi (1997), os corpos das mulheres possuem valor, esse valor pode ser expressado de três formas: prestação de serviço braçal, no ato de gerar um novo ser e na ação de cuidar de alguém. Os corpos das mulheres imigrantes ou descendentes de imigrantes representados nas obras das quatro historiadoras caxienses revela uma associação direta com o trabalho. No que se refere à organização do trabalho na pequena propriedade, as autoras Heloisa e Loraine ressaltam: “A mulher realizava todas as atividades não lucrativas, enquanto os homens realizavam todas as atividades lucrativas. Ao homem cabia o investimento e à mulher cabia apenas prover as necessidades da família.” (BERGAMASCHI; GIRON, 1997, p. 22).

Sobre o trabalho na indústria caxiense, a professora Maria observa que esse setor soube aproveitar a mão de obra feminina e ela era indispensável: “[...] a mão-de-obra (sic) feminina tornou-se um elemento indispensável para maior acumulação de capital” (MACHADO, 1998, p. 162). Heloisa e Loraine (1997) identificam três tipos de mulheres proprietárias: “[...] as que

ficavam com a terra pela morte do marido, as abandonadas e as responsáveis pela propriedade devido à incapacidade física ou mental do cônjuge.” (BERGAMASCHI; GIRON, 1997, p. 14).

Tendo em vista o trabalho feminino, as autoras construíram diferentes representações, as mulheres, na pequena propriedade e na zona urbana, desempenhavam funções que se caracterizava como um prolongamento das atividades domésticas, como botequins, casas de pasto, pequenos restaurantes, hotéis, pensões não-familiares, venda de frutas e doces e também desempenhando várias funções na indústria. No centro urbano, as mulheres tornam-se operárias em curtume, selarias, ferrarias, serrarias e empregadas domésticas. Para Giron (2008, p. 124), “A história das mulheres e de suas famílias nada mais é do que a história da posse da terra.

Trazendo os estudos sobre o trabalho e as mulheres de Porto Alegre, de acordo com Pedro (1997), podemos perceber a permanência das representações das mulheres. Temos a figura da mulher rica: filha obediente, esposa dedicada e mãe exemplar; e a pobre trabalhadora virtuosa. Na pequena propriedade, segundo Giron (2008), o papel da mulher é subalterno, de serviçal e, para Machado (1998), essa submissão se estende para dentro da indústria, onde o patrão assume o papel do pai: “[...] era criada a ilusão da grande família dentro da fábrica, onde os trabalhadores eram filhos do patrão [...]” (MACHADO, 1998, p. 163). Na verdade, havia um rígido controle quanto ao cumprimento do horário e a mulher levou consigo a submissão e a obediência.

Perrot (2005), em seu estudo sobre as mulheres na indústria no contexto francês, avalia que qualidades como gentileza e ser impecável, mas sem excessos, eram formas de educar meninas para que coubessem na categoria “profissão de mulheres” (PERROT, 2005, p. 252) e em trabalhos de operações variadas, descontínuos e complementares que deveriam ser concomitantes com as atividades domésticas. A autora conclui que os salários menores e a submissão aos homens e aos chefes eram naturalizados e as próprias mulheres entrevistadas concordam com a situação. Acostumadas a serem submissas e obedientes por medo de perder o emprego, elas se calavam. Perrot (2005) salienta também que apesar de haver uma preocupação maior do Estado, na década de 40, com a saúde e condição dos/as trabalhadores/as, principalmente, com as gestantes, muitos empresários tentavam ludibriar as leis trabalhistas para não diminuírem seus lucros. Machado (1998) salienta que havia o paternalismo empresarial em uma tentativa de harmonizar as relações e evitar organizações de trabalhadores/as, neste caso, as mulheres são duplamente subalternas e submissas, na casa de seus pais e também na empresa. Profissões que exigissem a saída das mulheres do seio familiar não eram bem vistas pela sociedade, mulheres donas de carros de bois ou tropas eram marginalizadas.

Na pequena propriedade, o trabalho e as condições das mulheres em relação aos homens eram desiguais, a partilha de bens das famílias e as heranças eram feitas somente para os filhos homens, para as mulheres esperava-se fazer um casamento e, assim, elas iriam morar nas propriedades dos futuros maridos. A vida das mulheres operárias não era muito diferente, elas passavam todos os tipos de situações humilhantes e preconceituosas. Perrot (2005) localiza na França industrial o “*droit de çuissage*”, ou seja, o direito de ter contato sexual com as jovens operárias. A historiadora Maria salientou que não localizou nenhuma mulher ocupando cargos de chefia dentro das indústrias.

As autoras destacam que as mulheres resistiram e buscaram o “caminho da libertação feminina” (GIRON 2008, p. 106). Esses caminhos são movimentos sociais, a nível de país, que respingaram na região, considerados subversivos pela lógica patriarcal, como o Serviço de Orientação Rural, Frente Agrária Gaúcha, Juventude Agrária Católica, Ação Católica Rural e o Movimento de Educação de Base. Esses movimentos sociais possuíam a finalidade de afastar o movimento socialista combativo, a Liga Camponesa. Nos anos 1960, a Igreja Católica busca estimular a participação feminina juntamente com o movimento sindical. Outros eventos ocorreram como a Marcha das Margaridas de 1983 e a participação de 500 mulheres no I Encontro de Agriculturas no mesmo ano, em Farroupilha. Embora tímidos e com pouca repercussão regional, serviram de força motriz para as políticas de igualdade. Nas palavras da professora: “A partir da busca de seus direitos através da Justiça, a mulher garante alguma igualdade legal diante do homem” (GIRON, 2008, p. 101).

As mulheres, quando se tornaram proprietárias, precisaram dar conta da administração da propriedade e, para isso, elaboraram ações e requerimentos que envolveram inventários, arrolamentos, investigação de paternidade, ação de demarcação de terras e divisas. Requerem também a isenção de impostos, a pensão alimentícia, entre outros. Esses movimentos foram possíveis pois, a nível nacional, conquistava-se o voto feminino e o Estatuto Civil da Mulher Casada.

A relação das mulheres com o trabalho dos mais variados tipos, desde aqueles no núcleo familiar, como cuidado da moradia, produção de alimentos, produção do enxoval, produção agrícola, cuidado dos animais, cuidado dos filhos e filhas, dos pais, mães, sogros e sogras, assim como o trabalho na indústria, principalmente, em atividades repetitivas, insalubres, mal remuneradas e em condições precárias foi o tema que mais apareceu nos estudos das quatro professoras. Além disso, as historiadoras analisaram as representações das mulheres na família tradicional, que veremos a seguir:

5.3.3 Mulheres, Casamento, Maternidade e Velhice

Analisando a obra das quatro professoras, pude traçar um outro fio condutor possível envolvendo as mulheres: o casamento, a maternidade e a velhice. O casamento e a geração de filhos era uma obrigação feminina e a maternidade não garantia isenção do trabalho braçal, segundo Giron (2008).

O lugar das mulheres era na cozinha, em torno do fogão. Segundo Favaro (2002), era neste local que as demandas da socialização entre mulheres aconteciam, era nesse espaço que ficavam os panos de parede. Esses objetos, de acordo com Favaro (2010), em uma dimensão mais simples, consistiam como um elemento de decoração interior, geralmente confeccionado com retalhos de tecido comum, que eram elaborados desde o cultivo até a tecelagem e tinham a função disciplinar de ensinar às jovens mulheres a bondade e a obediência aos homens.

O nascimento de filhas meninas era considerado um ônus para a economia rural baseada na pequena propriedade, pois apesar de nascer para o trabalho, a condição de ser mulher implicava em prejuízo moral e vergonha para a família. Quando nascia uma menina, a responsabilidade do erro recaía sobre a mãe. As crianças, desde muito pequenas, realizavam atividades para o sustento da família, mas as meninas deveriam dedicar-se exclusivamente ao trabalho doméstico e o cuidado com os irmãos/ãs mais novos/as. O lazer era quase que proibido.

O corpo feminino foi estigmatizado pelo patriarcado e isto justificava sua submissão e dominação. O controle do corpo feminino cabia aos homens, por isso, as mulheres tinham suas vidas e destinos orientados pelos homens da família, esse domínio começa com o pai, na ausência dele, os irmãos e, depois de casadas, era incumbência do marido. Para Araújo (2017) a virgindade feminina era um valor de respeito e obrigatoriedade considerados naturais para preservar a honra dos homens da família, nas palavras da autora: “Preservar a virgindade e manter a fidelidade pelo feminino foram valores pedagogizados e socialmente aceitos no Brasil, até os anos 70 e 80 do século XX” (ARAÚJO, 2017, p. 91).

Questões de sexualidade não eram explicadas às mulheres, talvez pela própria ignorância das mães, o desconhecimento total das obrigações matrimoniais fazia com que as meninas idealizassem o casamento, mas depois de casadas, precisam aguentar sem reclamar a violência sexual praticada pelos maridos:

Sem conhecer o modo como os filhos eram gerados, entravam para a vida de casadas sem qualquer tipo de preparação. Os depoimentos de mulheres imigrantes revelam de forma clara o que que o casamento e as relações sexuais dele decorrentes causavam nas recém-casadas (GIRON, 2017, p. 162).

Em um supermercado de uma rede de Caxias do Sul há um painel de fotografias muito grandes compondo uma linha do tempo da história daquela rede. A palavra “matriarca” está na legenda de uma das fotografias e faz referência a uma senhora branca, sorridente, segurando uma espátula de pães em frente a um forno de pedra com uma portinhola de madeira. É possível perceber que o matriarcado está ligado ao trabalho de gestar, colocar no calor para que cresça, nesse sentido, podemos pensar o forno com o útero, ambos têm a função de transformar e de fazer crescer. A palavra matriarca entende-se como poder materno, que ao mesmo tempo, eram uma obrigação que as mulheres deveriam cumprir. As professoras analisaram em suas pesquisas essa característica, como podemos perceber: “A principal função da mulher era a de servir a família, e seu papel primordial era o da reprodução.” (GIRON, 2008, p. 22).

O casamento era o destino esperado para as mulheres, pois, segundo Fávoro (2002), era um método de garantir a estabilidade das relações e também a posse da terra, mas também uma forma de controle do mal e do pecado que naturalmente habitam o corpo feminino no discurso religioso e médico. Através do casamento, da dor do parto, da obediência, o corpo feminino era liberto da culpa do pecado, logo o prazer sexual era negado e proibido. A vida conjugal era estabelecida com rígidas regras morais que recaiam, principalmente sobre as mulheres, o discurso médico do século XIX estabelecia que o útero era o que tornava as mulheres inferiores e, ao mesmo tempo, perigosas, segundo Araújo (2017).

Sobre a maternidade, a autora enfatiza que é voltada aos interesses masculinos e isso cabia também na administração do corpo feminino. No entanto, a autora apresenta um paradoxo nesta representação do corpo feminino, pois, ao mesmo tempo, representa fraqueza e força. Era a condição de mãe que a sexualidade feminina era negada, no tempo da gravidez: “O corpo é enfim dela, posto que é do filho que lhe pertence. A sociedade reconhece-lhe a posse desse corpo ainda que o reveste de um caráter sagrado. O seio, antes objeto erótico, ela o pode exhibir, é uma fonte de vida [...]” (BEAUVOIR, 2016, p. 296).

A figura da mãe/sogra, ou seja, as mulheres de meia idade, tinham o controle do lar e submetiam suas filhas e noras, por consequência, os filhos e assim, conquistaram certos poderes, pois seus úteros não podiam mais gerar vidas, então era garantido a elas um certo domínio que terminava fora da casa familiar. Perrot (2003) nos convida a pensar o corpo feminino e a menopausa, para a autora, essa fase ocorre na semi clandestinidade e entende-se que a mulher é agora uma velha, por sua vez, com mais poderes e liberdade. Em troca da privação da fecundidade e da sedução, conseqüentemente, a autora atribui a vontade de retardar ou suprir a menopausa como um fenômeno recente.

Sobre as mulheres velhas, a professora Cleci define que havia uma apropriação progressiva de um poder centrado nessa representação, exercido através da maternidade e estendia-se a todos os membros da família. A autora salienta ainda que, ao mesmo tempo, era o imobilismo garantido como força de “[...] exorcizar o medo.” (FAVARO, 2002, p. 26). Dentre as “variadas estratégias femininas” (FAVARO, p. 26, 2002), a autora explica o fato de manter-se à margem para evitar conflito e que o poder doméstico era exercido através de outras linguagens e outros recursos.

A viúva/mãe/sogra tornava-se poderosa, temida e respeitada, pois a maternidade e a viuvez, duas dores, a absolvem do pecado original de ser mulher, mas seu poder é limitado ao espaço doméstico e a mesma opressão que sofria quando era jovem menina, ela vai reproduzir com suas descendentes.

Considerações finais

“[...] as mulheres que foram agentes de formação da riqueza regional permaneceram em silêncio, passaram pelas fábricas anonimamente como indivíduos sem rosto e sem espaço na história da região.”
Maria Abel Machado, 1998, p. 168.

É chegado o momento de encerrar mais um ciclo, é tempo de afirmar algumas coisas sobre o que foi escrito e, assim, apresentar algumas considerações finais. Conhecer o itinerário de vida e de docência das quatro historiadoras caxienses Cleci Eulalia Favaro, Heloisa Delia Eberle Bergamaschi, Loraine Slomp Giron e Maria Abel Machado me permitiu olhar para mim mesma enquanto mulher, mãe e professora de História de meia idade, além de descobrir-me como pesquisadora e sindicalista.

A tese que defendo em cinco capítulos é uma das possibilidades de escrever a História das Mulheres, pois trata de mulheres que, sendo professoras e historiadoras, trabalharam na Universidade de Caxias do Sul entre os anos de 1960 a 2000. Contribuíram para a formação de outras professoras e professores da Região Metropolitana de Caxias do Sul. São mulheres brancas de uma classe média, advindas de famílias de origem italiana principalmente, que, ao se estabelecerem na RCI, ascenderam socialmente e economicamente e tornaram-se parte de uma pequena burguesia industrial regional, o que lhes garantiu a formação intelectual. Como historiadoras durante os anos 90 do XX, dedicaram-se à produção da História das Mulheres, tendo em vista questões emergidas do trabalho das mulheres italianas e de suas descendentes.

Olhando para quem as cercavam, suas avós e mães, e para as relações que elas construíram enquanto estudantes, questionando os papéis sociais que as mulheres realizam na sociedade e o quanto elas mesmas, nesse contexto, partiam para outras fontes, para as entrevistas e para as vozes das próprias mulheres e ao observar que nos anos 1990, período em que a terceira onda feminista era sentida no Brasil e, de certa forma, entrando da virada cultural, a história tradicional já não era o suficiente, elas se apropriam de conceitos, que me permiti analisar de onde estou, ano 2023, no século XXI, e associar algumas discussões possíveis, algumas interpretação.

Foi uma caminhada bonita, a vida permitiu que desse tempo para eu conversar com três professoras das quatro estudadas, uma delas já havia falecido há um tempo, a professora Maria. Quando iniciei a pesquisa, as professoras Loraine e Heloisa ainda estavam vivas e pude conversar com elas, mesmo que brevemente, em função da pandemia, as duas faleceram no decorrer do processo de escrita. A professora Cleci é a única que está viva e, com ela, pude ter algumas conversas via mensagem de texto.

O último parágrafo das considerações iniciais busquei chamar atenção das leitoras e dos leitores que a narrativa de cunho histórica que produzi ao longo desses quatro anos é uma narrativa de uma professora, que também pesquisa sobre a História das Mulheres.

As professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria tiveram acesso à formação escolar e ao ensino superior, pois pertenciam a uma pequena burguesia que possibilitou também o contato com leituras de revistas estrangeiras e livros. Suas produções acadêmicas versaram sobre a história local e também às representações das mulheres da região pode ser analisada na perspectiva dos estudos feministas da História das Mulheres porque tratam de um conhecimento da história da imigração de mulheres italianas, principalmente e também, de suas descendentes. Enquanto historiadoras refletiram sobre a questão de gênero, não necessariamente utilizando o conceito, o mesmo acontece com o Feminismo. A partir de abordagens diferentes, procuraram questionar as relações desiguais de gênero, a que elas chamavam de “sexo”, protagonizando uma narrativa da História das Mulheres até então não contada, anônimas, sem rosto e sem espaço na história, como destaca a frase da epígrafe.

As historiadoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria denunciaram a dívida que a história oficial deixou às mulheres, fato que, as feministas, desde a primeira onda, já vinham assinalando. Seus itinerários de vida e de docência revelou que através de biografias de mulheres intelectuais é possível contextualizar um feminismo regional com características histórico culturais que reforçam as estruturas patriarcais.

As quatro intelectuais, através de suas biografias de mulheres, à medida que narradas, apresentam aproximações e diferenciações. As aproximações são o fato de serem caxienses e suas formações iniciais foram em escolas confessionais. Outro ponto em comum é o interesse pela História, que é comprovado nas escolhas acadêmicas. A docência também é o caminho trilhado por todas elas, que se aposentaram como professoras.

As diferenciações são as formações do equivalente ao ensino médio, Heloisa e Maria optaram pelo curso Técnico em Contabilidade, Maria e Cleci optaram pelo curso Normal e depois acabaram buscando a formação superior na Faculdade de Filosofia. Loraine foi professora das outras três, tempos depois, elas foram colegas no Curso de História da UCS.

Suas pesquisas sobre a História das Mulheres na RCI revelam suas inquietações e questionamentos que atravessam a formação de licenciatura de outros/as professores/as na Universidade de Caxias do Sul.

As quatro historiadoras exerceram a docência e também funções administrativas no Centro de Ciências Humanas e Arte e no Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul e em outras instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul. Nesses espaços de poder, procuraram, através de requerimentos e solicitações, qualificar a Formação de Professores/as da região e fora dela. Suas mediações estenderam-se além da universidade, pois, como mediadoras intelectuais, envolveram-se com a própria escrita da história da cidade.

As historiadoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria, no final do século XX e o início do século XXI, publicaram livros que foram resultados de pesquisas desenvolvidas, além dos esforços para criação e salvaguarda de documentos importantes para a história da RCI, protagonismos reconhecidos publicamente na cidade. Elas utilizaram diferentes documentos para encontrar os vestígios ignorados até então da História das Mulheres, foram as fotografias, as entrevistas através da História Oral e também outros objetos culturais.

É nesse contexto que as pesquisadoras analisaram o corpo feminino e chegaram à conclusão que ele é do espaço privado, por isso, as formas de violência foram identificadas e justificam-se devido à natureza biológica inferior perante aos homens, impondo a lógica da submissão em que essas mulheres eram sujeitadas, pois a historiografia e a academia sustentam o patriarcado.

As pesquisas das quatro professoras extrapolaram a fronteira da natureza biológica das mulheres e construíram outras representações das mulheres imigrantes e suas descendentes. Observando o corpo feminino de mulheres da RCI, as historiadoras caxienses buscaram formas de escrever uma história de reparação da dívida histórica com as mulheres. Elas perceberam que haviam silenciamentos e estranhamentos. Nessa perspectiva, destaco o patriarcado como um conceito fundamental que emerge dos estudos das quatro historiadoras.

As historiadoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria chamaram atenção para o problema da opressão das mulheres pelo patriarcado, acessando conceitos históricos como: capitalismo, trabalho, educação formal e informal e família. As professoras deram um redimensionamento teórico-metodológico para dar conta dos outros sujeitos no contexto de trabalho e da propriedade da Região Colonial Italiana, partindo das teorias materialistas de críticas ao capitalismo e à industrialização. É no interior das Ciências Humanas e Sociais que elas visualizam os papéis sociais atribuídos para o sexo feminino e para o masculino e a submissão do primeiro pelo segundo em todas as instâncias da vida. O conceito de gênero nem sempre

aparece explícito, mas ao buscar os excluídos, ou seja, as mulheres, acessando na memória e no esquecimento indícios dessas vidas de muito trabalho e submissão.

Podemos afirmar que algumas mais que as outras e em tempos diferentes, elas marcaram a História da Educação da Região e escreveram mais um capítulo da História das Mulheres. Nos espaços de poder originalmente masculinos, elas precisaram, muitas vezes, impor-se, com autoridade, à opressão que o patriarcado impõe às mulheres que convivem em um ambiente público, que acaba gerando uma disputa entre as mulheres.

A professora Cleci busca por meio da História Social e História Cultural buscar as origens da diferença entre homens e mulheres, ela identifica as relações de gênero, a educação feminina, a Imigração Italiana, a História do Rio Grande do Sul as representações sociais e História Cultural, sendo a especialidade, História das Mulheres.

Já as escolhas teóricas das autoras Heloisa, Loraine e Maria alinham-se com o materialismo histórico. A professora Heloisa estudou as cartas familiares e se debruçou nos temas da imigração italiana e a industrialização na RCI, seu currículo Lattes está bem resumido e, talvez, o caráter mais pedagógico, a distanciou do rigor científico. A professora Loraine, numa lógica mais filosófica, dedicou-se a estudar o fascismo no Brasil, além da Imigração Italiana, industrialização e educação. Suas pesquisas, juntamente com a coautora Heloisa, trouxeram diferentes representações das mulheres que trabalhavam na pequena propriedade colonial e nas remanescentes indústrias da zona urbana da RCI, em que as mulheres desempenhavam inúmeras atividades e não eram reconhecidas nem mesmo pelas suas famílias.

Heloisa e Loraine estudaram as mulheres que se tornaram proprietárias e concluíram que suas administrações tiveram êxito e elas puderam, mesmo sem conhecimento, administrar a família e enriquecer. A professora Loraine, depois de afastada, manteve-se em atividade escrevendo em um blog, revelando mais uma faceta da intelectual que se apropriou de recursos tecnológicos e manteve-se atenta e crítica sobre a sociedade, a política e a história da cidade.

A professora Maria, eu não conheci pessoalmente, mas foi muito interessante, pois pude perceber a importância da salvaguarda do conjunto de ego-documentos que estão no AHMJSA. Com essas fontes, pude escrever a biografia da referida professora que, juntamente com suas entrevistas e artigos publicados, explicitou suas escolhas teóricas e metodológicas de viés materialista, orientadas também pela História Social. Ela se valeu de entrevistas com mulheres que trabalharam na indústria caxiense, denunciando o abuso, a exploração e o sofrimento das mulheres.

O conteúdo das obras, como um todo, das quatro historiadoras revela diferentes representações do corpo feminino ao longo dos processos históricos, essas representações são colocadas a partir do aspecto relacional com os homens. As historiadoras Cleci, Heloísa, Loraine e Maria investigam as representações do feminino nas artes e nos discursos jurídicos, políticos, religiosos, jornalísticos, nas fotografias, nos dados estatísticos e na voz das próprias mulheres através de inúmeras entrevistas.

O conjunto de representações das mulheres que as historiadoras caxienses da RCI geraram proximidades teóricas e metodológicas - Mulheres - patriarcado - trabalho - casamento - maternidade - velhice. As historiadoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria concordam que as mulheres eram responsáveis por garantir o poder viril e assim subjugar as mulheres mais jovens, filhas e noras, sendo geradas e geradoras do patriarcado. A formação escolar, dentro dessa lógica patriarcal, possibilita diferentes formas de dominação masculina. O patriarcado é vivenciado em todas as esferas da sociedade em que as mulheres estão: família, igreja, trabalho e escola.

O trabalho está intimamente ligado às mulheres, elas realizaram todos os trabalhos braçais, mal remunerados na agricultura e na indústria e muitas delas tinham a segunda jornada que consiste no cuidado dos filhos, do marido, do pai, da mãe, do sogro e da sogra. Por outro lado, apesar da dominação e subordinação, algumas mulheres conseguiram se tornar proprietárias de terra e de bens e exerceram a mesma opressão que foram vítimas.

A **tese** que defendo marca o itinerário de vida e a produção científica de quatro historiadoras e professoras caxienses que protagonizam a construção da História das Mulheres na Região Colonial Italiana e que também se destacaram na produção e mediação de conhecimento da história regional, como intelectuais e como professoras que ocuparam cargos de direção e chefia do Departamento de História e Geografia, da Universidade de Caxias do Sul, entre os anos 1961 a 2010. Suas pesquisas culminaram em publicações que trouxeram para o debate, nos anos 1990, principalmente, o trabalho feminino. Essa iniciativa pode ser compreendida como uma forma de feminismo, mesmo que não haja identificação direta com o termo.

Ao longo da escrita desta tese, o contato que pude ter, direta ou indiretamente com as quatro intelectuais, abriu possibilidades de novas investigações e a sensação de trabalho inacabado me domina, pois, é possível, a partir disso, identificar tantos outros silenciamentos de outras mulheres que também estiveram presente na formação econômica da região, que através do trabalho, contribuíram para o enriquecimento da região, mas que foram esquecidas

e são anônimas. Os indícios estão presentes e se faz necessário buscar as outras mulheres, as negras, as indígenas que estavam aqui antes da chegada das imigrantes.

As professoras Cleci, Heloisa, Loraine e Maria deixam um legado de conhecimento sobre a História das Mulheres da RCI, além de inúmeros documentos ainda não explorados, sendo possível abrir outras dimensões, marcadores e cruzamentos para aprofundar e ampliar a luta feminina por espaço e reconhecimento em todos os setores da sociedade, principalmente no que se refere a História da Educação, pois as mulheres ainda são a maioria dos profissionais da educação básica. O Feminismo da quarta onda desafia muitas outras historiadoras no Brasil e no mundo que buscam a resistência e o direito de existir enquanto sujeitos importantes na sociedade. Houve conquistas, mas os desafios ainda são muitos, a escrita da nossa história, uma história de diferenças. É através da educação que formamos enquanto professoras, estudantes sensíveis e atentos às injustiças naturalizadas pela desigualdade de gênero enraizadas na estrutura patriarcal.

Referências

- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Memórias da Rural:** Narrativas de experiências educativas de uma escola normal pública (1950-1960). 284 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12184>. Acesso em: 14 dez. 2021.
- AMERICANO, Colégio Metodista. **História.** Disponível em: <http://colegiometodista.g12.br/americano/sobre-o-colegio/historia>. Acesso em: 21 out. 2023.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação.** São Paulo. Editora Moderna: 1996.
- ARAÚJO, Eronides Câmara. As pedagogias como arte e ação de idealizar a mulher honrada. IN: MAIOR, Paulo Souto; LEITE, Juçara Luiza (org.). **Reflexões de Gênero:** História, Sensibilidade e narrativas. Jundiaí (SP): Paco, 2017.
- ARENT, Silvia. Trabalho, escola e lazer. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.
- ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a Própria Vida.** 1997. Disponível em https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.
- AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. (org). **O que pode a biografia.** São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: **História das Mulheres no Brasil.** 10. ed. Contexto, São Paulo: 1997.
- BASTOS, Maria Helena Camara. **Do curso de Pedagogia à Faculdade de Educação PUCRS:** (Porto Alegre/RS - 1942-2015). Revista Educação e Realidade, UFRGS, Porto Alegre, dez 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1590/2175-623667732>. Acesso em: 21 out. 2023.
- BASTOS, Maria Helena Camara. **Construção de identidades:** discentes e docentes. Revista Hist. Educação (Online), Porto Alegre. V. 20, n. 49. Maio/ago., 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/63902/pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo:** a experiência vivida. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão:** o descondicionamento da mulher. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BELTÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **Reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX.** Cadernos de Pesquisa, v.39, n.136, p.125-156, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/8mqpbrrwhLsFpxH8yMWW9KQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BERGOZZA, Roseli Maria. **Escola Complementar de Caxias: História da Primeira Instituição Pública para Formação de Professoras na cidade de Caxias do Sul (1930-1961)**. 2010, 174 f. Dissertação (Mestrado) Mestrado em Educação). Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/549/Dissertacao%20Roseli%20Maria%20Bergozza.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 06 nov. 2023.

BERGAMASCHI, Heloisa Eberle; GIRON, Loraine Slomp. **Júlio João Eberle: perfil de um empresário**. Cadernos de Pesquisa. Caxias do Sul: UCS, 1993.

BERGAMASCHI, Heloísa Eberle; GIRON, Loraine. **A Força das Mulheres Proprietárias: História de vida - 1875/1975**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

BERGAMASCHI, Heloísa Eberle; GIRON, Loraine Slomp. “**Trabalho na colônia**”. Revista Chronos, Caxias do Sul, v. 29, n. 1, p. 7–18, jan/jun 1996.

BERGAMASCHI, Heloisa Delia Eberle. **Abramo e seus filhos: cartas familiares 1920/1945**. Caxias do Sul: EducS, 2005.

BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. Entrevista concedida a Daiane Dala Zen. Caxias do Sul, 2022.

BERGAMASCHI, Heloisa Delia Eberle. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 10 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9276723756953218>. Acesso em 23 out. 2023.

BLAY, Eva Alterman. **Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista**. São Paulo: Ática, 1978.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 62-63, pp. 69-72, juin 1986. Tradução de Olívia Alves Barbosa. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5644125/mod_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20Pierre.%20A%20ilusa%CC%83o%20biogra%CC%81fica.pdf. Acesso em: 03 jun. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei n. 9.394/1996.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa. n. 28, v. 1, jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqw3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BULPORT, Andrée Kartchevsky. **O Sexo do trabalho**. Tradução Sueli Tomazini Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e Imagem**. Bauru, PS: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CABRAL, Benedita Edina Lima. Mulher e velhice. IN: MOTTA, Alda Britto da, AZEVEDO, Eulália Lima; GOMES, Márcia Queiroz de Carvalho. (org). **Reparando a falta: dinâmicas de Gênero em perspectiva Geracional**. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, Coleção Bahianas, 2005.

CAETANO, Ivoni. **O Feminismo Brasileiro: Uma análise a partir das três onda do Movimento Feminista e perspectiva da interseccionalidade**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Gênero e Direito da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. 24 f., 2017. Disponível em https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_dir_eito/edicoes/1_2017/pdf/DesIvoneFerreiraCaetano.pdf, Acesso em: 07 set. 2023.

CARMO, Maria Silvia Micelli do; PASSOS, Maria Consuelo. **A mulher imigrante italiana e o uso da comida: uma experiência de transicionalidade**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000200010. Acesso em: 03 nov. 2022.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CHARÃO, Egiselda Brum. **Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre/RS (1945-1965): história de uma imigração esquecida**. 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6368#preview-link0>. Acesso em: 03 nov. 2022.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002 (tradução de Patrícia Chittoni Ramos).

COSTA, Leticia B. **Participação da mulher no mercado de trabalho**. São Paulo: IPE/USP-CNPq, 1984.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. **O ensino da História e os estudos de gênero na historiografia brasileira**. História em Perspectiva, Uberlândia, v. 28, n.53, p. 295-314, jan./jun. 2015.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2.ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/dicionario-critico-de-genero%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/dicionario-critico-de-genero%20(1).pdf). Acesso em: 01 ago. 2023.

CONSELHO, Colégio Bom. **Nossa História**. Disponível em: <https://www.bomconselho.com.br/institucional/historia>. Acesso em: 21 out. 2023.

CORNO, Giselle Olivia Mantovani Dal. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 10 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9082787587055964>. Acesso em: 03 nov. 2023.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des)Arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente**. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

DEBERTÓLIS, Karen Silvia. **Brasil Mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista**. 2002. 140 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

DE BONI, Luis Alberto (org). **A Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre, EST, 1987.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas**. Coleção: Oficinas Da História. Editora: Paz e Terra. 1987.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres: As vozes do silêncio**. In: História das Mulheres no Brasil, 10. São Paulo: Contexto, 2001.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: vozes do silêncio. IN: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2005.

DOSSE. Francois. **O Desafio Biográfico: Escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

ENGELS. Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

FARIA. Lia Cionar Macedo de. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 10 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2897590944180460>. Acesso em: 03 nov. 2023

FAVARO. Cleci Eulália. **Imagens Femininas: contradições, ambivalências e violências**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FAVARO. Cleci Eulália. **Penélopes do século XX: a cultura popular revisitada**” publicado na revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos, RJ, v. 17, n. 3, p. 791-808, jul/set. 2010.

FAVARO, Cleci Eulália. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 08 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9442030800009311>. Acesso em: 08 nov. 2023.

FAVARO, Cleci Eulália. Entrevista concedida a Daiane Dala Zen. Porto Alegre, 2022.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. Revista Sociologia - Problemas e práticas. n. 9, p. 171-177, 1991. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1239/1/13.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2023

FERREIRA, Mary. **Feminismos no Nordeste Brasileiro: Histórias, memórias e práticas políticas**. Polis- Revista Latinoamericana. V. 28, out. 2011.

FERREIRA, Carlos Pinheiro. **Historiando a mim mesmo: mo(vi)mentos de uma pesquisa autobiográfica e narrativa**. Revista Digital do LAV -Santa Maria -vol. 8, n.4, p. 136-151- Jan./abr, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/1785_8/pdf. Acesso em 12 dez. 2021.

FREITAS, Muriel Rodrigues de. **Camilles, pierinas e eunices – condenadas pela razão: mulheres, loucura, documentário e ensino de história**. 2018, 115f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino da História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188197/001085209.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. 1. A vontade de saber. São Paulo: Graal, 1977.

GERAL, Gzh. **Cine Ópera era uma joia no coração de Caxias**. 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/12/cine-opera-era-uma-joia-no-coracao-de-caxias-cj5vtbs5m0tz1xbj0iqrmsseb7.html>. Acesso em: 23 set. 2023.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio: o Fascismo no Rio Grande do Sul**. Livraria Parlanda Editora e Distribuidora Ltda: Porto Alegre, 1994.

GIRON, Loraine Slomp. **A força das mulheres proprietárias: histórias de vida de imigrantes italianas (1875-1925)**. Cadernos de Pesquisa, Caxias do Sul, v. 3, n. 2, p. 43-66, 1995.

GIRON, Loraine Slomp. **A formação do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami**. História de Vida. Local: AHMJA - Caxias do Sul, 20 de abril de 2006.

GIRON, Loraine Slomp. **A Formação do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami**. História de Vida. Sônia Sotrichi Fries, 20 de abril de 2006. Banco de Memória do AHMJA, FG622 e 623. 15p.

GIRON, Loraine Slomp. **Dominação e subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade**. Porto Alegre: EST Edições, 2008.

GIRON, Loraine Slomp. **A épic da pobreza: mulheres imigrantes**. Storia delle Donne, n. 13, Itália. 2017.

GIRON, Loraine Slomp. **História Daqui**. 2017. Disponível em: <http://historiadaqui.blogspot.com/>. Acesso em: 23 set. 2023.

GIRON, Loraine Slomp. **Loraine Slomp Giron**. Disponível em: <https://www.blogger.com/profile/11502887802863036924>. Acesso em: 27 set. 2023.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Mulheres Proprietárias: História de Vida**. Caxias do Sul (RS): EDUCS, 1997.

GIRON, Loraine Slomp. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 14 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9995878309769889>. Acesso em: 14 nov. 2023.

GOLDBERG, Anette. **Feminismo e autoritarismo: a metamorfose da uma utopia de liberação em ideologia liberalizante**. 225f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/13805/1/402794.pdf>. Acesso em 13 nov. 2023.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. (org). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Angela Maria de Castro; KODAMA, Kaori; FONSECA, Maria Rachel Fróes da. Apresentação. **Imprensa e mediadores culturais: ciência, história e literatura**. Varia História, Belo Horizonte, v. 34, n. 66, p. 593-6000, set/dez. 2018.

GONÇALVES, Andréia Lisly Gonçalves. **História e Gênero**. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.

GT ESTUDOS de Gênero ANPUH/RS - Professora Convida: CLOSE. S.I.: Gt Estudos de Gênero Anpuh Rs, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3O3ldWwECzA>. Acesso em: 23 set. 2023.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Principes de la philosophie du droit**. Tradução de Robert Darethe. Paris: Vrin, 1975.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **Il Ruolo della Chiesa Cattolica nell'Emigrazione Veneta in Brasile**; in Presenza, Cultura, Língua e Tradizioni dei Veneti nel Mondo. Veneza: Centro Interuniversitario di Studi Veneti, 1987.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: Arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

JARDIM, Rejane Barreto; PIEPPER, Jordana Alves. **Aproximações e divergências: história social, história cultural e perspectiva gênero**. Métis: história & cultura, v. 9, n. 18, p. 87-97, jul/dez. 2010. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-do-rio-de-janeiro/antropologia-iii/1335-5627-1-pb/12495633>. Acesso em: 15 ago. 2021.

LAZZAROTTO, Valentim Ângelo. **Pobres construtores de riqueza: absorção da mão-deobra e expansão industrial na Metalúrgica Eberle : 1905-1970**. Caxias do Sul, RS: EDUCS; São Leopoldo, RS: EST, 1981. 199 p. (Coleção imigração italiana ; 42).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em jan. 2021.

LEITE, Miriam L. Moreira. **Retratos de Casamento**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 29, p. 182-189. 1991.

LEITE, Miriam Moreira. **A Condição Feminina no Rio de Janeiro - Século XIX**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC/Pró-Memória/INL, 1993.

LIMA, Lílian Almeida de Oliveira. Fios da idade: representações da maturidade em Helena Parente Cunha. IN: MOTTA, Alda Britto da, AZEVEDO, Eulália Lima e GOMES, Márcia Queiroz de Carvalho. **Reparando a Falta: Dinâmicas de Gênero em Perspectiva Geracional**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, FFCH/UFBA, Salvador, Coleção Bahianas, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. Contexto, São Paulo: 1997.

LOURO, Guacira Lopes. (2000) Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000. p. 7-34.

LUCHESE, Terciane Ângela. **Memórias e acervos familiares no ensino da História da Educação**. XI Reunião Científica Regional da ANPED: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. 24 a 27 de julho de 2016/ UFPR - Curitiba/PR.

MACIEL, Patrícia Daniela. **Lésbicas e Professoras: modos de viver o gênero na docência**. 178f tese (Curso de Doutorado em Educação) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MACHADO, Maria Abel. [Manuscrito com sua autobiografia]. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul, 1990/2001.

MACHADO, Maria Abel. [Ego-documento]. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul, 1990/2001.

MACHADO, Maria Abel. Banco de Memória do AHMJSA, Caxias do Sul, 1992.

MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**. Maneco, Caxias do Sul, 1998.

MACHADO, Maria Abel. **A incorporação do Trabalho Feminino na indústria de Caxias do Sul -1900/1950**. Chronos, Caxias do Sul, v. 29, n. 1, p. 72-81, jan/jun. 1996.

MACHADO, Maria Abel; AGUZZOLI, Leonor de Alencastro Guimarães. **Nossas mulheres...: que ajudaram a construir Caxias do Sul**. Caxias do Sul, RS, 2005.

MARIANI, Helena Maria Rizzon. **Espaços de Memória: o envelhecer, a finitude, as conquistas**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

MARX, Carl. **O capital: crítica de economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Estudos de gênero: percursos e possibilidades na Historiografia Contemporânea**. Cadernos Pagu, v. 11, p. 67 -75, 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP: Edusc, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.12(2), n. 264, mai/ago, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Carla Fernandes. **Mulheres imigrantes: presença e ocultamento (interiores de São Paulo, 1880-1930)**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/qygMSMQLfjnQF7k5fL6hBBH/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 03 nov. 2023.

MEMÓRIA, Pioneiro. **Os 60 anos do curso de História da UCS**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2020/07/os-60-anos-do-curso-de-historia-da-ucs-12530669.html>. Acesso em: 01 set. 2023.

MEMÓRIA, Pioneiro. **Como Loraine Slomp Giron via os costumes e personagens de Caxias do Sul**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2021/06/como-loraine-slomp-giron-via-os-costumes-e-personagens-de-caxias-do-sul-ckq19o8w9007n0180gkmtct0o.html>. Acesso em: 08 nov. 2023.

MEMÓRIA, Pioneiro. **Lorraine Slomp Giron, a historiadora que virou Cidadã Emérita de Caxias do Sul.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2021/06/loraine-slomp-giron-a-historiadora-que-virou-cidada-emerita-de-caxias-do-sul-ckq1jmuf600bi018my9gpyo9g.html>. Acesso em: 08 nov. 2023.

MEMÓRIA, Pioneiro. **Memórias: tempos da antiga livraria saldanha. s tempos da antiga Livraria Saldanha.** 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2017/04/memoria-os-tempos-da-antiga-livraria-saldanha-9776241.html>. Acesso em: 21 out. 2023.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo.** Revista Mulher e Trabalho, v. 5, p. 51-63, Porto Alegre, 2005.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Gênero e História das Mulheres na escrita escolar. In: MAIOR, Paulo Souto; LEITE, Juçara Luzia (org.). **Flexões de gênero: história, sensibilidades e narrativas.** Jundiaí, SP: Paco, 2017. p. 193-211.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Os museus e as ambiguidades da memória: memória traumática.** Conf. 10o. Encontro Paulista de Museus – Memorial da América Latina, 2018.

MOLON, Floriano. **Carreiros de Flores da Cunha e da região.** Flores da Cunha: Prefeitura Municipal de Flores da Cunha (RS), 2002.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, p. 7-32, 1999.

MORAES, Andrea; FARIAS, Patrícia Silveira de. Na academia. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Explosão Feminista: arte, Cultura, Política e Universidade.** 1ªed. Cia das Letras, São Paulo: 2018.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil,** São Paulo: Vozes, 1983.

MONTENEGRO, Ana. **Ser ou não ser Feminista (1981).** Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2022.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando gênero.** Estudos feministas, v. 8, n. 2, p. 71-99, 2000.

PAZ, Valéria Alves. **História do Colégio São Carlos – Rio Grande do Sul (1936-1971).** 157f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/470/Dissertacao%20Val%C3%A9ria%20Alves%20Paz.pdf?sequence=1>. Acesso em 27 mar. 2023.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: **História das Mulheres no Brasil,** 10. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** História, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEDRO, Joana Maria. Corpo, Prazer e Trabalho. IN PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. Editora Contexto, São Paulo: 2012. (1ª ed. 5ª reimpressão).

PEDRO, Joana Maria. **A historiadora Sandra Jatahy Pesavento: Usos, tensões e solidariedades de gênero**. RIHGRGS, Porto Alegre, n. 158 especial, p. 17-40. dez. 2020.

PEREIRA, Syléia Marques. **Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias das mulheres**. 280 f. Tese. (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/teses/8pereira_syrlea_tese.pdf. Acesso em: 04 out. 2019.

PERROT, Michelle. Mulheres. IN: **Os excluídos da História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (p. 167-231).

PERROT, Michelle. **Práticas de memória feminina**. Revista Brasileira de História, São Paulo, n. 18, p. 9-18, 1989.

PERROT, Michelle. Mulheres públicas. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru, SP: Adusc, 2005.

PERROT, Michelle. Minha História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2008.

PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto: 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Rev. Sociol. Polit, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, Jun. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/31MrSfJ>. Acesso em: 03 out. 2019.

POLETTO, Júlia Tomedi. **“Preparadas para a vida”**: uma escola pra mulheres, colégio São José - Caxias do Sul (1930-1960). 290 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **Identidade: cultura e memória**. Revista Métris: História & Cultura, v. 6, n. 12, p. 137-151, jul/dez. 2007.

RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.) **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

RAGO, Margareth. **A 'Nova' Historiografia Brasileira**. Anos 90, Porto Alegre, n. 11, jul. 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6543>. Acesso em: 01 mai. 2021.

RAGO, Margareth. **Autobiografia, gênero e escrita de si:** Nos bastidores da pesquisa. IN AVELAR, Alexandre de Sá. SCHMIDT, Benito Bisso. (org.) O que pode a biografia. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

RAGO, Margareth. “**Estar na hora do mundo**”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. Dossiê, Biopolítica e governamentalidade em Saúde- Interface 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/ccCCbt4pcXx4CTWhX8JnBmc/#>. Acesso em: 01 mai. 2020.

REINHOLZ, Fabiana. **80% das 106 vítimas de feminicídios no RS não tinham medida protetiva em 2022, diz defensora.** Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2023/03/20/80-das-106-vitimas-de-femicidios-no-rs-nao-tinham-medida-protetiva-em-2022>. Acesso em: 03 nov. 2023.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

REIS, Greissy Leoncio; PASSOS, Elizete Silva. Gênero e Formação de Professores: algumas reflexões sobre o curso normal médio em Vitória das Conquistas. IN: SOUZA e LIMA, Ângela Maria Freire e ARAS, Lina Brandão de. **Mulheres e movimentos:** Estudos interdisciplinares de gênero. Salvador, EDUFBA/NEIM, 2014.

RELA, Eliana. **Fides Nostra, victorian Nostra:** Os italianos católicos e o processo de aquisição do poder político na Intendência de Caxias (1890 - 1924). Dissertação (Mestrado em História) 122 f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

RELA, Eliana. Entrevista concedida a Daiane Dala Zen. Caxias do Sul, 2023.

RODRIGUES, Maria Inês Tondello. **Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul:** memórias, representações e narrativas (1960 – 1967). Dissertação. 155 f. (Mestrado em Educação). Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2015.

RODRIGUES, Carla. **Breve História crítica do Feminismo.** Revista Serrote#38, n. 38, jul. 2021. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2021/07/serrote-38/>. Acesso em ago. 2023.

RODRIGUES, Carla. **Currículo do sistema currículo Lattes.** [Brasília], 14 nov. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1849437854243808>. Acesso em: 14 nov. 2023.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: Mulheres e a Educação de Mulheres. IN: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana M. São Paulo: Contexto, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina; NEGRÃO, Esmeralda V. **A Educação Mulher no Brasil.** Teses Educação. São Paulo: Global Ed., 1982.

SCOTT, Joan Wallach. **Gender:** a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press, 1989.

SCOTT, Joan Wallach. **Prefácio a Gender and Politics of history.** Cadernos Pagu, v.3, p. 11-27, 1994.

SCOTT, Joan Wallach. **Os Usos e abusos do Gênero**. Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SEBRIAN. Raphael Nunes Nicoletti. **História Intelectual, Cultura e Política: um estudo dos primeiros tempos de "Punto de Vista" (1978–1985)**. Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior. Universidade Estadual do Centro-Oeste(UNICENTRO), 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/81148990-Historia-intelectual-cultura-e-politica-um-estudo-dos-primeiros-tempos-de-punto-de-vista.html>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SEFFNER. Fernando. De fontes e mananciais para o ensino da História. IN: RODRIGUES, Rogério Rosa (org.). **Possibilidades de pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Túlio dos Reis. **A História do crescimento urbano de Caxias do Sul: do milagre econômico à redemocratização**. Caxias do Sul (RS): Educs, 2018. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-hist-crescimento_2.pdf. Acesso em 13 jan. 2021.

SIMONETTI, Fernanda. **Mulheres camponesas, descendentes de imigrantes italianos**. 2010. Disponível em: [http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279493217_ARQUIVO_Artigo_ANPUH\[1\].pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279493217_ARQUIVO_Artigo_ANPUH[1].pdf). Acesso em: 03 abr. 2023.

SOARES, Vera. O Feminismo e o Machismo na percepção das mulheres brasileiras. IN: VENTURI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (org.) **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOCIOLOGIA, Sociedade Brasileira de. **Maurício Tragtenberg**. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/project/mauricio-tragtenberg/>. Acesso em: 28 out. 2023.

SOIHET, Rachel, PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de Gênero**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. Mulheres e ideias impressas: **Projetos feministas de emancipação em periódicos do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855)**. 320 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de História - Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2019.

SUL, Universidade de Caxias do. **Linha do Tempo**. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/ucs-50-anos/linha-do-tempo/>. Acesso em: 21 out. 2023.

SUL, Prefeitura Municipal de Caxias do. **Arquivo Histórico**. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/servicos/cultura/arquivo-historico>. Acesso em: 15 nov. 2023.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os Desafios da Escrita Feminina na História das Mulheres. Raído, Dourados, MS, v. 10, n.21, jan./jun. 2016.

THOMPSON. Paul. Problemi di metodo nella storia orale. IN: Passerini, L. (org.) Storia orale. **Vita quotidiana e cultura materiale delle cassi subalterne**. Torino: Rosenberg & Sellier, 1976. (p. 30-60).

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. Cadernos Pagu, v. 3, p.29-62, 1994.

TISOTT, Ramon Victor. **Formar trabalhadores, transformar a sociedade:** o ensino industrial em três tempos (Caxias do Sul-1901-1964). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188252/001085205.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 out. 2023.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1980.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Orçamento.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1980.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Projeto da especialização em História da América Latina.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1980.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Projeto de extensão.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1984-1987.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Projeto de pesquisa.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1984-1987.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Relatório de atividades do Departamento de História e Estatísticas.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1985.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Ata n. 114.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1988.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Relatório de atividades do Departamento de História e Estatística.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1988.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul/Projeto de Pesquisa.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1989.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1989.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Projeto de criação do museu e arquivo histórico.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1991.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência.** Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1992.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência**. Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1993.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Extensão**. Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1993.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência**. Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1994.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência**. Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1995.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência**. Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1996.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência**. Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1997.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência**. Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1998.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Correspondência**. Departamento de História e Estatística, Instituto Memória Histórico e Cultural. Caxias do Sul, 1999.

VANNINI, Ismael Antônio. **Crescei e multiplicai-vos: o papel da mulher no projeto imigratório (Serra Gaúcha - 1890 - 1950)**. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eve.ntos.dype.com.br/resources/anais/1277833952_ARQUIVO_TextoCompletocongressoUFSC.IsmaelAntonioVannini.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBER, Max. **Economia y sociedad**. Tradução de José Medina Echeveria e outros. México. Fondo da Cultura Económica, 1968.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2001, p. 35-82.

WOLFF, Cristina Scheibe; PEDRO, Joana Maria; SILVA, Janini Gomes. Memórias “gendradas” nas narrativas de mulheres do Cone Sul. In: MAIOR, Paulo Souto; LEITE, Juçara Luzia (org.). **Flexões de gênero: história, sensibilidades e narrativas**. Jundiaí, SP: Paco, 2017.

XERRI, Eliana Gasperini. **Da Universidade da Serra à Universidade de Caxias do Sul/RS (1950 - 2002): O pensar e o construir da Universidade da Serra Gaúcha**. 312 f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3712/1/437555.pdf>. Acesso em 12 abr. 2021.

XERRI, Eliana. **Presença feminina na criação e fundação da Universidade de Caxias do Sul nas décadas de 1950-1960**. Anais do XIV Encontro Estadual de História. 18 a 21 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/153109>

[5079_ARQUIVO_PresencafemininanacriacaoefundacaodaUniversidadeCaxiasdoSulnasdecadasde1950.pdf](#). Acesso em: 20 ago. 2021.

ZEN, Daiane Dala. **Mulheres sem rosto: imagens do feminino nos livros didáticos de História do ensino fundamental (2004–2012)**. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2019.

**APÊNDICE A - INVENTÁRIO DA PROFESSORA MARIA ABEL MACHADO DO
ACERVO DO MUSEU MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI**

Identificação da Caixa	Categoria	Tipo de documento	Ano	Descrição
Caixa "Mestrado e coleções				
	Caderno	Manuscrito	1990	Anotações das disciplinas do Mestrado e/ou doutorado.
	Caderno	Manuscrito	1990, 1991	Anotações das disciplinas do Mestrado e/ou doutorado.
	Caderno	Manuscrito	1991	Anotações das disciplinas do Mestrado e/ou doutorado.
	Caderno	Manuscrito		Diário de pesquisa - Mulheres operárias.
	Caderno	Manuscrito		Diário para tese de doutorado, como anotações do planejamento da tese.
	Caderno	Manuscrito	1993	Anotações sobre técnicas de pesquisa.
	Caderno	Manuscrito	1991	Anotações das disciplinas do doutorado.
	Caderno	Manuscrito		Dados de pesquisa da tese.
	Folhas de ofício	Digitado	1998	Relatório de bolsista para Capes - com o primeiro capítulo da tese.
	Caderno	Manuscrito		Anotações sobre técnicas de pesquisa.
	Folhas de ofício	Digitado	1997/1998.	Relatório de bolsista para Capes.
	Folhas de ofício	Digitado	1998	Parecer do exame de qualificação.
	Folhas de ofício	Digitado	2020	O parecer de participação em banca.
	Folhas de ofício	Manuscrito	2001	Sobre a evolução das mulheres no mercado de trabalho.
	Folhas de ofício	Digitado	1997	Relatório de bolsista para Capes.
	Folhas de ofício	Digitado	1995	Projeto de tese.
	Pasta	Diverso	1993	Trabalhos dos alunos e alunas da professora das

				disciplinas que ministrou.
	Folhas de ofício	Digitado	1961	Estatuto da Associação Nacional dos Professores Universitários.
	Folhas de ofício	Digitado	1993	Comunicado de defesa da dissertação.
	Telegramas, cartas, cartões, postais.	Diverso	1998	Mensagens de felicitações de aniversário, defesa, cartas de amor, postais.
Envelope pardo	Folhas de ofício	Digitado	1993	Curso de Mestrado em História Social da Cultura Latina Americana
	Folhas de ofício	Digitado	1980/90	Listagem dos professores do Departamento de Ciências Humanas UCS.
	Folhas de ofício	Digitado	1993/4	Material referente ao encontro de Pós-graduação.
	Folhas de ofício	Datilografado		Listagem com nomes de mulheres, dentre esses, Cléci Eulália Fávoro.
Caixa "Doação Maria Abel não classificada acadêmico"	Folhas de ofício	Digitado, com anotações e encadernado.	1999	Tese de doutorado
	Folhas de ofício	Digitado	-	Cópia do texto "Mulheres ajudaram construir..."
	Folhas de ofício	Xerox	1973/74	Ata do Conselho Executivo Livro Ata n. 1
	Folhas de ofício			Orçamento de correção e lançamento do livro da tese.
	Folhas de ofício	Digitado		Texto: História da Indústria de Caxias do Sul.
	Xerox		1964-1973	Livro de Atas da Associação Comercial e da Indústria de Caxias do Sul.
	Folhas de ofício			Relatório - exame de qualificação
	Folhas de ofício	Digitado e manuscrito		Material do 8º Evento Estadual (Diocese de Nova Hamburgo) "Retomando a caminhada"

	Folhas de ofício		1995	Projeto de tese.
Caixa "Doação Maria Abel Machado não classificado - textos e trabalhos acadêmicos.				
	Folhas de ofício	Digitado	1993	Cópia da dissertação
	Folhas de ofício	Digitado	-	Textos de História de Portugal, França e Espanha.
	Folhas de ofício	Digitado		Textos sobre teoria da História
	Folhas de ofício	Digitado		Textos sobre arqueologia e antropologia
	Folhas de ofício	Digitado		Texto sobre dominação patriarcal em espanhol (sem autor)
	Folhas de ofício	Digitado		Textos sobre religiões
	Folhas de ofício	Digitado		Texto sobre a Colônia Caxias e indústrias.
	Folhas de ofício	Digitado		Texto sobre urbanismo
	Folhas de ofício	Impresso	1924	Jornal Belettino Salesique (Itália)
Caixa "Doação Maria Abel Machado - Não classificada – Acadêmico				
	Folder	Impresso		Em italiano da Festa da Uva
	Folhas de ofício	Digitado	dez. 1996	Estudos Ibero-Americanos - PUCRS v. XXII, n. 2, p. 177 a 194 - "O trabalho feminino na Indústria de Caxias do Sul 1890 a 1930.
Envelope	Folhas de ofício	Digitado		Materiais sobre o Lions Club de Caxias do Sul.
	Folhas de ofício	Digitado		Texto: Preservar: uma antiga preocupação (Maria Frigeri).
	Folhas de ofício	Digitado		Eberle 100 ou 110 anos (Maria Abel Machado).
	Encarte da revista	Digitado com manuscrito		Texto: O trabalho feminino na indústria
	Folhas de ofício	Digitado		Texto: Metalúrgica Eberle versus estacionamento (Maria Abel Machado).
	Folhas de ofício	Digitado		Texto: A mulher na Festa da Uva (Maria Abel Machado)

	Folhas de ofício	Digitado		Texto: Trajes da Festa da Uva (Vera Stedille Zattera)
	Folhas de ofício	Digitado	2002	Texto: A festa homenageando a Mulher (Marisa Formolo Dalla Vechhia - Comissão da Mulher)
	Folhas de ofício	Digitado		Texto: A artesanias dos que vieram depois (Tânia Maria Zargo Tonet - Museóloga)
	Folhas de ofício	Digitado	2002	Coordenação da Mulher sobre a Festa da Uva
Saco plástico	Folhas de ofício	Digitado	2003	Do Arquivo Histórico solicitando a apreciação do projeto "Educação Patrimonial" enviado por Maria Beatriz Pinheiro Machado
		Digitado	2003	Resposta da Maria Abel.
	Encadernado	Digitado		4 Cadernos de pesquisa: Mirante, Parque Getúlio Vargas, Mato Sartori e Casa de Pedra.
	Xerox de revista	Digitado	2003	Caderno Especial Rio Grande do Sul (Revista Banas Qualidade)
	Ficha de Leitura	Manuscrita		Considerações sobre o processo de industrialização gaúcha: um estudo de caso (BRITO, Maria Noemi Castilhos)
	Folhas diversas	Digitado		É preciso que Cuba se abra para o mundo e o mundo que se abra para Cuba (João Paulo em Cuba)
	Recorte do Jornal de Caxias	Diversos	18/11/1978	O Colono Italiano e o Capitalismo
	Recorte do Jornal de Caxias	Diversos	25/11/1978	As relações entre colonização agrícola e o crescimento industrial na Região de Caxias do Sul
	Folhas de ofício	Datilografia	-	A expansão do poder industrial
	Folder	Impresso	1991	I Congresso Latino Americano sobre

				Cultura Arquitetônica e Urbanística.
	Folhas de ofício	Digitado		Câmara da Indústria e Comércio - 95 anos de História (Vânia Herédia e Maria Abel)
	Xerox	Impresso		Cuba: Revolucion Social y revolucion educativa (Guadalupe Teresinha Bertussi)
	Mapa	Xerox com anotações		Da Espanha "Atual desde 1977"
	Encadernado	Datilografado	1991	Trabalho de mestrado "Mercosul - Uma nova tentativa de integração" (Maria Abel)
	Foto	Digitalizada	1950.	Entrega da bandeira na Praça Dante.
Pasta "Seminário Regional de Patrimônio Histórico"	Folhas do ofício	Manuscrito	1899 a 1910	Tabela I - Estabelecimentos Industriais de Caxias do Sul
	Folhas do ofício	Manuscrito	1911 a 1920	Tabela II - Estabelecimentos Industriais de Caxias do Sul
	Folhas do ofício	Manuscrito	1921 a 1932	Tabela III - Estabelecimentos Industriais de Caxias do Sul
	Folhas do ofício	Manuscrito	-	Duas tabelas sobre os tipos de indústria da Caxias do Sul
	Encadernado	Xerox	Jan/fer de 1922	Boletim estatístico de exportação
	Folhas do ofício	Manuscrito	Dados de 1941 a 1945	Levantamento do número de funcionários da Abramo Eberle (Homens e mulheres)
	Folhas do ofício	Manuscrito	-	Relação de 8 páginas de nomes de mulheres.
	Folhas do ofício	Manuscrito	De 1945	Relações de nomes e profissões (vários)
	Folhas do ofício	Manuscrito	De 1945	Relações de registro de impostos industriais e de Comércio
Avulso	Encadernado	Digitado	1990	Dissertação "Os parceiros do vinho: viticultura em Caxias do Sul (1911-1936)
	Folhas do ofício	Digitado	1991	Texto: "A economia da América Latina e a

				integração do Cone-Sul (Maria Abel)
	Folhas do ofício	Digitado		Texto: Quinhentos anos do "descobrimento da América" (Maria Abel)
	Folhas do ofício	Digitado	-	Texto: Teotihuacan II - instituto Latino americano de la comunicacion educativa (UNESCO)
	Folhas do ofício	Digitado/manuscritos	-	Texto: "Cap. 02 - A produção científica sobre imigração europeia no RS.
	Encarte Revista Cronos	Digitado	1991	Texto: Mercosul - uma nova tentativa de integração (Maria Abel)
	Revista Mundo Jovem	Xerox	Ago de 1984	Texto: O que há por trás das histórias em quadrinhos?
	Folhas do ofício	Digitado	-	Texto: A Universidade e o terceiro milênio
	Folhas do ofício	Datilografado	1990	Texto: A Igreja e os índios
	Folhas do ofício	Xerox/anotações	1991	Texto: "As sete portas da cidade" (Maria Stella Brescian)
Pasta	Folhas do ofício	Digitado		Trabalho de alunos: Arquivo da paróquia de Lourdes
	Folhas do ofício	Datilografado	1982	Trabalho de alunos: Calendário Maia
	Encadernado	Digitado	1980	Informativo Felainco n. 2, ano 1.
	Folhas do ofício	Digitado	1994	Trabalho de aluno: A máquina a vapor
	Folhas do ofício	Digitado	-	Texto: Considerações sobre a identidade histórica e cultural de Caxias do Sul
	Folhas do ofício	Digitado		Texto: A imigração italiana no RS (referência de Giron)
	Montagem	Datilografado	-	Fascismo no Brasil e a Ação integralista Brasileira
	Xerox	Digitado		Texto; Arqueologia Missioneira
	Xerox	Digitado		Texto: Experiência em Comunicação e Expressão (Maria Angela Finoco Reis)

	Folhas de caderno	Manuscrito		Anotações; o termo bárbaro.
	Folhas de ofício	Datilografado	-	Reis da Grã-Bretanha
	Folhas de caderno	Manuscrito		Nobreza francesa e inglesa (letra diferente da Maria Abel)
	Folhas de ofício	Datilografado		Texto; Dinastia Merovíngia
	Folhas de caderno	Manuscrito		Sociedades Primitivas
	Folhas de ofício	Datilografado/manuscrito		Povos Americanos
	Fichas de leitura	Manuscrito		Política e países da América Latina
	Recorte de Jornal Folheto Cultura e Lazer	Original	1992	Entrevista com Maria Abel sobre os 500 anos de conquista das Américas.
	Recorte de Jornal Folha de Hoje			Diversas reportagens sobre os 500 anos de conquista.
	Atentado de participação	Ofício		Maria Abel proferiu palestra na escola Presidente Vargas
	Folder			500 anos de América
	Folhas de ofício	Manuscrita		Sobre os 500 de conquista das Américas.
	Folha de ofício	Datilografado		texto: Bartolomé Las Casas e a preocupação com o outro (Maria Abel)
	Protocolo de formatura	Digitado		Cristóvão de Mendoza
	Folha de ofício	Digitado		Texto da revista Cronos - sobre o curso de Especialização,
	Diversos	Digitado		Material sobre Violência contra a Mulher
	Folhas de ofício	Manuscrita		Texto: As reduções jesuíticas
	Postal	impresso	1917	Foto da Igreja Matriz e Praça Dante
	Foto	Digitalizada/impressa	1910	Praça Dante
	Mapa	impresso		Mapa do RS
Pasta	Lâminas e plantas	Digitado		Sobre Caxias do Sul.
	Doc. jurídico	Digitado		Cópia
	Ofício	Digitado	2002	Dia Internacional da Mulher - Maria Abel painelista
	Folhas de caderno	Manuscrito	-	Situação da Mulher

	Comprovante	Digitalizado	2002	Palestra sobre a mulher italiana em Caxias do Sul (FSG)
	Carta pessoal	Manuscrito		Histórico da vida pessoal
	Xerox	Diversos		Material obtido em Roma.
	Folhas de caderno	manuscrito		Sobre a indústria de Caxias do Sul.
	Folhas de caderno	Manuscrito	1940	Censo de 1940 e as indústrias
	Folhas de ofício	Digitado com anotações	-	Relação dos intendentes e prefeitos de Caxias do Sul
Folhas de papel Flor Post	Ofício	Digitado	2003	Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul - sobre a monografia da professora Maria Abel.
Pasta de papel	Folhas do ofício	Datilografo/mimeogr afado		Argumento - Curso de introdução à história de Caxias do Sul.
Saquinho de plástico	Fichas de leitura	Manuscrito	-	Prolongamento de avenidas e ruas, construção de casas e comércio de ambulantes.
	Folhas de ofício	Diverso	-	Documentos oficiais do município sobre o tema
	Folhas de caderno	Manuscrito	-	Conceito sobre a Festa da Uva.
Saquinho de plástico	Folhas de caderno	Manuscrito	-	Processo de urbanização, lei de terras (muitas folhas).
Saquinho de plástico	Folhas de ofício	Digitado com anotações	-	"Trabalho da Vânia"
	Encadernado	Digitado/manuscrito e com colagem		"Construindo uma cidade - História de Caxias do Sul - 1875 1950.
Caixa B Maria Abel Não classificado	Ofício	Digitado		Certidão de nascimento de Maria Abel.
	Atestado	Impresso	-	Conclusão da 1ª série Ginásial
	Atestado	Impresso	1950	Divisão de Higiene - autorização do pai pra Maria Abel fazer Carteira de Trabalho.
	Certificado	Impresso	-	Certificado de turista.
	Carta pessoal	Manuscrita		Parabenização pela formatura.

	Envelope	Recortes de jornal O Hamburguês	1966	Acidente de trânsito de Maria Abel.
Saquinho de plástico	Informativo	impresso	1967	Texto da Maria Abel sobre a Venezuela III.
	Folha de ofício	impresso	-	Tipagem sanguínea de Maria Abel.
	Declaração	digitado	1969	Da Previdência Social
	Documentos	Digitados		Prova de títulos para a 4ª DRE (Delegacia de Educação).
Saquinho plástico	Fonograma	Digitado		Do secretário privado do presidente da Venezuela e da 4ª DRE.
Saquinho plástico	Livro	Impresso	1939	Novo Testamento
	Diário de viagem	Manuscrito	1981	Sobre a viagem à Bolívia
	Livro	Impresso	-	Livro de oração
	Certificado	Impresso	2002	Voto de congratulações de Zoraido Silva PTB
	Ofício	Impresso		Encaminhamento para o voto de congratulações
	Ofício	Impresso		Do Arquivo Histórico sobre Educação Patrimonial" enviado por Maria Beatriz Pinheiro Machado
	Ofício	Impresso		Em alemão sobre a família Abel
Envelope branco grande	Certificado	Impresso	2004	Sobre "Mulher Cidadã"
	Folha de ofício	Impresso		Poema de Zélia Maria de Nardi (Academia Caxiense de Letras) "Um olhar de mulher diante do espelho"
	Diversos cartões	Diverso		Felicitações pela conquista (doutoramento)
	Recortes de jornal	Impresso	2004	Sobre "Mulher Cidadã".
	Ofício	Impresso	2004	Ofício com o nome das mulheres homenageadas pela Câmara de Vereadores "Mulher Cidadã" Theresa Domingos Gollo, Deli Ivani Vencatto Tomazzoni, Theresa Berona Tondo e

				Sônia Regina Cabral Maggi.
	Telegrama	Impresso	2004	Da Rádio São Francisco com felicitações para a professora Maria Abel referente ao "Mulher cidadã".
	Convite de formatura	Impresso	1994	Curso de Direito.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1911	Anotações sobre o Município de Caxias do Sul - retirados pela professora de documentos oficiais.
	Ficha de leitura	Manuscrito	1897	Anotações sobre o Município de Caxias do Sul - retirado pela professora de documentos oficiais.
	Requerimento		1987	Exame médico.
	Solicitação/ofício	Digitado	1991	Câmara de Deputados requer materiais de pesquisa da professora sobre o Centenário da Morte de D. Pedro II
	Folhas de ofício	Manuscrito		Ideologia Alemã - Marx e Engels.
	Folhas de ofício	Manuscrito		História Oral.
	Folhas de ofício	Manuscrito		Cultura e rebeldia
	Folheto	Impresso		Via Sacra de Irmão Jerônimo Dall'Bello
	Folhas de ofi/caderno	Manuscrito		Conceito de hegemonia de Gramsci
	Folhas de ofício	Impresso	1996	O trabalho feminino - Revista Ibero Americana da PUCS, v. XXII, n. 2, p. 177-194 (dez).
	Folhas de ofício	Impresso	1986	Encontros Regionais de História - Projeto de Pesquisas - "Rascunhos" (Texto das professoras Maria Abel e Loraine Slomp).
	Xerox	Correio da UNESCO	1983	"América Latina: os males da modernização" (ago., n. 8, ano 11)
	Folhas de ofício	datilografado	1984	Trabalho de aluno.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1991	Mercosul.
	Folder	impresso	1992	Surrealismo e o Novo Mundo

	Certificado	Digitado	1998	Palestra para as candidatas da Festa da Uva,
	Folhas do ofício	Manuscrito	Não datado	Código de Posturas
	Ofício	Digitado	1993	Solicitação de material para os Cadernos de Pesquisa DHIG/CCHA - de Eliane Pisane (coordenadora de pesquisa).
	Folhas de caderno	Manuscrito	Não datado	Economia do Rio Grande do Sul.
	Cartões de Natal	Diversos	-	Diversos cartões de Natal que a Maria recebeu de parentes e amigos/as.
	Folder	Impresso		Serra Gaúcha
	Folder	Impresso		Oswaldo Aranha
	Livrinho	Impresso		Orações.
	Folha de calendário	Manuscrito	1996	Pedaço de calendário com a nota "Heneide Bertucci - falecido em 04/01 1h e 20' (a letra é do pai da professora).
	Lembrança de falecimento	Impresso		Não anotei o nome do falecido.
	Folhas de calendário	Manuscrito		Anotações do dia do falecimento de pessoas.
	Folhas do ofício	Impresso/manuscrito		Linha do tempo em cima da obra de De Boni - "A presença italiana"
	Recorte de jornal	Impresso	Número confusos	IV Mostrarte - A professora aparece como responsável pela pesquisa documental da mostra.
	Folder	Impresso/manuscrito		"Caxias do Sul - Uma uva de cidade"
	Marca página	Impresso/manuscrito		Biografia de Irma Buffom Zambelii
	Caderno de memórias	Manuscrito		Viagem ao México.
	Convite	Impresso		Livraria Maneco - convite de lançamento do livro "Mulheres sem rosto" da professora Maria Abe.
	Fichas de leitura	Manuscrito		Trabalho feminino e infantil

	Folder	Impresso		Documentos históricos da Revolução Farroupilha (curso de História e Arquivologia UFSM).
	Folhas de caderno	Manuscrito		Anotações sobre História tradicional.
	Folhas de caderno	Manuscrito		Anotações sobre Mais valia.
	Folder	Impresso		Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe.
	Convite	impresso	1986	XII Feira do Livro de Caxias do Sul.
	Folhas do ofício	Manuscrito		Anotações sobre História do Rio Grande do Sul.
	Folhas de ofício	Manuscrito		Anotações "Assunto proposto italianidades"
	Folders	Impresso		Museu Municipal de Nova Prata e Antônio Padro
	Folhas de caderno	Manuscrito		Anotações sobre as indústrias do Rio Grande do Sul.
	Polígrafo encadernado	Digitado	2004	Sessão Solene de entrega do troféu Mulher Cidadã.
	Cartões	Diversos		Felicitações de Marisa Formolo Dala Vecchia.
	Livro de presenças	Impresso/manuscrito	1993	Presentes no velório de Francisco Abel, pai da professora Maria Abel.
	Fichas de leitura	Manuscrito	1940	Reportagem do Jornal "O Momento", assunto: próxima visita de Getúlio Vargas.
Saquinho plástico	Convite mais outros materiais	Impresso		Formatura do Curso Técnico em Secretariado para trabalhadores noturno.
	Fonograma	Datilografado	1969	Identificação "Serviço de Seleção de Professores"
	Comunicado	Datilografado	1960	Justiça Eleitoral para professora ser mesária nas eleições.
	Comunicado	Datilografado	1962	Justiça Eleitoral para professora ser mesária nas eleições.

	Comunicado	Datilografado	1958	Justiça Eleitoral para professora ser mesária nas eleições.
	Comunicado	Datilografado	1959	Justiça Eleitoral para professora ser mesária nas eleições.
	Folhas do ofício	Manuscrito		História Oral - Usos e abusos.
	Folder	Impresso	2002	Programação oficial da Festa da Uva.
	Documentos	Digitados com assinaturas	1968	Referente ao Volkswagen vermelho.
	Cartas, cartões, santinhos e santinhas	Material diversos		Cartas, cartões e lembrancinhas de falecimento, santos e políticos (Collor de Mello).
Saquinho plástico	Folhas de ofício	Digitado		Currículo Vitae da professora Maria Abel.
	Ofício de solicitação	Digitado		Solicitação para a inclusão de verbete na segunda edição do "Dicionário de Mulheres",
Envelope	Originais	Impresso	1921, 1931	Vários "Il santo Dei Miracoli" Origem: Padova (Itália).
Caixa "Entrevistas"				
	Folhas do ofício	Digitado		Entrevista de Maria Turra (num envelope) para Lília Turra Serfini
	Folhas do ofício	Digitado		Entrevista de Paulina Soldatelli Moreto para Júlio César.
	Folhas do ofício	Digitado		Entrevista de Antonieta Agostinelli Veronese.
	Folhas diversas	Manuscrito		Anotações sobre Clelie Spinatto Manfro.
	Folhas diversas	Manuscrito		Anotações sobre Bila Vial Bianchi.
	Folhas diversas	Manuscrito		Anotações sobre Elye Ramos Rodrigues.
	Recortes de jornal	Impresso/manuscrito		Anotações sobre Maria Turra
	Avaliações	Manuscrito	1981	Produção de estudantes da disciplina América I
	Folhas do ofício	Digitado	1983	Material do curso de Extensão "História da América Latina" La Salle (Maria Abel é coordenadora).

	Folhas de caderno	Manuscrito		Anotações sobre Modernismo e Modernidade.
Pasta Vermelha	Folhas de ofício		1999	A pasta é do "Encontro Jornada de História Econômica do Uruguay" Nela está todo o material que foi apresentado no evento pela professora Maria Abel e Vânia Herédia.
	Folhas de ofício	Manuscrito		Anotações sobre mulheres "Sem direito, submissas, discriminadas, analfabetas".
	Folhas de ofício	Digitado/impresso		Materiais sobre Pepe Vargas.
	Folhas de ofício	Manuscrito		Entrevista com Romano Lunardi.
	Folhas de ofício	Manuscrito		Entrevista com Mario Ramos.
	Folhas de ofício	Manuscrito		Entrevista com Nelso Sbabo.
	Folhas de ofício	Manuscrito		Entrevista com Arthur Rech.
	Folhas de ofício	Manuscrito		Entrevista com Dagoberto Godoi
	Folhas de ofício	Datilografada	1990	Entrevista com a professora Antônia Cortés R. Fernandes
	Folhas de ofício	Manuscrito	2000	Entrevista com Dorigel Gianela
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Araci Bizzaro.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1984	Slanea Ribeiro Lisboa.
	Folhas de ofício	Digitado	1992	Entrevista de Isolda Pellin
	Folhas de ofício	Manuscrito	-	Entrevista com João Peri Patermortes.
	Folhas de ofício	Digitado	1992	Entrevista com Maria Razzia.
	Folhas de ofício	Digitado/datilografado	1992	Entrevista com Odila Gubert.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1983	Entrevista com Rosa Bovo.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1983	Entrevista com Osvaldo Ártico.
	Folhas diversas	Manuscrito		Anotações da professora sobre mulheres e sobre ser pobre
	Folhas de ofício	Digitado	1999	Entrevista com José Mattana.

	Folhas de ofício	Digitado/manuscrito	1997	Entrevista com Júlio Sassi.
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Irene Felipe Canutto.
	Folhas de ofício	Manuscrito	2000	Entrevista com João Paulo Oliveira.
	Folhas de ofício	Manuscrito	2001	Entrevista com Nelson Toner
	Folhas de ofício	Digitada	1997	Entrevista com Paulo Bellini.
	Folhas de ofício	Digitada	2000	Entrevista com Victor Saccioni.
	Folhas de ofício	Manuscrito	2000	Entrevista com Sérgio Cesa.
	Folhas de ofício/recorte de jornal.	Impressos com anotações.	2001	Materiais sobre Luigia Carolina Zanrosso Eberle (Gigia Bandeira).
	Folhas do ofício	Digitada/manuscrita	2000	Entrevista com Ulisses Geremias.
	Folhas diversas	Manuscrito		Anotações sobre Anna Maria Paoletti (Ana Rech), Hercília Petri, entre outras.
	Folhas de ofício	Datilografada com anotações.	1997	Entrevista com João Luiz Cipolla;
	Folhas de ofício	Digitado com anotações	1997	Entrevista com Srº Perini
Pasta	Folhas de ofício	Diverso	1999	Materiais sobre o Movimento econômico de Caxias do Sul (II Jornada de História Econômica - Uruguai).
	Folhas de ofício	Manuscrito	1997	Entrevista com Raul Randon.
	Folhas de ofício	Manuscrito	Não datada	Entrevista com Victório Três.
	Folhas de ofício	Manuscrito	2000	Entrevista com Claudio Eberle.
	Folhas de ofício	Manuscrito	2000	Entrevista com Ruy Pauletti
	Folhas de ofício	Manuscrito	Não datada	Entrevista com Mansueto Serafini Filho.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1997	Entrevista com Mario Ramos.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1997	Entrevista com Romano Lunardi.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1998	Entrevista de José Matana.
	Folhas de ofício	Manuscrito	Não datada	Entrevista com Paulo Bellini.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1997	Entrevista com Edmir Zatti.

	Folhas de ofício	Manuscrito	2000	Entrevista com Leijei Cesar.
	Folhas de ofício	Digitada	1992	Entrevista com Graciema Rigotti Miller,
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Gema Adami de Vargas.
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Gema Dal Bó.
Depoimentos transcritos já na base /*** Pela Maria Abel	Folhas de ofício	Digitado	1992	Entrevista com Norma Formolo Pelini,
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Lourdes M. Dalle Molle Maineri.
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Hilda Gazzana.
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Carmelita Rigotti Sabeldia
	Folhas do ofício	-	1992	Entrevista com Gentília Maria Paviani Pretto.
	Folhas de ofício	Digitada	Não datada.	Entrevista com Mansueto Serafini Filho.
	Folhas de ofício	Digitada	1997	Entrevista com Edemir Zatti.
	Folhas de ofício	Datilografada	1990	Entrevista com Zélia da Silva Laponier.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1992	Entrevista com Amélia Slongo Shuartz.
	Folhas de ofício	Datilografada	1990	Entrevista com Marina Zanotti Schiantz
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Laura Anna Sauthier Cousseau
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Mideli Furlan Paggi.
	Folhas de ofício	Datilografada	1992	Entrevista com Ortenila Bragagnolo.
	Folhas de ofício	Manuscrito	1997	Entrevista com Julieta Stédile.
Caixa "UCS - admissão e trabalhos acadêmicos				
	Documentos	Digitados		Saco de documentos referente a demissão da professora Maria Abel.
	Bloco de folhas	Manuscrito	1999	Autobiografia da professora Maria Abel.
	Folhas de ofício	Digitado		Textos sobre patrimônio -

				anotações e proposta de estatuto.
	Solicitação/ofício	Digitado		Documento da licença remunerada para o Mestrado.
	Solicitação/ofício	Digitado	1990	Solicitação de bolsista para a pesquisa das mulheres.
	Solicitação/ofício	Digitado	1991	Solicitação da estudante Terezinha Azevedo para continuar sendo bolsista.
	Solicitação/ofício	Digitado	-	Solicitação de troca de orientador (cita o nome de René Gertz).
	Folhas diversas	Diverso		Comprovantes de pagamento das disciplinas referente ao Mestrado e disciplinas que ministrou na UCS.
Saquinho	Folhas diversas	Digitado	2003	Material da Oficina "Mulher no III Fórum Social Mundial".
	Folhas de ofício	Manuscrito	1995	Material da palestra em Bento Gonçalves.
	Folhas de ofício	Digitado	2000	Material da palestra na UCS sobre "Mulheres sem rosto".
	Folhas de ofício	Digitado	1994	Estudo das ementas do curso de História.
	Folhas diversas	Digitado	-	Materiais sobre o curso de Especialização em Arquivologia e Museologia (ofícios, solicitação de materiais e professores).
	Folhas de caderno	Manuscrito	-	Anotações sobre a Mesopotâmia.
Caixa "Maria Abel Machado - UCS -demissão, trabalhos acadêmicos, coleções (Não classificado)				
	Folhas de ofício/fotos	Impressos com anotações.	-	Glossário de imagens - fotos impressas com anotações.
Saquinho	Folhas de ofício	Xerox	1995	Ata do Conselho Departamental (Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Arte e Letras)
	Carta	Datilografada	1975	Questionamentos a reitoria sobre a conduta do secretário

				de ensino "Luiz Antônio Rizzon.
	Ofício/recurso	Datilografado	1975	Recurso de Clovis Paternoste solicitando explicação ao conselho.
Pastinha da "Enxuta"	Folhas de ofício	Diversos	2000	Materiais sobre o 1º Congresso de Humanidades UFPR, juntamente com a cópia do trabalho apresentado: Associação dos Comerciantes de Caxias do Sul: uma história de união e desafios (Maria Abel e Vânia Erédia).
Pastinha "Barcelona"	Folhas de ofício	Digitado		Texto: Trabalho e excedente na origem de uma cidade.
	Folhas de ofício	Digitado	2002	Emails e disquetes com as normas para o evento IV Colóquio Internacional de Geografia Crítica - Barcelona.
Pasta "Enxuta"	Diversos	Diverso	2002	Materiais e fichas de leitura sobre o Curso História do Brasil e da América do Sul (História aplicada para o turismo) Cursão Unificado.
Envelope amarelo rasgado	Diversos	Diversos	1994	Documentação da demissão da professora Maria Abel (professora da UCS), Notas de repúdio de outras instituições às demissões dos/as professoras. Relação dos/as professores/as cedidos e carga horária dos/as mesmos/as. Reportagens de jornais da região sobre a demissão elaborada pelos alunos e abaixo assinado contestando as demissões enviadas à reitoria.
Saquinho	Diverso	Diverso	2001	Cartões de felicitação do lançamento do livro "Construindo uma cidade 1875-

				1950. Convites de lançamento do livro, telegramas de parabenização, relação dos presentes e endereço para entrega de convites para o lançamento.
Pasta de papel Flor-post	Folhas de ofício	impressos com anotações.	-	Marcenarias de Caxias do Sul e gráficos impressos sobre escolarização de mulheres.
Pastinha da UCS	Folhas de ofício	Digitado	1994	Anteprojeto para a criação do Mestrado em História Social e Cultural Latino-Americana.
	Folhas de ofício	Digitado	-	Levantamento das monografias do curso de Especialização em História Regional.
	Folhas de ofício	Digitado	-	Linhas de pesquisa - análise.
	Folhas de ofício	Digitado	1978 a 1992	Publicações de pesquisas desse espaço temporal.
Solto na caixa	Documentos	Impressos.	-	Referente ao Lion Club (Maria Abel juntamente com o esposo são o casal presidente).
	Folhas de ofício	Manuscrito	1943 a 1947	Cópia do Jornal "O Momento"
	Folhas de ofício	Xerox com anotações	-	Dados de pesquisa sobre as indústrias de Caxias do Sul.
Envelope pardo	Fichas de leitura	Manuscrito	-	Centenas de fichas de leitura.
Saquinho	Documentos	Digitalizado	-	Sobre o contrato de trabalho da professora Maria Abel.
Pasta de papel Flor-post	Folhas de ofício	Manuscrito	-	Materiais referentes ao Patrimônio de Caxias do Sul.
Pasta de papel Flor-post	Documentos	Digitado		Mestrado e doutorado da Maria Abel.
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado	-	Materiais sobre a Oficina Mulher no Fórum Social.
Pasta de papel Flor-post	Folhas de ofício	Manuscrito	-	Palestra sobre os 120 anos - sobre a mulher.
Pasta de papel Flor-post	Folhas de ofício	Digitado com anotações	2000	Palestra na academia sobre mulher.

Pasta de papel Flor-post	Folhas de ofício	Digitado	1994	Materiais sobre a implantação do Curso de Museus e Arquivos.
Avulso	Folhas de ofício	Manuscrito	-	Anotações sobre Iraque, Oriente Médio (primeiras civilizações), e sobre os EUA.
Pasta Verde escura	Folhas de ofício	-	1992	Relação das mulheres entrevistadas pela professora Maria Abel.
	Folhas de ofício	Manuscrito/digitado	-	Anotações sobre as entrevistas, roteiro de entrevistas e fichas de entrevistas digitadas
	Xerox - Jornal o Momento	impresso	1943 e 1945	Cópia das reportagens sobre o acidente da Gazola em 24 de julho de 1943.
	Folhs diversas	Manuscrito	1946	Cópia da reportagem do jornal "O Momento" sobre as mulheres e o trabalho.
Pasta verde escura	Xerox	Datilografada	1924	Regulamento da fábrica Eberle.
	Caderneta	Impressa/manuscrita	1919 a 1922	Caderneta da operária Maria Leontina e Luiz Rech, algumas atas (xerox).
Envelope amarelo pequeno	Diverso	Diverso	1994	Materiais sobre as demissões de professores/as.
Pasta Flor-post	Folhas de ofício	Xerox	1900	Ata de dados históricos e estatísticos de Caxias do Sul de 1900.
Avulso	31 fichas de leitura	datilografado/manuscrito.		Fichas de entrevistas de mulheres de várias empresas de Caxias do Sul.
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado/manuscrito	2003	Empresas locais - Weather ford mundial, texto Mulher e o trabalho na região colonial italiana.
	Diversas	Diversas	2003	Anotações do seminário "Geração de trabalho e renda para as mulheres"
Saquinho	Diversos	Manuscritos	-	Sobre o trabalho da mulher na região de colonização italiana - Caxias do Sul.

Saquinho	Recortes de jornal	Impressos	1994	Diversas reportagens sobre a demissão de professores/as. Observei muita ironia em benefício aos professores. Reportagem depois de um ano do ocorrido.
Pasta de papel Flor-post	Calendário	impresso	1986	Calendário.
	Xerox	Digitado/manuscrito	1984	Textos: índios povos rejeitados 1984 (Mundo Jovem). Outros textos de diversos temas.
Saquinho	Circular	Impresso	1987	Comissão de seleção de docentes e outros documentos referente a isso.
Pasta papel Flor-post	Procuração	Digitado	1979	Referente a professora Estela Maria Dedavid - Delegacia de Educação.
Avulso	Folhas de ofício	-	1991	Trabalho de Antonela Abel Petricci sobre a mãe da professora Maria Abel.
Pasta de plástico transparente	Diverso	Diverso	1985	Materiais sobre o ciclo de estudos sobre a Teoria da Libertação.
	Mapa	Impresso	2000	Topográfico de Caxias do Sul.
Envelope pardo	Muitas fichas de leitura	Manuscrito	-	Muitas fichas de leitura de cor verde.
Pasta "Maria Abel Machado - Não classificado - Particular e/ Conceição				
	Certidão	Impresso	1938	De casamento do pai e da mãe de Maria Abel (após o nascimento de Maria Abel).
Caixa "Maria Abel Machado - Não classificado - Particular e/ Conceição				
Pasta de papel Flor-post	Currículo Vitae	Digitado	1997	Resumo: Professora no Cristóvão de Mendoza de 1964 a 1974. Assessora da 4ª CRE de 1974 a 1978, Professora da UCS: 1973 a 1994,
	Convite	Impresso	2002	Para receber homenagem como destaque na educação (Prefeito Pepe Vargas).

	Resposta ao convite	Digitado	2001	Responde que estará em Barcelona na data e diz para o marido.
	Folhas de ofício	-	-	Texto "Geraldo Bonhein: um incorrigível otimista para o Jornal Pioneiro.
	Extratos bancários	Impresso	-	Pertencem ao pai de Maria Abel, Francisco Abel.
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado	2002	Currículo vitae atualizado, foto, prefácio sobre amigos e carta da Zelinda.
Avulsos	Folhas de ofício	Digitado	-	Texto: Hilda Hubner Flores sobre a participação da professora Maria Abel no dicionário de Mulheres.
Avulsos	Documento familiares	Originais	1926	Nomeação da professora Conceição pela intendência Municipal de Caxias do Sul.
	Carta	Manuscritos	-	De Zelinda.
	Convite	Impresso	1963	Curso de Filosofia UCS
	Convite	Impresso	1983	Curso não especificado nas anotações da pesquisadora.
	Carteirinha/Manual	Impresso com foto	1950	Curso de Datilografia que a professora Maria Abel fez (Escola Remington).
	2 convites de formatura	Impresso	1982 e 1991.	Convites de cursos não especificados.
	Convite	Impresso	1957	Escola Técnica de Comércio São Carlos (Às contadorandas)
	Convite	Impresso	1982	Centro de Ciências Humanas e Arte.
	Convite	Impresso	1974	Convite sem informações específicas.
	Convite	Impresso	1956	Maria Abel - curso de visitadora sanitária.
	7 Convites	Impressos	1981, 1982, 1984, 1994, 1975 e 1995.	Formaturas de cursos diversos (Letras, História, Secretário Executivo).
	Caderno pequeno	Manuscritos	1927	Autoria da mãe da professora Maria Abel, Conceição. Esse caderno é o

				número 3, e o título Histórias de um imigrante italiano em Caxias do Sul.
	Caderno pequeno	Manuscritos	-	Autoria da mãe da professora Maria Abel, Conceição. Esse caderno é o número 1, "Biografia".
Pastinha azul	Documentos	Impressos		Passaportes e fotos diversas.
	Caderno de desenho	Manuscritos	-	Muitos desenhos de flores e folhas da professora Maria Abel.
	Certidão	Impressa/original	-	Do pai de Maria Abel.
Saquinho	Documentos	Impressa/original	-	Ofícios e fonograma da 4ª CRE,
	Diário Oficial	Impresso/original	1965	Portaria de nomeação da professora.
	Folhas de ofício/caderno	Manuscritos	-	Escritos de Francisco Abel, pai de Maria Abel.
	Folha de ofício	Manuscritos	1981	Desenhos da sobrinha Alessandra Abel Borges.
	Caderno pequeno	Manuscritos	-	Escritos de Conceição Abel, mãe da professora.
	Convite	Impresso	-	Bodas de Francisco e Conceição.
	Documentos	Impressos/originais	-	Cidadania Italiana da família Brustolin.
Pasta Senac	Poligrafo	Digitado	1981	Curso de comida.
Pasta de papel Flor post	Recortes de jornais	Impresso	1990	Recortes de jornal de assunto não especificado.
Pasta preta de couro	Documentos	Impresso originais	Mais ou menos 1920	Família Brustolin em italiano.
Saquinho	Documentos	Digitado	-	Da Universidade de Caxias do Sul.
	Diversos	Manuscritos	1974	Anotações de Conceição Brustolin Abel, listagem de alunos da também professora Conceição.
	Caderno	Manuscritos	-	Caderno n. 04 - Anotações história do imigrante de Conceição.
	Cadernos de atas	Manuscritos/impreso	1952 e 1955.	Registro de movimento de estampilhas para pagamento de

				impostos sobre vendas e consignações (dois)
	Caderno de ata	Manuscrito	-	Aulas da Conceição e anotações sobre a história de vida do pai (avó de Maria Abel), há também orações em italiano.
Caixa "Fichas"				
	Fichas de leitura	Manuscrito	-	São centenas de fichas de leitura sobre: livros, sindicatos, Círculo Operário, Intendentes, empresas e jornais.
Caixa F (em lápis bem discreto)				
	Folhas do ofício	Digitado/manuscrito	-	Projeto "Oficina de Informática".
	Folhas de ofício	Xerox	-	Lei Municipal n. 3.152 (Patrimônio Histórico)
	Folhas de ofício	Datilografado/manuscrito	-	"Uma pesquisa científica" Gerd Bornhein escreve sobre seu trabalho de pesquisa sobre as mulheres de Maria Abel.
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado		SESC de Caxias do Sul.
	Folhas de ofício	Digitado	-	Projeto para obtenção de incentivos à cultura através do Sistema Municipal de Incentivo à Cultura de autoria da Maria.
Pastinha Post-Flor	Folhas de ofício	Digitado	-	Sobre a Fundação Cultural de Curitiba, há cópias de documentos da respectiva prefeitura.
Pastinha Post-Flor	Folhas de ofício	Diverso	2000	Convite do II Ciclo de Palestras - Cultura e Cidadania - Caxias do Sul, 2000. Textos e anotações sobre o evento.
Avulso	Polígrafo	Datilografado	1995 -1996	Boletim do Lion Clube Caxias do Sul.
Avulso	Folhas de ofício	Digitado	2001	Projeto: Contexto histórico Urbano: território e emprego (Caxias do Sul, 27 - 30 de junho).

Avulso	Folhas de ofício	Digitado	-	Texto "Minha Tia Roberta" autoria Maria Robertina Abel Santos (2 exemplares, 33 páginas).
Avulso	Polígrafo	Digitado/manuscrito	-	"Submissão e Poder Mulheres operárias de Caxias do Sul - 1900 a 1950 de autoria de Maria Abel.
Avulso	Dissertação	Digitado/manuscrito	1993	"Submissão e Poder Mulheres operárias de Caxias do Sul - 1900 a 1950 de autoria de Maria Abel.
Pastinha Post-Flor	Folhas de ofício	Manuscrito	-	Perguntas enviadas à Maria por Tadiane sobre o ideal de sociedade.
Avulso	Folhas diversas	Manuscrito	-	Indústria no Rio Grande do Sul e Caxias do Sul.
Saquinho	Folhas diversas	Manuscrito	1991	Seminário: A Mulher e a virada do século e Economia na América Latina.
Pasta de papel	Folhas diversas	Digitado/manuscrito	2000	I Jornada de História Regional Comparada: "Empresários na busca do poder político: acordo e conflitos, Caxias do Sul 1890/1935.
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado	2001	Palestra proferida por Maria no Colégio São Carlos sobre Caxias: os conflitos na formação do município.
Avulsos	Folhas de ofício	Digitado	-	"O direito de Votar" da professora Maria para o Jornal Pelegrino.
Avulsos	Folhas de ofício	Digitado	1996	"A Mulher e a Política" Jornal Pelegrino (02 de maio)
Avulsos	Folhas de ofício	Digitado/manuscrito	-	"O trabalho feminino na indústria de Caxias do Sul 1900-1950.
Pastinha Post-Flor	Folhas de ofício	Digitado	-	O trabalho feminino na indústria de Caxias do Sul 1900-1950" para a revista Chronos

Pastinha Post-Flor	Folhas de ofício	Digitado	1998	Trabalho acadêmico de estudante da UE centro-oeste do Paraná.
Pasta de papel "Barcelona"	Folhas diversas	Digitado/manuscrito	2004	Associação dos Comerciantes: uma forma de organização do imigrante europeu nas Colônias agrícolas no Sul do Brasil (Maria e Vânia).
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado/manuscrito	-	Documentação referente a bolsa de doutorado (FAPESP) Texto "Construindo uma cidade- história de Caxias 1875 - 1950. e relatório de bolsa.
Envelope	Foto	original	-	Elym Ramos Rodrigues.
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado/manuscrito	-	Projeto 'Construindo uma cidade II (1950-2000)
Pastinha Post-Flor	Folhas diversas	Digitado	2001	Documentos sobre o lançamento do livro, relatório de "doações" das empresas para fazer o livro "Construindo uma cidade"
Pasta azul plástica	Folhas diversas	Digitado/xerox	-	Documentação da prefeitura de Caxias do Sul e da Lei de incentivo à Cultura sobre o livro da Maria.
Pastinha Post-Flor	Folhas de ofício	Digitado	2004	Projeto "Vamos dar um rosto as mulheres que ajudaram a construir Caxias do Sul? Documentos da prefeitura negando o financiamento.
Pastinha Post-Flor	Folhas de ofício	Digitado	-	2 Resenhas da tese "Caxias do Sul: poder público e interesses sociais na ocupação do espaço urbano 1875 a 1950.
Caixa Maria Abel Não Classificado				
Avulsos	Folhas diversas	Diversos	-	Recortes de jornais sobre as mulheres, reportagem da professora Maria, recorte de revistas.

Caixa	Tese	Digitado	1999	Encadernada conforme padrão para impressão "Caxias do Sul: Poder público e Interesses Sociais na Ocupação do espaço Urbano 1875-1950.
Avulso	Livro	-	2001	Construindo uma cidade: História de Caxias do Sul 1875 - 1950. Ed. Maneco.
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado	1988	Projeto "Processos Educacionais em Caxias do Sul 1875-1980".
	Folhas de ofício	Manuscrito	1985	Manuscrito da professora Cleci com inclusão de: "as interfaces do Movimento Imigratório Italiano"
Pastinha Post-Flor	Folhas diversas	/Digitado/Manuscrito	1986	Projeto "Encontro regionais".
	Folhas diversas	Manuscrito	1986	Levantamento de fontes primárias autora Maria Abel.
	Encadernado	Digitado	1998	Projeto de tese de Sheila Villanova Borba
Avulso	Folhas de ofício	Datilografado	1980	Projeto "Causas do Êxodo dos Poloneses de São Marcos".
Avulso	Folhas de ofício	Datilografado	-	Trabalho de estudante - Pré projeto "O perfil do aluno de História 1960-1992.
Avulso	Folhas de ofício	Digitado	2002	Relatório do grupo de Mulheres sobre a Festa da Uva.
Avulso	Folhas de ofício	Digitado	-	Documento de apoio a casa Viva Rachel Calliari Grazziotin.
Avulso	Folhas de ofício	Digitado/manuscrito	-	Texto "A Universidade no 3º Milênio".
Avulso	Folhas de ofício	Datilografado	1989	Considerações sobre a identidade histórico-cultural de Caxias do Sul e Ana Rech" escrito por Heloísa Bergamasch e Loraine Giron.
Saquinho	Folhas de ofício	-	1996	Trabalho de Maria sobre História Oral.
	Folhas de ofício	Digitado	1996	Texto "O trabalho feminino na indústria de Caxias do Sul (Estudos Ibero-

				Americano v. XXII, n. 2 p. 177-194 (dez).
	Folheto	Impresso	1989	Candidatas à rainha da Festa da Uva de 1989.
	Encadernado	Digitado	2001	Relatório do lançamento do livro Construindo uma cidade.
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado	1994	Documentos da Universidade de São Paulo.
Pastinha Post-Flor	Folhas do ofício	Manuscrito	-	História do Brasil I.
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado/manuscrito	-	Sobre Teoria da História, alguns textos.
Avulso	Folhas diversas	Manuscrito	1981	Aulas da Filosofia da História.
	Folhas de ofício	Datilografado	1990	Trabalho do mestrado sobre Marx e Engels (Maria Abel).
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado	-	Parcerias de produção científica sobre a questão da imigração.
Pastinha Post-Flor	Folhas de ofício	Manuscrito	1980	Anotações sobre os mestrado.
Saquinho	Encadernado	impresso/com colagem	-	Boneco do livro construindo uma cidade
Saquinho	Folhas de ofício	Digitado	-	Documentos sobre a prefeitura de Caxias do Sul e o lançamento do livro da Maria.
Caixa Maria Abel Não classificado				
Rolos de papel	-	-	-	Desenhos
Avulso	Folheto	Impresso	1956	Boletim Eberle outubro, n. 4.
Avulso	Folheto	Impresso	-	1º Boletim das Comissões das Fundações Sociais de Caxias do Sul.
Pastinha Post-Flor	Recorte de revista	Impresso	1950	Reportagem sobre Getúlio Vargas (Revista do Globo)
	Revista original	Impresso	1933	Revista da 3º Festa da Uva (fevereiro) Obs.: Foto de Mussolini sendo homenageado.
	Revista original	Impresso	2002	Revista "Mulheres" n. 13, novembro.
	Revistas Regionais	Impresso	-	Revista de cursos da UCS (três unidades).
	Folhetos	Impresso	2002	Informativo da Academia Caxiense

				de Letras e Igreja de Lourdes
	Jornal	Impresso	1982	III Semana da Educação da UCS.
	Encadernados	Impresso/manuscrito	1995 e 1996.	Dois volumes do Lion Clube de Caxias do Sul.
	Encadernados	Impresso	1978	Relatório da Reitoria - CIC.
	Folheto	Impresso	-	Informativo "Alfred" v. 06, Ano 06, capa dura dedicada à Maria.

APÊNDICE B – TESES E DISSERTAÇÕES

Título	Autores/as	Repositório	Palavras-chave
De luta e de letra: A contribuição do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do RN para a formação docente nas vozes das professoras militantes'	Franca, Maria da Conceição Fernandes de	12/06/2015 148 f. Mestrado em Educação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Mossoró Biblioteca Depositária: UERN/BC	Movimentos Sociais. Mulheres Militantes. Formação Docente. (Auto) Biografia.
Gênero, ensino e Pesquisa em Matemática: um estudo de caso	Menezes, Leopoldina Cachoeira	30/05/2016 212 f. Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo- Universidade Federal da Bahia - Salvador Biblioteca Depositária: Repositório Institucional da UFBA	Gênero, Matemática, Ensino, Pesquisa.
Professora Hermínia Torquato da Silva: inserção e percurso profissional (1918/1956)	Godoi, Nilma Cunha	09/03/2015 126 f. Mestrado em Educação – Universidade Federal de Mato Grosso-Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Instituto de Educação e Biblioteca Central / IE / UFMT	Educação. Mato Grosso. Hermínia Torquato da Silva. Biografia. Gênero. Relações Raciais.
As Trilhas do Empoderamento Feminino no IFBAIANO-Campus Uruçuca	Coutinho, Jordania Medeiros	21/12/2015 127 f. Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo -Universidade Federal da Bahia, Salvador - Biblioteca Depositária:	Gênero; Empoderamento; Programa Mulheres Mil; Educação

		Biblioteca da Faculdade de Filosofia Isaias Alves	
De jovens Piedosas a rainha dos lares: formação de professoras no Ginásio Santa Bernadete em Amargosa-BA, 1953/1973.	Silva, Miguel José da	13/12/2013 129 f. Mestrado em História Regional e Local Universidade do estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus biblioteca depositária: biblioteca do DCH - UNEB / campus V	História das Mulheres; Culturas escolares; Igreja Católica; Amargosa
As mulheres maravilha brasileiras vão à sala de aula: história, lutas e conquistas dos direitos das mulheres no Brasil	Martins, Joana Adriana Nunes	Universidade Federal de Santa Maria Centro de Educação Programa: Programa de Pós-Graduação em Ensino de História em Rede Nacional Departamento: Educação 2018	Ensino de História Feminismo Gênero
Memórias, identidades e o processo de formação política de Marlene Soccas: uma militante de esquerda em tempos de Ditadura Civil Militar no Brasil (1960 -1970)	Nietto, Rose Méri	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em 2019.	Marlene Soccas – Atividades políticas Formação política Ativistas políticos Mulheres na política Ditadura Militar, 1964-1985 - Brasil
Bordando cidadania: projetos de conhecimento de mulheres na preservação cultural do Wandschoner em Ivoti (2007 - 2013)	Brun, Marli	Universidade do Vale do Rio dos Sinos Programa: Programa de Pós-Graduação em Educação Departamento: Escola de Humanidades- TESE 2013	Projeto de conhecimento Mulheres Escola Gestão do Conhecimento Bordado
Tempos de escritas: memoriais de infância, docência e gênero	Campos, Míria Izabel	Universidade Federal da Grande Dourados Programa: Programa de pós-graduação em Educação Departamento: Faculdade de Educação/ TESE 2018	Educação - história Questões de gênero
Helena Ferrari Teixeira: entre saberes e representações	Brancher, Vantoir Roberto	Universidade Federal de Santa Maria Programa: Programa de Pós-Graduação em Educação Departamento: Educação DISSERTAÇÃO 2006	Histórias de vida Saberes Práticas docentes
Memórias de infância, relações de gênero e sexualidade nos	Cespedes, Cristiane Rojas	Universidade Federal de Mato Grosso	Infância Gênero Sexualidade Narrativas de professores

significados e narrativas de professores/as		Programa: Programa de Pós-Graduação em Educação - Rondonópolis Departamento: Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) – Rondonópolis	
A autorrepresentação e a busca de emancipação da mulher nos textos de Josefina Álvares de Azevedo	Boligon, Isabel Cadore	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019/ DISSERTAÇÃO	Azevedo, Josefina Álvares de, 1851- Crítica feminista Emancipação feminina Feminismo Linguagem e línguas Mulheres
Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre (1975-1982)	Méndez, Natalia Pietra	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.	Feminismo Mulher Porto Alegre (RS) Transformação social
Brasil mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista	Debértolis, Karen Silvia	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação Dissertação 2020	Brasil Mulher (Jornal) Imprensa alternativa: Brasil Imprensa feminina: Brasil
Costurando vidas: os itinerários de duas professoras: Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) e Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939)	Dias, Carlos Gilberto Pereira		Estudos de gênero História da educação Historiografia Memória social Mulheres Professor Relações de gênero Trajetórias de vida
O educativo na construção da emancipação da classe trabalhadora na marcha mundial das mulheres: o processo de luta das mulheres no Rio Grande do Sul – Brasil	Wink, Ingrid	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.	Movimentos sociais Mulher Trabalho
Com a palavra o segundo sexo: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960	Méndez, Natalia Pietra	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História	Brasil Feminismo História do Brasil Intelectuais Intelectualismo Mulher Muraro, Rose Marie, 1930-

			Saffioti, Heleieth, 1934- Silva, Carmen da, 1919- 1985 Transformação social
Cuidados, acolhimento e flores: empoderamento político de mulheres e desenvolvimento local no Rio Grande do Sul	Barcellos, Olinda	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/ TESE, 2015	Empoderamento político, Mulheres políticas, Desenvolvimento local.
Um ato de poder: narrativas das mulheres da química sobre suas experiências	Nunes, Paula	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde Tese/ 2017	Gênero Mercado de trabalho Mulheres Pesquisadores
Tocando na ferida: gênero e ditadura no ensino de história através da análise de testemunhos	Librenza, Isadora Ritterbusch	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Dissertação 2018.	Ditadura Ensino de história Gênero História Memória
Representação do feminino em uma escritura desautorizada: Celeste, de Maria Benedita Câmara Bormann e O perdão, de Andradina Andrade de Oliveira	Santos, Salet Rosa Pezzidos	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras/ TESE, 2007	Bormann, Maria Benedita, 1853-1895 Literatura comparada Literatura sul-rio-grandense Mulheres na literatura Oliveira, Andradina América Andrade de, 1878-1935
Vozes de mulheres: educação, universidade e trabalho nos anos 40 e 50 do Século XX	Tessler, Fani Averbuh	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. TESE, 2009	Gênero História da educação História oral Memória
Ana de Castro Osório, uma intelectual transnacional: feminismo e mediação cultural	Machado, Juliana Goulart	Universidade de Caxias do Sul - UCS Programa de Pós-Graduação em História Mestrado Profissional em História 2019	Feminismo Mulheres - História Intelectual - História/ História - Estudo e ensino
O lugar do sujeito feminino na revista curitibana A Sempre-Viva (1924-1925)	Rossigali, Rossana	Universidade de Caxias do Sul - UCS Mestrado Acadêmico	Mulheres na literatura Escritoras - Brasil Feminismo

		em Letras, Cultura e Regionalidade 2019	
Aspectos históricos e contemporâneos sobre a interposição entre as identidades materna e docente na educação infantil: decorrências para a prática pedagógica	Souza, Milena Cristina Aragão Ribeiro de	Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Educação 2017	Educação de crianças Professores - Formação Prática de ensino Educadores
O particular e o universal em Histórias sem amanhã, de Lara de Lemos	Cousseau, Salete Nair Carletto	Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade 2015	Lemos, Lara de, Histórias sem amanhã (Obra literária) - Crítica e interpretação Literatura sul-rio-grandense - História e crítica.
A mulher em Simões Lopes Neto e em Jorge Luis Borges : uma ausência presente?	Faé, Geneviève	Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade 2014	Regionalidade Estudos culturais de gênero literatura sul-rio-grandense Literatura argentina
As pedras do caminho, de Lydia Mombelli da Fonseca: do apagamento à investigação acadêmica	Modelski, Jaqueline	Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade	Identidade Mulheres - Identidade Mulheres na literatura Regionalismo na literatura
Articulação de memória e história no contexto ditatorial brasileiro a partir do ponto de vista feminino em Tropical sol da liberdade, de Ana Maria Machado	Rodrigues, Jennifer Gabriele	Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade	Machado, Ana Maria, Mulheres na literatura Mulheres - Identidade Memória
A construção da identidade feminina em Duas Iguais, de Cíntia Moscovich	Matté, Manuela	Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade	Moscovich, Cíntia, Literatura brasileira - Ficção - Crítica e interpretação mulheres na literatura Personalidade Subjetividade
Produção e recepção de Anália Vieira do Nascimento no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (1871-1898)	Sampaio, Rebecca Demicheli	Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade 2019	Nascimento, Anália Vieira do, - História e crítica Almanques - História Mulheres na literatura - História e crítica Regionalismo na literatura Literatura sul-rio-grandense - Crítica e interpretação

Relações entre as significações do espaço ficcional e a representação das identidades femininas em A audácia dessa mulher, de Ana Maria Machado	Salles, Ana Lúcia	Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade 2016	Identidade Mulheres - Identidade Mulheres na literatura Literatura brasileira - Crítica e interpretação A audácia dessa mulher (Obra literária) Machado, Ana Maria, 1941-
A educação física no ensino primário: memórias de professoras e alunos da Escola Giuseppe Garibaldi - Caxias do Sul/RS (1974-1989)	Giacomoni, Cristian	Universidade de Caxias do Sul Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Acadêmico em Educação 2018	Educação física - Estudo e ensino - Ensino primário Memória
Representações do sujeito feminino em presença de Thalia, de Ruth Laus: regionalidade, cultura e subjetividade		Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade 2015	Análise do discurso Regionalismo na literatura brasileira - Ficção Feminismo
Leitura e recepção em meio século de insustentável leveza: subsídios para uma história da literatura de autoria feminina em Caxias do Sul, de 1869 a 1919	Rocha, Karen Gomes da	Universidade de Caxias do Sul Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade 2020	Literatura - História Mulheres na literatura Imprensa - História Italianos - Rio Grande do Sul
Narrativas da formação acadêmica: quando as alunas são professoras	Moraes, Cineri Fachin	Universidade de Caxias do Sul Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Acadêmico em Educação 2014	Educação História cultural Representação do magistério Representação Narrativas reflexivas Formação docente Memoriais descritivos Educação a distância Professoras - narrativas pessoais
Veja o feminismo em páginas (re) viradas (1968-1989)	Crescêncio, Cíntia Lima	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História 2012	História Feminismo/ Revista Veja Mulheres
História de uma boa feminista: trajetória intelectual de Leonor Castellano em Curitiba, 1924-1967	Zomer, Lorena	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011	História Mulheres na literatura Curitiba (PR) Mulheres intelectuais Feminismo e literatura

Antonieta de Barros: um história	Nunes, Karla Leonora Dahse	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História 2001	Mulheres na política Santa Catarina Mulheres na educação Santa Catarina
Violência e gênero em notícias no Oeste Paranaense (1960-1990)	Zimmermann, Tânia Regina	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010	História Violência Paraná, Oeste Notícias de morte Relações de gênero
Uma mulher além de seu tempo: Maura de Senna Pereira	Schroeder, Rosa Maria Steiner	Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 1997	
Feminismos em rede? Uma história da circulação de discursos e informações entre São Paulo e Buenos Aires (1970-1985)	Veiga, Ana Maria	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História 2009	História Feminismo Brasil Argentina
Da rebelião nas fronteiras à conquista do campo: a teologia feminista na Concilium, Revista Internacional de Teologia (1985 - 1996)	Carvalho, Maristela Moreira de	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História 2008	História Teologia Feminismo
Falar de si, falar de nós: performances constituindo feminilidades alternativas nos palcos brasileiros e chilenos durante as ditaduras militares	Jacomel, Gabriel Felipe	Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011	História Feminismo Brasil Chile Chile Ditadura e ditadores Chile
Sobre mulheres e polícias: a construção do policiamento feminino em São Paulo (1955-1964)	Moreira, Rosemeri	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História 2011	História Polícia São Paulo (SP) Policiais Mulheres
Para além do "tornar-se": ressonâncias das leituras feministas de O Segundo sexo no Brasil	Borges, Joana Vieira	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa	História Feminismo História Leitura

		de Pós-graduação em História 2007	
Memórias em disputa e jogos de gênero: o Movimento Feminino pela Anistia no Ceará (1976-1979)	Duarte, Ana Rita Fonteles	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História 2009	História Ditadura e ditadores Brasil Movimentos sociais Memória Anistia Brasil Relações de gênero
Mulheres, feminismos e igreja católica no Cone Sul: algumas relações (1970-1988)	Marques, Gabriela Miranda	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011	História Feminismo Argentina Brasil Chile Igreja Católica América Latina Ditadura e ditadores
Literatura para uma vida em matrimônio: a construção das sensibilidades conjugais em manuais de civilidade	Cecchin, Cristiane	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010	História Casamento Cortesia Manuais, guias, etc. Subjetividade
Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil	Zirbel, Ilze	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política 2007	Sociologia política Feminismo História Brasil Relações de gênero